

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

AIRES MANUEL DOS SANTOS FERNANDES

**TEM EVENTO NA CIDADE:**  
O Festival Folclórico e as Transformações Urbanas em Parintins.

MANAUS  
2021

AIRES MANUEL DOS SANTOS FERNANDES

**TEM EVENTO NA CIDADE:**

O Festival Folclórico e as Transformações Urbanas em Parintins

Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA/UFAM, como requisito obrigatório para a obtenção do título de doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia, na Linha de pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga.

MANAUS  
2021

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F363t Fernandes, Aires Manuel dos Santos  
Tem evento na cidade : o festival folclórico e as transformações urbanas em Parintins / Aires Manuel dos Santos Fernandes . 2021  
199 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Sérgio Ivan Gil Braga  
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -  
Universidade Federal do Amazonas.

1. Cidade de Parintins. 2. Festival Folclórico de Parintins. 3. Transformações urbanas. 4. Espaço público. 5. Sociabilidade urbana. I. Braga, Sérgio Ivan Gil. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

## DEFESA DE TESE

Universidade Federal do Amazonas  
Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia

**AIRES MANUEL DOS SANTOS FERNANDES**

### **TEM EVENTO NA CIDADE:**

O Festival Folclórico e as Transformações Urbanas em Parintins

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, como requisito obrigatório para obtenção do título de doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais.

Manaus, 28 de abril de 2021.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga - **Presidente**  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

---

Prof. Dr. Rosemara Staub de Barros - **Membro 1**  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

---

Prof. Dr. Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues - **Membro 2**  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

---

Prof. Dr. Jodival Maurício da Costa - **Membro 3**  
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

---

Prof. Dr. José Marcelo Martins Medeiros - **Membro 4**  
Universidade Federal do Tocantins - UFT

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Ártemis de Araújo Soares – **Suplente Interno**  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

---

Prof. Dr. José Francisco de Carvalho Ferreira – **Suplente Externo**  
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

*Dedico esta tese a todos os momentos de dificuldade superados durante a jornada profissional, e a cada professor que passou pela minha trajetória acadêmica.*

## **Agradecimentos**

Os meus agradecimentos a todos aqueles que contribuíram, a qualquer título, para a realização desta tese. Enfatizo um muito obrigado a todos aqueles que convivi durante o período de campo que passei na cidade de Parintins.

Sou grato a todos os professores que contribuíram para que esta pesquisa chegasse a ser concluída, particularmente ao Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga, responsável pela orientação desta Tese, e aos professores: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iraildes Caldas Torres, Prof. Dr. Allan Soljeítsin Barreto Rodrigues e Prof. Dr. Jodival Maurício Costa, pela participação efetiva num momento fundamental, a Banca de Qualificação, e contributos para auxiliar na definição dos caminhos desta pesquisa.

Agradeço a Jaílma Maria Oliveira, antropóloga da cidade de Recife, que me acompanhou em parte desta caminhada e me auxiliou nas revisões deste trabalho.

Encerro agradecendo ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia pela oportunidade de contatar com questões relacionadas à Amazônia.

Um... , dois... , três... , e já... !!!!

## Resumo

Este estudo trata das transformações urbanas em Parintins decorrentes do Festival Folclórico que acontece, nesta cidade, como expressão da relação entre cidade e evento. Tem como recorte o período de 1988 a 2018. Especificamente procurou-se entender de que modo o Festival Folclórico de Parintins influencia nas transformações da cidade, bem como nas modificações que ele induz na dinâmica urbana, tendo em vista as marcas arquitetônicas deste evento ao se espacializar na cidade. Partiu-se da hipótese que o evento Festival Folclórico de Parintins, entre 1988 a 2018, produziu modificações na cidade que influenciaram a estruturação urbana em Parintins. Buscou-se ainda avaliar quais são as características e os usos dos espaços públicos urbanos resultantes da espacialização do próprio Festival. Ressalta-se que a leitura de espaço público urbano foi além da análise morfológica, na medida em que a compreensão sobre a vivência desses espaços também foi levada em conta a partir da sociabilidade. A metodologia baseou-se numa abordagem etnográfica para compor um estudo de carácter descritivo e analítico, utilizando-se de instrumentais como pesquisa bibliográfica, documental, observação participante, entrevistas semiestruturadas e diário de campo.

**Palavras-chave:** Cidade de Parintins; Festival Folclórico de Parintins; Transformações Urbanas; Espaço Público; Sociabilidade Urbana.

## **Abstract**

This study deals with the urban transformations in Parintins resulting from the Folkloric Festival that takes place in this city, as an expression of the relationship between city and event. The period from 1988 to 2018 is cut out. Specifically, we tried to understand how the Parintins Folk Festival influences the transformations of the city, as well as the changes that it induces in the urban dynamics, in view of the architectural marks of this event when it is spatialized in the city. It was assumed that the Parintins Folk Festival event, from 1988 to 2018, produced changes in the city that influenced the urban structure in Parintins. We also sought to assess what are the characteristics and uses of urban public spaces resulting from the spatialization of the Festival itself. It is noteworthy that the reading of urban public space went beyond the morphological analysis, in that the understanding about the experience of these spaces was also taken into account from the sociability. The methodology was based on an ethnographic approach to compose a descriptive and analytical study, using instruments such as bibliographic, documentary research, participant observation, semi-structured interviews and field diary.

**Keywords:** City of Parintins; Parintins Folk Festival; Urban Transformations; Public Spaces; Urban Sociability.

## Lista de ilustrações

Figura 1 – Disponível em: < <a href="https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/pesquisa-coloca-parintins-como-a-12-cidade-com-melhor-indice-de-seguranca-do-brasil">https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/pesquisa-coloca-parintins-como-a-12-cidade-com-melhor-indice-de-seguranca-do-brasil</a> >, Autor: Paulo Sicsu. O autor autorizou o uso desta imagem nesta pesquisa. . . . .	32
Figura 2 – Localização da Cidade de Parintins, escala do estado. . . . .	56
Figura 3 – Disponível em: < <a href="https://journals.openedition.org/confins/23501">https://journals.openedition.org/confins/23501</a> > . . . . .	57
Figura 4 – Divisão da cidade sob as cores dos bumbás. Lado Garantido e Caprichoso. . . . .	61
Figura 5 – Divisão da cidade sob as cores dos bumbás. Lado Caprichoso. . . . .	61
Figura 6 – À esquerda: Orla da cidade em tempo de vazante; À direita: Orla da cidade em tempo de enchente . . . . .	63
Figura 7 – Frente da Cidade de Parintins . . . . .	65
Figura 8 – Alegoria da Lenda Amazônica: Naruna das Amazonas, 2ª noite do Festival Folclórico de Parintins, ano de 2012. O autor autorizou o uso desta imagem nesta pesquisa. . . . .	69
Figura 9 – Apresentação do Boi Caprichoso na Arena do Bumbódromo de Parintins . . . . .	81
Figura 10 – À esquerda: Criança abraça bumbá Garantido no Curral da Baixa do São José; À direita: Idosa beija bumbá Garantido na Av. Lindolfo Monteverde . . . . .	92
Figura 11 – Localização de um dos Currais do Caprichoso, Rua Cordovil . . . . .	101
Figura 12 – Espaço de um dos Currais do Caprichoso, Rua Cordovil . . . . .	101
Figura 13 – Disponível em:< <a href="http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2013/03/descendentes-de-fundador-do-bumba-caprichoso-records-tradicao-no-am.html">http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2013/03/descendentes-de-fundador-do-bumba-caprichoso-records-tradicao-no-am.html</a> >, Adneison Severiano . . . . .	107
Figura 14 – Placas afixadas na entrada do “Curral Zeca Xibelão” com informação explicativa da origem do nome e composição do espaço . . . . .	107
Figura 15 – Curralzinho da Baixa da Xanda . . . . .	109
Figura 16 – Disponível em: < <a href="https://d24am.com/amazonia/parintins-cultura-e-arte/em-presa-divulga-valores-de-ingressos-para-o-festival-de-parintins-2019">https://d24am.com/amazonia/parintins-cultura-e-arte/em-presa-divulga-valores-de-ingressos-para-o-festival-de-parintins-2019</a> ></https:>, Autor: Ícaro Guimarães/ Secom) . . . . .	127

Figura 17 – Hall de entrada do edifício - Bumbódromo . . . . .	133
Figura 18 – Rampas de acesso aos pisos superiores do edifício - Bumbódromo . . . . .	134
Figura 19 – Espaço infantil e ao fundo biblioteca temática . . . . .	135
Figura 20 – Biblioteca temática . . . . .	136
Figura 21 – Instrumentoteca . . . . .	137
Figura 22 – Sala de Audio . . . . .	138
Figura 23 – Galeria Jair Mendes . . . . .	138
Figura 24 – Sala de música . . . . .	139
Figura 25 – Memorial do Boi Garantido . . . . .	142
Figura 26 – Memorial do Boi Caprichoso . . . . .	142
Figura 27 – Interior da sala de cinema - Odineia Andrade . . . . .	143
Figura 28 – Imagem aérea da Praça do Bois e sua contextualização com o Bumbódromo. Observou-se a necessidade de corte parcial da marca d'água da imagem por motivos de adequação ao formato 16:10. O autor autorizou o uso desta imagem nesta pesquisa. . . . .	144
Figura 29 – Disponível em:< <a href="https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/regioes_de_influencia_das_cidades/Regioes_de_influencia_das_cidades_2018_Resultados_definitivos/mapas/Mapa_1-Rede_urbana-Brasil-2018.pdf">https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/regioes_de_influencia_das_cidades/Regioes_de_influencia_das_cidades_2018_Resultados_definitivos/mapas/Mapa_1-Rede_urbana-Brasil-2018.pdf</a> > . . . . .	159
Figura 30 – Disponível em:< <a href="https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/regioes_de_influencia_das_cidades/Regioes_de_influencia_das_cidades_2018_Resultados_definitivos/mapas/Mapa_62-Deslocamentos_para_cursos_superiores-Brasil-2018.pdf">https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/regioes_de_influencia_das_cidades/Regioes_de_influencia_das_cidades_2018_Resultados_definitivos/mapas/Mapa_62-Deslocamentos_para_cursos_superiores-Brasil-2018.pdf</a> > . . . . .	160
Figura 31 – Disponível em:< <a href="https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/regioes_de_influencia_das_cidades/Regioes_de_influencia_das_cidades_2018_Resultados_definitivos/mapas/Mapa_74-Deslocamentos_para_atividades_culturais-Brasil-2018.pdf">https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/regioes_de_influencia_das_cidades/Regioes_de_influencia_das_cidades_2018_Resultados_definitivos/mapas/Mapa_74-Deslocamentos_para_atividades_culturais-Brasil-2018.pdf</a> > . . . . .	161
Figura 32 – Autor desconhecido . . . . .	165
Figura 33 – Tecido urbano da área central da cidade . . . . .	165

Figura 34 – Tecido urbano resultante da expansão da cidade . . . . .	166
Figura 35 – FERREIRA, Ingrid Lisboa. Resgate Dialógico Urbano na Cidade de Parintins: Requalificação da Praça Cristo Redentor no Contexto do Rio Amazonas. - Orientador: Aires Manuel dos Santos Fernandes. 2017. TCC (Bacharelado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Tecnologias, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. . . . .	169
Figura 36 – Contexto urbano entre a Catedral de Parintins e a Avenida Amazonas .	171
Figura 37 – FERREIRA, Ingrid Lisboa. Resgate Dialógico Urbano na Cidade de Parintins: Requalificação da Praça Cristo Redentor no Contexto do Rio Amazonas. - Orientador: Aires Manuel dos Santos Fernandes. 2017. TCC (Bacharelado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Tecnologias, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. . . . .	172
Figura 38 – Definitions of mega-events, Muller (2015, 629) . . . . .	194
Figura 39 – Characteristics of short-term staged events, Hall (1989, 265) . . . . .	194

## **Lista de abreviaturas e siglas**

AABB	Associação Atlética Banco do Brasil
ANAC	Agência Nacional de Aviação Civil
ATR	Avião de Transporte Regional
CETAM	Centro de Educação Tecnológica do Amazonas
FFP	Festival Folclórico de Parintins
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MCTES	Ministério da Ciência e Tecnologia de Ensino Superior
NAEA	Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
NEPECAB	Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia
PPGAS	Programa de Pós-graduação em Antropologia Social
PPGSCA	Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia
REGIC	Regiões de Influência das Cidades

## Sumário

	<b>INTRODUÇÃO</b> . . . . .	<b>15</b>
<b>1</b>	<b>A CIDADE E O EVENTO</b> . . . . .	<b>32</b>
1.1	A CIDADE, UM CONCEITO COMPLEXO . . . . .	32
1.2	O EVENTO, UM CONCEITO FLUIDO . . . . .	38
1.3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS . . . . .	45
<b>2</b>	<b>A CIDADE DE PARINTINS E O FESTIVAL FOLCLÓRICO</b> . . . . .	<b>50</b>
2.1	A PARTIDA PARA A ILHA TUPINAMBARANA . . . . .	50
2.2	MEMÓRIAS E RELATOS ORAIS DE PARINTINS . . . . .	65
2.3	O FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS . . . . .	81
<b>3</b>	<b>OS LUGARES DOS BUMBÁS E SEUS ESPAÇOS DE MEMÓRIAS</b> . . . . .	<b>87</b>
3.1	OS CRIADORES E AS TEMPORALIDADES DOS BUMBÁS . . . . .	87
3.2	O CONCEITO DE LUGAR . . . . .	97
3.3	OS CURRAIS DO BOI CAPRICHOSO . . . . .	100
3.4	OS CURRAIS DO BOI GARANTIDO . . . . .	109
<b>4</b>	<b>EQUIPAMENTOS DA CIDADE E ESPAÇOS PÚBLICOS DO EVENTO</b> . . . . .	<b>118</b>
4.1	EQUIPAMENTOS URBANOS E ESPAÇO PÚBLICO EM ABORDAGEM . . . . .	118
4.2	O BUMBÓDROMO E SUA RELAÇÃO COM A CIDADE . . . . .	127
4.3	A PRAÇA DOS BOIS EM CONTEXTO . . . . .	144
4.4	BUMBÓDROMO E PRAÇA DOS BOIS: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE . . . . .	148
4.5	TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO URBANO À ESCALA DA CIDADE . . . . .	156
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> . . . . .	<b>175</b>
	<b>Referências</b> . . . . .	<b>186</b>

<b>ANEXOS</b>	<b>193</b>
<b>Tabelas de classificação de eventos . . . . .</b>	<b>194</b>
<b>Relato de Cristobal de Acuña . . . . .</b>	<b>195</b>
<b>Relato de Spix e Martius . . . . .</b>	<b>196</b>
<b>Cartografia de Spix e Von Martius, 1831 . . . . .</b>	<b>197</b>
<b>Fundamentação de Allan Rodrigues . . . . .</b>	<b>198</b>
<b>Tabela de Procedência - Cidade . . . . .</b>	<b>199</b>

## INTRODUÇÃO

A relação entre eventos e cidades, como estratégia de desenvolvimento urbano, encontra expressão no início do Séc. XX. No Brasil, um dos primeiros exemplos dentro dessa temática foi a Exposição Nacional de 1908, sediada no Rio de Janeiro. Outros exemplos foram a Exposição Internacional de 1922, a Copa do Mundo de 1950, a Conferência do Rio de 1992, os Jogos Pan-Americanos de 2007, os Jogos Olímpicos de 2016 e a Copa do Mundo de 2014. Esses eventos que materializaram transformações nas cidades, exerceram um impacto direto na estrutura urbana (MOLINA, 2013). É certo que esses impactos, em sua maior parte, parecem ter sido positivos no que se refere a obras de infraestrutura e empregos, as quais de alguma forma promoveram desenvolvimento. Contudo, parecem ser marcados por impactos negativos como insegurança, poluição e prostituição.

Nas cidades da Amazônia a relação entre cidade e evento também se faz presente, sendo talvez Manaus, Belém e Parintins as mais emblemáticas, no quesito de lugares que sediaram eventos, considerados importantes. Manaus, por exemplo, foi sede da Copa do Mundo em 2014. Para isto, a cidade passou por diversas obras de infraestrutura a fim de receber o evento. Este tema foi objeto de vários estudos acadêmicos, a exemplo do trabalho de Andrade (2014), *Preparativos para a Copa do Mundo de 2014 na Cidade de Manaus/AM: uma abordagem antropológica*. Dos demais casos, no estado do Amazonas, cita-se o Festival Folclórico de Parintins, que é realizado anualmente na Cidade de Parintins, e o Círio de Nazaré, localizado na Cidade de Belém, capital do estado do Pará.

Um dos objetivos desses eventos consiste em produzir um legado urbano na cidade, e neste caso específico, entre as diversas obras, a que mais se destacou, segundo se pode observar, foi a construção da Arena da Amazônia. Designação dada ao estádio que serviu de sede aos jogos da Copa do Mundo de 2014. No entanto, este equipamento desportivo, pela sua dimensão e custo de manutenção, não vem sendo utilizado amplamente pelos habitantes de Manaus. Acrescenta-se ainda que embora haja essa referência à cidade de Manaus, como uma cidade que foi sede de um evento desse porte, existem muitos outros eventos que são realizados em outras cidades da Amazônia, especialmente relacionados ao folclore local e que na maioria dos casos são desconhecidos a nível regional e nacional. A

exemplo o Festival Folclórico do Amazonas, Festival do Çairé, Festival do Peixe Ornamental, Festival Cultural das Tribos do Alto Rio Negro, entre muitos outros. Cabe ressaltar que o âmbito desta pesquisa, mais precisamente o Festival Folclórico de Parintins, trata de um evento que se enquadra numa tipificação de *megaevento*. Comparando-se ao festival, até onde se pôde perceber, não parece haver na Amazônia eventos que assumam uma classificação igual.

Como referido anteriormente, a realização destes eventos nas cidades costuma ser sinônimo de “oportunidade de captação de investimentos, negócios, turistas, além da obtenção de prestígio e reconhecimento internacional” (MOLINA, 2013, 13), sendo esta condição válida para todas as categorias de eventos, independentemente da sua classificação. Contudo, o potencial de captação de recursos estabelece relação com a sua capacidade de divulgação nacional e internacional. Isto permite perceber que quanto mais se investe em divulgação, maior será a possibilidade de obtenção de recursos. Consequentemente pode-se observar com mais ênfase a produção de transformações urbanas nas cidades que sediam eventos de maior divulgação.

Nessa perspectiva de divulgação, o Festival Folclórico de Parintins é um exemplo que se faz notar. O festival tem a marca Coca Cola Brasil como um dos principais patrocinadores, o que permitiu tanto o financiamento do evento quanto a sua divulgação a nível nacional. Por influência do festival, no decorrer dos anos, Parintins parece ter assistido a um crescimento urbano, resultando também num conjunto de ações que produziram impactos na cidade. Entretanto, cabe referir que esse crescimento não se deve em exclusivo ao evento do festival, mas também a um processo de urbanização acelerado resultante dos movimentos migratórios do espaço rural para o espaço urbano. Esta argumentação será retomada adiante.

O tema desta tese desenvolve-se a partir de dois polos: a cidade e o evento. Assim, o primeiro, volta-se para a compreensão das transformações urbanas ocorridas em Parintins, as quais julga-se estarem relacionadas, em grande medida, à dinâmica urbana resultante do Festival Folclórico de Parintins, que se materializou na cidade através de obras de infraestrutura urbana e equipamentos urbanos.

Já o evento, segundo polo, constitui-se em perceber o Festival Folclórico de Parintins, na perspectiva de entender esse fenômeno como um elemento que induziu ações à cidade e do qual resultaram, possivelmente, suas transformações. Essas transformações, por sua vez, designam-se por impactos, os quais podem ser positivos ou negativos. Como delimitação temporal, a pesquisa trabalha o período entre 1988 e 2018. O período de início é justificado pelo começo da realização do festival no equipamento urbano denominado Centro Cultural de Parintins, também conhecido por Bumbódromo de Parintins; já o período escolhido para o término da pesquisa corresponde à data da realização do último contato com o campo deste estudo.

Importa mencionar que embora o folguedo tenha sido acolhido em diversos locais na cidade, a ênfase deste trabalho está diretamente relacionada ao momento em que a sua realização passou a acontecer no Bumbódromo. Esta delimitação justifica-se pelo fato de ser neste período que se observa um incremento de turistas na cidade e, conseqüentemente, uma dinâmica urbana que até então não existia.

O território físico do evento do Festival Folclórico de Parintins está sediado na cidade de Parintins, local desta pesquisa, uma cidade insular localizada à margem direita do Rio Amazonas, na proximidade da divisa com o estado do Pará. A distância à capital Manaus é de 420 km, entremeada por rios e igarapés que impossibilitam o transporte terrestre. Assim, os meios de vencer essa distância acontecem por via fluvial ou aérea. A viagem fluvial tem como alternativa o barco regional e a lancha rápida, também designada por “ajato”. Esta denominação é resultado da sua maior velocidade quando comparada com os outros meios de navegação de maior porte, os barcos de linha ou os regionais.

A cidade de Parintins, também conhecida por “Ilha Tupinambarana” passou por diversos processos de produção espacial na cidade, tendo sido objeto de um intenso crescimento urbano à semelhança de tantas outras cidades do Brasil. Condição que pode ser constatada através da evolução da taxa de urbanização; conforme dados de (SOUZA, 2013).

O interesse pelo local da pesquisa surgiu em 2011, após ter visitado a cidade com o objetivo de assistir ao Festival Folclórico de Parintins. Durante o período que permaneci

em Parintins, pela arraigada presença cultural das pessoas face ao evento, fui estimulado a pensar sobre a influência que os bumbás produzem naquela cidade. Desse momento em diante, começou a desenhar-se um questionamento acerca das transformações de Parintins a partir da presença do evento.

Já o interesse pelo tema da cidade e do evento, como conceitos de estudo, encontra fundamentos numa atenção pessoal por questões relacionadas ao urbanismo. Disciplina que permite uma abordagem múltipla e ampla acerca das cidades e das relações que em si ocorrem. Em paralelo, ter cursado a disciplina *A Cidade e o Fenômeno Urbano*, ministrada pelo Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga, através do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS e Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA, resultou numa abrangente visão acerca dos autores que trabalham a temática da cidade com ênfase na leitura do fenômeno urbano. Isto me permitiu entender relações que se estabelecem na cidade e que vão além do conjunto edificado, mas que se realizam a partir dos usos.

Ainda, o fato de ter tido a possibilidade profissional de desenvolver a maquete do bumbódromo de Parintins,<sup>1</sup> foi outro aspecto que me despertou uma aproximação ao campo, e com isso uma inevitável aproximação às questões da cidade de Parintins.

Salienta-se que a escolha de um tema centrado no Festival Folclórico de Parintins, constitui-se numa temática já bastante explorada em dissertações e teses, o que pode aparentemente parecer uma escolha arriscada. Embora o Festival Folclórico de Parintins tenha propiciado diversos trabalhos acadêmicos, reconheço através do desenvolvimento de uma pesquisa a essas publicações, que este trabalho tinha condições de apresentar novas possibilidades de abordagem à cidade e, conseqüentemente, inédito, uma vez que olhar a temática da cidade e do boi-bumbá de Parintins, correlacionando cidade e evento, com uma abordagem etnográfica e sob o olhar de um arquiteto e urbanista, não foi identificado ao

<sup>1</sup> A maquete de arquitetura do “Centro Cultural Amazonino Mendes” - Bumbódromo de Parintins, foi realizada por ocasião da reforma do edifício no ano de 2012. Objetivou solucionar, num primeiro momento, através do modelo físico, a estrutura de suporte para a colocação do som e da iluminação do bumbódromo. Publicamos o processo de desenvolvimento da maquete na revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, a “arq.urb” da Universidade São Judas Tadeu, tendo essa publicação o título “*A Maquete do Centro Cultural de Parintins (Bumbódromo): Etapas, projeto e objetivação de soluções*”. O nosso trabalho consistiu na execução da maquete física e não teve caráter projetual em relação à obra.

longo da revisão bibliográfica sobre o tema.

Portanto, este trabalho monográfico procurou estabelecer um diálogo interdisciplinar entre a Antropologia, a Geografia, a História, e o Urbanismo, a fim de examinar as transformações urbanas em Parintins, por meio do festival, no período de 1988 a 2018, a partir da relação teórica e operativa entre cidade e evento. Desse diálogo resultaram possibilidades para apreender, descrever e pensar a cidade numa perspectiva etnográfica, definindo unidades de observação, as quais foram estabelecidas ao longo do trabalho de campo, à semelhança dos conceitos de *pedaço e mancha* utilizadas por (MAGNANI; TORRES, 2008; MAGNANI, 2014).

Tal objetivo foi motivado por uma hipótese principal, na qual o evento Festival Folclórico de Parintins, durante o período de 1988 a 2018, produziu marcas arquitetônicas na cidade que podem ter influenciado a estruturação urbana e a sua dinâmica em Parintins. Por sua vez, em alguns casos, essas transformações sugerem contradições entre os impactos esperados e os impactos efetivos produzidos a partir da relação cidade e evento. Esta hipótese geral, para melhor entendimento, foi dividida em três partes.

A primeira refere-se às marcas arquitetônicas produzidas na cidade, em resultado do evento do Festival, as quais tiveram um papel importante na estruturação urbana de Parintins, uma vez que desempenharam uma função no conjunto urbano da cidade. A segunda consiste em afirmar que o modo de espacialização do evento aconteceu parcialmente face à totalidade do tecido urbano da cidade de Parintins, uma vez que a área central e os bairros adjacentes foram os que mais concentraram os benefícios do evento na sua estruturação urbana. A terceira parte do pressuposto que o evento produziu uma dinâmica urbana que deve ser entendida ao nível de impactos considerados positivos e negativos.

Enquanto assunto de interesse acadêmico, a partir dos anos de 1980, a temática relacionada ao Festival Folclórico de Parintins gerou um quantitativo elevado de publicações, consequência dos altos níveis de projeção midiática nacional e internacional de que a festa foi objeto. Resultaram desse processo trabalhos importantes, os quais aportam discussões que contribuíram para o conhecimento do festival e, conseqüentemente, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Considerando essa ampla produção existente, determinar a barreira do conhecimento, ou a lacuna quanto ao tema, revelou-se um processo demorado e trabalhoso, mas imprescindível para que este estudo tivesse condições e justificativa de ir adiante, segundo a temática escolhida.

Das referências apresentadas abaixo, e de outras dezenas lidas, desde 2010, por afinidade com o tema, julgou-se ter elementos para considerar esta pesquisa inédita. Dessa forma, para o entendimento do objeto teórico, que aqui se traduz nos conceitos de cidade e evento, considerou-se relevante a perspectiva do autor Rodrigues\_F (2016), cujo trabalho sob o título, *Rock in Rio: comunicação e consumo no contexto de um grande evento made in Brazil*, analisa a consolidação do evento Rock in Rio como meio de comunicação. Desenvolve uma trilha teórica a partir da “investigação da origem dos grandes eventos e sua relação com o gênio do lugar onde surgiram” (RODRIGUES\_F, 2016, 10), fazendo para tal uma leitura ao processo de festivalização das cidades e da cultura (RODRIGUES\_F, 2016).

A abordagem do trabalho segue a premissa de que este tipo de eventos parece ser uma possibilidade para vencer situações que podem causar danos a determinada cidade, tais como: o desemprego e a desindustrialização. Esta pesquisa levanta a hipótese de que o festival objeto do seu estudo, o Rock in Rio, se transformou em mídia, o que levantou em nós uma perspectiva de olhar para o festival folclórico de Parintins, que até então não tínhamos pensado. Esta pesquisa aportou a tipificação de eventos, e através desta informação há a referência ao Festival Folclórico de Parintins, que assume a tipificação de Megaevento Cultural Nacional, a par de eventos como o Carnaval, Réveillon Carioca, Festival do Peão de Barretos, Parada Gay de São Paulo e Rock in Rio (RODRIGUES\_F, 2016).

Quanto ao objeto prático, que se caracteriza na cidade de Parintins e o Festival Folclórico, sua abordagem foi embasada em autores como Braga (2002), Rodrigues (2006), Souza (2013), Azevedo Filho (2013), França (2014), Costa Junior (2011) e Lemos (2005).

A tese *Os Bois-Bumbás de Parintins* de Braga (2002), apresentada na USP, na área de conhecimento da Antropologia Social, teve como objetivo “descobrir o significado desta manifestação cultural para as pessoas que nela tomam parte, considerando como

participantes aqueles que se deslocam anualmente à cidade de Parintins para assistir ao espetáculo” (BRAGA, 2002, 11). Ainda, para responder ao objetivo da pesquisa, são considerados “os próprios habitantes do lugar que têm simpatia pela festa e outros indivíduos que acompanham o festival pela televisão, transmitido por emissoras do estado do Amazonas” (BRAGA, 2002, 11). O estudo de Braga (2002), um dos mais citados em trabalhos acadêmicos que abordam a temática dos bumbás de Parintins, aportou para esta pesquisa informações ligadas à Parintins, suas populações originárias e às dinâmicas da cidade e do festival durante o evento.

A exemplo destes contributos podemos falar da descrição da cidade de Parintins e da festa do festival nos anos de 1997, 1998, 1999, momento em que a pesquisa foi desenvolvida em campo, e que as informações daí advindas permitiram estabelecer comparações com as características do festival e da cidade em anos subsequentes. Um segundo elemento de contribuição desta pesquisa para o nosso trabalho foi a etnografia desenvolvida no primeiro capítulo da tese que aqui se apresenta e que serviu de aprendizado para o desenvolvimento dessa técnica no nosso trabalho. Cabe referir que a prática da etnografia é estranha a nossa área de formação da arquitetura e urbanismo e, que por isso, foi necessário fazer um esforço complementar para a sua utilização pelo que o capítulo aqui referido teve a sua contribuição.

Outro autor que contribuiu na pesquisa foi Rodrigues (2006) que desenvolveu um estudo sobre os fatos históricos relacionados às origens da festa dos bumbás, Garantido e Caprichoso, dos fundadores desses bois e do próprio festival. Em *Boi-Bumbá: Evolução – livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins*, Rodrigues (2006), destaca-se a importante contribuição pelo “estudo do Festival Folclórico de Parintins tendo como critérios sua trajetória histórica de trinta e oito anos ininterruptos” (RODRIGUES, 2006, 24).

Assim, esta obra além dos contributos históricos relacionados à descrição das origens e dos integrantes das duas agremiações folclóricas: Garantido e Caprichoso, também faz referência aos diferentes espaços que sediaram a realização do festival desde o ano de 1966. Observando que esta pesquisa tem o viés das transformações do espaço urbano por influência do festival folclórico, a compreensão do binômio entre cidade e evento também

encontra espaço na abordagem feita por (RODRIGUES, 2006).

Nota-se que as descrições levantadas por este autor dialogam, em certa medida, com as implicações desse binômio, uma vez que se entende que para compreendê-las se faz pertinente pensar suas dimensões históricas. Outro ponto a ser citado, como elemento de destaque, é a menção que o autor faz aos problemas urbanos pelos quais Parintins passava no ano de 1994, e que foram inescapáveis aos olhos dos visitantes que prestigiaram o Festival Folclórico daquele ano. Levando em conta o marco temporal que foi delimitado para a pesquisa, este dado revelado por Rodrigues (2006) permite estabelecer um parâmetro comparativo dos impactos urbanos.

Já as pesquisas desenvolvidas pelos autores Souza (2013), Azevedo Filho (2013), França (2014), Costa Junior (2011) e Lemos (2005), ao direcionarem o olhar para o processo de urbanização de Parintins, a produção e a percepção do turismo, bem como para os impactos socioambientais do festival nesta cidade e para o entendimento da cultura como elemento de estruturação da rede urbana e fomento de turismo, a partir do festival, elas possibilitam um conhecimento sobre dados estatísticos relacionados à taxa de urbanização de Parintins, fluxo turístico, problemáticas ambientais decorrentes da saturação da infraestrutura durante o festival. Esses aspectos, embora não dialoguem diretamente com o Festival Folclórico de Parintins, acabam por se agravar no período deste evento. Portanto, necessários como fontes que ampliam a reflexão desenvolvida aqui.

Segundo Souza (2013) na sua tese denominada *O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): Evolução e Transformação*, tem como objetivo compreender “o processo de produção, reprodução, apropriação e consumo do espaço urbano na cidade de Parintins/AM” (SOUZA, 2013, 6). Esta pesquisa inicia pelo “estudo sobre a cidade, a urbanização e o ambiente como elementos de um mesmo processo, que é o da produção do espaço como produto das relações sociais” (SOUZA, 2013, 18), a fim de estabelecer uma compreensão sobre o processo de urbanização brasileira e na Amazônia. Interpretamos esta parte do trabalho como o objeto teórico da pesquisa.

Como objeto prático trata do “resgate, a gênese da formação histórica e o processo de produção do espaço parintinense” (SOUZA, 2013, 18). Para o entendimento do conceito

de cidade, tratado no primeiro capítulo do trabalho, dentro do que designámos de objeto teórico a autora Souza (2013), faz uso de Lefebvre (2008), Spósito (1994) e Carlos (2011). No desenvolvimento deste contexto se questiona “e as cidades de hoje a quem pertencem?” Segundo Carlos (2011) diz que estas pertencem ao capital e, para usufruí-las, o homem tem que se subjugar às necessidades da reprodução do capital, onde o homem se vê capturado pelas necessidades de consumo e lazer” (SOUZA, 2013, 23).

Deste modo, constitui-se importante referência para se pensar uma relação entre o evento festival e a cidade de Parintins, pelo que nos podemos questionar se será a cidade do evento ou o evento da cidade? Esta pesquisa ainda aborda a classificação de rede urbana. Conceito que “contribuiu para o entendimento sobre a classificação das cidades pela sua posição dentro de uma hierarquia com a seguinte pergunta: existem leis que determinam o número, tamanho e distribuição das cidades?” (SOUZA, 2013, 23). Este questionamento contribui para a nossa pesquisa, na medida em que a cidade de Parintins é a segunda cidade do Amazonas, em termos de tamanho. Com isso, este argumento permitiu-nos pensar se terá sido somente o evento a contribuir para o desenvolvimento da cidade ou se a sua condição face a classificação de rede urbana, também terá desempenhado um papel importante.

No desenvolvimento do objeto prático a autora faz a caracterização da evolução urbana da cidade de Parintins, partindo de um primeiro período que designa por “Do início da ocupação até a década de 1960”. Em seguida trata a década de 1970, 1980, 1990, 2000, separadamente. Posteriormente lança um capítulo sobre a atualidade ao que a autora Souza (2013) denomina por “Parintins dos dias atuais”. A autora atribuiu as causas da migração para Parintins a “fatores estruturais e a busca por melhorias da situação socioeconômica. Soma-se a esses fatores a divulgação da cidade próspera que Parintins representa por conta da Festa do boi-bumbá” (SOUZA, 2013, 120).

Ainda faz referência que a cidade se constituiu como um “polo regional do médio e baixo Amazonas, com ofertas de ensino superior por meio do CESP/UEA, Campus/UFAM e Universidades Particulares, implantados em Parintins” (SOUZA, 2013, 23), concluindo que por esse motivo a cidade de Parintins assumiu um papel de destino dentro do fluxo de

migrações, que até então se direcionava para a capital Manaus. Esta pesquisa pelo fato de abordar a urbanização da cidade de Parintins, e conseqüentemente, a necessária referência ao evento Festival Folclórico de Parintins traduziu-se numa referência a ser utilizada no nosso trabalho.

O autor Azevedo Filho (2013) em *A produção e a percepção do turismo em Parintins, Amazonas*, tem como objetivo “compreender a realidade do turismo na Amazônia, levando em consideração essas características e tem como campo de estudo o município de Parintins” (AZEVEDO FILHO, 2013, 9). Para o autor este município se caracteriza num importante polo de atividade econômica e como o Festival Folclórico de Parintins “transformou a cidade no principal centro de turismo no mês de junho. Apesar disso, o turismo em Parintins ainda carece de reflexão e de um planejamento que realmente introduza novas formas de fazer turismo” (AZEVEDO FILHO, 2013, 9).

Este trabalho embora esteja elaborado na temática do turismo, pela natureza da disciplina que o conduz, a geografia humana, estabelece diversas relações com a cidade. A procura do entendimento do processo de produção urbano de Parintins faz com que esteja presente em seu trabalho a leitura da cidade. Nessas relações com a cidade são apresentados durante a pesquisa diversos mapas que caracterizam o crescimento urbano da cidade de Parintins, a partir de fontes do IBGE e Plano Diretor de Parintins. É ainda possível encontrar referências à infraestrutura urbana, em particular ao Porto de Parintins e ao aeroporto.

No desenvolvimento do trabalho há referência ao festival e outras festas que ocorrem na cidade durante o ano. O autor apresenta um quadro “festas tradicionais dos bois de Parintins precedentes ao Festival (2011-2012)” (AZEVEDO FILHO, 2013, 9), no qual elenca as diversas festividades e suas datas de realização no âmbito da temática do boi-bumbá. Além da temática do bumbás o autor referencia as festas religiosas, o carnaval e a temporada de cruzeiros. Como tal, é enfatizado a Festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade, cuja “festa se caracteriza pela realização do Círio que abre o evento sacro realizado em torno da Catedral de Nossa Senhora do Carmo e missa toda noite” (AZEVEDO FILHO, 2013, 93).

O outro evento, o “Carnailha, carnaval de rua realizado entre o sábado e a terça-feira” (AZEVEDO FILHO, 2013, 93), para o qual é construído um palco nas principais vias da cidade. E por fim a referência aos transatlânticos onde apresenta as rotas e os agentes que estão relacionados com este tipo de turismo. Assim, todos estes eventos, além do festival, contribuem para que se assista a transformações urbanas na cidade de Parintins. Em simultâneo permite-nos pensar e observar como são resolvidos os impactos destes eventos e se existe diferença significativa com os impactos causados pelo festival. Com frequência há referências em textos aos impactos do festival, mas nem tanto aos impactos resultantes destes eventos.

Neste sentido, sabemos que a dimensão dos eventos é diferenciada, sendo o festival o de maior porte, contudo será que a cidade já possui capacidade para dar resposta aos impactos resultantes dos eventos de menor porte? Ou haverá um silenciamento quanto a estes impactos quando se trata de um evento de menor divulgação midiática? Será responsabilidade exclusiva do Festival Folclórico de Parintins solucionar os seus impactos diferentemente do que acontece com os demais eventos? Esta pesquisa aporta um conjunto de informações relacionadas com a temática dos eventos, e que nos permitem estabelecer diversos questionamentos a respeito da nossa pesquisa, daí a relevância de ser referenciada neste corpo.

Segundo França (2014) na dissertação *Festival Folclórico de Parintins: Impactos socioambientais na percepção dos atores locais*, trata “sobre a percepção dos atores locais da cidade de Parintins, Amazonas, no que tange ao Festival Folclórico de Parintins e seus impactos socioambientais” (FRANÇA, 2014, 6). Embora o foco desta pesquisa seja no âmbito da sustentabilidade, a referência ao turismo e seus campos de interesse são abordados neste trabalho. Para o autor “dentro do turismo há diversos campos de interesse, um deles é direcionado ao estudo de eventos (esportivos, culturais, convenções, workshops; pequenos, médios, grandes e megaeventos)” (FRANÇA, 2014, 15).

Assim, o conteúdo desta pesquisa aporta uma revisão de literatura relacionada a eventos, megaeventos e seus impactos. O autor estabelece três áreas distintas relacionadas aos impactos dos megaeventos: os impactos econômicos, impactos socioculturais e

impactos ambientais. Como ponto de aproximação ao tema da nossa pesquisa o trabalho de França (2014) abre um tópico denominado “o legado dos eventos: qual o legado do Festival Folclórico de Parintins?” (FRANÇA, 2014, 33).

Em síntese dos resultados da pesquisa, França (2014) estabelece os impactos positivos e os impactos negativos decorrentes do festival. Assim, como benefícios é feita a referência ao investimento em infraestrutura urbana, “a construção de uma identidade cultural do cidadão parintinense e valorização da cultura e artistas de Parintins” (FRANÇA, 2014, 6). Como problemas é apontado “a grande produção de resíduos sólidos, a exploração sexual infantil e aumento da marginalidade na cidade” (FRANÇA, 2014, 6). Da observação geral desta pesquisa consideramos importante o referencial apresentado na temática dos eventos e as conclusões relacionadas aos impactos na cidade de Parintins, visto que serviu de parâmetro comparativo e de diálogo sobre o tema.

Já a pesquisa de Costa Junior (2011) denominada *A Cidade, cultura e rede urbana: a influência do trabalho criativo dos artistas-artesãos de Parintins-AM na configuração multiescalar da rede urbana brasileira*, trata “compreender como a cultura participa na estruturação da rede urbana, a partir de um estudo empírico dos Bois-bumbás de Parintins-AM” (COSTA JUNIOR, 2011, 7). É um estudo que se enquadra na perspectiva de estudos geográficos da rede urbana, definida, grosso modo, como um conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si” (COSTA JUNIOR, 2011, 17).

O autor parte da hipótese de que “a cultura contribui com a estruturação da rede urbana perpassando diferentes escalas geográficas” (COSTA JUNIOR, 2011, 7). Importou, particularmente, para a nossa pesquisa o âmbito à escala da cidade pelo que o autor levantou como hipótese auxiliar que “Garantido e Caprichoso conferem funções urbanas à Parintins articulando-a com as cidades da rede urbana dos rios Solimões e Amazonas, bem como das redes urbanas supra-regionais” (COSTA JUNIOR, 2011, 7). Ficou claro no desenvolvimento deste trabalho uma ligação da cultura popular com a cidade, sob o ponto de vista geográfico, mas que a certo momento fez uma aproximação ao campo da arquitetura na medida em que referenciou a temática da morfologia urbana.

Em sequência da perspectiva anterior, “com o crescimento da rivalidade entre bum-

bás, que, inclusive, influenciou a morfologia urbana da cidade, materializando-se em conflitos corporais, a disputa foi transposta para o campo da competição estética” (COSTA JUNIOR, 2011, 7). Esta pesquisa aportou um mapa no qual identifica os “lugares onde ocorreram as edições do Festival Folclórico de Parintins” (COSTA JUNIOR, 2011, 44), pelo que encontramos referências a nove lugares diferentes onde foram realizados os eventos.

Do mesmo modo, importa referir como temática desenvolvida neste estudo e que teve importância para o desenvolvimento da nossa pesquisa, a referência à dinâmica de apropriação dos espaços públicos durante o evento do festival, com especial ênfase à “Dinâmica territorial do Bumbódromo” (COSTA JUNIOR, 2011, 70). Embora o foco desta pesquisa esteja relacionado com a temática da rede urbana, as contribuições a partir das informações relacionadas aos diferentes lugares de realização do evento Festival Folclórico de Parintins e às dinâmicas do Bumbódromo, aportaram conhecimento de fontes para a nossa pesquisa.

Como se pode perceber, pensar a temática das transformações urbanas de Parintins, a partir dos conceitos cidade e evento, requer uma articulação entre os temas que os autores referidos abordam. Essa articulação revela a complexidade que resulta das diversas disciplinas envolvidas na leitura das problemáticas urbanas da própria cidade e suas transformações.

Dessa relação, em meio ao movimento de urbanização ocorrido em Parintins, a tradição do folguedo do boi-bumbá consolidou-se na cidade. Se no início o brincar de boi, como se costuma chamar entre os brincantes, acontecia pelas ruas, nas frentes das casas e nos quintais, (VIEIRA FILHO, 2002) com a criação do Festival Folclórico de Parintins e após receberem patrocínios de marcas reconhecidas no mercado, bem como com a divulgação midiática via televisão no âmbito nacional, os bumbás passaram a atingir uma dimensão de espetáculo.

É possível pensar que a partir de “um viés romântico de análise, a cultura popular é frequentemente o abrigo nostálgico de um mundo harmonioso, ameaçado pela época moderna” (CAVALCANTI, 2000, 1020). A partir dessa perspectiva “festas espetaculares e comercializadas tendem a ser vistas como deturpações de uma autenticidade original”

(CAVALCANTI, 2000, 1020). Porém, no caso dos bumbás, mesmo que esta manifestação faça uso da sua “versão espetacular”, os dois grupos utilizam-se das expressões artísticas e do imaginário regional para destacar - e até denunciar - questões fundamentais da diversidade social e biológica da Amazônia” (NOGUEIRA, 2014, 7). Logo, a abordagem aqui não segue essa linha e discussão cultural argumentada por Cavalcanti (2000).

De maneira contrária ao que diz a autora, o interesse desse estudo está voltado para o evento como elemento modificador de um espaço. Nessa perspectiva e como resultado da grande divulgação em torno do festival, a cidade de Parintins passou a ser conhecida nacionalmente, pelo fluxo turístico observado durante o período do Festival Folclórico de Parintins, considerado o “[...] maior do interior do estado do Amazonas e que transformou a cidade no principal centro de turismo no mês de junho” (AZEVEDO FILHO, 2013, 7).

A força deste evento parece ter sido capaz de induzir marcas e mudanças no território, sendo exemplo disso a divisão da cidade em duas partes representadas pelas cores de cada bumbá: vermelho para o Garantido e azul para o Caprichoso. Com essa divisão, a cidade, de um lado, pertence aos torcedores do Boi Garantido e do outro aos torcedores do Boi Caprichoso. As cores estão plasmadas nas calçadas, muros, fachadas dos edifícios e até no mobiliário urbano.

Reforçando a ideia da importância deste evento em Parintins, nota-se ainda as diversas marcas patrocinadoras que alteraram as cores das embalagens dos seus produtos, adaptando seus comerciais para as cores vermelho e azul. Exemplo disso foi a Coca-Cola, patrocinador mais antigo do festival. Além da mudança de cores das marcas também assistiu-se a uma vinculação das campanhas publicitárias nacionais ao festejo local, a exemplo da Coca Cola que em 2007, lançou a campanha: “[...] “Viva o lado Coca-Cola dos Bumbás”, numa alusão à importância que os Bois Bumbás têm na vida das pessoas da região” (SOTUYO; MAGER, 2011, 602).

Este conjunto de fatores que dialogam entre si, quando acionados na discussão entre a cidade e evento, parece derivar um protagonismo cultural para Parintins em termos de divulgação, face as demais cidades localizadas no estado do Amazonas. Isto parece justificar a vontade de muitas pessoas visitarem esta cidade no festival. Contudo, observa-se

que essa atratividade vai além da época do festival, um exemplo disso são os turistas que visitam anualmente o estado, durante as viagens de cruzeiros, também interessados em ir até Parintins para conhecer os bumbás. Nessas ocasiões, as agremiações folclóricas preparam uma apresentação como uma espécie de receptivo para o público visitante. No entanto “o turismo em Parintins ainda carece de reflexão e de um planejamento que de fato introduza novas formas de se fazer turismo, inclusive ultrapassando o período do festival” (AZEVEDO FILHO, 2013, 7).

Limitar as relações da cidade com o evento, somente aos dias do festival, não é suficiente para dar conta dessa relação na sua totalidade, uma vez que ela se caracteriza por um conjunto maior de aspectos que marcam o antes, o durante e o depois do festival. Por se tratar de um evento de tamanha monta, sua organização exige preparativos que terminam por aquecer a economia do comércio local, a geração de emprego, obras de fachadas, calçadas, limpeza urbana dentre outras ações. Além disso, promove a “construção de uma identidade cultural do cidadão parintinense e valorização da cultura e artistas de Parintins” (FRANÇA, 2014, 7).

Como descrito no início desta introdução, o processo de urbanização da cidade de Parintins fez surgir uma segregação espacial, resultando daí problemas urbanos sob diferentes enfoques: sociais, ambientais e econômicos. Contudo, parte-se da suposição que o evento, na sua versão de espetacularização, promoveu investimento em infraestrutura no que diz respeito à criação de um local para a sua realização, a exemplo do Centro Cultural de Parintins.

No entanto, a dimensão espetacular que a cidade assume, ao ser a sede de um dos principais eventos culturais, a nível nacional, contrasta com a vida cotidiana nos demais dias do ano, apresentando assim diversas carências urbanas. Desta condição e levando-se em consideração o que foi apresentado até aqui, resulta a questão que neste trabalho se inscreve como problema de pesquisa. A saber: **Em que medida se pode observar transformações urbanas na cidade de Parintins decorrentes do Festival Folclórico?**

Tendo em vista os conceitos de cidade e evento, que se coloca aqui como eixo de discussão como forma de chegar a compreensão dessas transformações urbanas, esta

pergunta termina por desdobrar-se em outras indagações que foram ganhando corpo nos percursos da pesquisa. Quais os elementos que dialogam entre a cidade e o festival e as suas implicações do ponto de vista urbano? Observando-se as carências de infraestrutura e equipamentos em Parintins, é legítimo atribuir os problemas urbanos ainda existentes na cidade ao evento do Festival Folclórico?

Esses questionamentos serão retomados nas considerações finais, na tentativa de serem respondidos, tomando por base as próprias trilhas do campo e o que elas puderam revelar como dados de pesquisa. Além da introdução e das considerações finais, a tese está dividida em quatro capítulos que no seu conjunto interligam-se à temática da pesquisa.

O primeiro capítulo apresenta a conceituação do objeto teórico e o instrumental metodológico utilizado no trabalho de campo. Assim, a fim de dar conta do objeto teórico, foram desenvolvidos os conceitos de cidade e evento a partir de um olhar multidisciplinar e generalista na sua delimitação territorial. Condição motivada pela intenção de entender o modo de operacionalização dos conceitos sem que para tal, neste capítulo, haja o recorte ao local da pesquisa.

No segundo capítulo apresenta-se o local da pesquisa, que neste trabalho é demarcado desde o momento em que se inicia a viagem de Manaus até à Cidade de Parintins. Esta apresentação foi narrada a partir do exercício etnográfico. Em seguida foi feita uma discussão sobre as memórias e relatos orais da cidade, a partir de várias fontes e pessoas entrevistadas, das quais enfatiza-se a fala de Dona Maria do Carmo Monteverde e Mestre Jair Mendes. Na sequência, a discussão ficou no diálogo entre a cidade e a festa, aonde se demonstra, teoricamente, uma relação entre ambas. Fechando esta parte foi feita uma abordagem ao Festival Folclórico de Parintins, destacando suas características e seus elementos dinamizadores.

O terceiro capítulo dedicou-se aos sujeitos que fizeram parte da origem do folguedo do boi bumbá, na cidade de Parintins, e os espaços físicos que serviram de palco para apresentação dos bumbás no passado. Em seguida apresenta uma explanação sobre o conceito de lugar estabelecendo uma relação com a referência aos currais de ambos os bumbás, tópicos que fecham o capítulo.

O quarto capítulo aborda uma leitura da cidade a partir da influência do Festival Folclórico. Para tal, se estabelece duas categorias de leitura assentes nos conceitos de espaço público e sociabilidade. Este olhar foi feito por meio de uma escala territorial denominada intraurbana, operando com base nesse contexto a escala arquitetônica e a escala urbana relacionadas ao bumbódromo, à Praça dos Bois e a cidade de Parintins.

## 1 A CIDADE E O EVENTO

Figura 1 – Cidade de Parintins durante o Festival Folclórico



Fonte: acritica.com, (2017). Autor, Paulo Sicsu [ver nota em Lista de Figuras]

### 1.1 A CIDADE, UM CONCEITO COMPLEXO

A palavra cidade constitui-se bastante comum e com valor simbólico em diferentes campos do saber. Parte-se da concepção que a complexidade das relações que a significam faz com que ela seja representada por um lugar de vivências, de trocas e de poder. Pode-se encontrar outros elementos caracterizadores do conceito, os quais poderão estar ancorados a diferentes olhares disciplinares que se direcionam ao objeto para tal observação. Compreender a cidade, a partir da possibilidade de uma construção interdisciplinar, faz com que se considere a amplitude de explicações deste conceito, na medida em que permite interpretações acerca da realidade física e social que a constitui.

O mesmo conceito, numa abordagem quantitativa, por exemplo, possui uma permanência terminológica face às diversas escalas que pode vir a representar. Tanto a pequena cidade quanto a cidade média, metrópole ou até a megalópole se explicam pela palavra cidade. Porém, em outros momentos o conceito já necessita de adjetivação para se explicar.

Exemplo disso é “cidade de fronteira, cidade grega, cidade colonial, cidade medieval, cidade portuária, cidade turística, cidade mineradora e cidade industrial” (LENCIONI, 2008, 115). Nesse sentido, se por um lado há uma permanência do conceito com questões relacionadas à quantidade, por outro, ele necessita de adjetivação para ser compreendido nas diferentes classificações que pode assumir.

Na opinião de Lencioni (2008), pode-se dizer que independente da sua ‘dimensão ou característica’, a cidade é um produto social, na medida em que se estabelece a partir de uma relação entre o homem e o meio. Interpretação segundo a abordagem clássica da geografia. Contudo, para Vasconcelos (2017), em *As metamorfoses do conceito de cidade*, a relação homem e meio, por si só, não constitui cidades. Na visão deste autor, além dessa relação, é necessário agregar a aglomeração para que se denomine cidade.

Marx e Engels (2007), em *Ideologia Alemã* (1846) entendem por cidade “o fato da concentração da população, dos instrumentos da produção, do capital, das fruições, das necessidades, enquanto o campo evidencia exatamente o fato contrário, a saber, o isolamento e a solidão” (MARX; ENGELS, 2007, 52). Esta explicação, implica em pensar as relações que se desdobram em torno do capitalismo e dos meios de produção. Pode-se dizer que a afirmativa de Marx e Engels (2007) mostra-se complexa, uma vez que evidencia, para além da aglomeração, um conjunto de outros fatores essenciais para a formação de cidade.

Não menos importante que os conceitos anteriores, entretanto, mais tardio, pode-se mencionar o autor Max Weber em *DIE Stadt*, de 1921, que formula o conceito de cidade a partir de dois elementos fundantes: o econômico e o político. O reconhecimento desta formulação é desenvolvido no seu livro, a partir de uma reconstrução histórica das cidades, na perspectiva das instituições e das leis que as constituem. Daí, para o autor, pode derivar-se uma condição que permita identificar características de autonomia das cidades face à sua envolvente. Ora, em tese, o tamanho de determinado aglomerado, por si só, não justificaria o conceito. Seria preciso, porém, acrescentar elementos além dos econômicos. “A cidade, portanto, não é uma acumulação de moradias ou uma coleção de atividades econômicas, pois as aldeias também possuem essas características; a cidade possui dimensões não

econômicas e, assim, o conceito de cidade deve incluir fatores não econômicos“ (PALACIOS, 2016, 129)

A construção conceitual até aqui apresentada, na perspectiva dos autores citados, denota um alinhamento quanto à necessidade de aglomeração como condição para a existência de cidades. Contudo, esta condição, não assume tanta ênfase em autores como Robert Park, Louis Wirth, Le Corbusier e Frank Lloyd Wright.

Robert Park foi sociólogo e fundador da Escola de Chicago. As suas produções acompanhavam o modo de fazer ciência daquela altura, na medida em que havia uma atenção para objeto sociológico, da qual derivou leituras empíricas da cidade e permitiu desenvolver explicações para os fenômenos urbanos. Dessas ações resultou um entendimento de cidade semelhante a um laboratório, no qual Park estabeleceu, como objeto de estudo, as ações que aconteciam no contexto urbano. O fato de enfatizar uma leitura empírica sobre a cidade não significou que houvesse uma renúncia, por parte do autor, a sua materialidade. Robert Park reconhecia o elemento físico da cidade do mesmo modo que a existência de instituições.

Dessa forma Park, em *A Cidade: sugestões para a pesquisa sobre comportamento humano em meio urbano*, afirma que: “a cidade é algo mais que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc.; algo mais também que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos [...]” (PARK, 1967, 25). Nessa perspectiva o autor associa a cidade a um estado de espírito, sobre a qual conclui que ela “[...] não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana” (PARK, 1967, 25).

Wirth (1967) ao tentar definir cidade procurou levar em conta todos os elementos que se constituem em um só lugar. Além disso, o autor elaborou a diferenciação quanto aos tipos de cidade: industrial, mineração, comercial, universitária, sub-urbana. Defendeu que a cidade não é apenas um fenômeno físico, mas um modo de vida, “um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos” (WIRTH, 1967, 95). Com base na sua definição elabora uma teoria do urbanismo e desenvolve um conjunto

de premissas que só fazem sentido quando aplicadas em conjunto: número, densidade e heterogeneidade.

Por volta dos anos de 1930, por influência da modernidade, o conceito de cidade começa a ser redefinido e novas abordagens são lançadas. Autores como Le Corbusier e Frank Lloyd Wright, apesar de contemporâneos e filiados na mesma área disciplinar, a arquitetura, apresentam diferentes respostas a nova formulação do que seria a cidade na modernidade. Ao se dar o debate, observa-se a contraposição de ideias entre os autores, permitindo diferentes formulações ao conceito de cidade na modernidade.

Enquanto arquitetos, Le Corbusier e Frank Lloyd Wright, tornaram-se reconhecidos internacionalmente pelos diversos projetos de arquitetura e de urbanismo que produziram ao longo da sua carreira. Embora ambos considerassem a questão social nos seus trabalhos, possuíam visões opostas sobre como deveria ser uma cidade. Le Corbusier era um arquiteto modernista, marcado por uma visão de cidade sob parâmetros funcionais. A ideia de máquina caracterizou o seu modo de pensar, tanto o edifício de arquitetura quanto os projetos de cidades. Este modo de interpretar a arquitetura e a cidade produziu imagens de poder e prestígio em edifícios corporativos e governamentais. No entanto, quando aplicados à habitação da classe trabalhadora estes projetos populares foram vistos de modo inadequado, tornando-se 'símbolos de alienação e desumanização' (HARVEY, 2014, 43).

Já para Wright, a cidade deveria integrar uma relação entre o indivíduo, a terra e o edifício, a partir de uma arquitetura orgânica, em contraponto à cidade industrial, que para ele "alienava o homem na artificialidade" (MANNA, 2008, 2). Como se pode perceber, trata-se de dois arquitetos contemporâneos com visões de cidade bastante distintas. Convém referir que apesar de se fazer referência a arquitetos, a discussão mantém-se no tratamento conceitual de cidade, na medida em que os pressupostos defendidos pelos autores foram plasmados em projetos de cidades utópicas, embora não tenham sido construídas. Como tal, pensamentos estabelecidos ainda a nível conceitual, mas que permitem deduzir, a partir daí, visões contraditórias de pensar o conceito de cidade. O projeto da cidade utópica do arquiteto Le Corbusier denominou-se Ville Radieuse, enquanto o projeto, também utópico, de Wright denominou-se por Broadacre City, ambos com soluções e abordagens diversas.

Discutir a visão distinta de cidade levada a cabo por esses dois arquitetos, reforça o arcabouço de compreensão do conceito, uma vez que introduz o elemento modificador que foi a modernidade. Arquitetos brasileiros, tais como Oscar Niemayer e Lúcio Costa receberam estas influências, pelo que derivou o plano da cidade de Brasília e tantas outras que adotaram os princípios modernistas na sua concepção projetual.

A entrada na pós-modernidade também implicou alterações no modo de compreender o que é cidade, e como deve ser abordada. Assim, se até então vigorava um modo de fazer cidade apoiado na ideia da máquina e na ideia da totalidade e da funcionalidade, com a pós-modernidade esses critérios sofreram alteração. Nessa transição, é exemplo no campo da arquitetura, a demolição de um conjunto de habitação denominado *Pruitt-Igoe* “(uma versão premiada da ‘máquina para a vida moderna’ de Le Corbusier), foi dinamitado como um ambiente inabitável para as pessoas de baixa renda que abrigava” (HARVEY, 2014, 45). No campo do urbanismo a situação foi semelhante, tendo sido defendida a substituição da ideia de planos em larga escala e abrangentes, por opções plurais e orgânicas do pensar a concepção da cidade. (HARVEY, 2014)

Da leitura dos diversos autores pode-se dizer que o conceito de cidade tem se caracterizado por um conjunto de elementos que está para além da necessidade de se constituírem como um espaço de aglomeração, enfatizando, também, a partir de um conjunto de relações, as atividades econômicas e a materialidade enquanto objeto arquitetônico.

Porém, há igualmente, autores importantes como o filósofo e sociólogo francês, Lefebvre (2008), o qual também vê a cidade como um objeto de uso e que para tal o modo de usar a cidade, mais especificamente, as ruas, as praças, os monumentos e os edifícios acontece pela festa (LEFEBVRE, 1991). A afirmação do autor é generalista, mas compreendendo que a cidade é um local de realização social, e que, por sua vez, constitui-se o elemento principal da estrutura da sociedade moderna, leva-se a crer que a festa assumiu um papel significativo de intermediação entre os conceitos de cidade e evento.

Para evidenciar as suas considerações, o autor menciona que “nem o arquiteto, nem o urbanista, nem o sociólogo, nem o economista, nem o filósofo ou o político podem tirar do nada, por decreto, novas formas e relações” (LEFEBVRE, 1991, 109). O autor

acrescenta ainda que os profissionais referidos podem auxiliar na abertura de caminhos para as relações sociais, contudo, não criam essas mesmas relações por si só, uma vez que a vida social somente acontece pela “práxis”. Dessa prática e das relações sociais, o estímulo ao encontro, que deriva da festa, faz com que as pessoas pratiquem o prazer coletivo, do qual resulta uma experiência de trocas e, de diversidade que se traduz num sentimento de pertença, a qual agrega as pessoas num determinado espaço. Faz-se oportuno, portanto, tentar compreender se de fato é possível correlacionar a festa como um elemento significativo para o entendimento do conceito de cidade.

Assim, em conexão com as considerações acima, observa-se que correlacionar a cidade à festa não é algo inédito nas discussões sobre o tema, o que salvaguarda de eventuais olhares que considerem a festa como algo de menor importância no contexto desta discussão. Nesse sentido, fica claro o seu papel no processo de produção urbano de uma cidade, na qual pode ser entendida como essência para a de criação de eventos.

Segundo Fernandes (2004), no seu artigo *A cidade, a festa e a cultura popular*, desde os primórdios que os homens utilizam estes dois elementos para estabelecerem uma base de cooperação e sociabilidade. Mesmo assim “essa origem comum da cidade e da festa é pouco percebida por mentes racionalistas e pragmáticas, que tendem a tratar as cidades rituais e festivas como uma exceção” (FERNANDES, 2004, 55). Assim, estudar uma cidade, na grande maioria das vezes, parte-se de uma abordagem econômica, geográfica ou política. Também importante e necessária, mas, por si só, insuficiente para se conhecer a cidade. A explicação para tal situação pode estar relacionada à filiação disciplinar deste assunto, visto que durante muito tempo, o olhar para a cidade, a partir da festa, permaneceu no âmbito de um número restrito de disciplinas, tais como a Sociologia e a Antropologia.

Esta discussão é passível de ser observada sob vários aspectos. Se na contemporaneidade estudar a cidade como lócus da festa é exceção, cabe ressaltar que nem sempre foi assim. Pode-se afirmar com base em Mumford (2004) que a cidade enquanto lugar de celebração precedeu a cidade enquanto espaço de fixação. Deste modo, segundo o autor, “antes mesmo que a cidade seja um lugar de residência fixa, começa como ponto de encontro onde periodicamente as pessoas voltam: o imã precede o recipiente, e essa

faculdade de atrair [...] continua sendo um dos critérios essenciais da cidade” (MUMFORD, 2004, 16). Por outro lado, é importante salientar a relevância do ritual enquanto elemento fundador da cidade, uma vez que os primeiros objetos a deixarem “uma marca tanto nas estruturas naturais, como em cavernas, árvores e fontes ” (MUMFORD, 2004, 16), resultam de uma atração para um ponto de encontro com fins cerimoniais.

A partir desse olhar, sob o viés do simbólico e celebrativo correlacionado a um lugar, o autor Mumford (2004) afirma que “os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo [...] a cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos” (MUMFORD, 2004, 13). As afirmações apresentadas por Mumford (2004) além de fazerem referência à cidade enquanto espaço de celebração, também contempla uma dimensão de ponto de encontro, deixando claro que a capacidade de atrair continua sendo um dos critérios essenciais da cidade. Dessa forma a abordagem desenvolvida por Mumford (2004), ao estudo da cidade, é indissociável à presença do homem no contexto material edificado.

Segundo Lefebvre (1991), a cidade foi ao longo do tempo um espaço onde se verificou relações de trabalho produtivo, realização de obras e festas. Com o advento das lógicas de mercado e da indústria, começou-se a assistir a modificações nos modos de viver e realizar a festa. Estas modificações levaram o autor a fazer uso do termo antropofagia como uma espécie de analogia para explicar o processo pelo qual a festa passou perante as novas lógicas de produção. Assim, o que até então era celebrado como festa deu origem a novas formas de encontro, como por exemplo, os eventos, pelo que Lefebvre (1991) argumenta que a cidade deve reencontrar a sua função primordial, a sua função de origem que dá sentido à vida. Ou seja, a festa.

## 1.2 O EVENTO, UM CONCEITO FLUIDO

A ideia de *evento* nos remete para um acontecimento, uma ocorrência ou uma experiência, a qual se realiza num período de tempo curto, efêmero e único. Segundo Getz (1991) um evento ocorre de modo único e raramente fora de uma programação instituída por parte dos governos ou entidades organizadoras. Da sua realização resulta para o

visitante uma oportunidade de lazer, experiência social ou cultural, fora da gama normal de escolhas disponíveis no seu dia a dia. Assim, o evento insere-se numa temporalidade de carácter eventual, ao contrário da festa (HAN, 2017). Note-se que “na festa, o tempo como sequencial de momentos passageiros e fugidios é suspenso. Adentramos na celebração da festa como adentramos num espaço onde nos *demoramos*” (HAN, 2017, 109).

Esta ideia de evento, quando associada às cidades, ganha uma reelaboração, na medida em que passa a ser pensada de forma a vender a cidade como um produto, e por consequência, obter turistas, indústrias e investimentos (POPESCU; CORBOS, 2012). Para Rodrigues\_F (2016) há um entendimento que os eventos contemporâneos são uma derivação do modelo utilizado para a produção das Exposições Internacionais do Século XIX. Porém, reafirma o autor que “são inegáveis as ocorrências, por motivos diversos, antes deste período, de aglomerações massivas e pacíficas, as quais atuaram como cimento e paradigma para a construção destes espetáculos, ainda na antiguidade” (RODRIGUES\_F, 2016, 33). Contudo, conseguir determinar com exatidão onde apareceram os grandes eventos, conduz a uma caminhada que, necessariamente, nos projeta no percurso da história. Por outro lado, os dados que se obtêm, no desenvolvimento dessa trilha, quando de fato existem, são ambíguos e misturam as chamadas mitologias pagãs e cristãs.

A título de exemplo, o autor cita alguns casos que são paradigmáticos da afirmação. Um deles relaciona-se com a origem dos jogos olímpicos que segundo os registros teria iniciado em 776 a.C, os quais exerciam uma forte atratividade de público, na ordem de 40 mil pessoas, que tinham as mais diversas origens entre as diferentes cidades da Grécia. Além disso, esses jogos conseguiam estabelecer “um hiato de paz entre grupos que estavam em guerra” (RODRIGUES\_F, 2016, 33), o que se pode concluir que esses eventos teriam a capacidade de fomentar uma sociabilidade entre os participantes, na medida em que durante o período da sua realização deixavam de lado as suas indiferenças e estabeleciam um patamar de convívio.

No entanto, pode-se dizer, que esse tipo de reunião, que se caracterizava como uma espécie de evento, ganhou novas formas de se realizar e permear os modos de vida urbano, uma vez que passou a ocorrer sob condições de uma sociedade marcada pela

pós-modernidade e as conseqüentes transformações que daí resultam. Esta mudança de contexto urbano pautado por uma heterogeneidade de interesses e influências, que ao mesmo tempo que se espraia se retroalimenta, faz com que tudo o que ocorre no meio urbano acompanhe essas tendências. Na pós-modernidade não existe mais essa homogeneidade e sim, “[. . .] conjuntos heterogêneos com polos muito diversos em função de interesses culturais em si mesmo múltiplos” (VILLAÇA, 2013, 149).

O Historiador Hobsbawm (2013), na obra *Tempos Fraturados*, reflete sobre a realização de eventos no Séc. XXI, em particular lança a pergunta: *Por que realizar festivais no século XXI?* O autor chama a atenção que esta pergunta não se confunde com saber se os festivais têm futuro, ao que ele responde peremptoriamente que sim. Para o autor, “os festivais tornaram-se sólidos componentes do complexo da indústria do entretenimento, cada dia mais importante do ponto de vista econômico, e especialmente do turismo cultural, que se expande com rapidez [. . .]” (HOBSBAWM, 2013, 63).

Dessa discussão, que aborda questões culturais e políticas, chega-se a uma conclusão de como esses eventos se colocam no panorama urbano da contemporaneidade, ao afirmar que “o que caracteriza os novos festivais não é tanto a inovação e o rompimento com o passado, mas a descoberta de formas em desenvolvimento de comunicação artística e experiência estética” (HOBSBAWM, 2013, 70). Sendo que “os festivais florescem particularmente bem em cidades pequenas e de porte médio, até mesmo em campo aberto [. . .]” (HOBSBAWM, 2013, 70), na medida em que as “iniciativas culturais especialmente festivais, requerem um espírito comunal, o que significa não apenas um senso de interesses e sentimentos comuns, mas até [. . .] de autoexpressão coletiva pública” (HOBSBAWM, 2013, 64).

O sociólogo Bauman (2001), a partir do conceito de liquidez, retrata um conjunto de ações que ocorrem diariamente no nosso cotidiano urbano, o qual se caracteriza pela instabilidade repercutindo alterações em todas as estruturas desenvolvidas em meio urbano. Essa questão abre um novo paradigma para que se possa pensar como os eventos vão lidar com esta realidade. Do mesmo modo, ainda importa referir que para Bauman (2001) as vidas se abrem para o consumo e por sua vez, numa leitura mais particular, os eventos

se enquadram também nesses objetos de desejo a serem consumidos. Um bom exemplo dessa concepção é o Rock in Rio ou o Festival de Parintins, entre muito outros. Por outro lado, pensando aqui na perspectiva de Bauman (2001), os eventos também precisam acompanhar esta mudança no gosto de consumo para que não fiquem obsoletos.

Esta linha de pensamento que associa o evento a um ativo comercial, segundo Getz (2007), tem merecido interesse por parte dos investigadores, os quais sugerem uma classificação temática em torno das celebrações culturais, da agenda política e competições desportivas. Observe-se, ainda, que estes tipos de eventos tem o poder de oferecer às pessoas um sentimento de pertença social, geográfico, cultural dentre outros (POPESCU; CORBOS, 2012).

Milton Santos (1996), na obra *A Natureza do Espaço*, trata o conceito de evento, tendo por base premissas desenvolvidas por filósofos no estudo do espaço geográfico. Assim, os eventos não se repetem, e enquadram-se com precisão no tempo e no espaço, podendo ocorrerem no mesmo local com programação idêntica, mas a apresentação e a participação do público será sempre diversa. Além disso, o evento não é um acontecimento que faça parte do cotidiano. Por isso “o evento permite unir o mundo ao lugar; a História que se faz e a história já feita; o futuro e o passado que aparece como presente. O presente é fugaz e sua análise se realiza sempre a partir de dois pólos: o futuro como projeto e o passado como realização já produzida” (SANTOS, 1996, p.15).

Outro elemento defendido por Santos (1996) é de que não existe evento sem ator. É fundamental que o ator tenha uma identidade, um pertencimento, perante o evento que se realiza. Além disso, faz-se relevante referir, que “os eventos não se dão isoladamente, mas em conjuntos sistêmicos que são cada vez mais objetos de organização na sua instalação, no seu funcionamento e no respectivo controle e regulação [...]” (SANTOS, 1996, p.149), e por isso influenciam, delimitam e qualificam o tempo social e a atividade econômica. Nesse sentido, a produção do espaço mostra-se cada vez mais como uma consequência, do processo de organização como um todo.

Outra questão apresentada consiste no lugar e no espaço onde ocorre o evento, classificando-o como o depositário final. Neste contexto, Santos (2006) faz referência a *VIE*

*des Formes*, de Henri Focillon, o qual considera o evento um nó, um lugar de encontro, na medida em que os eventos parecem ter a capacidade de unir as várias “[. . .] manifestações do presente, unificando esses instantes atuais através de um verdadeiro processo químico em que os elementos perdem suas qualidades originais para participar de uma nova entidade que já aparece com suas próprias qualidades” (SANTOS, 2006, 101).

Além da característica de “repositório final”, existe uma relação entre o evento e o lugar no sentido de vivências, culturas e trocas. Por isso a infraestrutura é um ponto de discussão fundamental a ser inserido no diálogo, em lugares sede de eventos. Do mesmo modo, os espaços construídos ou escolhidos para tais efeitos são objeto de discussão da sua relação lugar-espço-eventos.

Acompanhando às primeiras explicações sobre o conceito de evento, é usual o questionamento acerca do seu tamanho, principalmente, o que faz ele se tornar em megaevento. O artigo “*What makes an event a mega-event? Definitions and sizes*” de Muller (2015), formula um desenvolvimento do sobre megaeventos, a partir das definições qualitativas que os constituem. Assim, propõe quatro premissas a serem observadas: A primeira está relacionada ao evento ter a capacidade de atrair o visitante para a cidade onde se realiza. A segunda categoria está relacionada ao seu alcance mediado, a terceira aos custos envolvidos, a quarta, ao impacto transformador do evento na cidade.

O Quadro 1, abaixo inserido, organiza o embasamento da pesquisa de Muller (2015), onde foi apresentado um conjunto de definições de megaevento a partir de diferentes autores, estabelecendo correlação entre as suas definições e as quatro premissas acima citadas. Diante do apresentado, parece ser possível sintetizá-las em dois blocos. O primeiro relacionado às suas características específicas no que diz respeito à periodicidade e tamanho, e um segundo relacionado às suas características externas ligadas ao volume de mídia atingida, níveis de turismo e os efeitos sobre a cidade, onde o evento se realiza (GETZ, 2007; MULLER, 2015).

Quadro 1 – Definições de megaeventos

Fonte	Definição	Atratividade turística	Alcance mediado	Custo	Transformações
Ritchie and Yangzhou (1987, p. 20; from Ritchie, 1984, p. 2)	Grandes eventos únicos ou recorrentes de duração limitada, que servem para aumentar a consciência, o apelo e a lucratividade de um destino turístico a curto e / ou longo prazo. Tais eventos dependem de exclusividade, status ou importância oportuna para seu sucesso para criar interesse e atrair a atenção	↑	↓	↓	↓
Roche (1994, pp. 1–2)	Megaeventos...são eventos de curto prazo com consequências de longo prazo para as cidades que os acolhem. Eles estão associados à criação de infraestrutura e instalações para eventos, muitas vezes com dívidas de longo prazo e sempre exigindo uma programação de uso de longo prazo. ... Eles projetam uma nova (ou renovada) imagem e identidade, talvez persistente e positiva, para a cidade-sede por meio da cobertura da mídia nacional e internacional, especialmente da TV.	↓	↑	↑	↑
Jago and Shaw (1998, p. 29)	Um evento único de grande porte, geralmente em escala internacional. [Um grande evento é] um evento especial em grande escala que tem alto status ou prestígio e atrai uma grande multidão e a atenção da mídia. ... Eles são caros para organizar, atraem fundos para a região, levam à demanda por serviços associados e deixam legados para trás.	↑	↑	↑	↔
Roche (2000, p. 1)	Eventos culturais de grande escala (incluindo comerciais e esportivos), que têm um personagem dramático, apelo popular de massa e significado internacional.	↔	↑	↓	↓
Hiller (2000b, pp. 182–183)	Um evento de curto prazo, único e de alto perfil. ...Os meios de comunicação de massa veiculam o evento para o mundo, ...tem um significativo e/ou permanente efeito urbano.	↔	↑	↓	↑
Horne (2007, pp. 81–82)	Têm consequências significativas para a cidade, região ou nação anfitriã ... [e] atraem cobertura considerável da mídia.	↓	↑	↓	↑
Gold and Gold (2011, p. 1)	Festivais culturais e esportivos que alcançam tamanho e escopo suficientes para afetar economias inteiras e receber atenção sustentada da mídia global. Competições nacionais ou globais significativas que produzem níveis extensos de participação e cobertura da mídia e que muitas vezes requerem grandes investimentos públicos em ambas as infraestruturas de eventos, por exemplo, estádios para a realização dos eventos, e infraestrutura geral, como estradas, habitações ou sistemas de transporte em massa.	↓	↑	↓	↑
Mills and Rosentraub (2013, p. 239)	Eventos culturais e esportivos que alcançam tamanho e escopo suficientes para afetar economias inteiras e receber atenção sustentada da mídia global. Competições nacionais ou globais significativas que produzem níveis extensos de participação e cobertura da mídia e que muitas vezes requerem grandes investimentos públicos em ambas as infraestruturas de eventos, por exemplo, estádios para a realização dos eventos, e infraestrutura geral, como estradas, habitações ou sistemas de transporte em massa.	↓	↑	↑	↑
This paper	Megaeventos são ocasiões ambulatoriais de duração fixa que (a) atraem um grande número de visitantes, (b) têm grande alcance mediado, (c) vêm com grande custos e (d) têm grandes impactos no ambiente construído e na população.	↑	↑	↑	↑

Nota de símbolos: ↑ = Forte presença na definição; ↔ = Alguma presença na definição; ↓ = Pouco ou nada presente na definição.

Fonte: Adaptado de Muller (2015, 629). [tradução nossa]

Quadro 2 – Características dos eventos de curta duração

Escala de impacto	Descrição do evento	Exemplos	Mercado alvo	Principal nível de envolvimento financeiro	Liderança e Organização	Impactos econômicos e sociais na comunidade anfitriã
	Megaeventos	Olipiadas, Feiras Mundias	Internacional	Nacional	Estabelecida por autoridades especiais do governo	Investimento corporativo internacional em eventos e instalações
	Evento especial	Grande Prêmio, Taça da América	Internacional/ Nacional	Nacional/ Regional	Coordenado entre vários níveis do governo	Evento pode ser usado para requalificação urbana e promoção turística
	Evento de Marca	Jogos da Austrália	Nacional	Nacional/ Regional	Envolvimento local limitado, liderança assumida pelo governo	Distribuição de lucros para a comunidade anfitriã
		Festival de Perth	Regional (Estadual e Municipal)	Regional/ Local	Papel importante para entidades turísticas regionais, empresas locais e governo	Eleado investimento corporativo para realização do evento
		Wellesley Apple e Festival da Manteiga	Local	Local	Liderança e organização desenvolvidas pela comunidade anfitriã	Benefícios econômicos para a comunidade anfitriã
Evento de Comunidade	Festas Comunitárias e Festas de Rua	Evento projetado para consumo local	Envolvimento mínimo do governo local	Control local	Fortalecimento da identidade local	

Fonte: Adaptado de Hall (1989, 265). [tradução nossa]

Na mesma linha de pensamento, no quadro 2, o autor Hall (1989) apresenta as características dos eventos de curta duração. Cabe destacar desta análise a referência ao evento *hallmark*, o qual se define por “um tipo de megaevento, utilizado para promover as destinações, servindo como ferramenta de marketing turístico; é um evento que tem significância em termos de tradição, atratividade, qualidade ou publicidade, conferindo aos destinos uma vantagem comparativa” (FRANÇA, 2014, 25).

Na visão de Rodrigues\_F (2016), os grandes eventos que se realizam na dinâmica da pós-modernidade, passaram a ser incorporados “à lógica das cidades, como ferramenta lúdica para movimentar suas engrenagens, conferindo ao espetáculo o condão de vendê-las” (RODRIGUES, 2016, 259). Nesse sentido, “[...] tornam-se ferramentas adequadas de marketing territorial, num contexto em que a cultura passa a ser motor da economia [...]” (RODRIGUES\_F, 2016, 259). Para Silvestre (2008) pode ainda ser visto como ferramenta de política ou ideologia de governo, na medida em que os “megaeventos têm a capacidade de conciliar agendas e cooperação entre diferentes atores para uma causa comum (SILVESTRE, 2008, 2).

Outra dimensão importante dos megaeventos se refere à complexidade do planejamento e a grande intervenção urbana associada aos preparativos para a sua realização, onde os custos são igualmente substanciais para o anfitrião [...]“(SILVESTRE, 2008, 2) “tradução nossa”. Contudo, a questão principal a ser pensada e discutida, particularmente, não está no volume dos custos ou na complexidade da organização dos eventos, mas na objetivação por parte dos pesquisadores de que “investigar os impactos sociais, associados com megaeventos, pode ser interpretado como uma necessidade de contrabalançar o discurso otimista que os justificam. Alega-se que os custos líquidos dos megaeventos superam em muito seus benefícios líquidos” (SILVESTRE, 2008, 2). “tradução nossa”

Realmente, esse é um fato que requer cuidados, pois, de acordo com VanWynsberghe & Kwan (2013), (Flyvbjerg & Stewart, 2012) e fundamentado por (MULLER, 2015), em algumas situações, observa-se uma má execução das obras em função dos curtos prazos de execução. Além disso, o fato de terem que acompanhar a lógica do evento, acabam por produzir alterações nos planos urbanos originais. Destas afirmações se permite

pensar até onde o evento produz uma transformação urbana equitativa.

Fazendo-se uso de uma leitura quantitativa para identificar os impactos dos eventos nas cidades, alguns autores adotam a teoria *Mode Coupling Theory*. Esta, por sua vez, serve-se do conceito da física denominado acoplamento, o qual tem como fundamento a leitura de transmissão elétrica que pode ocorrer entre dois ou mais elementos de um circuito. Transposto para outras leituras, este conceito pode ser entendido como a quantificação do grau de dependência entre várias entidades.

Assim, no caso dos eventos, quando a *Mode Coupling Theory* é utilizada para avaliar o seu impacto, a medição mais usual aparece correlacionada à cidade, onde são trabalhados diversos indicadores a fim de avaliar como “interagem entre si para promover recursos comuns e elementos que otimizem a estrutura industrial, a estrutura espacial da cidade, a estrutura de funções, o processo de formação do espaço para eventos e espaço da cidade, bem como a integração da cidade à economia regional” (HE *et al.*, 2020). “tradução nossa”

Em vista dos argumentos apresentados, os eventos transformaram-se em potentes produtores do espaço, o que fez deles instrumentos de desejo por parte de grandes empresas e governos. Cabe pensar se, por esses motivos, ter o controle desses eventos não significará, também, ter o controle de uma força produtiva fundamental. Entenda-se aqui o espaço (LEFEBVRE, 1986), o qual influi na transformação das cidades.

### 1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento desta pesquisa, uma das primeiras etapas do planejamento do campo consistiu na elaboração de uma revisão bibliográfica, na qual pretendeu-se apresentar, de modo resumido, os principais pontos discutidos pelos autores que tratam a temática de cidade e evento. Faz parte desta etapa deixar claro onde esta pesquisa se diferencia das demais, já realizadas sobre o tema, e no que esse diferencial pode contribuir para o conhecimento das transformações urbanas na cidade de Parintins, a partir da sua relação com o evento do Festival Folclórico.

Para tal, esta revisão foi pensada a partir de uma leitura sobre o objeto de estudo que se dividiu em objeto teórico e objeto prático. Assim, a revisão bibliográfica do objeto

teórico procurou entender a temática da cidade e do evento, no sentido mais universal dessa relação, a partir de autores e obras de ampla divulgação, sem que para isto tenha sido necessário fazer referência à cidade de Parintins ou ao evento em si. No que diz respeito ao objeto prático, a revisão, em particular, teve como foco conhecer as características e influências do evento do Festival Folclórico face à cidade que lhe dá o nome. Ambas as revisões foram feitas com base numa literatura composta por livros, dissertações e teses. Considerou-se que fazer esta sistematização facilitaria o entendimento da complexidade do tema e um melhor encadeamento da abordagem no texto.

Estudar a relação dialógica entre cidade e evento, requer um olhar interdisciplinar para que se consiga interpretar e compreender como as interações sociais acontecem, resultantes da espacialização do Festival Folclórico de Parintins na forma e no conteúdo da cidade de Parintins, assim como, as suas consequências no modo de vida urbano. Para Morin (2005), o diálogo interdisciplinar acontece quando se compreende a incompletude do conhecimento, na perspectiva do pensamento complexo, uma vez que “é evidente que a ambição da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimentos” (MORIN, 2005, 176, 177). Considerando que as questões de ordem urbanas são *métier*, tanto do Urbanismo como da Antropologia, optou-se por uma abordagem guiada em certa medida pela Antropologia Urbana.

Note-se que a particularidade do trabalho antropológico “em nada é incompatível com o trabalho conduzido por colegas de outras disciplinas sociais, particularmente quando, no exercício de sua atividade, articulam a pesquisa empírica com a interpretação de seus resultados” (OLIVEIRA, 2000, 17). Assim, contribuindo para a interlocução entre as diferentes disciplinas “a construção da antropologia urbana [...] envolve um vasto e diversificado espaço de diálogo com diferentes disciplinas e tradições que lidam com cultura e sociedade” (VELHO, 1999, 7)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> A exemplo do que ressaltam Oliveira (2000) e Velho (1999) destaca-se o Laboratório de Arquitetura e Antropologia – LAA – em Paris, onde a coordenadora Biase (2012), arquiteta e urbanista de formação e doutora em antropologia, ressalta que na Arquitetura o espaço em si constitui-se no objeto de trabalho, enquanto que na Antropologia representa o contexto das interações. “Esta foi desde sempre a definição da relação com o espaço da Arquitetura e da Antropologia” (p.190).

Quando se trata de abordar questões relacionadas às cidades, para Magnani (2003), a escolha da antropologia urbana, como disciplina orientadora, não é recente e remonta à tradição dos trabalhos desenvolvidos a partir de Robert Park, da Escola de Chicago, em 1915. Segundo o autor, a “antropologia urbana não deixa de ser antropologia” (MAGNANI, 2003, 82), e por essa razão se faz necessário “manter-se fiel ao patrimônio teórico e metodológico da disciplina, ao mesmo tempo em que é obrigada a trabalhar outro tipo de recorte” (MAGNANI, 2003, 83). Desta relação resultam contributos para a antropologia urbana quando o objetivo de uma pesquisa consiste em compreender certo fenômeno urbano, uma vez que “tem à sua disposição um legado teórico-metodológico que, não obstante as inúmeras releituras e revisões, constitui um repertório capaz de dotá-la dos instrumentos necessários para enfrentar novos objetos de estudo e questões mais atuais” (MAGNANI, 2003, 83).

Assim, olhando para a tradição da antropologia urbana, enquanto disciplina orientadora de olhares para as cidades, e o conjunto teórico e metodológico que tem à sua disposição para operacionalizar esse olhar, pensou-se ter sido, pelas contribuições apontadas, o caminho adequado para nortear esta pesquisa. No caso deste trabalho, que segue uma linha interdisciplinar, o pensamento desses autores fundamenta o viés analítico baseado nos postulados da Antropologia Urbana e na possibilidade de diálogo dessa área com outras disciplinas. No entanto, quando se adota o caminho etnográfico, conforme tentou-se fazer aqui, cabe ressaltar que a antropologia ocupa um lugar central nesse diálogo entre disciplinas, uma vez que o método etnográfico é por essência o instrumental desta ciência.

Dessa forma, importa dizer que a realização do campo, foi conduzida por este tipo de método e sua utilização demonstrou importância na obtenção dos dados, na medida em que o modo de aproximação do pesquisador com os seus pesquisados permitiu a reformulação, por parte do pesquisador, do seu primeiro olhar, baseado apenas na observação, num olhar posteriormente enriquecido e qualificado pelo contato e aprofundamento da pesquisa. Levando-se em conta que:

[...] etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha o seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para captar e descrever a lógica de suas representações e visão de mundo, mas para, numa relação de troca, comparar suas próprias

representações e teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2003, 84, 85).

<sup>2</sup>Assim, ao escolher o método etnográfico tentou-se estabelecer relações entre os conceitos de cidade e evento a partir de um olhar multireferencial, traduzindo-se num trabalho refletido e capaz de caminhar na busca dos dados empíricos por meio do ouvir, do escrever e do interpretar, construindo assim uma tese à semelhança da ação do artesão.

A fase de coleta dos dados propriamente dita foi dividida em quatro etapas. A primeira etapa consistiu no levantamento de fotografias, jornais regionais, dados do turismo da cidade, livros indisponíveis para venda no mercado e letras de toadas sobre a cidade de Parintins, o festival e a tradição dos bumbás, junto à Biblioteca Municipal de Parintins, Secretaria Municipal de Turismo e Prefeitura Municipal. Este primeiro momento foi útil para entender como a relação do festival com a cidade se evidenciou através da mídia e do turismo ao longo do tempo.

A segunda etapa consistiu na observação da dinâmica urbana da cidade de Parintins, onde se inclui a visita à Associação Lindolfo Monte Verde e às agremiações folclóricas, Garantido e Caprichoso, tanto no período da festival como fora dele. Nesta etapa, utilizou-se como recurso o diário de campo, inspirado na afirmativa de Geertz, entre a necessidade de combinar o “Estar Lá, Escrever Aqui” (GEERTZ, 1989, 58). Para o autor, essa combinação consiste ainda em:

[...] Estar Lá é uma experiência de cartão postal, que afinal requer algo mais do que um caderno de anotações, a disposição de tolerar um certo grau de solidão e desconforto físico, e a espécie de paciência capaz de suportar uma busca interminável de invisíveis agulhas em infinitos palheiros. É o Estar Aqui, um duto entre doutos, que faz com que o antropólogo seja lido... publicado, criticado, citado, ensinado (GEERTZ, 1989, 58).

Assim, o diário de campo serviu para registrar impressões e indagações pontuais, como datas importantes que marcaram a trajetórias dos bumbás, períodos de aconteci-

<sup>2</sup> Entretanto, cabe lembrar que nenhum método dá conta de compreender um determinado fenômeno na sua totalidade e, que, sempre haverá como recurso os contributos da hermenêutica. Vale referir que a antropologia moderna rompe com a tradição especulativa, nesse sentido enquadra-se a hermenêutica. Esta corrente em muito contribui para a Antropologia Interpretativa, na qual Geertz, autor referenciado neste trabalho, ocupa um lugar de destaque, na medida em que sua interpretação leva em conta a complexidade dos fatores e a relativização do contexto onde ocorrem. Nesta nova denominação passam a coexistir quatro paradigmas relacionados às correntes antropológicas: a racionalista e estruturalista, a estrutural-funcionalista; a culturalista e o hermenêutico (OLIVEIRA, 1988).

mentos relacionados às memórias do Festival Folclórico e da própria dinâmica dos bois no seu cotidiano, bem como a síntese de cada dia de campo. Esse recurso possibilitou a sistematização das primeiras narrativas recolhidas na pesquisa. Durante a observação foram feitas também imagens pessoais obtidas com consentimento por parte dos sujeitos, tendo esse material se demonstrado útil na compreensão e percepção das observações, a partir de uma nova possibilidade de olhar o campo.

A terceira etapa foi basicamente de entrevistas, seguindo um modelo semiestruturado, realizadas com pessoas que residem na cidade de Parintins. Nessas entrevistas privilegiou-se tanto moradores antigos como mais recentes, no sentido de obter as narrativas que perpassam as influências culturais de uma determinada época ou moda, para assim conseguir encontrar as possíveis regularidades e inconsistências, independentemente de serem adeptos das agremiações folclóricas, Garantido ou Caprichoso. Essas entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Ressalta-se que apesar de ter havido as mesmas ações para se chegar a essas pessoas, no sentido da obtenção dos dados empíricos, bem como o cuidado em não priorizar pessoas ligadas a um boi ou a outro, a receptividade não se deu de igual modo. Por essa razão, a pesquisa contou com um maior número de entrevistados relacionados a um dos bumbás. Cita-se ainda que as entrevistas tiveram uma dupla contribuição. Por meio delas foi possível esclarecer dados da etapa de observação, dúvidas que surgiram nesse primeiro momento do campo, bem como complementar informações que escaparam ao pesquisador.

A quarta e última etapa voltou-se para a análise dos dados, por meio de qual foi feita também a estruturação dos capítulos da tese. Para fundamentar a pesquisa, essa fase foi norteada por autores e conceitos chaves por eles trabalhados. Paralelamente foi sendo ampliada a revisão bibliográfica, a partir de outras leituras que se mostraram pertinentes para fundamentação e auxílio na prática etnográfica. Destaque para, Oliveira (2000), Geertz (1989), Velho (1999) e Magnani (2003). Somando-se aos demais inicialmente lidos, esses autores contribuíram tanto para um direcionamento na utilização do método etnográfico, quanto para uma melhor compreensão do objeto de estudo desta pesquisa.

## 2 A CIDADE DE PARINTINS E O FESTIVAL FOLCLÓRICO

### 2.1 A PARTIDA PARA A ILHA TUPINAMBARANA

A partida faz-se necessária para todos aqueles que se propõem fazer o estudo de algo. O deslocamento da sua esfera pessoal constitui-se condição primordial para conhecer o que está além desses limites, assim como os entrelaçamentos que daí derivam. Por vezes ocorre da partida ser inocente e descomprometida. Inocente pelo fato de não se ter a noção que se deu o passo “fundador” de um novo caminho. Descomprometida por conta do prazo que se possui para o desenvolvimento do estudo, e que no caso deste trabalho estava no início e não se sentia grande responsabilidade. Ou seja, naquele momento, pensou-se que estava-se ali com a intenção de dar uma “olhada” num campo que se intencionava conhecer, mas que para já, não iria gerar grandes comprometimentos.

Para Agier (2015), em *Encontros Etnográficos*, o autor deixa claro que este momento da partida é marcante no processo de conhecimento e/ou descobrimento, do outro ou de nós mesmos, quando em contato com o campo. Assim, segundo Agier (2015), no momento da partida, “não nos damos conta ainda de como (aquele momento) é fundador, pois é nesse distanciamento de si que se criará a relação com aqueles que são ainda desconhecidos e se tornarão suficientemente próximos, um dia, para que um conhecimento nasça desse encontro” (AGIER, 2015, 19).

O momento da partida é fundador na medida em que é irreversível, é para sempre, e se não o é em termos espaciais e temporais, o será na questão das relações com o outro e consigo próprio. Assim sendo, dá-se início a uma nova etapa com vista à descoberta e conhecimento, que, num primeiro momento, “descobrir um novo lugar é de início perder-se nele” (AGIER, 2015). Nesse momento “fundador” é importante ter atenção e abertura para trabalhar o olhar, compreender situações e relações, além das que se estabelecem dentro do seu campo disciplinar.

Andrade (2015), em *O Turista Aprendiz*, faz a narração de duas viagens pelo Brasil, onde apresenta um olhar sobre situações que até então eram pouco conhecidas. O direcionar o olhar no sentido do desconhecido ou do diferente é um elemento diferenciador,

e por vezes necessário, na condução e no resultado da viagem. Mário de Andrade neste empreendimento da escrita do *Turista Aprendiz* fez apenas uso de pedaços de papel, sem que estivesse estabelecido um diário de campo “oficial”. Certo que este processo iria acontecer, mas, por sua definição inicial só seria feito após a conclusão da sua viagem quando instalado na cidade de São Paulo. Dessas notas, uma se destaca, na minha leitura, pelo fato de tratar a relação do pesquisador com o campo. Em particular, o sair ou não de si no processo da partida. Nas palavras de Mário de Andrade:

Estou meio desapontado. Tudo a gente desconhece neste primeiro contato com a viagem, pessoas, corredores, decorações [...] Além do mais, me sinto muito urbano, chapéu de palha na cabeça, gravata longa embandeirando no vento [...] Vou pra cabina, abro a mala, tiro o boné [...] É extraordinário como as convenções gesticulam por nós. E inda falam que o hábito não faz o monge [...] Bastou botar o boné na cabeça, olhei no espelho e era eu viajando. Fiquei fácil. Andei com certeza pelos deques, pude compreender o sabor das passadeiras e as colorações de bordo. Os outros viajantes inda não conheço não, porém viraram companheiros (ANDRADE, 2015, 31).

Nessa afirmativa, fica fácil entender que o autor está abordando uma questão maior do que se sentindo propriamente à vontade proporcionado pela troca do seu chapéu. Se por um lado apresenta esse caráter descritivo, por outro entende-se também uma referência a uma segunda dimensão, que passa pelo afastamento de si mesmo no processo de pesquisa e de ida ao campo. Mário de Andrade é um autor que no desenvolvimento da sua obra faz referência a esse deslocamento do “eu”, a partir do momento em que se inicia a partida para novas descobertas e relações que, sem dúvida, vão acontecer no campo de estudo.

Partida de São Paulo. Comprei pra viagem uma bengala enorme, de cana-da-Índia, ora que tolice! deve ter sido algum receio vago de índio [...] Sei bem que esta viagem que vamos fazer não tem nada de aventura nem perigo, mas cada um de nós, além da consciência lógica possui uma consciência poética também. As reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade, tribos selvagens, jacarés e formigões. E a minha laminha santa imaginou: canhão, revólver, bengala, canivete. E opinou bengala (ANDRADE, 2015, 51).

O autor, no texto anterior, faz referência as dois tipos de consciência: lógica e poética. A partir do contraponto de ambas, esclarece que a sua intenção consiste em dizer que quando nos propomos a conhecer um novo lugar ou uma nova experiência, essa relação não é direta entre sujeito e objeto. As mediações são um elemento que se faz presente nessa atividade e, por isso, construímos representações do lugar a partir das mediações

que acontecem através de conversas, leituras e reminiscências. A minha experiência com o lugar de Parintins não foi diferente. As reminiscências de visitas anteriores à cidade e sem qualquer objetivo de pesquisa constituíram-se mediações formadoras numa vontade futura de escolha do objeto de pesquisa.

Nesta caminhada que se inicia com uma partida, é importante compreender que o que será encontrado como resultado de apreensão estará longe de se constituir como verdades absolutas. Ou seja, encerradas numa única possibilidade de explicação e compreensão para tal situação ou fenômeno que se apresentou. Trabalhar com a proposta de entender e interpretar relações num determinado contexto urbano e cultural permite a propositura de diversos entendimentos sobre um fato. É também a partir desse diálogo que pode surgir uma nova leitura sobre uma determinada realidade.

DaMatta (1987), em *Relativizando*, afirma que o campo de excelência para desenvolver comparações entre as ciências sociais e as ciências humanas, acontece no seio da antropologia social. Daí a importância de estudar um fenômeno pelas partes que o constituem e as relações que daí acontecem. Nessa busca, o diferente, que o autor define como “exótico” (DAMATTA, 1987) deve ser valorizado, e daí, considerar as diferenças que acontecem entre nós e esse elemento que nos é estranho com o objetivo de ampliar o nosso conhecimento. As diferenças que acontecem entre as comunidades, as culturas, as religiões são pequenas diferenças numa parte específica que constitui o todo: entenda-se a nossa existência sobre a terra e os desafios que daí advêm. Se temos pequenas diferenças, como descritas anteriormente, esta dimensão superior deverá estabelecer um patamar de união.

Apresentadas as considerações iniciais, é dada a partida para a viagem. Assim, no dia 23 de junho de 2018, do local da “balsa amarela”, espaço de chegada e de saída de embarcações que estabelecem percursos com várias cidades da Amazônia, chego por volta das cinco da manhã para embarcar na lancha que sairia para Parintins às seis horas. Este período de início do dia fazia com que o céu estivesse dizendo adeus à noite e recebendo mais um dia de sol na cidade de Manaus, resultando numa composição difusa de tons alaranjados num fundo escuro que se apressava em sair.

O movimento na “balsa amarela” é grande, assim como os usos que lhes estão associados. Encontramos os vendedores de passagens, de cabos para carregar o celular, de cordas para servirem de extensão no suporte das barras dos barcos regionais, de batata frita, de DVDs, de pendrives gravados com êxitos musicais, de livros de caça palavras entre outros artigos. De modo menos dinâmico, no aspecto do deslocamento, encontramos também as barracas de venda de alimentação, as quais, neste momento do dia vendem o tradicional café da manhã composto por diferentes combinações de ingredientes, entre os quais o tucumã e queijo coalho, que são uma constante, acompanhando o pão ou a tapioca. Para viajantes que pretendam um café da manhã mais reforçado encontram a oferta da sopa de carne e da sopa de mocotó.

Enquanto estas movimentações eram observadas um som se destacava dos demais: um ruído que mais se parecia com o som de um barco de grande dimensão, quando encosta numa guarda de borracha no porto, contudo, numa rotação mais acelerada. Este som provinha de um microfone de um vendedor de passagens, com ofertas de todos os destinos que se possa imaginar dentro da Amazônia, e que no final da fala, ao desligar o microfone, emitia esse som característico.

Destaca-se a repetição das tentativas de venda desenvolvidas por este vendedor através do seu microfone, uma vez que já eram quase seis horas da manhã, horário de partida de uma quantidade significativa de embarcações rápidas, os ajatos, como são conhecidas localmente. As buzinas das lanchas ajato emitiam um som em uníssono, anunciando a partida. Olhei para o relógio e são seis horas e um minuto da manhã.

Era possível observar que no exterior da embarcação, sobre a balsa amarela, a tripulação retirava uma mesa de plástico que dá suporte à atividade de conferência das passagens à medida que os tripulantes vão entrando na lancha. O embarque estava concluído e o rosto de um dos tripulantes era de desalento uma vez que a embarcação estava praticamente vazia. Dos cento e vinte e cinco lugares de capacidade daquela lancha havia apenas trinta lugares ocupados.

Sem grandes hesitações a tripulação auxilia o mestre na manobra de ré da embarcação, a qual de modo ligeiro fez um giro e tomou o seu rumo em direção a Parintins. Pela

janela vai ficando para trás a imagem da cidade das trocas, o sobe e desce da rua para a balsa amarela empreendido pelos vendedores. Ainda era possível escutar o insistente microfone, anunciando a venda de passagens, do qual ao fim de cada fala, ao soltar o dedo do gatilho, que liga a emissão de voz, era emitido o característico som.

Ainda no giro para tomar o rumo, pela janela do lado direito da embarcação, ao longe, a ponte sobre o Rio Negro faz o enquadramento da paisagem, mostrando a grandiosidade da sua estrutura. Já no rumo da viagem os tons da luz do dia eram inspiradores e o sol se levantava alinhado com a proa da lancha. A embarcação era espaçosa, seis cadeiras por fila, um corredor central, e na parte posterior os banheiros, a cozinha e um deck. As cores predominantes eram o vermelho e branco com exceção do teto que era no material de PVC na cor marrom. Este teto, desde a minha entrada na lancha, me remeteu a algo chinês, no entanto, não consegui entender o motivo para tal sensação.

O ambiente estava agradável na medida em que o ar condicionado estava numa temperatura mediana, o que não é muito comum neste tipo de embarcação. Geralmente é colocado numa temperatura bastante baixa e, caso a pessoa não possua algum tipo de cobertura, a viagem tende a ser desagradável. À minha frente uma janela que apesar de diversas tentativas insistia em não fechar. Dessa fresta, pequenos pingos entravam na embarcação misturando-se com a tinta do meu caderno de campo, mas nada que atrapalhasse a escrita das notas de campo.

A viagem continuava com os passageiros se acomodando. Uma senhora que viajava na minha fila, nas cadeiras do lado esquerdo, pela disponibilidade de lugares, deitava-se sobre a fileira de poltronas, ocupando três lugares, cobrindo-se com uma manta felpuda. Concluo que esta senhora desfrutava do sono dos justos na navegação sobre o rio. O sol alinhado à proa do barco começava a entrar pela porta de vidro que dava acesso do comando ao corredor central entre as poltronas dos passageiros. Com isso a senhora que dormia o tal sono precisou ajustar a sua posição para que o sol não incidisse sobre ela.

A viagem continuou com a embarcação oscilando por vezes. Ou seja, batendo continuamente na água do rio e fazendo subir uma quantidade de salpicos sobre a proa. Por conta desse movimento revolto, a tripulação fechou a porta central que dividia a

parte externa com a sala de comando. Em simultâneo, fechou também a porta que fazia a separação da sala de comando para a sala de passageiros. Enquanto isso senti um bater no ombro. Olhei na direção do movimento recebido e vi um tripulante, que em seguida disse: “se quiser tomar café pode ir lá. Café é na mesa. Pode ir lá”. Aceitei o convite e caminhei até ao final da embarcação.

Ao fundo do corredor, entre as poltronas, uma porta separava o corredor de uma sala na parte exterior. Nesta sala era servido o café da manhã sobre duas estruturas que faziam a função de mesa. O corredor ficava no meio e terminava na popa da embarcação onde tinha uma pequena varanda. Na estrutura do lado esquerdo estavam dispostos os pães e as frutas, na estrutura do lado direito duas garrafas térmicas, uma com café e outra com leite. Ao redor desta sala ficavam os bancos encostados à parede, os quais permitiam aos viajantes tomar o café da manhã com conforto.

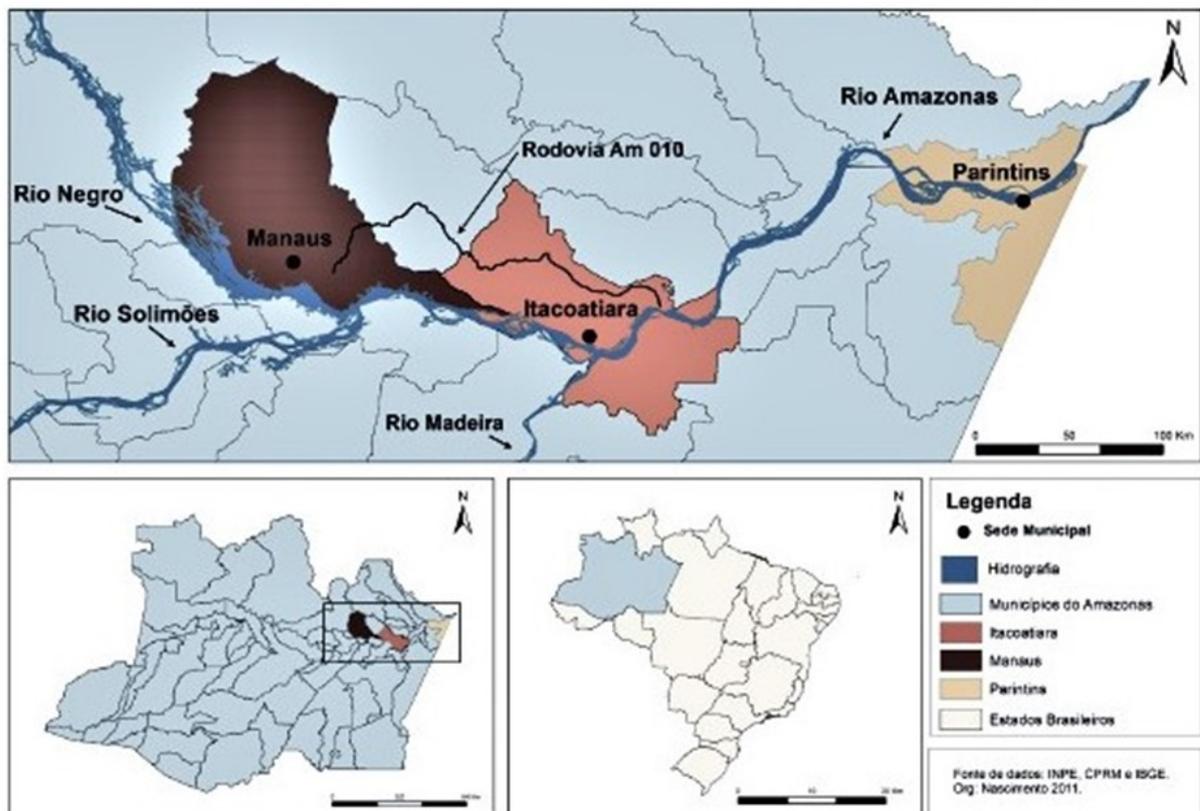
Ainda neste espaço, do lado esquerdo, tinham um pequeno compartimento onde se encontrava uma senhora preparando a próxima refeição, o almoço, o cheiro no ar era de refogado. O barulho nesta sala é intenso por conta da localização do motor da lancha que fica sob o piso daquele espaço. Concluída a refeição regressei à minha poltrona e observei que o sol que antes batia na porta central e atingia a senhora que dormia sobre as poltronas, agora estava no lugar onde eu me encontrava sentado. Quem sabe não foi um prenúncio para descansar alguns minutos.

Às treze horas a embarcação fez uma parada rápida, dois minutos, no porto da cidade de Itacoatiara, para o embarque de passageiros. Ao largo desta cidade, cinco navios de carga estavam ancorados. Na saída do porto até pegar o rumo essa mesma embarcação cruzou com um navio de carga da companhia “Wisdom Line” e, por conta disso, sentiu-se o rio agitado por alguns momentos. Da janela era possível ver pedaços de vegetação flutuando sobre o rio.

Um pouco mais à frente o rio acalmou e ao fundo, pelo corredor central em direção à proa da lancha, era possível avistar um linha verde de vegetação, o Rio Amazonas em cor marrom, as nuvens aparecendo do maciço verde da vegetação e mais alto o azul do céu. A certo momento da viagem um dos passageiros que entrou na embarcação, por ocasião da

parada na cidade de Itacoatiara, pediu para que a tripulação ligasse a televisão. Pedido que foi prontamente atendido.

Figura 2 – Localização da Cidade de Parintins, escala do estado.



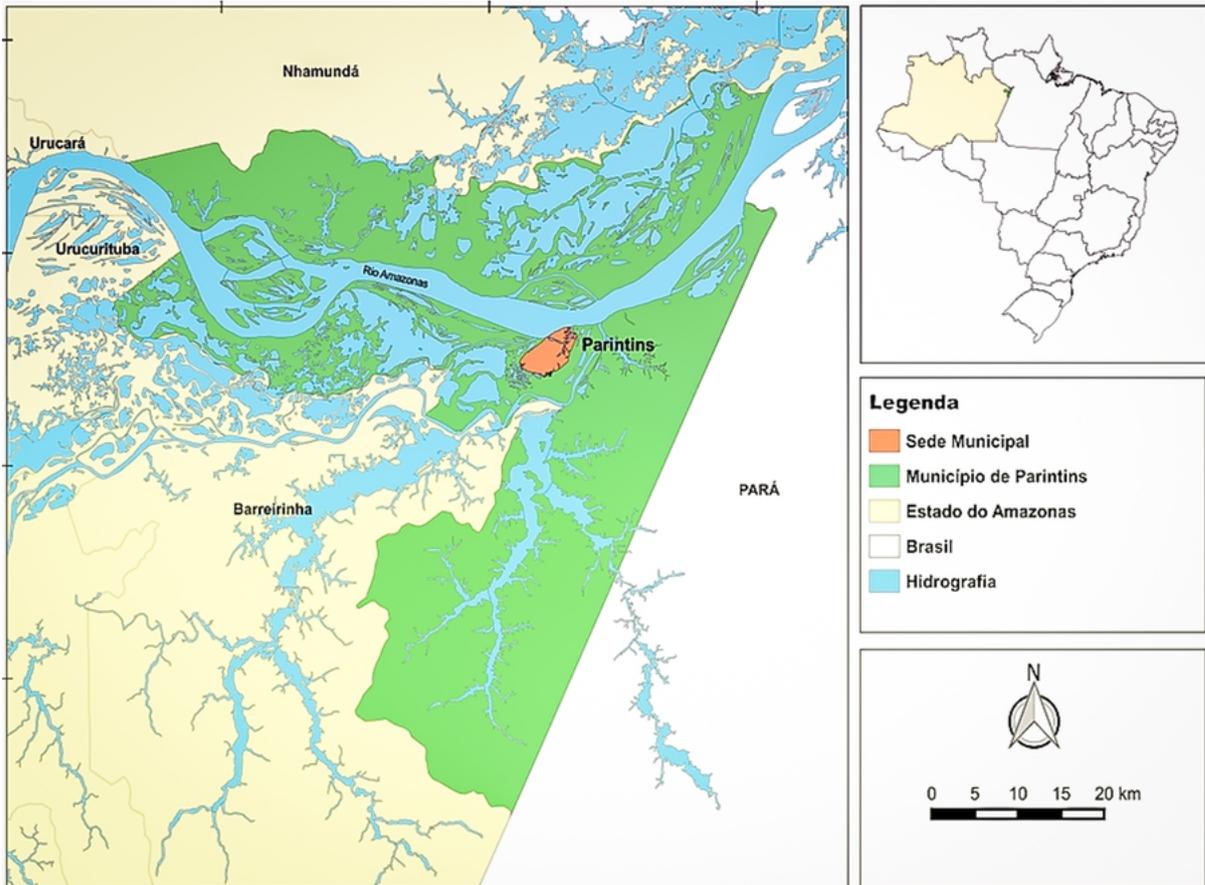
Fonte: Acervo NEPECAB, (2011).

Às catorze horas e trinta minutos já se avistava, ao fundo, na direção da proa da lancha, a cidade de Parintins. De longe se destacavam três edifícios: Um volume branco que é o bumbódromo; a torre da catedral de Nossa Senhora Do Carmo e um volume na cor verde que é prédio de habitação multifamiliar. À medida que a lancha foi se aproximando, do lado direito, se destaca uma bandeira vermelha marcando a posição da Cidade Garantido. O entusiasmo e a inquietação começava a se estabelecer na embarcação e alguns dos passageiros se concentravam na parte frontal da lancha para bater fotos da chegada à cidade de Parintins.

Conforme se observa na figura 3, Parintins é uma cidade insular localizada na margem direita do Rio Amazonas, na proximidade da divisa com o estado do Pará. A distância à capital Manaus é de 420 km, entremeada por rios e igarapés que impossibilitam o transporte terrestre. Assim, os meios de vencer essa distância acontecem por via fluvial ou

aérea. A viagem fluvial tem como alternativa o barco regional e a lancha rápida, comumente chamada por “ajato”, conforme já mencionado. Esta denominação é resultado da sua maior velocidade quando comparada com os outros meios de navegação de maior porte, os barcos de linha ou os regionais.

**Figura 3 – Localização da Cidade de Parintins, escala do município.**



Fonte: Base Cartográfica compilada do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2010. Elaborado por Lauro Santarém Júnior e Crizan Souza, (2018). [vide nota na Lista de Figuras]

A viagem no barco regional tem uma duração de, aproximadamente, 18 horas no sentido Manaus-Parintins e de 24 horas no sentido inverso. A diferença de tempo entre viagens para uma mesma distância tem a ver com o sentido da correnteza do rio, a qual é favorável na saída de Manaus em direção a Parintins, diminuindo em 6 horas a duração da viagem. Nestas embarcações é comum ocorrerem atrasos no tempo estipulado para a duração do percurso, e estes acontecem por variados motivos, sejam por avarias no motor, fiscalização das mercadorias por parte da Marinha do Brasil ou o atraso logo na saída em função de demora de carregamento da embarcação.

As embarcações são construídas em madeira ou em ferro e, na maioria dos casos, divididas em três pavimentos mais o porão de carga. É comum no primeiro pavimento do barco haver uma convivialidade de pessoas e mercadorias, visto que nem sempre o porão é suficiente para toda a carga, ou para evitar o trabalho de descer determinadas mercadorias. O segundo pavimento é reservado para o uso e acomodação dos passageiros que viajam em redes suspensas por varões fixados para esse efeito na parte superior dos decks. Além da possibilidade de viajar na rede também existe a alternativa do aluguel de camarote, contudo a procura é menor, pelo fato dos preços praticados serem mais elevados quando comparados com a rede.

Para obter uma viagem mais confortável os passageiros costumam chegar ao barco com bastante antecedência para conseguir um espaço que lhes permita “pendurar”<sup>1</sup> a rede no piso superior. Esta antecipação proporciona uma viagem mais silenciosa evitando o barulho do motor da embarcação que se localiza no primeiro deck. Quem chega depois tem, somente, como opção os espaços próximos ao motor ou à carga. A relação de ambos, carga e passageiros, é comum e convivem naturalmente. O terceiro pavimento é composto por um espaço amplo que permite ao passageiro apreciar a paisagem, caminhar e usufruir de um bar que, na maioria destes navios, existe neste piso superior. Este pavimento é designado por área de lazer.

Ao longo da viagem os passageiros apreciam a paisagem, dormem nas redes suspensas, fazem as suas refeições e higiene pessoal a bordo. As paradas são rápidas e acontecem com o objetivo de carregar ou descarregar algum tipo de mercadoria ou embarque ou desembarque de passageiros. Algumas vezes assistimos à entrada ou saída de algum passageiro sem que o barco pare o seu trajeto. O transbordo é feito em andamento entre o barco regional e outra embarcação que em muitos dos casos não passa de uma canoa de pequenas dimensões.

Em tempos anteriores, o barco incluía alimentação no preço da passagem. Mais especificamente, as refeições correspondentes ao tempo necessário de permanência do passageiro a bordo em função do tempo de viagem. Para Parintins a média era de três

<sup>1</sup> Termo comumente utilizado pelos passageiros das embarcações.

refeições. Atualmente o serviço de refeições a bordo existe, mas na maioria dos barcos, é cobrado além do preço da passagem. Esta alteração motivou muitas pessoas a levarem algum tipo de refeição feita em casa ou comprada na balsa, que serve de acostamento ao barco no momento do embarque, uma vez que existem muitas opções.

Para a higiene pessoal o barco possui diversos banheiros com vaso sanitário e um chuveiro servidos por água corrente originária do próprio rio em que navega. As condições destes banheiros, na maioria dos casos, são precárias e com o decorrer da viagem, em consequência do uso continuado, apesar de haver alguma limpeza por parte dos funcionários do barco, a higiene vai deixando a desejar.

A viagem de lancha rápida, conforme descrita nessa “partida”, em “Ajato” – no sentido Manaus - Parintins é de 8 horas e no sentido inverso, na subida do rio, são de 12 horas. Metade do tempo, aproximadamente, do barco regional. Na maioria das vezes estas embarcações são pontuais, tanto na hora da partida quanto na hora definida para a chegada. O espaço da lancha é de um único pavimento e a viagem é feita praticamente sentado, devido ao pouco espaço existente para circulação de pessoas. Na área de popa tem um espaço aberto, porém com dimensões reduzidas, o que não permite muita comodidade, além disso, há o barulho dos motores e a proximidade da cozinha que vai exalando o cheiro do preparo da refeição. Neste meio de transporte o preço da passagem já contempla as refeições dos passageiros.

Normalmente são feitas duas refeições: uma ligeira e outra de almoço ou jantar, dependendo da hora da viagem. As embarcações são climatizadas e servidas de várias televisões distribuídas no seu interior. Ao longo da viagem, o passageiro tem a possibilidade de assistir a diversos filmes, não lhe cabendo, por vezes, a possibilidade de seleção. No momento não se tem conhecimento de viagens para Parintins que ocorram, neste tipo de embarcação, no período da noite. No entanto, quando estas embarcações viajam para outras cidades, como por exemplo, Médio e Alto Rio Negro, e quando se trata de um percurso que tem que ser feito obrigatoriamente à noite, em função do elevado número de horas de duração, é comum as pessoas se dividirem, acomodando-se nas poltronas ou chão. Nesse tipo de viagem inexistente a possibilidade da rede.

A terceira possibilidade de transporte para Parintins é por via aérea. O tempo de viagem é de 55 minutos e o porte dos aviões que aterrizam, em Parintins, varia consoante a procura. Fora da época do Festival Folclórico de Parintins, os vôos são feitos por aviões com capacidade de até 70 pessoas, os denominados ATR 72. Já na época do festival entram em linha aviões de maior porte com capacidade de até 135 passageiros.

À época da visita feita na primeira parte do trabalho de campo, o transporte aéreo estava interditado, devido à falta de condições de segurança do aeroporto da cidade de Parintins, “Júlio Belém”. A Agência Nacional de Aviação Civil - ANAC interditou o aeroporto devido à intensa presença de aves, designadas de “urubus”, que se concentram nas proximidades da pista, resultado da proximidade de uma lixeira, colocando, portanto, em risco as aeronaves no momento da aterragem e da decolagem.

À semelhança das cidades da Amazônia, Parintins possui um conjunto de características; mais ou menos acentuadas, mas que a situa numa imagem urbana amazônica, tanto pela sua localização quanto pelas condições de vivência urbana. Destaca-se a relação com o rio, com os barcos, a medição das distâncias em função do tempo percorrido por uma embarcação “Regional”, os períodos de enchente e vazante e daí as diferentes condições ao longo do ano que influenciam tanto na paisagem quanto nos modos de apropriação. Embora Parintins esteja contemplada nas condições que transversalizam uma identidade amazônica, a cidade, apresenta algumas particularidades.

A cidade é dividida em função de uma rede de relações que se estabelecem a partir das bases territoriais da agremiação Garantido e Caprichoso, e que se localizam, respectivamente, a oeste e a leste da ilha. Esta particularidade imprime um contraste no traçado urbano e na organização social da cidade. Além disso, conforme figura 4 e 5, se manifesta na sua configuração territorial, nas cores das calçadas, nas habitações, bem como nos utensílios de uso pessoal e personalizados, entre outros.

**Figura 4 – Divisão da cidade sob as cores dos bumbás. Lado Garantido e Caprichoso.**



Fonte: do próprio autor, (2017).

**Figura 5 – Divisão da cidade sob as cores dos bumbás. Lado Caprichoso.**



Fonte: do próprio autor, (2017).

Assim, este espaço urbano encontra a sua lógica de organização a partir do referencial do leito do Rio Amazonas, diferenciado entre a parte de “baixo”, a jusante, e a parte de cima a montante. Nota-se que essa configuração urbana é constituída de sociabilidades distintas assim como as redes de famílias. Seguindo esta lógica de organização territorial, a oeste, “para cima”, localiza-se o Boi Garantido. A leste, “para baixo” encontramos o Boi Caprichoso. Percorrer estes espaços da cidade é conhecer uma rede de relações entre cultura e sociedade, as quais encontram os seus fundamentos na diversidade que constitui a Amazônia.

O Topônimo “Tupinambarana” constitui-se a partir dos antigos habitantes daquele lugar, os indígenas Tupinambás. “Os povos de língua Tupi ocuparam uma posição simétrica aos de Karib, ao sul do Médio e Baixo Amazonas: distribuem-se a leste do Madeira (Kawahib, Arikên, Tuparí, Tupinambarâna)” (PORRO, 2017, 23). Para Bittencourt (1924) sensivelmente no ano de 1796 em uma viagem de exploração do governo português à região, o Capitão José Pedro Cordovil, seus escravos e agregados ficaram na ilha, para pesca de pirarucu e praticar a agricultura. Nesta fixação imprimiram o plantio de diversas culturas como o tabaco, o cacau, o guaraná e a maniva. É neste momento que se inicia o processo de produção de formação Parintins enquanto cidade.

O município de Parintins é formado por quatro distritos: Mocambo, Caburi, Zé Açú e Maranhão. Segundo dados do IBGE de 2010, a cidade tem 102.033 habitantes, dos quais 69.890 refere-se à população urbana. Estes números colocam-na como a segunda maior cidade, em população, do estado do Amazonas. Em 2017 a população estimada já era de 113.832 habitantes. A relação da cidade com o rio é uma constante, seja pela sua condição cultural, seja pelas características físicas do seu território: uma das maiores ilhas fluviais do estado do Amazonas, com uma área aproximada de 7.069km<sup>2</sup>. Esta condição insular é delimitada por diversos rios: Rio Amazonas, Paraná do Ramos, Paraná do Limão, Paraná do Espírito Santo, Rio Mampurú, Rio Uaicurapá, Lago Macurani, Lago Parananema, Lago do Aninga e a Lagoa da Francesa, reproduzindo ecossistemas de terra firme e mata de várzea. Entretanto, pode-se observar que na cidade de Parintins ainda se encontra um fragmento de outro bioma. O de cerrado, que toma a designação de Campo Grande.

Tocantins (2000) na sua obra *O Rio Comanda a Vida*, descreve a importância da relação existente entre os rios e a vida amazônica. Assim, para o autor “o primado social dos rios, trazendo a marca da geografia singular, revela-se nos múltiplos aspectos da vida amazônica”. A sazonalidade é um desses aspectos determinantes na vida das populações amazônicas, a qual caracteriza-se por duas estações: o período das chuvas, designado de enchente ou inverno, de dezembro a maio, eleva o nível das águas do Rio Amazonas, inunda as áreas de várzea e reduz as possibilidades de pesca, obrigando a uma mudança de atividades, para garantir a subsistência, para as terras firmes onde se desenvolvem as atividades das culturas de ciclo longo. A figura 6 mostra a variação do nível das águas entre período da vazante e da enchente.

**Figura 6 – À esquerda: Orla da cidade em tempo de vazante; À direita: Orla da cidade em tempo de enchente**



Fonte: do próprio autor (2015, 2017).

Observa-se, ainda, na obra de Tocantins (2000), um breve trecho que faz referência a este período, o qual por um lado traz benefícios à população

Quando nas cheias a navegação alcança os sítios mais longínquos”, mas essa enchente muitas vezes vem marcar tristezas, na medida em que essas enchentes “são toldadas pelas inundações funestas, arrasando culturas agrícolas, tragando barrancos, removendo a pobreza franciscana das barracas, levando desespero aos lares, e constituindo uma séria ameaça à economia (TOCANTINS, 2000, 276).

O segundo período corresponde à estiagem, ou verão, de junho a novembro, onde os rios e lagos que constituem esta região voltam a oferecer boas condições de pesca, resultado da vazante. “Nos seis meses de seca o verão derrama sobre o vale o fulgor do sol

em céu azul, descoberto, e o drama nos altos rios é a falta d'água no álveo empobrecido, a água contra a qual se blasfemara no desespero das alagações” (TOCANTINS, 2000, 277). Nesse sentido, pode-se observar que a sazonalidade é uma determinante nos povos da Amazônia, e em Parintins, não é diferente.

Em Parintins costuma-se fazer referência ao termo “Perreché” quando se fala da população que vive num bairro dessa cidade, o bairro de São José, que pelas suas características físicas encontra-se situado numa zona de cota baixa onde ocorre grandes inundações. Dessa condição, e motivado por uma disputa dos bumbás, que competem no Festival Folclórico de Parintins, a população de outros bairros e simpatizantes da agremiação folclórica contrária, o Caprichoso, atribuíram esse termo aos residentes do bairro de São José. Essa atribuição, diga-se popularizada, é feita pelo fato dos moradores desse bairro viverem num local de grandes enchentes e por isso seus pés seriam rachados. Uma espécie de consequência desse contato permanente com a enchente, conforme se pode ler com mais detalhe no desenvolvimento deste trabalho<sup>2</sup>.

No que tange ao processo de produção do espaço urbano de Parintins, este teve um forte contributo da agricultura e da pesca, o que influenciou a paisagem da cidade. Atualmente, Parintins é conhecida, nacional e internacionalmente, como a cidade que alberga uma das maiores manifestações folclóricas do Brasil: o Festival Folclórico de Parintins, que tem como mote a apresentação dos dois principais bois-bumbás da cidade: o Garantido e o Caprichoso. Este evento ocorre anualmente nos últimos dias de Junho e estimula um grande número de turistas a visitar a cidade nessa época do ano.

Segundo levantamento preliminar do Departamento de Estatística da Empresa Estadual de Turismo do Amazonas - Amazonastur, o 53º Festival Folclórico de Parintins, ano de 2018, o número de visitantes, com o desembarque na cidade foi de 60 mil turistas. No ano de 2019, o número de visitantes foi de 66.321 mil turistas. Estes dados parecem deixar evidente a importância do evento no processo de produção espacial da cidade de Parintins.

<sup>2</sup> O clima é equatorial quente úmido, a umidade relativa do ar à volta de 71%, a precipitação anual de 2.275,4mm. A temperatura média é de 26,3°, registrando uma máxima de 35,5° e mínima de 26,3°

## 2.2 MEMÓRIAS E RELATOS ORAIS DE PARINTINS

### Memórias de Parintins

Figura 7 – Frente da Cidade de Parintins



Fonte: Bittencourt (1924, 18).

Se hoje a cidade de Parintins é possível encontrar uma estabilidade no seu nome, em tempos anteriores passou por diversas denominações. Mesmo assim, no presente, além do nome oficial ainda existe uma denominação paralela: “Ilha Tupinambarana” em resultado do povoamento que habitou a cidade na sua origem. Sabemos que a Amazônia é um “caldeirão étnico” (CORDEIRO, 2017, 24) na medida em que o território foi e continua sendo rico em denominações: indígenas, afro-indígenas, caboclos, quilombolas.

Em face desta diversidade cultural de etnias é comum alguns habitantes de comunidades do Baixo Amazonas encontrarem dificuldade de se autodefinirem dentro de alguma das denominações acima descritas. Esta necessidade do indivíduo de se enquadrar numa categoria étnica, o “escolher um dos lados, optar por uma identidade, pode instaurar a segregação numa relação que, ao longo dos anos, parece ter sido pautada mais pela continuidade que pela descontinuidade”(CORDEIRO, 2017, 24). A observação de saberes,

costumes e tradições indicam-nos uma miscigenação entre os habitantes da Amazônia, principalmente, entre indígenas e negros.

O negro ocupa indiscutivelmente posição contribuinte do edifício social amazônico. Também ali a raça se fortificou no eito e no coito. As tradições africanas não predominam em toda a vastidão da planície, é certo, e algumas vezes perderam suas raízes continentais em benefício da cultura amazônica, no seu conjunto com menos caracteres africanos e mais caracteres indígenas (SALLES, 1970, 28 apud BRAGA, 2002, 132).

Entende-se neste contexto que existem vários autores que consideram uma permanência entre o negro e o indígena no processo de formação social e cultural da Amazônia. A doutrina do “essencialismo” quando aplicada à discussão de processos identitários tem recebido críticas por parte de diversos autores em detrimento de uma construção de que “essas identidades são mescladas, compósitas, fundidas no corpo-a-corpo de infinitos contatos e relações socioculturais” (PACHECO, 2012, 222).

Neste sentido, dialogando com as evidências da festa de boi-bumbá, onde se mesclam os elementos afro e indígenas, e também a posição de Cordeiro (2017), pode-se interpretar que a cidade de Parintins foi objeto de “interconexões” entre o indígena, no processo de colonização da região, e os negros escravizados. Contudo, a partir dos “registros, especificamente, sobre a ocupação de Parintins [...] ratificam a presença marcadamente indígena no local, antes da invasão dos colonizadores europeus, da forte presença da igreja católica e da chegada de negros escravizados” (CORDEIRO, 2017, 25).

Cabe referir que a cidade antes de ter o nome atual de Parintins passou por diversas denominações. Tanto na origem quanto na contemporaneidade as denominações resultaram de correlações com etnias indígenas, à exceção do período de ocupação e exploração portuguesa, no qual a cidade recebeu o nome de santos vinculados à igreja católica.

A partir desta perspectiva de análise, existe um número significativo de autores que se ocuparam dos fatos históricos relacionados ao surgimento da atual cidade de Parintins desde o Séc. XVI. , Cf. Bittencourt (1924), Reis (1967), Saunier (2003). A construção da imagem da Amazônia foi construída a partir das narrativas desenvolvidas pelos cronistas que acompanhavam as expedições nesta região. Estas narrativas tiveram influência na formação do imaginário social que ficou vinculado à imagem de Amazônia, como consequência de um

olhar exógeno na descrição dos relatos. Como mostra essa passagem: “qualquer autor que se aventure a escrever sobre Amazônia, seja no campo da poesia, da prosa, da filosofia, da história ou das demais ciências, não deixará de se deparar com a Amazônia construída pelos estrangeiros” (LOUREIRO, 2015, 11).

Do mesmo modo tem-se a defesa de uma “invenção” da Amazônia observando as narrativas que lhe deram expressão. Assim, “a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes” (GONDIM, 1994, 9). Dos autores apresentados é possível concluir que estes relatos são importantes para o conhecimento da região àquela época. No entanto, cabe inferir, que essas narrativas estão recortadas com um olhar exógeno e que resultou num ressoar de lendas do Novo Mundo.

A Amazônia está no imaginário de todo o mundo, como a vastidão das águas, matas e ares; o emblema primordial da vida vegetal, animal e humana; o emaranhado de lutas entre o nativo e o conquistador; o colonialismo, o imperialismo e o globalismo; o nativismo e o nacionalismo; a idéia de um país imaginário; o paraíso perdido; o eldorado escondido; a realidade prosaica, promissora, brutal; uma interrogação perdida em uma floresta de mitos (IANNI, 2015, 20).

Interessa-nos aqui, num primeiro momento, entender o contexto histórico a partir da historiografia existente, a qual se constitui a partir das narrativas dos viajantes. No entanto, numa perspectiva de estudo delimitada à cidade de Parintins. Nesse sentido observa-se que o número de referências à cidade é limitado e nem todos os viajantes que empreenderam expedições pela a Amazônia fizeram menção à cidade no escrito nas suas crônicas. O seguimento que se apresenta baseia-se em “registros esparsos” dos cronistas que passaram por aquela região, conforme sinalizado acima.

Um dos primeiros viajantes a escrever sobre Parintins foi no ano de 1542 na viagem de Francisco Orellana e o frade dominicano Gaspar de Carvajal. Esta viagem, que do Peru com destino ao Atlântico, tinha como objetivo encontrar o país da Canela e o El Dorado. Nesta viagem, pode-se observar uma narrativa do diário de Carvajal, fazendo referência a um povoado, sobre o qual faz descrição de que nas suas margens encontravam-se estacas com cabeças de índios espetadas, o que deu origem àquele lugar com o nome de Las Picotas.

Este *El Dorado* está registrado em diversas cartografias do Séc XVII, com a denominação de Parime Lacvs, de Blaeu, de 1640; e século XVIII com Medrano. Cabe ressaltar que na cartografia de Medrano, além da referência ao Parime Lacvs, também é possível visualizar a presença das populações e suas denominações. Por conta dessa representação é notória a forte fixação de pessoas nas proximidades de Tupinambarana.

Outro ponto importante da crônica de Carvajal consiste na referência a um grupo de mulheres indígenas guerreiras e de forte compleição física e, que, teriam sido avistadas nas proximidades de Nhamundá, cidade próxima de Parintins. Essas mulheres, viriam a ser denominadas de Amazonas, com as quais, o cronista, teria tido um confronto, do qual saiu ferido por uma flecha e perdido um dos seus olhos. A referência a mulheres guerreiras é algo que não foi inédito nesta descrição. Homero no século VIII a.C já reportou a existência dessas mulheres lutadoras. Num dos seus versos é possível encontrar a referência às Amazonas.

Sabemos que os relatos desta época, para além de constituir-se num olhar exógeno impregnado de representações de outros lugares, também estava influenciado por um espírito do tempo marcado pelo medieval. Embora desconstruída a veracidade desses relatos por parte de alguns autores e defendida por outros, o certo é que a transposição deste relato encontrou abrigo no imaginário ficcional da Amazônia, e particularmente em Parintins. No âmbito do Festival Folclórico de Parintins, nota-se que é comum a referência a esta figura imagética, tanto na performance de arena quanto no desenvolvimento de um enredo nativista da letra das toadas. Veja-se o exemplo da toada: *Lendárias Amazonas*, composta por Eneas Dias, João Kennedy, Marcos Boi e Mário Andrade.

Descubra o mito dos muiraquitãs  
 A noite, o lago, o rito, a lua  
 Mergulho, encontro, segredos, magia  
 Os seres do fundo, encantaria  
 Força matriarcal das mulheres da floresta  
 Dominadoras, sedutoras dos Guacari  
 Temidas na guerra, queridas no amor  
 Guardiãs dos segredos dos muiraquitãs (descubra o mito dos muiraquitãs)  
 Petrificados em rãs (cobras, peixes)  
 Amuletos de proteção (ofertados)

Aos parceiros no amor (seduzidos)  
No rito da reprodução  
Dançam, cantam, celebram às margens do lago sagrado Iaci-Uaruá  
As águas do espelho da lua refletem os mistérios do fundo do rio Nhamundá  
O mantra envolvente, a reza crescente  
A fêmea que chega nas mãos da parteira  
Feroz como onça, poder da boiúna  
Nasci Conori, filha da líder Naruna  
Amazonas guerreiras  
Amazonas lendárias  
Amazonas vermelhas  
Icamiabas  
Descubra o mito dos muiiraquitãs

Esta toada foi apresentada pelo boi-bumbá Garantido, no Festival Folclórico de Parintins, no ano de 2012, conforme figura 8, através de uma alegoria desenvolvida pelo artista Roberto Reis e que contou a história das guerreiras indígenas que, supostamente, teriam feito resistência e oposição à expedição de Francisco Orellana.

**Figura 8 – Alegoria da Lenda Amazônica: Naruna das Amazonas, 2ª noite do Festival Folclórico de Parintins, ano de 2012.**



Fonte: Paulo Sicsu, (2012).

Estes registros e muitos outros, no âmbito do cotidiano, provenientes das falas das pessoas de Parintins, deixam evidente a importância do relato de Acuña no processo de formação cultural e artística do que é hoje a cidade de Parintins.

Porro (2017) na obra *O Povo das Águas*, procura mostrar, através de uma coletânea de nove artigos de sua autoria, os quais, estavam originalmente publicados em separado, desenvolve uma análise à situação sociopolítica da Amazônia. Este material foi elaborado a partir dos escritos deixados pelos viajantes na região, exploradores e missionários, no período do século XVI e XVII. Nos seus relatos há uma variedade de temas que abrangem referências naturais, botânicas, organização sociopolítica, artística e mitológica. Para este trabalho, interessa mais o enfoque do modo de vida, da formação dos aglomerados que viriam a se constituir em cidades, em particular, a atual cidade de Parintins que foi o lugar de realização da pesquisa.

No ano de 1561 foi realizada a expedição de Pedro Ursua e Lope Aguirre, ambos de origem espanhola. Nesta expedição, conseguiram descer o Rio Amazonas desde o Marañon, rio que nasce no Peru e vai até à foz do Rio Amazonas, localizada entre os atuais estados do Amapá e Pará. Nos relatos desta viagem não foram encontradas referências ao território que teria correspondência com a atual cidade de Parintins, mas a “efetivos demográficos, quantidade de povoados e a abundância de mantimentos.

Na obra *Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas*, Cristobal de Acuña, faz uma das mais consideradas descrições sobre aquele momento do rio e dos seus habitantes. Este autor, de formação jesuítica, integrou uma comitiva capitaneada por Pedro Teixeira. É curioso referir-se a um fato que pode representar o início da viagem de Pedro Teixeira. No ano de 1636, chegam a Belém dois viajantes, chamados Domingos de Brieva e Andrés Toledo. Estes teriam feito uma viagem saindo de Quito, percorrendo todo o Rio Amazonas até chegar àquela cidade. Este feito levantou a curiosidade dos Portugueses quanto a esta possibilidade, e, no ano seguinte, da cidade de Gurupá, partiram 47 barcos, com setenta portugueses e mamelucos e 1100 índios de remo, com destino a Quito. A viagem teria demorado um pouco mais de um ano visto que saíram de Gurupá em outubro de 1637 e, segundo o relato, atingiram a cidade destino nos finais do ano seguinte.

Durante a estada nesta cidade, o capitão desta expedição fez uma descrição nar-rando os aspectos geográficos e etnográficos sobre as margens do Amazonas. No entanto, aquela época, a presença portuguesa naquela região foi rápida visto que a restauração por-tuguesa estava para breve. Em função disso houve uma manifestação de que a expedição deveria sair daquele território e regressar ao Pará. É neste contexto, que são colocados dois observadores, jesuítas, na viagem de regresso ao Pará; um deles Cristobal de Acuña (PORRO, 2017).

Todo este rio está povoado de ilhas, algumas grandes, outras pequenas, e por serem tão numerosas não podem contar, pois se encontram a cada passo. As mais comuns têm quatro ou cinco léguas, as outras, dez ou vinte, e aquela onde vivem os Índios Tupinambás tem mais de cem de circunferência [. . .] A vinte e oito léguas da boca deste rio, seguindo-se sempre pela mesma banda sul, há uma formosa ilha que tem sessenta léguas de comprimento e, conseqüentemente, mais de cem de circunferência, toda povoada pelos valentes Tupinambás, gentio que após a conquista do Brasil, em terras de Pernambuco, há muitos anos, saiu derrotado, fugindo do rigor com que os portugueses o sujeitavam" (ACUÑA, 1994, 74-148 apud BRAGA, 2002, 270- 271).

Entende-se deste relato que um dos pontos destacados por Acuña são as migrações dos Tupinambá que fizeram um deslocamento desde o Nordeste até aquela localização. Segundo Porro (2017) este movimento teria ocorrido através da Amazônia meridional e atingido, numa primeira etapa de deslocamento, a Bolívia. Deste país em diante teriam empreendido a descida pelo Rio Madeira até à localização que hoje conhecemos por Cidade de Parintins. Os Tupinambarana possuíam uma relação intertribal superior entre os grupos do Médio Amazonas. Os viajantes Spix e Martius, em expedições de estudos pelo Rio Amazonas, estiveram em Vila Nova da Rainha no mês de outubro de 1819, e relataram os seguintes aspectos sobre a população daquele lugar:

Em seis horas de viagem, alcançamos aquela vila, que se acha situada sobre a margem meridional, 20 pés acima do nível das águas, e meia légua abaixo da foz do furo de Abacaxis ou Rio Maués no Amazonas. O lugarejo compõe-se de diversas filas de cabanas, em parte sem janelas, cobertas com folhas de palmeira. Apesar do seu nome, com uma população de cerca de umas 600 almas, goza apenas dos foros de lugar. A princípio, deu início à sua fundação uma missão de jesuítas, constituída com o resto de índios da tribo tupinambás, que, depois de muitas vicissitudes, emigraram da missão da Lagoa Uaicurapá, parte deles para aqui, parte para a Vila de Boim, do Tapajós. Chama-se, por isso, na língua geral, de Tupinambarana (SPIX & MARTIUS, 1981, 114-117 apud (BRAGA, 2002, 283).

Bittencourt (1924), no seu livro *Memórias do Município de Parintins*, inicia a narrativa histórica da cidade de Parintins no ano de 1796, atribuindo a fundação da cidade ao capitão de milícias José Pedro Cordovil, o qual alocou um núcleo populacional naquela ilha, visto que, por conta de epidemias e hostilidades durante o período do século XVIII, sofreu uma intensa redução populacional. Cabe ressaltar que embora Bittencourt (1924) inicie a história do processo de formação da cidade no ano de 1796, segundo Santos (2012), na sua tese *Educação ambiental e Festas Populares: Um estudo de caso na Amazônia* utilizando o Festival Folclórico de Parintins, existe referência a um evento que antecedeu esta data de fundação atribuída a Cordovil.

Quarenta e um anos antes da chegada de Cordovil, no dia 02 de março de 1755, a Capitania do Rio Negro era subordinada ao Grão-Pará e os habitantes da Tupinambarana, afeitos à liberdade, não se conformaram com essa dependência. Aliados aos moradores de Silves, dirigiram petição à Corte de Portugal, solicitando autonomia para a sua Capitania. Logo Parintins, antes de Cordovil, já tinha sido fundada e seu primeiro nome, sem dúvida, São Miguel das Tupinambaranas (SANTOS, 2012, 92).

Saunier (2003) em seu livro *Parintins: Memórias dos acontecimentos históricos* faz referência à obra de Bittencourt. Saunier (2003) coloca o fato de Bittencourt atribuir a fundação de Parintins a Cordovil, embora discorde, em função do resultado das suas leituras da história dos jesuítas. Assim, é de sua convicção de que o fundador de Parintins tenha sido o padre João Felipe Bettendorff, o qual estava autorizado pela Companhia de Jesus para fundação de missões, aldeias e vilas, naquela região.

Era o ano de 1669, quando aqui aportou o padre alemão João Felipe Bettendorff, acompanhado do padre italiano Pier Luigi Consalvi e do irmão Domingos da Costa, em visita autorizada pelo padre Antonio Vieira às missões de nossa região. O referendo Bettendorff era fundador de missões e vilas, e havia fundado a missão dos Tupaiú, hoje Santarém, a 22 de junho de 1661.

As crônicas jesuíticas registraram que ele veio até uma ponta alta sobre o rio, que ficava a cinco jornadas do rio Tapajós [...] e, a 29 de setembro de 1669, dedica uma capela em honra de São Miguel, na aldeia dos Tupinambarana. Era a nossa ilha, hoje Parintins, que teve como primeiro padroeiro, São Miguel.

É, sem dúvida alguma, o dia 29 de setembro de 1669 a data da fundação de Parintins, com o nome de São Miguel dos Tupinambarana (SAUNIER, 2003, 17).

Encontramos assim uma posição dissonante entre os autores, uma vez que Saunier (2003) estabelece a fundação da cidade, tanto em tempo quanto em autoria, de forma diversa à apresentada por Bittencourt. Neste intervalo temporal que vai desde 1669, data

de fundação atribuída por Tonzinho Saunier, até o ano de 1796, data da chegada de Pedro Cordovil, Saunier (2003) ainda faz referência a fatos significativos para a história da cidade de Parintins. A respeito desta cronologia pós-fundação, vejam-se os seguintes trechos da obra do autor:

Vinte anos depois de fundada nossa aldeia, aqui chegou o padre Antônio Fonseca, que veio para cuidar dos Tupinambarana que se espalhavam pelo grande arquipélago do mesmo nome. Foi ao rio Guaicurapá (Uaicurapá), e ali fundou uma povoação, construindo uma capela em honra a Santo Inácio. Não há mais vestígios dessa capela. [1691] De passagem por nossa ilha, o padre boêmio Samuel Fritz, que, vindo de Belém ao Peru, alcançou a boca do rio Tupinambarana (Paraná do Ramos), a 17 de agosto de 1691, chegando à aldeia às 8 horas da noite. Aí descansou nove dias. Foi este padre que publicou em Quito, 1707, um mapa do Amazonas, considerado trabalho fundamental do gênero.

[1714] Era missionário dos Tupinambás, o padre Bartolomeu Rodrigues, que conhecia profundamente a língua tupi. [1719] Os habitantes de São Miguel estavam se mudando para a povoação do Guaicurapá dos Tupinambarana no rio Uaicurapá, e o Pe. Jacinto Carvalho escreveu: Do rio Tapajós a cento e trinta léguas está situada a residência dos Tupinambarana [...] posta num lago de 5 léguas e 20 de comprido.

Era missionário o Pe. Manuel dos Reis, que a denominou São Francisco Xavier dos Tupinambarana, dedicando-lhe uma capela em substituição à capela de São Miguel dos Tupinambarana.

A aldeia estruturava-se cada vez mais. Era habitada por 495 índios, dos quais 284 são instruídos nos princípios da fé religiosa.

Entretanto, breve surgiram epidemias que obrigaram vários moradores a se mudarem para as aldeias de São José, em Boim, no rio Arapiuns, levados pelo Pe. José Lapas. Outros foram para Abacaxis.

Com essas epidemias de sarampo, varíola e beribéri, a aldeia dos Tupinambarana começa a decair.

[1749] O Pe. José Gonçalves da Fonseca escreveu: Abacaxis ou Tupinambaranas [...] Pelas mortandades que tem experimentado não só pela malignidade do clima, que afligiram o Estado desde o ano de 1743 até o presente ano de 1749, se acha com menos da terça parte dos habitantes, os quais só de índios de guerra e serviço, passavam de mil em tempo em que os administrava o Pe. João de S. Paio da Cia., antes das epidemias mencionadas ("Desbravadores", Vol. II, 201).

[1755] Os moradores de São Francisco Xavier dos Tupinambarana (Parintins), unidos aos Sacará (Silves), protestaram contra a decisão de Portugal em subordinar a Capitania de São José do Rio Negro à do Grão-Pará, enviando petição à Corte de Portugal, solicitando autonomia à Capitania do Amazonas. Daí certamente começa a história de Parintins, que se reúne para exigir sua autonomia territorial. Nesse mesmo ano, foram expulsos os quatro jesuítas mais influentes da Amazônia. Sobre esta medida, escreveu Arthur Reis: "Mandava pôr fora do território da Amazônia quatro jesuítas, tidos como perigosos à ordem, acusados de desrespeitos aos delegados do rei, taxados de contrabandistas irrequietos, entre os quais os padres Antônio José Rocque Runderpfund, que missionavam no Madeira" História do Amazonas, 112. Dois anos mais tarde, foram exilados mais de vinte padres: e em 1759, foram expulsos os restantes e confiscados todos os seus bens. Com a expulsão dos padres, todas as missões começavam a regressar, entre elas, a nossa São Francisco Xavier, hoje Parintins, que entrou em total decadência e foi tomada pelo matagal.

[1790] Vieram os índios paraueni, deportados como medida punitiva.

[1790] Por aqui aportou o português, Capitão de milícias José Pedro Cordovil, com seus escravos e agregados. Organizou – como escreveu o historiador Arthur Reis – o núcleo Tupinambarana. Para isso agrupou índios Maué e Sapopé, formando assim uma fazenda agrícola, nos moldes auxiliados pelo Marquês de Pombal. Todavia, não apoiava a agricultura, desprezando os conselhos oficiais. Tornou-se, portanto, grande explorador dos índios, obrigando-os à coleta de produtos naturais, destinados ao comércio. Criou contendas e hostilidades, mantendo relações amigáveis com seus contemporâneos.

Assim, através desta descrição cronológica feita pelo autor Saunier (2003), acerca do surgimento da cidade, fica claro que existiu um ato de fundação e de ocupação daquele território, em data anterior à chegada de Cordovil. Em face da decadência e degradação que o recém chegado Pedro Cordovil encontrou a cidade, talvez levasse a crer que nunca tinha tido uma ocupação consolidada. Contudo, Saunier (2003) deixa claro o processo anterior a esta chegada, que baseando-se em Bittencourt (1924), teria sido o ato fundacional da atual cidade de Parintins.

Neste processo de instalação no núcleo urbano, “Cordovil reuniu inicialmente na missão, a ser chamada de Tupinambarana, índios Maués e Sapupés. Além destes, incluiu ao núcleo, em 1798, índios Paravianas e Uapixanas” (BRAGA, 2002, 279), em conjunto com os primeiros escravos negros, e um efetivo de servidores portugueses, na intenção de proceder à colonização oficial da ilha. O nome da missão dado aquela ilha, fruto da sesmaria recebida da D. Maria I, rainha de Portugal, é resultado da etnia que habitava aquela região: os índios tupinambás, que significa “tupi não verdadeiro”. Além da atividade de atribuir uma denominação, Cordovil empreendeu ações de transformação daquele território através da agricultura, com destaque para o cultivo de “grandes plantações de cacau orientadas para a exportação, o cultivo de tabaco e o preparo do fumo, fabricação de farinha de mandioca, plantio de pequenos cafezais e guaraná” (BRAGA, 2002, 279).

O seguimento das atividades de Cordovil, que segundo o governo deveria passar pelo desenvolvimento da agricultura foi negligenciado e assim é dado a preferência em favor da exploração de produtos naturais, nas quais se assistiu a uma exploração e tratamento hostil com relação aos índios. Isto resultou no empreendimento de fugas e na conseqüente decadência daquele local (BRAGA, 2002; SANTOS, 2012). Os indivíduos que viviam na ilha Tupinambarana deslocaram-se para as margens do Rio Mamuru e lá formaram mocambos

de índios e negros. Naquela época, D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos, Governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro, elevou Tupinambarana à condição de Missão Carmelita, conforme Carta Régia de 1798, decretada por D. Maria I. Através deste ato constitutivo foram transferidos os postos avançados da civilização Tupinambarana ao carmelita Frei José das Chagas (BRAGA, 2002; SANTOS, 2012).

Segundo Cerqua (1980), “o Conde dos Arcos entregou a Cordovil a sesmaria da região entre Zé Açu e Miriti e confiou Tupinambá ao Frei José com o Estatuto de Missão e com o nome de Vila Bela da Rainha, tendo sido doada à Rainha por Cordovil que deveria colaborar com o frade” (CERQUA, 1980, 48).

Frei José das Chagas contribuiu significativamente para fixar as populações indígenas e mestiças no núcleo de Tupinambaranas”, empreendendo ações das quais merecem destaque: “introdução dos primeiros rebanhos de gado bovino em Tupinambarana e a construção da primeira igreja de Parintins, dedicada à Nossa Senhora do Carmo, padroeira da ordem Carmelita, localizada na atual Praça Cristo Redentor, que serviu à população até o ano de 1895 (BRAGA, 2002, 281).

No ano de 1818, a população de Vila Bela, através de uma manifesto com 109 assinaturas, pediu ao rei D. João VI a elevação daquela localidade à categoria de vila e a autonomia da província do Amazonas. A concessão da autonomia viria a ser concedida trinta e dois anos após a data da solicitação, como resultado da constituição da província do Amazonas. No ano de 1832, Vila Nova recebeu a denominação de Tupinambarana e, simultaneamente, foi criada a freguesia da Nossa Senhora do Carmo Tupinambara. Três anos depois, em 07 de janeiro de 1835, inicia o movimento revolucionário a partir de Belém que viria atingir várias localidades da Amazônia.

No entanto, “segundo historiadores, como Antônio Bittencourt, que cita o cônego Bernardino de Souza e Bertino de Miranda, os cabanos não passaram em Parintins. Em fins de 1839, os cabanos estavam chegando às proximidades da Serra de Parintins, alarmando os habitantes de Vila Nova, que fugiam para outros lugares.

O fato do Brasil ter conseguido a independência de Portugal em 1822, na prática, esse processo não derivou em modificações para a Província do Pará, visto que “os postos chave da administração eram ocupados por portugueses e conservadores. Os nacionalistas de valor como Batista Campos e Félix Clemente Antônio Malcher ficaram em postos inferiores, o povo se revoltou e depôs a junta governativa” (SAUNIER, 2003, 73). A partir daí

vários processos se desencadearam com o objetivo de libertar a subordinação do Grão-Pará. Para Saunier (2003), a Cabanagem, constituiu-se num movimento que é reconhecido na atualidade como “o maior movimento nacionalista havido no Brasil e o único movimento no mundo feito exclusivamente pelo povo que chegou ao poder” (SAUNIER, 2003, 74).

Em 1848, houve a declaração de Vila com a denominação de “Vila Bela da Imperatriz”, embora não tenha sido efetivada por falta de preenchimento de formalidades. Esta condição foi confirmada três anos mais tarde, em 1852, na data de 15 de outubro, mantendo a mesma denominação. Obteve a elevação à categoria de cidade, em 30 de outubro, com a denominação de “Parintins”, fazendo homenagem aos seus habitantes mais antigos – os índios parintintins (CERQUA, 2003; SANTOS, 2012).

### **Relatos orais de Parintins**

Em uma das idas à cidade de Parintins para cumprir trabalho de campo, foi possível conversar com a Dona Maria do Carmo Monteverde. Uma senhora nascida em 1937, no interior de Parintins e filha do criador do boi-bumbá Garantido: O Mestre Linfolfo Monteverde. É importante citar que desde o início desta pesquisa, até ao momento da escrita deste capítulo, tive o privilégio de conversar várias vezes com a Dona Maria do Carmo. Vale ressaltar que a frequência dessas conversas fez dela uma interlocutora importante neste trabalho. Desde o primeiro momento em que me dirigi ao “Curralzinho da Baixa do São José”, espaço de origem do boi-bumbá Garantido, a Dona Maria do Carmo recebeu-me de um modo muito amável e sempre demonstrando uma solidariedade em nos fornecer informações a respeito da história do seu pai, da cidade e da baixa do São José. Grande parte dessas falas não foram registradas em consequência da facilidade de contato que tínhamos com ela. Por isso sempre íamos deixando para uma próxima.

Numa dessas visitas a campo, mais precisamente no dia 24 de dezembro de 2018, procuramos a Dona Maria do Carmo na Baixa do São José. Apesar de já se estar às vésperas da noite de Natal, essa condição não foi problema para que Dona Maria não pudesse me receber, inclusive com a mesma disponibilidade das vezes anteriores. Nessa ocasião, o convite para sentar e tomar um café iniciou os preparativos da conversa que

viria a acontecer na varanda de sua casa no referido bairro. Durante a conversa a ênfase de questionamento e de interesse da pesquisa, incidiu no modo de vida da Baixa do São José, mas em certos momentos existiram referências à cidade numa escala que foi além da singularidade do próprio bairro. Este elemento natural que é determinante na vida das pessoas também não passou despercebido na fala e, principalmente, na sequência em que foi utilizado.

Como escreveu Leandro Tocantins, “O rio comanda a vida”. Afirmação que se mostrou real nesta entrevista. Dona Maria do Carmo faz referência ao alargamento que o rio sofreu entre margens ao longo do tempo. Apontou como um dos motivos a intensidade do número de transportes fluviais que passam na frente da cidade, em especial, os ajatos. A velocidade dos ajatos formam uma onda no rio que se estende até às suas margens. Ao bater na margem vai provocando a erosão destas e a sua derrocada. Como argumenta na sua fala “o Rio Amazonas era estreito; não era largo assim, dessa condição que ele hoje está, ele era estreito, a gente enxergava para o outro lado. Eu via os vaqueiros do outro lado tocarem gado pelas três horas da tarde, por ai, tudo a gente percebia”. O “outro lado” a que se referiu, neste caso específico, em função da sua localização, é o Limão. Local onde Dona Maria do Carmo tem uma casa e criação de animais.

Outro ponto colocado tem a ver com a forte mata que existia em Parintins. Em certa época, do auge da seringa, as atividades relacionadas a extração da borracha eram prósperas. Dona Maria ao fazer referência a este fato vai falando de algumas espécies arbóreas. Uma delas é o Pau-ferro que, segundo ela: “[...] era duro para o povo cortar, eles chamavam de pau-ferro. Ele é de folha meia fina, mas crescia imensamente e tudo isso aqui [...]”. Sua fala fazia referência à Baixa do São José, que possuía esse tipo de árvore em bastante quantidade. Acrescenta Dona Maria: “[...] meu pai com outros amigos que ele fazia puxirum, ele pegava as tartarugas lá pelo Rio Amazonas, que tinha bastante, aí ele convidava o povo para vir ajudá-lo a cortar os paus para poder fazer as casas”.

Ao se referir a temática das possibilidades de formação acadêmica que existiam em Parintins na década de 1960, justifica que só aprendeu a ler com 12 anos de idade em consequência da falta de professores na região. A alternativa que existia era mandar

os filhos para Manaus para como ela própria disse “se elevarem” mais rápido. No entanto, essa ida requeria que os pais tivessem condição financeira para tal. A cidade, em termos de ensino, só oferecia até à 4ª série. Na década de 1960 surgiu o colégio do Carmo. Disse-me Dona Maria:

[. . .] quando surgiu o Colégio do Carmo, se não me engano foi em 60, estudei lá já em 60 e aí sim, foi aperfeiçoando, foi chegando o povo já para ir ajudando, mas a gente tinha pouca condição, porque era pago o colégio. Eu estudei 60, 61, 62 e 63 fiquei a meio, casei, aí parei de estudar (Relato de Campo).

Nos anos 1980 chegou o Conquista a Parintins, o que conferiu a possibilidade das pessoas, que tinham interrompido os estudos, de concluí-los.. Fazendo menção ao centro da cidade, mais especificamente a atual catedral, Dona Maria, argumentou:

[. . .] a Avenida Amazonas era caminho, não tinha Nossa Senhora do Carmo“ -, “não tinha, só era mesmo o cemitério lá dentro. A área para chegar daqui – Baixa do São José – na Rua Amazonas era tudo mato, era tudo mato [. . .] A Catedral só se formou em 60, eu casei em 63, estavam construindo [. . .] (Relato de Campo).

Outro registro feito foi com o artista Jair Mendes. Durante uma visita a Parintins, já para efeitos deste estudo, procurei o Mestre Jair Mendes para conversar acerca das suas percepções sobre as transformações urbanas ocorridas na cidade de Parintins, por influência do festival folclórico. Já havia tido contato com o Mestre Jair por ocasião de visitas ao galpão do boi Garantido, também, no momento de montagem das alegorias, nos períodos prévios que antecedem as apresentações dos bumbás na arena do bumbódromo por época do festival.

Esses encontros não nos haviam dado um conhecimento pessoal, por essa razão precisei procurá-lo pela cidade. O primeiro contato, que me deu um posicionamento da casa do Mestre Jair, foi a proprietária de um hotel da cidade. A sua indicação foi a de que sua casa ficaria para os lados do Bairro da Francesa no seguimento da Av. Nações Unidas. Daí já se tinha um ponto de partida para afinar a localização, visto que parecia dar um referencial em termos do todo da cidade. Partí em busca do Mestre Jair, ao longo do percurso fui perguntando a um e a outro, de modo que facilmente localizei sua residência. Na chegada encontrei o Mestre Jair fechando um cadeado de um portão localizado ao lado da sua casa. Dirigi-me até ele, e, apresentei-me. Mestre Jair foi receptivo de tal forma que

se mostrou disponível a minha sugestão de agendarmos uma conversa, a qual aconteceria dois dias depois daquele momento.

Transcorrido esse período, no dia combinado, uma quarta-feira, peguei um triciclo que me levou da orla de Parintins até à casa do Mestre Jair. À medida que ia percorrendo a Av. Nações Unidas, nas proximidades do meu destino, já era possível avistar o Mestre Jair, me aguardando, sentado na calçada que fica de frente para a sua casa e de costas para o sentido em que eu chegava. Um pouco ainda distante, chamo o Mestre Jair e saúdo-o ao que ele corresponde convidando-me para entrar na sua casa.

Esta casa fica localizada de esquina entre a Av. Nações Unidas e uma travessa, sem saída para rua de asfalto, que dá acesso a um braço de rio da Lagoa da Francesa. Logo na entrada da casa, passando uma pequena varanda, tem o seu espaço de sala, parte da casa onde sentamos para conversar. Antes da conversa ser iniciada, o Mestre Jair apresentou-me a sua esposa, Dona Ana, que se encontrava envolvida com algumas atividades na cozinha que fica localizada bem próxima do espaço em que estávamos.

A conversa iniciou e de pronto, em tom de aviso, o Mestre Jair fez uma colocação de que não era bom em entrevistas. De modo convincente, penso eu, respondi que a nossa conversa era com objetivos acadêmicos e deslocada de qualquer intenção voltada às agremiações folclóricas. Logo, objetiva-se um diálogo descontraído e apesar da conversa ser gravada, posteriormente iria ser feita uma seleção dos trechos que de fato responderiam ao objetivo desse encontro.

Iniciei a entrevista perguntando no que a festa de boi teria contribuído para a cidade em termos de espaços públicos e quais espaços foram produzidos. No que a cidade conseguiu ser transformada através do festival? Será que Parintins vive do boi, ou não vive? Mas no sentido da cidade, não propriamente dos bois e daquela política de boi. O que é que os bois, em si, transformaram na cidade? Se contribuíram, se não contribuíram.

Mestre Jair Mendes começou dizendo:

Os bois fizeram uma transformação total na cidade. Não são trinta anos! É antes de trinta anos que começou. Então, você vê que hoje o carnaval do Rio, o carnaval de São Paulo, o carnaval de Manaus e outras capitais do Brasil, é Parintins que faz (Relato de Campo).

Na sua fala, parece querer dizer que em função disso, Parintins é considerada a cidade que tem mais artistas, entre os quais, desenhistas, pintores e escultores, no mundo proporcionalmente ao número de habitantes. Mestre Jair salienta que a cidade de Parintins há 40 anos era menor, em termos de quantidade populacional do que outras cidades do Amazonas; por exemplo Itacoatiara, e que, por conta do “boi”, atualmente é a segunda cidade do estado, a seguir à capital Manaus.

Questionei Mestre Jair acerca da cidade, em particular sobre os espaços construídos, nos últimos trinta anos, que estariam diretamente vinculados ao boi. Fiz referência, como por exemplo, ao bumbódromo, a Praça dos Bois, e reiterei a pergunta no sentido de saber quais teriam sido essas transformações mais significativas. Argumentou Mestre Jair:

Por causa do movimento que o boi faz, a cidade, neh, até é meu primo, Leond Life, construiu em Parintins o primeiro prédio que é de oito andares. Então isso aí ele vendeu para pessoas que querem ver o festival e veem para cá e ficam lá, e, assim, outras e outras oportunidades, outras casas foram feitas para isso, neh?! Todas as famílias, quase todas têm um quarto para alugar, suíte para alugar e tudo isso é rendimento para a cidade (Relato de Campo).

Na sequência da resposta, em função do exemplo que foi dado, tendo como referência o prédio, é importante fazer uma observação quanto a um fato histórico que ocorreu na cidade, precisamente onde se localiza esse edifício. A localização desse prédio é onde aconteceu um encontro de bumbás e que resultou num tumulto. Na ocasião o Boi Caprichoso aguardou a passagem do Boi Garantido, e em resultado disso, apurados os fatos pela polícia, resultou na ordem de mandar queimar o Boi Caprichoso como penalidade. Este acontecimento deu origem a uma toda que relata a história e Mestre Jair cantou um trecho: “disseram que eu corri, eu corri mas não fui pegado, eu não sou como o Caprichoso que foi preso e foi queimado”. Ao concluir a cantoria, Mestre Jair, espontaneamente, exclama:

Onde já se viu, em Parintins, um prédio? Aqui era pequeno demais. Quando começou o festival, digamos, que, Parintins é uma ilha, neh?! Mas, para cá só era mato, floresta, para cá. Do Garantido para lá, também. Para trás não tinha nada, era só mato, campo. Hoje, para você ver, a cidade, quase toda, aliás, a ilha quase toda é cidade [sic], graças, que eu digo, ao boi bumbá. Ele trás gente de toda a parte do mundo, neh?! Para ver que aqui tem a festa da padroeira, que é muito grande, é famosa, mas o boi trás mais gente para a cidade no tempo do festival. Quase dobra a população. As pessoas que ficam nas arquibancadas não é Parintins, vem de fora (Relato de Campo).

A fala de Mestre Jair mostra a vasta arborização que existia na cidade, ponto que coincide com o relato anterior de Dona Maria do Carmo Monteverde. Mestre Jair aponta a festa dos bumbás, em especial, o Festival Folclórico de Parintins como o principal elemento dinamizador da cidade. Assim, desde a sua implementação até aos dias de hoje a cidade passou por diversas etapas de crescimento em consequência desse evento. Por isso, importa conhecer um pouco desse festival.

### 2.3 O FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS

**Figura 9 – Apresentação do Boi Caprichoso na Arena do Bumbódromo de Parintins**



Fonte: do próprio autor, (2017).

Segundo Durkheim (1968), existe uma flutuação entre os limites que separam os ritos representativos e as recreações coletivas. Para o autor “toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência” (DURKHEIM, 1968, 542). Com essa afirmação Durkheim (1968) corrobora o estreitamento de relações e de sociabilidade já apresentada na fala dos autores anteriores. Ainda acrescenta que o estado de efervescência

pode manifestar-se através de “gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital etc. Enfatiza-se frequentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazer perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito” (DURKHEIM, 1968, 543). Assim, em síntese, pode-se dizer que para este autor as características que transversalizam as festas são: diminuição de distâncias entre indivíduos, o desenvolvimento de um estado de “efervescência coletiva” e a transgressão das normas coletivas.

Nesta perspectiva, o festival é uma manifestação folclórica que atingiu uma dimensão internacional por conta da sua divulgação na mídia. A expressão “um dos maiores espetáculos do mundo” se tornou comum de ouvir sempre que se faz referência ao festival. Braga (2002) interpreta o sentido desta afirmação, feita por Raul Góes, através da comparação com os termos de grandiosidade aplicados a diversos elementos da natureza amazônica, tais como, “ Rio Amazonas, como o maior rio do mundo, ou a floresta amazônica, o pulmão da humanidade” (BRAGA, 2002, 22) e com o boi bumbá não seria diferente.

A prefeitura da cidade de Parintins, no seu vídeo de chamada para o festival folclórico de 2017 usa as expressões “o maior festival de todos os tempos” e “dos maiores espetáculos da terra” como um elemento chamativo para despertar nas pessoas o imaginário ficcional da Amazônia. Esse tipo de estratégia midiática, em torno do festival parece se constituir num potencial de atratividade para o público de outras localidades ao redor do país e do mundo.

As mais relevantes informações sobre o desempenho turístico do Festival Folclórico de Parintins, constam no resultado da Pesquisa Socioeconômica do Festival Folclórico de Parintins, 2010-2018, elaborado pela “Empresa Estadual de Turismo - Amazonastur”. Nesses resultados é possível destacar alguns dados. Por exemplo, em 2018, a cidade de Manaus liderou o ranking de visitantes, com procedência de várias cidades do Brasil, para o Festival Folclórico de Parintins, assinalando, em relação à 2017, um aumento de 1,9%. A tabela anexa mostra com detalhe o percentual de procedência relativo a cada cidade. Contudo não faz referência a números absolutos. Estes dados numéricos podem ser observados com mais detalhe nos anexos deste trabalho.

O espetáculo dos bumbás costuma ser realizado num edifício localizado na parte central da cidade. Segundo Braga (2002), este edifício, adquire o sentido de um teatro de arena, com um enorme palco circular, onde são apresentadas várias cenas que retratam os costumes, mitos, lendas e contos da Amazônia. Por sua vez, contados através de uma narrativa artística, cênica e musical, colocada em disputa na arena do bumbódromo, entre as duas agremiações folclóricas, Garantido e Caprichoso.

Segundo Nogueira (2014) este desempenho "performance" mescla os fundamentos do boi-bumbá com as simbologias do imaginário amazônico. Este autor reconhece que a construção do imaginário acontece a partir dos elementos culturais indígena-cabocla. Contudo, cabe ressaltar que nos festivais de 2017 e 2018 a presença cultural do negro foi forte, em especial no ano de 2018. Neste mesmo ano, o Boi Bumbá Garantido, desenvolveu o tema *Auto da Resistência Cultural*. Sobre a sua divulgação, através da revista de boi de arena, o professor Allan Rodrigues apresentou a seguinte fundamentação:

Resistir culturalmente significa afirmar identidades, lutar por uma sociedade diversa e construir uma nova consciência capaz de transformar o mundo. A resistência cultural foi e continua sendo uma aliada poderosa de diversos povos num enfrentamento de escala universal onde a arte, a criatividade e a paixão são as principais armas na conquista de corações e mentes para a causa de uma sociedade aberta às diferenças e onde a liberdade e a vida sejam os bens mais valiosos (RODRIGUES, 2018, 6).

Se num primeiro momento, através da leitura do trecho anterior, é possível entender o viés de dar voz àqueles que sofreram algum tipo de opressão, o Boi Bumbá Garantido, conforme citado, através do Tributo à Consciência Negra, prestou homenagem aos negros, numa cronologia que narrou problemáticas desde os tempos mais antigos até às situações mais atuais. Observando o ensaio de Marcuse (1965), denominado de *Repressive Tolerance*, cujo objetivo se constitui na reflexão sobre a tolerância no seio da sociedade industrial, somos levados a pensar, a partir do autor, que a tolerância se constitui em si um próprio fim para que estejamos em sociedade.

Assim, o desenvolvimento de todo e qualquer tipo de ações que levem à proteção do homem de possíveis agressões se constitui como precondição para a criação de uma sociedade humana (MARCUSE, 1965). Dentro desta missão de cidadania tivemos a possibilidade de observar que o Boi Garantido, no ano de 2018, pela razões acima descritas, foi

pautado por uma marcante narrativa situada na temática negra, suas histórias de opressão e manifesto aos seus líderes da resistência como tributo à sua consciência. Entendemos que ambos os conceitos caminham juntos uma vez que a necessidade de resistir é consequência da tentativa de imposição de outros valores numa ação de intolerância.

Na contemporaneidade, em função da rapidez do cotidiano, tanto em termos de informação quanto de apelo ao consumo, leva-se a crer que, em alguns casos, determinados valores da condição humana tornam-se esquecidos ou menos valorizados. Assim, considerou-se importante ressaltar o trecho acima do boi de arena 2018, feito pelo Bumbá Garantido, por conta da narrativa desenvolvida durante a sua apresentação. Isto faz perceber os processos de luta e resistência do povo negro e suas árduas conquistas, as quais na maioria das vezes são pagas com a sua vida, para fazer valer e ter reconhecida as suas identidades e liberdades de serem quem eram.

Se o folclore de Lindolfo Monteverde, fundador do Boi bumbá Garantido, entre outros bumbás existentes à época, era visto com rejeição, por parte das elites do tempo, mais uma vez o folclore da poética vermelha e branca se assume como guardião dos valores democráticos e perpassa através da sua arte a mensagem de resistência cultural a todo o país. Importa destacar que o que foi feito no ano de 2018 pelo Boi Bumbá Garantido, a cultura popular e o Festival Folclórico de Parintins, em particular, em razão da sua capacidade midiática nacional e internacional, tem um papel fundamental na sensibilização dos espectadores. Levando em conta a discussão que está sendo feita neste parágrafo, cabe uma referência a uma escola de samba do Rio de Janeiro, Paraíso da Tuiuti, que no Carnaval do ano de 2018 também desenvolveu uma performance onde eram interpretadas cenas da atualidade política e, conseqüentemente, social do povo brasileiro.

É importante entender que a festa, o folclore e a cultura popular, são importantes elementos de análise das condições político-sociais de um Estado; por sua vez elementos indutores de transformação. Pode-se recorrer ao trecho da apresentação da segunda noite do bumbá Garantido para se fazer o fechamento desse raciocínio, segundo o qual, é importante exaltar “as diversas formas de ser, crer e de agir e em favor de uma sociedade justa e diversa”.

O Festival Folclórico de Parintins é um evento que marca o calendário Junino tanto a nível regional como nacional. Evento que chegou a ser televisionado “ao vivo” para todo o Brasil, o que nos leva a concluir, em função da forte capacidade de disseminação de informação da mídia, ser um espetáculo que é do conhecimento do grande público a nível nacional. Assim, observando essa difusão da cultura popular que ultrapassou as fronteiras regionais, situação esta que deu nome a uma toada do boi Garantido “de Parintins para o mundo ver”, o espetáculo sofreu algumas modificações. Dessa forma “O Boi-Bumbá de Parintins se transformou em espetáculo popular de massa, despertou interesse da mídia e se distanciou do modo como se apresenta o bumba meu boi ou o boi-bumbá tradicional” (NOGUEIRA, 2014, 12).

Se por um lado a divulgação através dos principais meios de mídia favorece o impulsionamento do espetáculo e da cidade de Parintins, sob o ponto de vista da economia, por outro, sob a “apropriação do imaginário popular ou do folclore pelo mercado” (NOGUEIRA, 2014, 17) pode-se considerar a possibilidade de um deslocamento sociocultural para o campo dos negócios, ou até mesmo uma transformação em mercadoria.

Nogueira (2014) ao ponderar sobre essa questão conclui que a versão de terreiro do boi bumbá congrega os fundamentos da cultura negra, cabocla, indígena, migrante nordestina e que desenvolviam uma performance despojada quando comparado ao que observamos hoje na arena do bumbódromo, a qual era vista “jocosamente” pelas elites locais. Assim, o autor considera que o “imaginário indígena-caboclo, recriado no boi-bumbá de Parintins, contribuiu para que as culturas dos povos amazônicos conquistas sem espaço de divulgação nas mídias ” (NOGUEIRA, 2014, 17).

Loureiro (2015) ao caracterizar o Festival Folclórico de Parintins destaca que o espetáculo é desenvolvido para ser visto e elaborado com um cuidado que busca a contemplação por parte dos espectadores, um ‘olhar participante’, onde a “realização física e social da arte criadora de uma convivialidade na qual o estético é vetor de sociabilidade, reveladora de uma real emoção estética e efetiva da coletividade. É uma forma de ficção diante da qual as pessoas reagem como se fosse equivalente à realidade” (LOUREIRO, 2015, 351).

Já para (SILVA, 2010) o grande motivo que levou à espetacularização do boi-bumbá

e a conseqüente modificação das formas de produção artística deve-se ao festival de Parintins, criado em 1965 com o objetivo de oferecer uma nova opção de divertimento à população local. De acordo com o autor, no início, o festival era composto por vários grupos de dança populares, pastorinhas, quadrilhas. No entanto, a integração do boi-bumbá ocorreu no ano seguinte em 1966. Não era intenção dos organizadores a competição entre os grupos, no entanto, o forte apelo da população fez com que esta ideia se concretizasse. Em 1968, iniciaram-se as disputas de arena entre Caprichoso e Garantido, momento em que os bumbás ganharam destaque sobre o restante dos grupos que integravam o festival no começo. Esta iniciativa fez surgir modificações no modo de produção do espetáculo e conseqüentes alterações físicas no panorama urbano da cidade de Parintins.

A construção do bumbódromo constituiu-se como fator determinante para o impulso do Festival Folclórico de Parintins. Se por um lado a cidade viu crescer a sua estrutura e modificação dos espaços públicos por conta da construção do bumbódromo, a festa em si, da forma como ela acontecia até então, na opinião de alguns brincantes da cidade, acabou sofrendo transformações. Ou seja, com as mudanças, as pessoas passaram a não ter mais a possibilidade de “brincar” como antes. A participação no folguedo como brincante, só se dá ao ingressar no corpo de brincantes que entram na arena, do contrário assiste-se das arquibancadas, podendo participar no “item” galera.

Hoje, é comum, ao caminhar por Parintins e conversar com os seus habitantes, escutar as afirmações de que “o boi não é mais nosso”. A população sente que a transformação e a espetacularização do boi causou uma elitização do festival, tendo como público alvo, pessoas de outros estados, países e com condições financeiras que lhes permitem pagar o preço da “espetacularização” do evento. Situação coincidente com as falas do Mestre Jair Mendes. Para além da condição acima mencionada, é comum se escutar relatos que defendem que Parintins sem o boi, mais especificamente sem o festival, seria uma cidade com grandes dificuldades econômicas. Se assim fosse, a cidade se igualaria, em termos econômicos, a tantas outras cidades do Amazonas. Afinal a localização de Parintins é periférica com relação às demais cidades, principalmente à capital do estado. A condição de localização de Parintins será objeto de discussão no último capítulo deste trabalho.

### 3 OS LUGARES DOS BUMBÁS E SEUS ESPAÇOS DE MEMÓRIAS

#### 3.1 OS CRIADORES E AS TEMPORALIDADES DOS BUMBÁS

O fundamento da brincadeira de boi acontece segundo uma narrativa do auto do boi, a qual se estrutura a partir de uma lógica de morte e ressurreição desse animal. A partir deste elemento fundador pode-se encontrar a sua interpretação em três lugares distintos: o boi de terreiro, o boi de rua e o boi de arena. Cabe ressaltar que não está implícito um grau de evolução entre eles e que todas as etapas ainda coexistem na cidade de Parintins, apesar do Festival Folclórico de Parintins ser a vitrine do boi de arena e, por isso, ser o mais divulgado e o mais conhecido.

A modalidade que será tratada nesta sessão está no âmbito do “boi de terreiro” e “boi de rua”. Na origem dos bumbás de Parintins é difícil dissociar uma da outra em termos temporais, visto que essa divisão não aconteceu. No entanto, as suas características de performance vinculadas ao lugar é diferente. Assim, num primeiro momento, será abordado o “boi de terreiro” e que se constitui através da vontade de um ou mais indivíduos em criar este folguedo, e que, na maioria das vezes, encontra a sua sede na propriedade do criador.

O dossiê final do processo de *Instrução Técnica do Inventário de Reconhecimento do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins*, IPHAN (2018), segue a mesma linha exposta nesta descrição e diz que “[. . .] na maioria das vezes, do desejo de um cidadão comum, movido pela magia e paixão desta expressão popular, que funda e se torna dono de um boi, conseguindo mobilizar pessoas para fazer a brincadeira acontecer” (IPHAN, 2018, 71).

Como referido anteriormente, este “desejo de um cidadão comum” (IPHAN, 2018, 71) foi determinante para a criação do Boi Garantido na pessoa do seu idealizador, Mestre Lindolfo Monte Verde, que em seu terreiro de casa, na baixa da Xanda, deu origem ao seu bumbá. Do mesmo modo, o Boi Caprichoso, deverá ter seguido uma trajetória semelhante, mas em decorrência das diversas versões que narram a sua origem, fica mais incerto a vinculação de uma pessoa à figura do seu fundador. Do mesmo modo, a vinculação deste bumbá a diversos donos também fez com que ele tenha percorrido diferentes espaços na

cidade de Parintins e que serviram como base do seu “curral”.

Essa condição específica do Boi Caprichoso fez com que o grau de identificação ao lugar de origem esteja mais diluído quando comparado com o Boi Garantido. A vinculação do lugar da baixa ao Boi Garantido é muito forte e bastante presente em toda a narrativa que perpassa e se entrecruza nos diversos elementos constituintes do folguedo desde a sua origem até à contemporaneidade.

O Boi Caprichoso procura estabelecer semelhante relação em termos de lugar ao Bairro da Francesa e à Rua Cordovil, no centro da cidade, mas o fato deste bumbá ter possuído diversos currais na Rua Cordovil, diluiu as referências, de tal modo, que na contemporaneidade, a maioria dos brincantes talvez desconheça os currais de origem do seu bumbá. Resta-lhes a associação do Bairro da Francesa ou da Rua Cordovil, como o lugar de origem do Caprichoso, mas uma forte indeterminação da localização específica. Conseguem estabelecer um território de origem, mas não a ponto de se definir como lugar.

Como referido anteriormente, na cidade de Parintins, o boi de terreiro coexistiu com o boi de rua. Se num momento havia a brincadeira do folguedo no terreiro do seu proprietário, também era comum o boi sair à rua para se apresentar à porta dos seus padrinhos e aí, desenvolver a performance da venda da língua. Para entender estas duas categorias que o folguedo se classifica, toma-se como exemplo o Boi Garantido a fim de demonstrar essa coexistência. A escolha deste bumbá acontece pelo fato de que os seus eventos realizam-se em data fixa. Por sua vez, o Boi Caprichoso, ao longo dos anos que desenvolvi esta pesquisa, apresentou datas diferenciadas para a realização dos eventos, ou até, a não realização dos mesmos. Assim, no caso do Boi Garantido, são exemplos as festas tradicionais do Aniversário de Lindolfo Monteverde, no dia 2 de janeiro, da Festa de Santo António, no dia 12 de junho, da Festa da Promessa com a ladainha em honra a São João, no dia 24 de junho e a festa da Matança do Garantido, que acontece no dia 17 de julho.

Rodrigues (2006) ao fazer referência às origens dos bumbás, apresenta o Mestre Lindolfo Monteverde como o criador do Boi Garantido, no entanto, quanto às datas da sua fundação faz referência a duas possibilidades consoante as informações disponíveis. A data da “versão oficial” apresentada pela agremiação folclórica é de 1913, a mesma que é

apresentada por Lenildo Monteverde, neto do Mestre Lindolfo, e autor do livro *Boi Garantido de Lindolfo*, escrito em conjunto com seu pai, João Batista, filho de Lindolfo, e amo do boi Garantido durante 16 anos.

A versão anterior é divergente à apresentada pelo historiador Tonzinho Saunier, em que destaca ter entrevistado o Mestre Lindolfo, o qual teria lhe afirmado que fundou o Boi Garantido com 18 anos de idade. Logo, a data de fundação seria 1920. Ainda assim alguns autores contestam essa divergência de datas no sentido de encontrar um denominador comum entre as diferentes versões. O neto do criador do bumbá Garantido afirma que as datas correspondem, contudo é preciso observar a data de 1913 como o momento em que Lindolfo começa a brincar de boi.

Assim, ao completar os 18 anos de idade, Lindolfo transforma a sua brincadeira de criança na manifestação folclórica que veio a dar origem ao que se conhece hoje como boi bumbá Garantido. Isto leva a entender que a menção a data de 1920, é algo enfatizado, por se tratar de um processo que parece ter reconfigurado a manifestação. Ou seja, o que antes era só uma tímida brincadeira de criança, sem grandes repercussões ou engajamento entre as pessoas que dela fazem parte, de 1920 em diante passou a ser uma manifestação institucionalizada no calendário cultural da cidade de Parintins.

Já a origem do Boi Caprichoso, através da versão da professora e folclorista de Parintins Odinéia Andrade, Rodrigues (2006) cita a data de 1913. De acordo com a sua versão os criadores do boi-bumbá Caprichoso foram os irmãos Raimundo Cid, Pedro Cid e Felix Cid, oriundos da cidade do Crato, no estado do Ceará, e que aproveitando as condições favoráveis do desenvolvimento da economia naquela região, teriam prometido a São João Batista que caso prosperassem economicamente naquela cidade colocariam um boi na rua.

Além da versão oficial mais possibilidades são referidas: a primeira é de que o bumbá teria sido criado na casa de João Roque por um grupo de pessoas composto por Emídio Vieira, seu Vitório e Dona Fé, os irmãos Cid, os coronéis Meireles e Nina, os senhores João Ribeiro, Dico e Mestre Rocha, bem como pelas senhoras Palmira, Sila, Virgínia, Duquinha Cruz e Maninha (RODRIGUES, 2006). Partindo de uma sugestão do Coronel João Meireles,

que conhecia um bumbá na cidade de Manaus por nome Caprichoso, sugeriu a criação de outro homônimo, sugestão que foi aceite pelos presentes.

Como se pode observar ao longo das colocações dos autores, a discussão acerca da data precisa de criação dos bumbás de Parintins, Garantido e Caprichoso, recebeu especial atenção por época da celebração do Centenário dos bumbás, mesmo assim, as datas oficiais de fundação dos bumbás apresentam divergências quanto à data instituída pelas agremiações folclóricas. A questão ainda vai um pouco além quando se indaga sobre os nomes dos reais fundadores dos dois bumbás.

Apesar de haver divergência de datas e questionamentos sobre quem foram os criadores de cada bumbá, cabe referir que essas dúvidas e questionamentos aparecem com mais frequência sobre o Boi Caprichoso. Veja-se assim, que de acordo com os diversos estudiosos acerca do tema, parece apresentar algumas versões contraditórias tanto em relação ao seu criador quanto ao lugar de origem. Por sua vez, no caso do Boi Garantido, essa dúvida aparenta ter maior unanimidade e atribuir a criação do Boi Garantido a Lindolfo Monteverde e a Baixa do São José como lugar de fundação.

Deste modo, a data de fundação dos bumbás e da autoria dos seus criadores é uma questão recorrente nas discussões entre os torcedores de cada agremiação folclórica, com a intenção de demonstrarem que o seu bumbá é o mais tradicional da cidade. Paralelo à discussão dos criadores e datas de fundação dos bumbás observa-se também, por parte dos pesquisadores, a pergunta de onde terá surgido este folguedo dos bumbás que passou a ter uma presença tão marcante na cidade de Parintins e que se consolidou num forte elemento identitário da cidade, contribuindo para descrevê-la e pensá-la etnograficamente.

Segundo Braga (2002) “existem muitas opiniões sobre a origem comum desses dois bumbás, a ponto de absorverem a atenção dos cultuadores da tradição, preocupados em determinar a genealogia e a transposição cultural, que poderia estar radicada no início do século XX [...]” (BRAGA, 2002, 25). Assim, desta discussão, destacamos principalmente duas teses quanto à genealogia e transposição cultural dos bumbás, as quais perpassam, uma; pela sua vinda do nordeste brasileiro; e outra, de origem europeia.

Rodrigues (2006) reconhece a dificuldade de se conseguir estabelecer uma data

precisa quanto à gênese dos bumbás, visto que os seus criadores não deixaram qualquer documento escrito que possa servir de fundamentação para tal determinação. Dessa forma, para a elaboração do seu trabalho, o autor, seguiu os depoimentos de quem presenciou os fatos, os descendentes e os estudos existentes dos estudiosos sobre o tema. Se para Rodrigues (2006) a data de fundação dos bumbás é imprecisa, por conta da falta de informação, a origem da transposição cultural, dos bumbás, parece evidenciar mais clareza. Assim, com o suporte teórico de Aguinaldo Nascimento Figueiredo, Rodrigues (2006) reconhece que este folguedo foi trazido para o Amazonas através dos migrantes do nordeste, que aproveitando o auge da época gomífera procuravam melhores condições de vida, em finais do século XIX e início do XX.

Nogueira (2014), a respeito das diferentes fases pelas quais o folguedo dos bumbás tem passado, afirma que o “bumbódromo inaugura [...] um novo momento para os bois-bumbás, que é o da necessidade de aprofundamento da racionalização do espetáculo, para pô-lo em sintonia com as exigências da indústria do entretenimento” (NOGUEIRA, 2014, 124). A partir da interpretação desta frase consegue-se depreender duas etapas nesta narrativa folclórica. A primeira se refere a uma temporalidade prévia à construção do bumbódromo que de modo ainda provisório poderia se chamar de tradicional, e a segunda que o identifica como espetacularizado. Terminologia utilizada pelo autor.

Nogueira (2014) faz essa classificação em função das duas formas de manifestação a partir das seguintes terminologias: folguedo de terreiro e de rua e boi-bumbá espetáculo. Como se pode notar, no que foi dito acima, o que delimita estes dois momentos é a construção do bumbódromo. Cabe aqui ressaltar que apesar de existir essa classificação por parte do autor, a primeira forma de manifestação, segundo a sua classificação, não deixou de existir. Ambos os bumbás têm eventos de rua em épocas não coincidentes com o Festival Folclórico de Parintins.

No entanto, a segunda versão, boi-espetáculo, é quem possui mais projeção midiática, uma vez que ocorre durante três noites na arena do bumbódromo e que apresenta a maior capacidade de atração de visitantes, constituindo-se dessa forma no principal evento de boi-bumbá da cidade. As demais manifestações, na maioria dos casos, apresentam-se

para os próprios habitantes da cidade. Com exceção da Alvorada do Boi Garantido, que até onde se pode observar, consegue atrair uma quantidade significativa de visitantes das cidades vizinhas e da capital do estado, Manaus.

Loureiro (2015) utiliza a estética do surrealismo como justificativa para os diferentes modos pelos quais se podem produzir diferentes olhares e sentimentos na percepção e produção artística da tradição popular na Amazônia.

Segundo os surrealistas, é pela sensação que se dá a passagem para o maravilhoso. A superposição do imaginário deflagra a cintilação do maravilhoso e faz com que a população vibre [...], se emocione [...], chegue ao paroxismo diante do Boi de Parintins (LOUREIRO, 2015, 310).

Loureiro (2015) ainda acrescenta que não existe nenhuma sociedade em que o seu espírito não estabeleça relação com o ficcional, o fantástico e o devaneio. Baseando-se nesse pensamento, observa-se que o folgado do boi-bumbá encontra-se carregado desses elementos. Numa correlação ao que Loureiro (2015) coloca, ao falar de temporalidades, pode-se interpretar que o folgado tradicional manifesta no espírito do homem, o ficcional e os devaneios. Veja-se na figura 10 a demonstração de sentimentos face o boi de pano.

**Figura 10 – À esquerda: Criança abraça bumbá Garantido no Curral da Baixa do São José; À direita: Idosa beija bumbá Garantido na Av. Lindolfo Monteverde**



Fonte: do próprio autor, (2017).

Já o folgado moderno, de arena, agrega o fantástico através da inserção das lendas, bichos de fundo, entre outros; o que conduz a “um clima de emoção no sentir a realidade do

mundo que eles vivem” (LOUREIRO, 2015, 318). Loureiro (2015) ao trabalhar o Boi Tinga, folguedo da região do Salgado Paraense e que se enquadra, segundo o autor, na categoria geral de boi-bumbá ou bumba-meu-boi, ressalta que sua origem pode ser compreendida com base na obra *Uma Vigem ao Amazonas*, do autor Frias (1883). Este autor apresenta a cultura africana como hipótese para este tipo de expressão artística - o boi-bumbá – considerando que o folguedo traduz uma encenação ritualizada próxima ao que seria o culto do Boi Ápis no Egito Antigo, “com a inclusão ritual da imolação do boi” (LOUREIRO, 2015, 312). Loureiro (2015) explica que o fato de haver essa veneração e culto ao boi, encontra a sua origem na matriz africana, devido ao fato deste animal ter sido poupado de uma epidemia que dizimou todas as outras espécies.

Assim, por não se conseguir explicar ao certo esse evento, atribui-se esse caráter de cultuação ao boi. Loureiro (2015) acrescenta que Salles (1990), “reconhece a origem negra do Boi-Bumbá”, quando traz uma fala do autor para ilustrar seu argumento, como pode ver nesse trecho: “Em meados do século passado, certos traços característicos desse folguedo, na Amazônia, já se achavam estabilizados, ou quiçá cristalizados, tais como: ser um folguedo de escravos [...]” (LOUREIRO, 2015, 312). Nota-se nesta citação grande proximidade aos fundamentos apresentados pelo boi de arena 2018 - do bumbá Garantido - ao ter como tema o *Auto da Resistência Cultural*, traduzindo no desenvolvimento dos seus subtemas as questões da resistência cultural, a escravatura, e o negro.

Um pouco mais adiante na obra de Loureiro (2015), o autor fazendo referência ao antropólogo Charles Wagley, considera que estes folguedos tiveram a sua origem em Portugal, mas ao serem transpostos sofreram adaptações (LOUREIRO, 2015, 351). Em passagem posterior, ao fazer referência ao historiador Tonzinho Saunier, apresenta uma citação deste autor na qual argumenta que o festival do boi-bumbá foi uma “festa introduzida pelos migrantes do Nordeste brasileiro há mais de cem anos e que se associou à tradição indígena da região” (LOUREIRO, 2015, 357). No desenvolvimento da narrativa, e ainda fazendo uso das informações de Tonzinho Saunier, Loureiro (2015) ao falar da cidade de Parintins faz o posicionamento das agremiações folclóricas seguindo um critério de topografia: “na parte alta e na parte baixa” (LOUREIRO, 2015, 359). “para cima é domínio

do Garantido, que tem o seu curral na Baixa do São José [...] e, para baixo, domina o Caprichoso [...]” (LOUREIRO, 2015, 359).

Com base na citação anterior, observou-se uma troca, uma vez que, foi atribuída a parte alta da cidade ao Boi-Garantido e a parte baixa ao Boi Caprichoso, quando na realidade a situação é inversa. Este suposto equívoco gerou curiosidade em entender de onde partiram essas informações, as quais pareciam sugerir uma possível conclusão. Ou seja, importa referir que Tonzinho Saunier ao definir o “para cima” e “para baixo” não partiu de critérios topográficos para desenvolver a sua argumentação, mas do fluxo do Rio Amazonas, tomando a referência do montante “para cima” e jusante “para baixo”. Logo, correta a sua descrição anterior.

Tenório (2016) apresentou três periodizações pelo qual o folguedo do boi-bumbá passou em Parintins: período do boi-de-roda; período do boi-de-palco e período de boi moderno. O período de boi-de-roda aconteceu no interstício de 1917 a 1975, onde, segundo o autor, assistiu-se à afirmação do Auto do Boi e ao contributo dos criadores dos bumbás com destaque ao Mestre Lindolfo Monteverde. Tenório (2016) tem como premissa de que o auto do boi encontrou os seus fundamentos no teatro jesuítico da Amazônia, no qual o criador do Boi Garantido, no desenvolvimento do seu boi, fez uma síntese destes elementos com os fundamentos da cultura do boi-bumbá em Parintins. O texto ao ser assim colocado parece sugerir dúvidas quanto às periodizações.

Por exemplo, se os primeiros bumbás foram Garantido e Caprichoso como é que o Mestre Lindolfo Monteverde, na criação do seu bumbá, sintetizou elementos do auto ibérico jesuítico com a cultura do boi-bumbá em Parintins? Já existia algum bumbá antes da criação destes dois? A resposta é afirmativa. Segundo Tenório (2016) houve entre os anos de 1890 e 1895 a presença de outro bumbá. Ou seja, anterior à data de 1913 tida como oficial da criação dos atuais bumbás de Parintins. Para tal, terá contribuído a chegada à cidade do professor Rufino Souza com o objetivo de lecionar nas escolas de Parintins. Acontece que devido à sua descendência negra os coronéis da cidade não permitiram que ele exercesse a sua atividade junto de seus filhos.

A dificuldade de retornar à sua cidade de origem o levou a devolver a sua atividade

na parte oeste da ilha de Parintins, a qual recebe o nome de Terra Santa. Por se tratar de um homem habilidoso artisticamente, mais precisamente, nas expressões musicais com voz ou com instrumento, esta sua capacidade em conjunto com o gosto por festas levou-o a fundar um boi-bumbá chamado Malhadinho. É no auge da fama deste bumbá que no ano de 1902 nasceu o Mestre Lindolfo Monteverde. Logo, segundo Tenório (2016), pode-se pensar na possibilidade do criador do bumbá Garantido ter sido influenciado por este bumbá, no qual se baseou para fazer a síntese de fundamentos na criação do Garantido.

O segundo período apresentado por Tenório (2016) denomina-se de “boi-de-palco”, cuja existência vai de 1975 a 1995, a qual corresponde a uma alteração dos “líderes” no desenvolvimento e na gestão dos bumbás. Do lado vermelho e branco, o Boi Garantido, os irmãos Zezinho Faria e Paulinho Faria e, respondendo pelo bumbá contrário, o Boi Caprichoso, Lurdita Lago, Odinéia Andrade e Alcinelcio Vieira. Segundo Tenório (2016), ao ser fundado o Festival Folclórico de Parintins, o boi de roda é extinto dando lugar ao boi-de-palco.

Essa passagem de um para outro marca o momento em que são inseridos os regulamentos e os itens de pontuação. Observa-se que os itens de pontuação tem sofrido diversas alterações ao longo do tempo, alterações essas que vão desde a inclusão de novos elementos até a retirada de outros ou ainda a permanência de alguns deles, mas sem o critério de avaliação. O autor fez referência que apesar das modificações na estrutura artística e de gestão, a dimensão dramática mantém a sua fundamentação na “poética jesuítica do Auto do Boi, na realidade medioamazônica entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX” (TENÓRIO, 2016, 19).

O terceiro período Tenório (2016) denomina de “boi moderno” e a data da sua regência está compreendida entre 1995 e 2015. O autor utiliza a expressão “dias correntes” para o término deste período observando o ano de 2015, data de publicação do seu livro. Este dado poderia ser interpretado até a contemporaneidade, uma vez que não se observa alteração significativa na estrutura do espetáculo nestes três últimos anos. No entanto, talvez em trabalho direcionado para o tema conseguísse identificar alterações significativas na construção artística e na plasticidade do espetáculo, através da inserção de tecnologias.

Por conta do rigor que se pretende para este trabalho manteremos a data do término do “boi moderno” em 2015.

Monteiro (2004) no texto do prefácio de sua obra acerca do boi-bumbá posiciona-se contrário à ideia de que o boi-bumbá encontra as suas origens no Nordeste Brasileiro, conforme argumenta que “nunca me sensibilizou a notícia corrente da origem nordestina do nosso “boi”, mesmo porque anos antes de encorajar o espírito com aleatórias conversas de esquina eu já havia lido vários autores e sabido como funcionava na Eurásia o mito do Touro” (MONTEIRO, 2004). O autor continua dizendo que após pesquisas na biblioteca pública de Manaus foi levado à confirmação de que “o nosso bumbá é mesmo de origem eurásica e nos foi transmitido pelo colono português a partir de 1787, documentadamente e não pelos nordestinos, cuja entrada no Amazonas data episodicamente (em migração não seletiva) de 1877-1888-1940” (MONTEIRO, 2004).

Mário Ypiranga Monteiro faz referência de que muitas vezes o “fato social” não está tão evidente ao pesquisador de campo, principalmente, se este não tiver uma experiência em história antiga da sua região e até da Eurásia. Assim, faz uma crítica às teses de que os bumbás teriam origem na África, a partir das seguintes palavras:

Não possuindo qualidades de pesquisador de campo e de gabinete o leigo se escorre vulgarmente da primeira porta fácil que encontra. E essa porta ou está na África negra ou no Nordeste. O bisonho não compreende que a África negra não portava condições para a criação de um fato cultural que dependia de religião e economia, tendo como objeto o boi real. E mais: que dança do boi nunca foi encontrada na África negra (MONTEIRO, 2004, 149).

Deste modo tem-se a possibilidade de ler um posicionamento que difere da grande maioria das colocações dos autores que abordam a temática. Monteiro (2004) é bastante enfático no modo em que coloca os seus argumentos, não deixando abertura para questionamentos. Não é intenção deste trabalho dizer que a sua colocação é definitiva e por isso fechar, em si, a verdade dos fatos. A ideia aqui foi fazer uma referência ao modo de como o autor sustentou a sua argumentação.

Para compreender a memória do lugar, o trabalho etnográfico permitiu-nos conhecer e interpretar os usos e as funções de cada espaço que constituem a cidade de Parintins e de algum modo estão relacionados ao Festival Folclórico de Parintins. Nesse percurso

constatou-se que a partir dos relatos foi possível identificar espaços que podem ser classificados em função da permanência de uso ou da perda da sua função ao longo do tempo. O caminho etnográfico permitiu essa leitura da cidade. O capítulo seguinte apresenta a conceituação de lugar. Procura estabelecer uma relação entre o registro etnográfico com os conceitos estudados.

Assim, a partir das referências anteriores, apresenta-se os currais “antigos” de cada bumbá. Parte-se do pressuposto que eles contêm algo para além da realização de uma festa, uma vez que agregam identidade e sentimento de pertença entre os participantes. Por isso, foram denominados, aqui, por *lugares*. Deste modo, considera-se pertinente desenvolver uma breve apresentação ao conceito de lugar, a fim de estabelecer as premissas para uma leitura direcionada no sentido da interpretação que foi feita.

### 3.2 O CONCEITO DE LUGAR

O conceito de lugar pode ser compreendido a partir da decodificação entrecruzada de memória e identidade inserida num contexto de tempo. Considera-se ainda importante agregar uma leitura das redes de relações assim como a identificação do território, enquanto referencial para a análise e descrição do urbano. Isto, permitiu compreender tanto o material quanto o imaterial como uma espécie de bricolagem, construída em resultado das trocas que se estabeleceram num determinado tempo ou condição.

Augé (2006), ao definir o “Não lugar”, apresentou por contraste a definição de lugar, considerando que este se conforma através de um entrelaçamento das narrativas entre os seus usuários num dado espaço. De fato, a rede de relações que se estabelece entre os sujeitos num determinado lugar é diversa e realiza-se com intensidades e frequências diferentes. Portanto, necessita de uma capacidade de leitura apoiada num corpo teórico interdisciplinar, a fim de obter respostas sobre a formação de uma identidade que não descaracterize o objeto de estudo. Nesse sentido, ainda sem uma definição acabada sobre o conceito de lugar, e consciente da sua abrangência, necessito conhecer outros autores com olhares diferenciados sobre o tema. Nessa busca de compreender a complexidade do conceito procuro auxílio nos autores Michel de Certeau (2014) e Marc Augé (2006).

Se definirmos o não lugar não como um espaço empiricamente identificável (um aeroporto, um hipermercado ou um monitor de televisão), mas como o espaço criado pelo olhar que o toma como objeto, podemos admitir que o não lugar de uns (por exemplo, os passageiros em trânsito num aeroporto) seja o lugar de outros (por exemplo, os que trabalham nesse aeroporto) (AUGÉ, 2006, 116).

Augé (2006) partiu de uma noção de lugar antropológico defendida por Marcel Mauss como “cultura localizada no tempo e no espaço” e acrescentou a dimensão de “não-lugar”, entendida como um produto da “supermodernidade”. Dessa forma, definiu como não lugares todas as instalações que servem de suporte para a circulação e troca, rápida, de pessoas e mercadorias tais como: aeroportos, autoestradas, shopping centers, hotéis, entre outros.

Ao considerar esta definição de Augé (2006) é importante compreender que a sua conceituação vai além da compreensão dos aspectos da espacialidade e do lugar. O não-lugar, por si só, é inexistente, exceto quando se verifica uma interação humana com ele. Dessa interação, deriva um sentimento de incompletude no processo de fruição desse espaço. Conforme ressaltou o autor “se definirmos o não lugar como um espaço empiricamente identificável, mas como o espaço criado pelo olhar que o toma como objeto, podemos definir que o não lugar de uns seja o lugar de outros” (AUGÉ, 2006, 116).

Assim, o não lugar não se constitui num vazio, uma vez que este se constrói a partir dos entrelaçamentos de relações que se estabelecem entre quem o utiliza. Cabe ressaltar que, tanto o “lugar” quanto o “não-lugar”, se constitui ou permanece na íntegra sob a pureza do conceito que o define, mas têm como característica comum e constante serem antagônicos. Por um lado, o “Lugar” embora sofra modificações que alterem a sua essência, dificilmente perderá por completo a sua memória e referências; por outro, o “não-lugar”, apesar das suas características de possibilidade de reconstrução de relações, mesmo assim, nunca chegará a se constituir na sua completude como o “lugar”.

Podia-se pensar do seguinte modo: Se o lugar pode sofrer um abrandamento e/ou descaracterização das suas relações, e, o não-lugar tem a capacidade de reconstruir esses laços, então, em algum momento os conceitos poderão ter um ponto de encontro e negar a afirmação de que são conceitos contraditórios. A resposta a esta colocação dá-se pela explicação da natureza dos conceitos que os constituem. Assim, a reconstrução das relações no não lugar acontece associada a uma ideia de “contratualidade solitária” ao passo que no

lugar essas relações se constroem por relações de sociabilidade. No “lugar” permanecerão características próprias que congregam um entrelaçamento de vivências, experiências e memórias, e que jamais deixarão de existir apesar das influências da contemporaneidade e suas consequentes transformações no urbano.

De Certeau (2014) entende a construção do lugar a partir da criação lógica das práticas do dia a dia como método de leitura e forma de resgate analítico do cotidiano. O modo como os sujeitos se apropriam, vivenciam e modificam um determinado espaço faz com que ele se transforme num “lugar praticado”. De fato, as práticas que se estabelecem enquanto modo de relação sujeito-espaço determinam as diferenciações entre os lugares, e com a necessidade de uma dimensão existencial de espaço habitado. Este pensamento de separação encontra uma referência na fenomenologia, uma vez que é sua tradição distinguir entre espaço antropológico e espaço geométrico.

Nesta perspectiva o elemento de qualificação de um espaço consiste na ação que nele acontece e não na materialidade ou forma que o mesmo possui. Assim, a noção de lugar instituída no autor define-se pela “ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (CERTEAU, 2014, 184), sendo que esta ordem pode ser transgredida através de uma maneira criativa na articulação dos seus elementos constituintes. Esta ação provém de uma adaptação do conceito de “bricolage” com origem em Levi-Strauss.

Para Certeau (2014) “[...] até mesmo a rua geometricamente definida pelo urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos [...]” (CERTEAU, 2014, 184). Assim, o lugar está em diálogo com as ações e, as práticas cotidianas, que lhe conferem uma condição concreta num determinado tempo, sobre as quais será lançada uma diversidade de olhares com intenções de interpretação da sua ambiência.

Assim, apresentado o entendimento do conceito de lugar, a partir dos autores Augé e Certeau, é possível entender os diversos elementos e significados, acionados através da memória, os quais se estabelecem entre os espaços e seus usuários. Nessa linha de abordagem segue-se a descrição dos currais antigos dos bumbás Caprichoso e Garantido.

### 3.3 OS CURRAIS DO BOI CAPRICHOSO

A Rua Cordovil, localizada na parte alta da cidade, está relacionada com a história do bumbá Caprichoso em decorrência de ter sido nesta rua que o bumbá permaneceu durante um período longo da sua existência. A pesquisa de campo que desenvolvi na Cordovil permitiu-me falar com várias pessoas, entre as quais os filhos do Sr. Luis Pereira que foi um dos donos do bumbá Caprichoso.

Ao longo do campo desenvolvido em Parintins, na maioria das vezes, fiquei hospedado na Rua Cordovil. A sua localização foi estratégica para os trabalhos que precisava realizar, uma vez que aquele próprio lugar era, por si só, um espaço com uma narrativa histórica a ser contada e, para além disso, próximo aos outros espaços que precisava estudar, tais como: etnografia do bumbódromo, Praça dos Bois, currais, entre outros.

Durante tal permanência estabeleceram-se laços com as pessoas da vizinhança e ouviram-se histórias relacionadas com aquele lugar. Naturalmente, com maior ênfase ao bumbá Caprichoso, dado o fato de ter sido ali um espaço das suas atividades. Assim, construiu-se uma rede de relações que permitiram tomar conhecimento dos diversos espaços que tinham servido de curral, na rua Cordovil, ao bumbá Caprichoso. Apesar das diversas publicações que existem sobre a história dos bumbás e o Festival Folclórico de Parintins e de ter uma leitura ampla acerca das mesmas, ainda não tinha atentado para o histórico de mudanças de currais e suas motivações.

Nesses entrelaçamentos de conversas recebeu-se a indicação para procurar a família do Sr. Luís Pereira, o qual teria sido um dos donos do boi Caprichoso. Fez-se esse contato no ano de 2018 e, de fato, foi confirmado que o espaço onde os seus descendentes residem teria sido a sede de um dos currais. À época, naquela conversa, não houve menção a que o bumbá tivesse feito uso de outros espaços para seu curral. A localização deste espaço do curral na Rua Cordovil fica entre os trechos da Av. Armando Prado e Av. Nações Unidas, aproximadamente a meio, do lado esquerdo, sentido bumbódromo. À época fez-se as imagens que se apresentam em seguida. A figura 11 corresponde à vista da Rua Cordovil em direção ao que teria sido o curral do Boi Caprichoso.

**Figura 11 – Localização de um dos Currais do Caprichoso, Rua Cordovil**



Fonte: do próprio autor, (2017).

**Figura 12 – Espaço de um dos Currais do Caprichoso, Rua Cordovil**



Fonte: do próprio autor, (2017).

Segundo a descrição é que na época que aquele espaço era um curral, a configuração dos lotes era diferente, visto que todos eles pertenciam a uma única propriedade. Ainda nessa imagem consegue-se observar, num primeiro plano, duas habitações com uma tipologia semelhante, sendo que a da figura 12 está construída em madeira e a do lado direito já está construída em alvenaria. Desses elementos temos a acrescentar que a casa do lado direito, embora com materiais diferentes da época, seria o lugar da casa do Sr. Luis Pereira, e que teria uma forma semelhante ao que apresenta nos dias de hoje. O resto do terreno seria para uso do curral.

Ainda no mesmo ano, num final de tarde do mês Julho, tivemos a possibilidade de conversar com o senhor Adalberto Brito Lopes, de 60 anos. Ele estava sentado numa cadeira de balanço sobre calçada, em frente à sua casa, na companhia da sua esposa. Era um final de tarde onde uma leve brisa do vento atenuava o calor escaldante que tinha feito, durante o dia, na cidade. O senhor Adalberto contou que integrou a Marujada do Boi Caprichoso durante 50 anos. Durante esse período ocupou, num primeiro momento, a função de instrumentista do surdo e já nos últimos anos, a função das palminhas. Acrescentou que o casal vive na Rua Cordovil há muito tempo, e com base em suas memórias se considera como um dos moradores mais antigos daquela rua.

O senhor Adalberto ao contar sobre os currais, num primeiro momento fez referência ao Boi Campineiro, destacando que o fato de ter ocorrido uma briga entre o Sr. Luis Pereira e o seu filho, Carlos Leucádio da Silva, conhecido como Camoca, terá estado na origem, deste ter ido para a comunidade do Aninga, nos anos 1980, e lá, assumido o Boi Campineiro por um período aproximado de 10 anos. Assim definiu o Sr. Luís Pereira como o proprietário do Boi Caprichoso e o Sr. Assinelson Vieira seu padrinho.

Ao fazer referência à Rua Cordovil e aos seus currais, Adalberto, conta que a rua, naquela época era de areia, e que o espaço dos currais era repleto de mato e de umas formigas vermelhas, uma espécie nativa, que ao picarem a pessoa, produzia uma dor. A remoção do mato nos currais acontecia com a participação da comunidade que faziam um mutirão para realizar esse trabalho. Adalberto acrescenta que a remoção das formigas era feita através da aplicação de fogo, sendo o combustível, querosene, fornecido pelo Sr.

Assinelson Vieira, em função da sua condição de padrinho do boi.

O primeiro curral do Boi Caprichoso, na Rua Cordovil, e segundo relato do Sr. Adalberto foi de propriedade de Francisco Brito Lopes, mais conhecido por Chico. Na sua versão, afirmou que o Boi Caprichoso teve 3 currais ao longo da Rua Cordovil, mas que um desses espaços recebeu por duas vezes a função de curral. Assim, o espaço que foi descrito neste texto e as fotos que se apresentaram correspondem ao primeiro e ao último espaço que teria sido o curral do Caprichoso.

A certo momento questionou-se o Sr. Adalberto pelas diversas mudanças de currais que o Boi Caprichoso tinha feito. Ele respondeu tranquilamente, que os currais eram feitos em função da disponibilidade de terreno. Quando os proprietários precisavam deles, na maioria das vezes para construírem as suas habitações, o curral tinha que mudar de espaço.

Em outro momento houve a possibilidade de conversar com outra pessoa sobre os currais do Caprichoso. Os contatos que havia feito na Rua Cordovil tinham indicado os filhos do finado Luís Pereira, que ainda residiam no mesmo lugar onde o seu pai tinha vivido. Fizeram-se várias visitas ao local a fim de conseguir encontrar os seus filhos, contudo, durante o dia, esse encontro revelou-se difícil. Em conversa com um dos vizinhos, o mesmo disse para regressar no final da tarde, uma vez que nesse horário seria mais provável encontrar os filhos do Sr. Luis Pereira.

Assim se procedeu. No final da tarde de um dia do mês de outubro de 2019, depois de um dia escaldante com temperaturas próximas dos 40 graus, dirigi-me pela Avenida das Nações Unidas até à Rua Cordovil para encontrar os possíveis entrevistados, e conversar com eles sobre os diversos currais do Boi Caprichoso. Na rua, como já dito, final de tarde, as pessoas costumam aparecer nas suas portas colocando as cadeiras sobre a calçada. É o tempo de pegar um vento e se refrescar de um dia tão escaldante. O movimento de motocicletas, em ambos os sentidos, também costuma ser intenso nesse horário.

Dirigi-me ao terreiro que tinha informação de ter sido o primeiro curral do Caprichoso, estacionei a moto próxima ao muro da casa que seria dos filhos do antigo proprietário do boi e enquanto abria o meu caderno de campo para ver o nome da pessoa que procurava, na janela, em frente aonde me encontrava, surge um senhor que me questiona sobre o que

eu pretendia.

Naquele momento explico que estava fazendo um trabalho de pesquisa acerca dos currais do Boi Caprichoso e que já havia estado naquele lugar anteriormente. No entanto, as informações que tinha levantado estavam incompletas e precisava de mais informações além das que havia obtido no primeiro momento. Então em conversas com os vizinhos, fui orientado procurar os filhos do Sr. Luís Pereira para obter mais informações e complementar o que faltava na pesquisa.

A reação do senhor foi afável à colaboração respondendo-me que ele era um dos filhos que eu procurava. O seu nome é Carlos José da Silva Santos, 53 anos. Num primeiro momento, apesar da disponibilidade, perguntou quanto tempo iria demorar a conversa, visto que às 18.00h precisava fazer uma medicação. Prometi que a conversa seria breve e ele logo anuiu.

Expliquei com objetividade que pretendia conhecer quais tinham sido os currais do Boi Caprichoso naquela rua e ao destacar meu interesse o Sr. Carlos ressaltou que aquele espaço onde estávamos teria sido um deles. Ao longo da conversa foram apontados quatro espaços que teriam sido currais do Caprichoso, segundo a versão do entrevistado. Das versões ouvidas, este relato trazia mais uma localização de um espaço que até então nenhum dos outros interlocutores haviam feito referência. Esse espaço consistia num terreno que fica no final da Rua Cordovil, sentido bumbódromo, do lado direito.

O terreno acima mencionado possui uma casa de madeira, mantendo ainda a traça original das casas de Parintins dos anos de início do século. A vedação entre o terreno e a rua é feita através de uma cerca em madeira. Dos diversos campos que tenho feito nesta rua, a casa objeto desta descrição, pela pintura cuidada nos tons de azul e implementação de motivos alegóricos ao festival, sobressai-se das demais. É um espaço que se destaca pelo esmero na pintura das suas instalações.

A afirmação do Sr. Carlos José de que este espaço tivesse sido um curral do Caprichoso despertou a minha atenção, visto que já tinha conversado com várias pessoas naquela rua, e nenhuma delas havia colocado tal informação. Assim, não duvidando da informação dada, mas animado numa possível descoberta, no dia seguinte, voltei a campo

a fim de questionar outras pessoas sobre este fato. Nenhum dos contatos confirmou a informação, tendo alguns deles, em especial o Sr. Adalberto, negado com ênfase de que aquele espaço nunca foi curral do Boi Caprichoso.

As várias mudanças de curral do Boi Caprichoso, que aconteceram ao longo do tempo na Rua Cordovil levou a que o Boi Garantido, em uma das suas toadas fizesse referência ao fato, como se pode ver logo abaixo na composição de Émerson Maia, chamada “*Já rufou o meu tambor*”. A colocação é feita com a intenção de atingir a origem do Boi Caprichoso, uma vez que as mudanças constantes de curral e de donos, segundo o Boi Garantido, seria um elemento que de certo modo não contribuía para uma afirmação de tradição.

Alô, já rufou meu tambor  
 Te prepara, contrário, para enfrentar  
 A nossa batucada, a nossa Vaqueirada  
 Essa turma de fé, esse é o boi Garantido  
 Da baixa do São José.  
 Um boi de raça, de tradição  
 Na sua história de campeão  
 Nunca mudou de fazenda  
 Nem de dono ou de curral  
 Por isso o boi Garantido  
 É um brinquedo especial.

Por outro lado, o Boi Caprichoso, consequência da rivalidade que se constitui como um elemento dinamizador desta tradição, como se pode ver logo abaixo, na composição de Rozinaldo Carneiro e Alder Oliveira, chamada “*Aplica Petché*”, desenvolve uma toada em resposta ao Boi Garantido, dizendo que o bumbá também havia mudado de curral.

Olha já parente!  
 o contrário falou que é um brinquedo especial  
 e que nunca mudou nem de fazenda ou de curral  
 Aplica petché!  
 Aplica petché!  
 Tá será leso contrário?  
 Tu tá será doido?!  
 Tu saiu de mansinho da baixa, atolado até o pescoço  
 Aplica petché

Aplica patché  
 Tá será leso contrário  
 tu tá será doido  
 todo mundo viu tu mudar lá pra ponta da fabril  
 Mas olha já parente  
 o contrário falou que nunca foi de copiar  
 e que foi o primeiro a brincar nesse lugar  
 Aplica patché!  
 Aplica patché!  
 Tá será leso contrário?  
 tu tá será doido?!  
 Copiastes a dança das tribos  
 e as toadas do boi Caprichoso  
 Aplica patché (2X)  
 Tá será leso contrário  
 Tu tá será doido  
 em 1913 o teu mestre era um garoto  
 Aplica patché (2X)  
 Sou do boi Caprichoso  
 Tem de me respeitar!  
 até no teu curral contrário, fui te desafiar  
 Eu sei que tu não aguenta e a nossa galera hoje vai te mostrar  
 Eu sei que tu não aguenta e a nossa galera hoje vai te mostrar

No campo concluiu-se que, na Rua Cordovil, o Boi Caprichoso apresentou-se em dois espaços distintos, tendo um desses espaços recebido o bumbá por duas vezes. Após ter tido sede nesses espaços descritos na Rua da Cordovil o bumbá deslocou-se para um novo curral localizado no Bairro Palmares, onde existia a antiga pista do aeroporto da cidade.

A partir da sobreposição de fotos antigas e plantas do traçado viário atual observou-se que a localização do curral, face ao antigo aeroporto, era próxima da cabeceira da pista. Embora o curral do bumbá Caprichoso permaneça ainda neste lugar, com o crescimento e a consolidação do tecido urbano da cidade, ele integrou-se ao centro da cidade. Na atualidade o espaço recebe o nome de Curral Zeca Xibelão. As figuras 13 e 14, que se apresentam em seguida, fazem referência ao tuxaua Zeca Xibelão e ao histórico desse curral.

Figura 13 – Foto mais antiga do Boi Caprichoso [segundo matéria]. Presença de Zeca Xibelão



Fonte: g1.globo.com [ver nota na Lista de Figuras. Foto restaurada pelo próprio autor]

Figura 14 – Placas afixadas na entrada do “Curral Zeca Xibelão” com informação explicativa da origem do nome e composição do espaço



Foto: do próprio autor, (2019).

Na entrada desse espaço constam duas placas que fazem a apresentação desse curral. Abaixo se transcreve, respectivamente, o texto constante em ambas as placas para melhor leitura e compreensão da descrição do curral do bumbá Caprichoso e do personagem que lhe deu nome, Zeca Xibelão, a partir da versão da Agremiação Boi Bumbá Caprichoso.

O Curral do Boi-Bumbá Caprichoso foi fundado no ano de 1992, na gestão do então presidente Ray Viana. O terreno que pertencia ao senhor Zeca Brasil foi doado pela Prefeitura Municipal de Parintins pelo Sr. Gláucio Gonçalves. O nome Zeca Xibelão, sugerido pelo Sr. João Andrade, marca a história desta trincheira de amor e paixão, em homenagem ao primeiro tuxaua do Boi Caprichoso. Muitas foram as reformas e mudanças no espaço físico do curral, sendo a principal e maior reforma a de 1999 pelo governo do Estado do Amazonas, na gestão do governador Amazonino Mendes e presidente Joilto Azedo, recebendo as estruturas de camarotes, área coberta, bares e palco em concreto. Neste ano de 2017, o Curral Zeca Xibelão recebe novas estruturas, atendendo a demanda atual da associação. Boxes de alimentação, lojas de Souvenirs, Galeria de Troféus, Sala de Exposição do Boi, Camarins de Grupos de Dança e Espaço de Convivência Armando Lima (Ganso) são umas das mudanças que marcam a gestão de Babá Tupinambá e Jender Lobato. (texto constante no placar de entrada do Curral do Boi-Bumbá Caprichoso).

José Thomaz Monteiro Neto, o Zeca Xibelão, foi o mais importante tuxaua do Boi-Bumbá Caprichoso. Nascido em 1936, e falecido em 1988, ganhou o apelido do primeiro bispo da diocese de Parintins, Dom Arcângelo Cerqua, em referência ao “pirão amazônico” (mistura de água com farinha de mandioca). Zeca marcou história nas primeiras décadas do Festival Folclórico de Parintins com o seu bailado inconfundível que parecia levitar e com indumentárias ousadas, feitas artesanalmente pelo próprio brincante, com características luxuosas, as quais encantava a arena com seu “acangatará” na cabeça. O Boi Caprichoso presta homenagem a esse grande chefe tribal, batizando o nosso curral com o nome de Zeca Xibelão, personagem ilustre da Cultura Popular Parintinense. (texto constante no placar de entrada do Curral do Boi-Bumbá Caprichoso).

Ao se observar o conteúdo das duas placas nota-se que o Boi Bumbá Garantido, nas instalações da Cidade Garantido, concentra as atividades de confecção de alegorias, ensaios, administrativo, entre outros. Por sua vez, o Boi Caprichoso tem os seus galpões – nome dado ao espaço onde são feitas as alegorias – nos arredores do bumbódromo, o que facilita o deslocamento destas para a apresentação na arena.

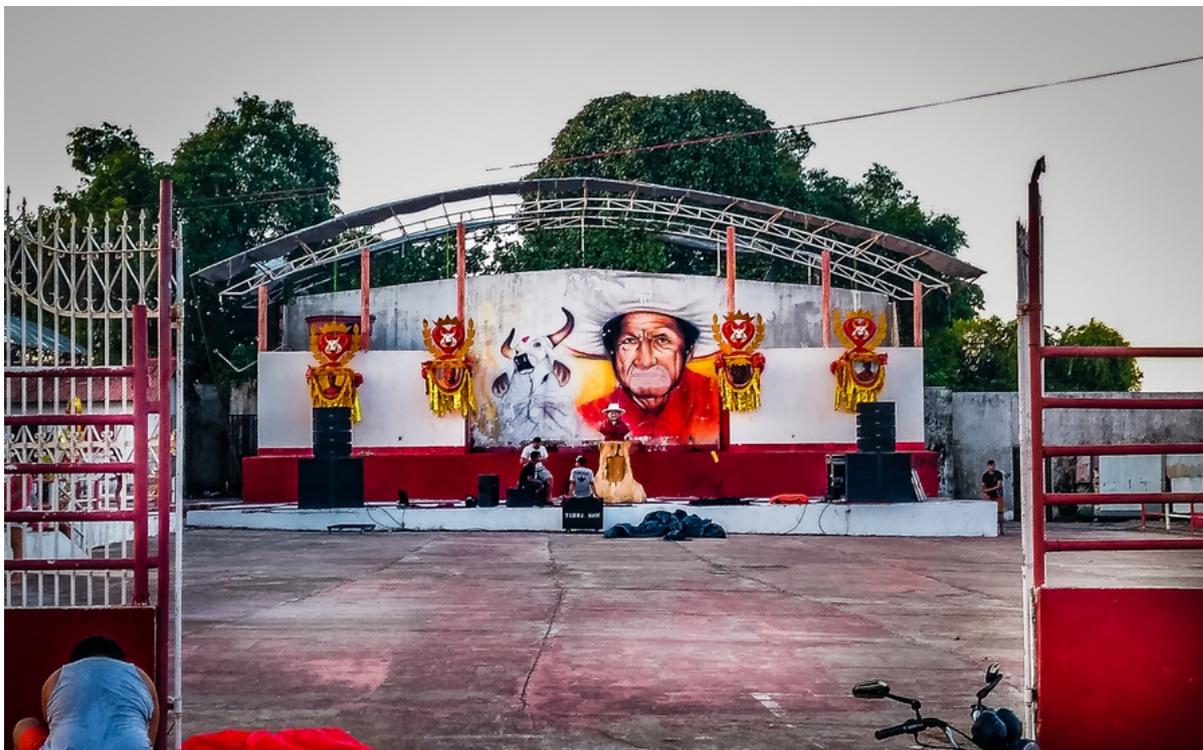
Ainda a respeito desses currais, no interior do edifício do bumbódromo, em uma das salas, podemos ler a explicação oficial da agremiação folclórica Boi Caprichoso acerca dos seus currais. O 1º “Curral do Boi Caprichoso” foi em um quintal de uma casa de taipa e assoalho, localizada na rua Sá Peixoto, Bairro do “Esconde”, atual bairro da “Francesa”. Era

o quintal da família Cid, daí então começa sua trajetória com seus donos; o 2º Rua Rio Branco (Emídio Vieira), o 3º Rua Sá Peixoto (Pedro Cid), o 4º Rua João Meireles (Antônio Boboi), o 5º Beco Marechal Castelo Branco (Nascimento Cid), o 6º Travessa Rio Branco (de 1948 a 1963), no quintal da família de Luís Gonzaga, o 7º Beco Marechal Castelo Branco (Nilo Gama), 8º Comunidade do Aninga (Ervin Leocádio), o 9º Rua Cordovil (Luiz Pereira) e o 10º Em 1983 e atual curral “Zeca Xibelão”, localizado na rua Gomes de Castro. A história dos currais do “Boi Bumbá Caprichoso” se dá nas ruas e terreiros na cidade. Feita a referência ao currais do Boi Caprichoso, passamos a apresentar o curral do Boi Garantido.

### 3.4 OS CURRAIS DO BOI GARANTIDO

[...] o momento passado está morto como “tempo”, não porém como “espaço”; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social. (SANTOS, 1982, 10).

**Figura 15 – Curralzinho da Baixa da Xanda**



Fonte: do próprio autor, (2017).

O Boi Bumbá Garantido, teve a sua origem na atual Baixa do São José, naquela época era comum ser chamada de “Baixa da Xanda”, por conta do nome da mãe de Lindolfo

Monteverde, Alexandrina da Silva, que emprestava o seu nome para denominação do lugar. Naquela época este sítio estava isolado em relação ao centro da cidade. Com isso, a falta de referências fez com que os nomes de seus proprietários servissem de identificação daquela área.

Além disso, o termo baixa identifica a sua condição topográfica. O nível daquele território face ao nível das águas do rio é pouco significativo, sendo comum a ocorrência de enchentes neste fragmento territorial. Esta característica topográfica e as consequências que daí advêm, as enchentes, constituiu-se uma condição determinante na identidade do Boi Garantido, a qual perdura até à contemporaneidade. Assim, entender as relações do curral entrecruzadas com a genealogia da família fundadora desse boi, permitiu uma compreensão mais abrangente daquele lugar sob o ponto de vista físico, social e cultural.

O fundador do Boi Garantido é conhecido pelo nome de Lindolfo Monteverde e a sua ascendência paterna chegou a Parintins no final do século XIX. Alexandre Silva, seu avô materno, ao chegar à cidade, construiu uma casa e comprou terras na localização do Lago do Valente, nas quais desenvolveu as atividades de agricultura. Mais tarde, casou-se com uma mulher de descendência negra de nome Germana. Desta união resultou uma filha que recebeu o nome de Alexandrina Silva, em homenagem ao seu pai.

Alexandrina Silva, que mais tarde veio a ser chamada de Dona Xanda, engravidou de Marcelo Rolim, um ex “escravo de corrente” que depois tornou-se marinheiro. Em viagem a Parintins no ano de 1900, “[...] conheceu ‘uma índia chamada de Alexandrina’, com quem teve um filho [...] Lindolfo Monteverde” (BRAGA, 2002, 343). Apesar de terem tido um filho, não houve casamento e não estabeleceram vida em conjunto. O filho do casal foi criado por sua mãe e por seu avô Alexandre. Era frequente a ida de Lindolfo para as propriedades do seu avô. A vivência, nesse ambiente influenciou o seu gosto pela vida rural, principalmente no trabalho com o gado, o que poderá ter despertado em Lindolfo a vontade de construir um boi.

Lindolfo Marinho da Silva, que mais tarde adotou o sobrenome de Monteverde, por uma questão de gosto pessoal, casou com Antónia Colares Nogueira. Deste casamento resultaram seis filhos, totalizando dois homens e quatro mulheres: João Baptista Colares

Monteverde, Antônio Colares Monteverde, Raimunda Colares Monteverde, Benedita Colares Monteverde, Alexandrina Colares Monteverde e Maria do Carmo Monteverde. Importante complementar que Lindolfo ainda criou mais duas crianças que tratava como filhos: Euclides, conhecido como Porrotó e Raimundo, conhecido por Rotó. Desta genealogia destaca-se Dona Maria do Carmo Monteverde que nos relatou características e vivências da “Baixa”.

Veja-se que passado mais de um século desde a fundação do Boi Garantido, a família do fundador ainda permanece no mesmo lugar da sua fundação, de modo que ainda é possível visitar a família em linha direta de seu criador. Assim, entre os vários membros cabe deixar uma referência especial a Dona Maria do Carmo Monteverde, filha de Lindolfo Monteverde, com 82 anos de idade. Apesar da idade, ainda mantém uma jovialidade, simpatia e memória acerca desta tradição, demonstrando-se sempre solícita e disponível para nos receber em sua casa.

Em 24 de dezembro de 2018 encontrei-me com Dona Maria do Carmo a fim de ouvir os seus relatos sobre a “Baixa da Xanda”. Estabeleci um primeiro diálogo, rápido, sobre o que iria conversar naquele momento, visto que Dona Maria, segundo suas palavras, é procurada com bastante regularidade para falar “do boi”. Entretanto, não era meu objetivo conversar com ela sobre este assunto nesse primeiro encontro. A minha intenção era entender um pouco mais da Baixa da Xanda, assim, reportei a Dona Maria que queria entender como é que a “baixa” se formou, qual era a sua localização, limites e vivências, bem como as terras que pertenciam à família, a relação com o rio e, com a pesca e o seu cotidiano.

Dona Maria argumentou que o primeiro contato que teve com a “baixa” foi aos seis anos de idade, aproximadamente por volta do ano de 1943. Na sua fala ressaltou que nessa época a baixa era classificada como “coisa extraordinária” a começar pelo Rio Amazonas. Ao falar destes locais de origem dos bumbás e onde desenvolvia os seus folguedos, fez referência aos “currais”. Assim, o Boi Bumbá Garantido teve a sua origem na “Baixa da Xanda”, um terreno que segundo relatos de Dona Maria do Carmo era um espaço repleto de tucumanzais, sem energia elétrica e, tanto o terreiro como as vias de acesso eram em terra batida. Este espaço na atualidade é designado por “Curralzinho da Baixa”. Este lugar

ainda mantém as suas atividades à época da realização das festas relacionadas à tradição do boi de rua e de terreiro, sob a coordenação da família Monteverde, conforme já referido.

A conversa abordou ainda a escolaridade de Dona Maria e as respectivas datas em que ocorreu. Assim, colocou que aprendeu a ler aos 12 anos de idade, uma vez que a cidade não possuía professor. Informou que as pessoas se “elevavam” mais rápido porque costumavam se deslocar para Manaus para realizarem seus estudos. Contudo, para conseguir essa possibilidade era necessário ter condição financeira que o permitisse. Parintins possuía ensino até o grau da quarta série, por volta dos anos de 1960 iniciou o Colégio do Carmo, no qual a Dona Maria teve oportunidade de estudar dos anos de 1960 a 1963. A instituição era paga e por essa razão Dona Maria tinha pouca condição econômica para dar conta desse encargo, conforme argumentou. Acrescentou ainda que o fato de ter se casado em 1963, acrescido às dificuldades, também contribuiu para que naquele momento não desse continuidade aos estudos.

Assim, nos anos 1980 com a implantação do “Conquista”, trouxe a possibilidade de ingresso para as pessoas que tinham casado e deixado os estudos. Dona Maria aproveitou a oportunidade e, no ano de 1981 formou-se no Colégio Padre Anchieta, no dia 9 de julho, com a duração de dez meses, no período da manhã, tarde e noite. Em seguida Dona Maria se dedicou à licenciatura que aconteceu num regime de concurso. Ressalta ela “eles faziam concurso, a gente estudava e fazia a prova e passava. Foi assim que eu consegui, mas já estava trabalhando, era nas férias que nós estudava-mos”.

Como referido anteriormente, a baixa ficava isolada em relação ao centro da cidade. Conforme Dona Maria conta, a propriedade da família tinha o seu limite para o sentido do centro da cidade até o atual posto de saúde e igreja de São José. Esses terrenos, a maioria deles, foram doados a quem ia chegando e precisava de um espaço para construir a sua habitação. Uma minoria dessas terras foram vendidas por sua família. Em suas palavras diz que a propriedade de seu pai ia “até à extrema lá com o São José” e que por volta do ano de 1955 “foi chegando gente, foi chegando, foi chegando, foi chegando e aí a minha vó [...] não vendeu mais porque ela não sabia mais negociar”.

Observando que todos os seus filhos já estavam com as suas famílias constituídas,

sua avó foi doando, como destaca: “aqueles que eram parentes que vinham de longe, parente dela, ela dava para fazerem as casas e pronto”. Dona Maria fez referência que esses familiares da época, a sua maioria, já faleceram mas que a propriedade continuou na linha sucessória de quem ocupou esses terrenos. É certo que até determinado momento, por conta da doação, essas pessoas não tinham documentos do terreno e nem da casa, mas tempos mais tarde a prefeitura fez um censo daqueles habitantes e regularizou a situação. De toda aquela extensão de propriedade apenas “umas dez pessoas [...] compraram ainda terra [...] a maioria foi doado”.

O deslocamento da baixa até o centro da cidade era feito a pé por um caminho muito estreito, Dona Maria do Carmo fazia esse trajeto frequentemente para comprar o pão no centro da cidade. Afirma: “tudo era a pé. Olha, nós acordávamos de manhã e a mamãe dizia: Olha, aqui têm 400 réis, vão comprar o pão, que ficava ali, o senhor sabe onde é, que vem de lá da Maria Ângela, aquele povo que é do Garantido ali na frente, na beira do rio“. Dona Maria Ângela, referenciada por Dona Maria, foi uma senhora que teve uma grande dedicação ao Garantido, sendo conhecida como a madrinha do Garantido.

Abrindo um parenteses nesta narrativa, ainda a respeito de Dona Maria Ângela, vale lembrar uma conversa com o mestre Jair Mendes, onde este me contou o seguinte relato: “quando saí do Garantido para ir para o Caprichoso, o Vandir Santos fez o coração avermelhado, a pedido da Maria Ângela, e assim, o coração vermelho. Era preto! Uma fala de um protagonista artístico do bumbá Garantido e que, também, referencia a Dona Maria Ângela.

Retomando a narrativa com a Dona Maria do Carmo sobre as vivências da Baixa do São José, Dona Maria relembra a padaria e o trajeto até ela. Assim, “Kimura, o velho Kimura que veio do Japão e se colocou aí e a padaria vinha nessa rua [...] e nós íamos daqui comprar o pão lá, na carreira, eu e João, que nós éramos os menores na época que a gente ta se criando ainda”. O relato de Dona Maria, além da referência física ainda esclarece quanto à periodicidade da atividade. Diz ela:

[...] a gente ia na carreira lá comprar o pão todo o dia, era. Mamãe acordava de manhã, o trabalho era logo encher a água, aí nós dava uns três baldes de água. Quando chegava por volta das 5.40h, mais ou menos, só fazia mudar a roupa e

nós se mandava para ir comprar o pão lá, mas aqueles pães eram desse tamanho, dava para dois dias, porque era no peso que ele vendia (Relato de Campo).

Nessa atividade que Dona Maria e seu Irmão, João Baptista, empreendiam até a padaria, na proximidade do centro da cidade, ambos percorriam um caminho sobre o qual ela relembra: “o cerrado esbarrava nas pernas da gente. Só ficava limpo no mês de junho quando meu pai convidava o povo para vir para o ensaio do boi [. . .] nós precisávamos de ajuda para tirar o mato para poder não sujar as calças brancas, né?!, era camisa vermelha e calça branca”. Dona Maria faz referência à vestimenta que era utilizada pelos brincantes do Boi Garantido. Lindolfo Monteverde retribuía essa ajuda através da oferta de refeição, conforme enfatiza a fala abaixo de Dona Maria.

Quando iniciavam a tarefa da limpeza, “a minha mãe fazia um mingau para as 9 horas. Meio dia já tinha almoço. O povo todinho ia com as panelas, com os pratos, eles comiam e só voltavam de tarde quando (a limpeza) já chegava lá no jardim da prefeitura. Era assim que eles faziam” (grifo nosso), (Relato de Campo).

Nesta narrativa os limites físicos da descrição já ultrapassaram o território da baixa. Dona Maria do Carmo, a partir do percurso que fazia da sua residência até à padaria, contou como era todo o trajeto e as suas condições. Assim, destacou a Avenida Amazonas, principal avenida da cidade na contemporaneidade, em que esta também era um caminho. Naquela época ainda não existia a Catedral de Nossa Senhora do Carmo. Existia somente o cemitério que fica, atualmente, por trás da referida catedral. Afirma: “a Catedral só se formou em 1960. E, eu casei em 1963, estavam construindo [. . .] ainda casei desse lado daqui, porque eles estavam construindo, ainda não funcionava lá [. . .] até nessa época em 1963, era caminho”.

Não tinha nada, nem asfalto, nem nada, era roçado pelo povo. O povo que quando chegava o boi, todo mundo se reunia, um ajudava o outro e assim eles iam fazendo a rua, capinava. Capinava, um ia de enxada o outro ia de terçado e assim iam fazendo a rua. Assim que era, era ajudado pelo povo, não tinha, o prefeito não tinha obrigação de fazer, não sei se, eu acho que naquela época nós não tinha dinheiro suficiente, como hoje já tem né. É não tinha, então era assim. Mas tudo dava certo, seu Aires. Tudo, tudo, tudo. Olha, eu nunca me lembro, assim, que houvesse uma desavença por causa da brincadeira ou então que um ficasse com raiva do outro, não tinha isso, não. Quem gostava do Garantido gostava, quem gostava do Caprichoso gostava. Agora, quando os dois se encontravam aí brigavam. É, aí era murro, era paulada, era cacetada, era tudo, mas é o, passava correndo né, um passava pelo outro na carreira pra não ser muito machucado (Relato de Campo).

Em seguida falou-se da localização da baixa em relação ao rio. Este, naquela época, anos 50, era mais estreito do que se encontra atualmente. Havia a possibilidade de enxergar o outro lado e, dessa condição, Dona Maria, conseguia ver os vaqueiros na outra margem a “tocarem” o gado por volta das três horas da tarde. Dona Maria também faz referência às enchentes daquele lugar, e que atingia a localização da atual avenida principal. “A Avenida, e a baixa ia até lá. Aí ela ficava escorrendo, ficava um poço, aí um poço, tinha ano que secava, tinha ano que não secava, aquele poço, poço de água”. Importante que além das enchentes, a topografia do lugar era muito diferente do que se observa nos dias atuais. A baixa foi objeto de aterro e recebeu uma grande quantidade de material para ganhar água ao rio. Argumenta Dona Maria sobre o lugar à época,

[...] meses de fevereiro, março e abril toda aquela área ficava submersa, de tal forma que seu pai “botava espinhel por umas árvores muito maiores do que essa aqui, que o senhor tá vendo, árvores grandes, que uma era chamada de Assacuzeiro, Assacuzeiro que ele dava um leite branco, esse Assacuzeiro e é cheio de espinho, tinha por aqui (relato de campo).

Nesta atividade destaca que seu pai conseguia pescar tambaqui, pelo fato daquele lugar ter muitas frutas que os peixes comiam, principalmente abiurana e também a fruta da seringa, que Dona Maria identifica como a comida desses peixes no lago. Outro elemento que existia naquele tempo era a presença de pedras, que com o aterro ficaram abaixo da cota do nível do atual terreno. Sobre isto afirma Dona Maria:

[...] uma encostada na outra, parecia assim que tinham colocado. Não, eram elas que cresciam mesmo né? naquela posição. Lembro que a minha mãe levava nós, pra ir ajudar ela a estender a roupa e a gente estendia por cima das pedras (...). Quando nós vínhamos lavar a roupa já tava toda seca, lavava a roupa na beira, não tinha água encanada em Parintins. Mas, ela tinha lá na entrada e saída do canal, do canal que passa água, ela tinha parece um portal de taboca, o senhor procura saber como era a taboca [...]. (relato de campo).

Esse portal, assim denominado por Dona Maria, era formado por canas de bambú também chamadas de taboca, que ao crescerem de um lado e outro desse canal, como ela argumenta, se encontravam formando uma espécie de portal. Sobre a localização desse portal, Dona Maria ressaltou que ele ficava na margem do rio em direção à entrada da “baixa”. Ao se referir ao portal ela acrescenta:

[...] Parecia um portal, quando eles passavam nas canoas eles cortavam um pouco, mas como lá era de um lado e do outro, parecia assim uma coisa que era plantada, não era não, era toda a área tinha tabocal, mas ela fazia isso assim, e as canoas passavam por baixo, assim que era, muito bonito [...]. (relato de campo).

Este material também servia para fabricação artesanal das “flautinhas”, instrumento que seu pai, Lindolfo Monteverde, utilizava. Afirma Dona Maria: “[...] para os índios do boi dele, para eles tocarem, cantarem, tocando a taboca”. Observando que a baixa sofreu grandes transformações desde aquela época, insisti em obter, mais concretamente, a localização desse portal. Ao aprofundar a busca, identifiquei que ficava próximo do atual “bar do papai”. Dona Maria confirmou a localização e a partir das referências que levantei ela fez uma descrição dos terrenos contíguos à sua casa.

O destaque aconteceu na descrição das árvores. Mais de trinta exemplares nas espécies de Taperebá, Cutite, Samaumeira. Uma referência especial pôde ser observada em relação à Samaumeira, sobre a qual Dona Maria fez um comparativo, por conta do tamanho, com a Catedral em Brasília. Ao mesmo tempo recorda suas brincadeiras de infância que aconteciam nas raízes dessa árvore. Como ela própria coloca:

[...] mas ela era imensa, imensa. Isso, ela era assim, essa árvore, muito linda, linda, linda. Então, a gente brincava lá pelas raízes dela que ela era grande, mas a mãe tomava conta dessa área aqui, dessa casa, a gente brincava quando era criança, mamãe tinha o maior medo pra gente não cair lá para aquele buraco, mas qualquer criança né, é ativo não é?! [...]. (relato de campo).

Além do porte e da quantidade de árvores outros aspectos foram colocados. A exuberância das copas que eram frondosas, apontando para uma delas que possuía uma flor amarela, mesmo sem lembrar do nome no momento, fez referência que era a espécie que mais existia. Descreveu: o “bulazeiro que dava uma cor muito linda que é meio roxeada [...], o bulazeiro era o nosso porto aqui, nossa casa era aí. Aí a gente vinha, papai deixava as canoas aqui”.

Neste espaço da baixa além destas atividades de pesca, também havia quem retirasse o leite de seringa. Segundo Dona Maria, por conta da temperatura, essa atividade acontecia no período da madrugada, momento em que eram colocados “canequinhos” nas diversas seringueiras que existiam na área para retirar o “caldo” através de riscos feitos no caule da árvore. Com esse procedimento se obtinha o chamado “sernambi da seringa”.

Ainda das falas de abundância das árvores surgiu a referência à espécie “pau-ferro” onde Dona Maria enfatizou a rigidez desta madeira. Acrescentou ainda que, à época que seu pai quis construir a sua casa e iniciar o barracão do boi, existiam várias árvores deste tipo no local. Pela condição descrita, quantidade e rigidez, ele precisou organizar um “puxirum” a fim de conseguir derrubar tais árvores e abrir o espaço para a construção.

À medida que o “boi” ia evoluindo seu pai ia aumentando o barracão. Pelos anos de 1950, Lindolfo Monteverde fez o assoalho do barracão. Dona Maria ressaltou que a essa altura ela já fazia diversas atividades domésticas, como tratar os pescados com sua mãe e cuidar da limpeza de casa. No desenvolvimento das atividades de Lindolfo, em particular as que estão relacionadas ao crescimento do boi, Dona Maria destacou, na postura de seu pai, o espírito de um fazer em grupo. Seus amigos sempre colocavam “Ó Lindolfo, quando tiver tal trabalho, pode chamar que a gente vem”, e assim ele o fazia e sempre correspondia a essa presença com algum tipo de agrado. Salaria Dona Maria:

[...] meu pai era um homem bom, não é!? Ele chamava o povo, ele agradava o povo, tinha sempre o que comer, minha avó fazia os tarubá, porque eles tinham a plantação de roça, aí pra onde, hoje é Paulo Correia, que já é cidade [...]. (relato de campo).

Da aproximação prévia ao campo, foi possível obter um registro de memórias de alguns espaços urbanos da cidade e de como o Festival Folclórico de Parintins era realizado em períodos anteriores à existência do atual bumbódromo, o que contribuiu para observar como eram os espaços públicos da cidade no passado e estabelecer critérios de comparação com a situação presente. Destas memórias destacam-se algumas falas sobre as características físicas da Baixa do São José, do cotidiano dos moradores deste lugar, bem como da Av. Amazonas, atualmente uma das principais vias da cidade de Parintins com valor simbólico para população, tanto pela questão dos usos dos bumbás quanto pelas festas religiosas ligadas a Nossa Senhora do Carmo, padroeira de Parintins.

Assim, fazendo esta caracterização dos fundadores dos bumbás e a leitura dos diferentes lugares que lhes estão associados conseguiu-se observar que existem diversas temporalidades pela qual o folguedo foi passando, resultando em modificações que foram sendo produzidas no panorama urbano da cidade.

## 4 EQUIPAMENTOS DA CIDADE E ESPAÇOS PÚBLICOS DO EVENTO

### 4.1 EQUIPAMENTOS URBANOS E ESPAÇO PÚBLICO EM ABORDAGEM

#### Equipamentos Urbanos

Equipamento coletivo, segundo o dicionário técnico de (MERLIN; CHOAY, 1988, 265, 266), define-se por um conjunto de instalações, de redes e de edifícios que possibilitam à população de uma cidade e às empresas os serviços coletivos que necessitam. Desta definição surgem duas possíveis classificações. A primeira diz respeito aos equipamentos de infraestrutura relacionados às redes e sistemas, implantados no solo ou subsolo, tais como vias, estacionamentos, transportes e comunicações, água e canalizações, energia e sistemas coletivos. A segunda refere-se aos equipamentos de superestrutura, que são, os edifícios de uso coletivo, a exemplo dos administrativo, educativo, comercial, cultural e esportivo.

Como tal, deriva dos equipamentos urbanos uma forte influência no desenvolvimento das cidades. A oferta de serviços à população depende destes edifícios, além da singularidade que muitas vezes, enquanto forma arquitetônica, os constituem num elemento de marketing, através do qual a cidade pode obter reconhecimento para lá dos limites municipais ou até estaduais. Nessa perspectiva, por vezes, assiste-se à implantação de determinados equipamentos urbanos que desconsideram o seu impacto no futuro das cidades, tornando-os em edifícios de difícil manutenção em função do custo que envolve.

Para o autor Merlin e Choay (1988), a finalidade de um equipamento constitui-se na oferta de um serviço coletivo podendo ser de natureza pública ou privada, com diferentes graus de utilização (frequência cotidiana, ocasional ou esporádica). Assim, em função da escala de implantação, podem definir-se por equipamento de vizinhança, de bairro, de aglomeração ou de interesse regional.

Encontrar o edifício adequado para dar resposta à necessidade de desenvolvimento de uma cidade, pode caracterizar-se numa ação de marketing urbano. No entanto, a viabilidade econômica é uma equação que um grande número de objetos arquitetônicos,

localizados por todo o Brasil e construídos para esse fim, não conseguiu solucionar. Conforme já referido neste trabalho, diversos estádios construídos para realização do “Mundial” não exercem, continuamente, a função para a qual foram projetados. O motivo deve-se, na maioria das vezes, ao custo operacional e de manutenção.

Assim, entende-se que o equipamento urbano, de modo geral, deve agregar benefícios à sua população e ao território que integra, para que possa dar resposta eficiente às necessidades de uso e, simultaneamente, se relacionar com o tecido urbano do seu entorno. Dessa forma, os usuários estabelecem relações tanto com a escala arquitetônica quanto com a escala urbana.

Com base nessas argumentações, entender a cidade de Parintins do ponto de vista urbano, necessariamente nos leva, também, à cultura do boi-bumbá. Parte-se do pressuposto que não é viável entender as transformações urbanas dessa cidade sem contemplar a influência do Festival Folclórico. Note-se que este festival induziu impulso econômico à cidade após a cisão dos diversos ciclos que dinamizavam a sua economia. De igual forma, ao tentar compreender o Festival Folclórico de Parintins, parece-nos pertinente considerar as transformações físicas que ocorreram na cidade que por sua vez auxiliaram a dinamização desse evento. A exemplo, veja-se o bumbódromo, uma vez que sua construção parece ter sido um objeto fundamental para a evolução do evento, dando possibilidade de tomar a direção da espetacularização e sua divulgação nacional e internacional.

### **Espaço Público**

O espaço público é um tema que se discute na abordagem sobre as cidades desde os primórdios até à contemporaneidade. Dessa forma, no decorrer do tempo tem produzido diversas reflexões tanto teóricas quanto empíricas, as quais se situam em vários campos disciplinares. Por esse motivo, resulta que o termo espaço público constitui-se um objeto de análise complexo, tendo em vista as diversas perspectivas que o perpassam.

Antes de avançar para o desenvolvimento do conceito de espaço público, se faz importante compreender o significado de “público” e estabelecer uma breve diferenciação entre espaço urbano e espaço público. É comum se ouvir e ler, tanto nos meios acadêmicos

quanto fora deles, o uso dos conceitos de espaço público e de espaço urbano como se ambos fossem sinônimos, quando não o são. Segundo Leite (2002), na disciplina de arquitetura e urbanismo é comum haver uma confusão na noção de espaço público com a de espaço urbano aberto. Para o autor, o espaço público constitui-se “[. . .] uma categoria construída a partir das interfaces entre os conceitos de esfera pública (do qual retira a categoria ação) e de espaço urbano (do qual retém a sua referência espacial)” (LEITE, 2002, 116).

De acordo com Leite (2002), o espaço público, em alguns casos, está para além do espaço urbano. Ou seja, “ultrapassa os limites da rua” (LEITE, 2002, 116). Assim, deve ser entendido a partir de uma “dimensão socioespacial da vida urbana” (LEITE, 2002, 116), na qual são atribuídos “sentidos a certos espaços da cidade e são por eles influenciados. Não sendo necessariamente todo o espaço urbano um espaço público” (LEITE, 2002, 116). Com essa afirmação, ao ler sobre esses conceitos, surgiram questionamentos no momento em que se compreendeu a complexidade de perspectivas que cruzam as discussões de espaço público e que, em simultâneo, enriquecem o conceito. Baseando-se nessa ideia, sentiu-se a necessidade de compreender quando é que um espaço urbano pode assumir também as funções de público.

Rogério Proença Leite alinhado com o pensamento de Arantes (2000), afirma que para haver espaço público é necessário existir uma “convergência” entre “espaço e ação”, a qual se estrutura a partir de diversas manifestações públicas. Considerando os significados que as pessoas atribuem a certos espaços da cidade, pode-se dizer que:

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas colectivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações (ARANTES, 2000, 106).

Ao se basear em Arantes, Leite parece deixar claro que “a construção social dos lugares politiza o espaço urbano (qualificando-o como espaço público)” (LEITE, 2002, 130). Observada a relevância dos conceitos de espaço público, espaço urbano e esfera pública, que num primeiro momento precisavam ser esclarecidos quanto às distinções estabelecidas entre si, passou-se ao estudo de alguns autores, de diferentes áreas de conhecimento.

Para a definição do conceito de espaço público e respectiva escolha de autores, partiu-se de duas premissas consideradas necessárias na elaboração desta chave de leitura conceitual. A primeira é de que, globalmente, o espaço público recebe distintas definições em consequência das diferentes dinâmicas urbanas. Assim, os espaços públicos do Brasil assumem diferentes significados quando comparados com outros países. Logo, a construção histórica dos países e das cidades constitui-se um elemento importante a ser estudado para a compreensão deste conceito.

Para o caso brasileiro, consideram-se autores como Freyre (1936) que tratara o tema em *Sobrados e Mocambos*, Holanda (1969) em *Raízes do Brasil* e DaMatta (1985) em *A casa e a rua*. Obras fundamentais para se compreender a construção histórica e social do espaço público no Brasil. Existem diferenças na construção social entre a cidade brasileira e os países europeus. Do mesmo modo, pode-se encontrar especificidades dentro do território nacional, também pode-se encontrar especificidades um bom exemplo são as cidades da Amazônia quando comparadas às cidades que se encontram nas localizações Sul e Sudeste do Brasil.

A segunda premissa está relacionada com as diversas perspectivas dos autores sobre a dimensão conceitual de espaço público relacionada à esfera pública, que nem sempre é considerada, por alguns estudiosos, como fator formador do conceito de espaço público. Em alguns casos considera-se o estrito entendimento da relação morfológica, física, entre o público e o privado. Para tal esclarecimento, retomar a discussão do conceito de “esfera pública” é de suma importância. Dessa forma, a escolha dos autores como Hannah Arendt, Habermas e Richard Sennett fornecem um corpo teórico capaz de agregar contribuições no âmbito deste estudo.

Na obra *A condição humana* da alemã Arendt (2007), a autora apresenta reflexões que tinham sido lançadas na sua obra anterior, *As origens do totalitarismo*. Na sua abordagem faz uma elaboração teórica acerca da condição do homem perante as dinâmicas da sociedade moderna. Desse modo, para a autora, a ação do homem acontece a partir de duas esferas: a pública e a privada. Nessa afirmação, a esfera pública está associada ao conceito de espaço público, o qual consiste num lugar de ação política de “aparecimento

e visibilidade”. Segundo Arendt (2007) a distinção entre as esferas pública e privada da vida corresponde aos domínios da política e da família, os quais operam como entidades diferentes e separadas, pelo menos desde o surgimento da antiga Cidade-Estado. Contudo, a era moderna produziu alterações a esta dicotomia, até então estabelecida, ocasionando um “fenômeno novo” de “esfera social”.

Esta passagem do domínio privado para o domínio público traz consigo a característica da “visibilidade” e o conseqüente estreitamento de relações sociais, as quais ocorrem nos espaços de domínio público. Assim, as condutas de relacionamento social, estabelecidas nesses ambientes, conduz à noção de sociabilidade. Conforme aponta Arendt:

Ser visto e ouvido por todos é importante pelo fato de que todos vêem e ouvem de ângulos diferentes. É este o significado da vida pública, em comparação com a qual até mesmo a mais fecunda e satisfatória vida familiar pode oferecer somente o prolongamento ou a multiplicação de cada indivíduo, com seus respectivos aspectos e perspectivas. A subjetividade da privacidade pode prolongar-se e multiplicar-se na família; pode até mesmo tornar-se tão forte que o seu peso é sentido na esfera pública; mas esse mundo familiar jamais pode substituir a realidade resultante da soma total de aspectos apresentados por um objeto a uma multidão de espectadores (ARENDR, 2007, 67).

A autora interpreta o domínio público como um campo político no qual há a liberdade para as pessoas debaterem entre si e de igual para igual. Para que esta condição se verifique é preciso que as pessoas se afastem de questões individuais, passando a considerar a diversidade como força motriz. Para tal, deve-se dar num processo de discussão de domínio público, o qual agregue a possibilidade de os envolvidos terem a mesma voz.

Dentro da discussão de espaço público é necessário considerar, ainda, o filósofo alemão Jurgen Habermas, o qual postula que “a esfera pública constitui-se no seio do diálogo” (HABERMAS, 1978, 15). Embora a noção de espaço público não tenha sido um ponto central no desenvolvimento do seu percurso teórico, as considerações do autor, assinaladas por Fortuna, Ferreira e Abreu (1999) relacionam-se a uma “construção histórica da ordem social burguesa, através da elaboração de um discurso racional e numa objetividade de julgamento, capaz de agregar interesses privados e convertê-los em questões públicas” (FORTUNA; FERREIRA; ABREU, 1999, 89).

Tomando por base tais pressupostos, a comunidade de receptores precisaria de competência cultural e interpretativa para tornar possível esta conversão do privado para o

público. Nesse ponto, sabe-se que a quantidade de conhecimento e a sua profundidade, a partir de determinadas fontes, produz efeitos no tipo de compreensão que se pode ter sobre ele. Assim, esta noção de espaço público não atribui uma importância significativa à espacialidade da cidade onde as práticas sociais ocorrem. Além disso, a interpretação de Habermas, sobre a formação e declínio do espaço público moderno, apesar de problematizar a publicidade, não contempla as transformações que as tecnologias de informação e comunicação trouxeram. Nesse caso, sua influência no panorama de estreitamento do espaço público contemporâneo.

Dessa forma, é possível constatar que a posição de Habermas, sobre o domínio público, é mais abrangente do que o pensamento de Arendt (2007). Com efeito, enquanto Arendt entende a categoria “público” relacionada aos centros das cidades; Habermas (1978) defende a ideia de que esta categoria se manifesta de outras formas, uma vez que os jornais produzidos em massa, a partir do Séc. XVIII, além de representarem o espaço físico dos centros das cidades, são também uma manifestação do público. Para este autor, as informações que esses jornais contêm fazem com que seus leitores desenvolvam pensamentos e promovam discussões.

Ao se deslocar esse raciocínio para a contemporaneidade é possível concordar com a posição de Habermas, uma vez que o cotidiano da maioria das pessoas encontra-se imerso no uso de vários dispositivos tecnológicos e em redes de comunicação. Nesse sentido, o tempo passou a ser dedicado a esses dispositivos numa quantidade significativa e marcante no seu conjunto de relações e opções de consumo. O estímulo e facilidade que derivam do acesso às “redes sociais”, por vezes, ocasiona uma abrangência de discussões mais amplas do que as que acontecem, por exemplo, numa praça ou numa rua.

Ainda no contexto da discussão de espaço público e suas dinâmicas, Sennett (2018), sociólogo e historiador norte-americano, nas obras, *O Declínio do Homem Público*, *A Corrosão do Caráter*, *O Artífice*, *Construir e Habitar*, entre muitas outras, aborda como tema transversal a todas elas a questão da vida social nas cidades. Mais propriamente, argumenta que os forte sinais “[. . .] de uma vida pessoal desmedida e de uma vida pública esvaziada ficaram por muito tempo incubados. São resultantes de uma mudança que

começou com a queda do Antigo Regime e com a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista” (SENNETT, 1988, 30).

Dessa forma, o autor parte da ideia de que o narcisismo que se assiste no panorama social urbano, a partir da queda do Antigo Regime e início do capitalismo industrial, fez com que a vida pública sofresse um esvaziamento, tendo em vista que “nessa sociedade, as energias humanas básicas do narcisismo são mobilizadas de modo a penetrarem sistematicamente e perversamente nas relações humanas” (SENNETT, 1988, 21). Assim, entende-se que o esvaziamento do espaço público contribui cada vez mais para que a “visão intimista”, em ambientes físicos, veja o domínio público como algo desprovido de sentido, traduzindo-se, portanto, em espaços urbanos destituídos de diversidade no que tange as suas atividades possíveis.

Nesse sentido, o espaço público transforma-se num mero suporte do movimento que se faz necessário aos fluxos da cidade, onde “as ruas [...] adquirem então uma função peculiar: permitir a movimentação” (SENNETT, 1988, 28). Nessa perspectiva, Sennett (1988) considera pertinente se falar na “morte” do espaço público, como resultado de um deslocamento da esfera pública para a esfera privada. Conforme coloca Sennett (2018), na Conferência 9 de Précision de 1930, Le Corbusier declarou que “É preciso matar a rua-corredor”. Esta afirmação definia um princípio norteador do Movimento Moderno, que tinha nos princípios de funcionalismo e de zoneamento urbano, o modo de pensar e fazer cidade.

Por conseguinte, os espaços públicos se transformaram em meros suportes de “movimentação”, de tal modo que a sua noção perdeu o “sentido” de ser experimentado na complexidade das ações que constituam o homem. Dessa forma, restam as funções de deslocamento que se fazem, na maioria das vezes, de automóvel, considerando o entorno como mero panorama cênico desprovido de qualquer sentido.

Levando-se em vista tais aspectos, entende-se que o sentido de “narcisismo”, na teoria de Sennett, está na base da “morte” e do esvaziamento do espaço público. Nessa lógica, o caminho fica aberto para as pessoas caminharem na direção do que Debord chamou de sociedade do espetáculo, na qual as imagens mediam as relações sociais.

A abordagem de Richard Sennett acerca do espaço público, caracteriza-se por algumas especificidades com relação à visão de Habermas e de Arendt. Sennett interpreta o conceito de público a partir de uma visão menos marcada pela política, diferente dos outros autores. Portanto, privilegia o aspecto cultural entendendo a política como instrumento de sociabilidade. Fica evidente, que seu pensamento encontra semelhanças com os autores Clifford Geertz e Erving Goffman, na medida em que o ponto de partida destes teóricos é pautado por leitura local e de pequena escala, designadas pelo autor de “abordagem colaborativa” (fonte). A título de exemplo, caracteriza-se como leitura de “roupas de rua, costumes de cumprimentar, rituais de jantar e beber, maneiras de evitar o contato visual, os lugares onde as pessoas se aglomeram e os lugares onde mantêm distância” (SENNETT, 2019), (tradução livre). Como tal, a escala de trabalho de Sennett se diferencia da escala e das densidades trabalhadas por Habermas e de Arendt, Conforme destaca:

O edifício ou o espaço aberto mais fácil para as pessoas adotarem são de caráter local e de pequena escala, de modo que esta versão do domínio público não privilegia a escala grande e densa como Arendt. Novamente, essa abordagem antropológica não leva ao fim político que Habermas busca, o de aumentar a iluminação mútua. Como toda a cultura, a cultura urbana cria outro tipo de vínculo humano, o ritual” (SENNETT, 2019), (tradução nossa)

Para autores como Fortuna (2016), o modo de levar adiante a leitura e a compreensão da cidade contemporânea está para além da sua “forma, da sua estética, do seu uso e função” (FORTUNA, 2016, 6). Nessa perspectiva, cabe a arquitetura, segundo o autor, “reimaginar-se na sua relação com o espaço, o tempo, os sentidos e as pulsões da cidade” (FORTUNA, 2016, 6). Isto nos leva a entender que nem o “espaço é monolítico nem o tempo absoluto e linear” (FORTUNA, 2016, 6), uma vez que construir uma leitura e um “sentido do ato e do espaço público, participado e democrático, é imaginar a conjugação da cidade com a não cidade e ousar vivê-la” (FORTUNA, 2016, 6).

Já para os arquitetos, a exemplo de Hertzberger (2009), o espaço público é entendido como áreas urbanas acessíveis a todas as pessoas, sendo o encargo da sua preservação uma responsabilidade coletiva. Para Lamas (2011), o espaço público se traduz a partir dos elementos urbanos como praças, ruas e largos. Por sua vez, define a praça como “o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais,

de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes” (LAMAS, 2011, 102). A rua assume funções de “lugar de circulação” enquanto os largos e os terreiros tomaram feições a partir dos “[...] vazios ou alargamentos de estrutura urbana, que com o tempo foram apropriados e usados” (LAMAS, 2011, 100-102).

Em ambas as definições de espaço público, conclui-se que, tanto em Lamas (2011) quanto em Hertzberger (2009), as inter-relações dos fenômenos urbanos, com o objeto concreto da forma urbana, não são contempladas, uma vez que há um campo de estudo centrado na materialidade dos objetos que conformam os elementos urbanos. Seja em função de uma possibilidade de acesso a determinado espaço, seja pelo desenvolvimento de um estudo urbano em função de objetos morfológicos físicos. Enfatiza-se que Lamas (2011) exclui, da leitura morfológica, qualquer “[...] conjunto de fenômenos sociais, econômicos e outros motores da urbanização. Estes convergem na morfologia como explicação da produção da forma, mas não como objeto de estudo” (LAMAS, 2011, 38).

Para Serpa (2017), o conceito de espaço público é “[...] compreendido, sobretudo, como o espaço da ação política ou, ao menos, da possibilidade da ação política na contemporaneidade”. (SERPA, 2017, 9). Vê-se neste autor uma abordagem que amplia a possibilidade de discussão do conceito de espaço público também enquanto espaço de mercadoria, mas “para o consumo de poucos, dentro da lógica de produção e reprodução do sistema capitalista” (SERPA, 2017, 9).

Entretanto, esse sentido de intersubjetividade e simbolismo não se constitui como uma limitação, mas sim como possibilidade de aproximar uma leitura do campo da arquitetura e urbanismo com o das ciências humanas, em especial, às ciências sociais que sempre se caracterizou, para mim, uma indagação. Parte-se do princípio que uma única chave de leitura não daria resposta à complexidade dos fenômenos que ocorrem em um determinado espaço público. Dessa forma, isto se tornou uma questão a ser respondida ao estudá-lo na contemporaneidade e nas suas relações que se inter cruzam com o evento Festival Folclórico de Parintins.

## 4.2 O BUMBÓDROMO E SUA RELAÇÃO COM A CIDADE

Figura 16 – Centro Cultural de Parintins - Bumbódromo



Fonte: d24am.com, (2018). [ vide nota em Lista de Figuras]

O “Bumbódromo”, sob a perspectiva da interpretação de elementos de cidade, define-se como um equipamento urbano, uma vez que o seu uso visa dar resposta a um interesse coletivo. No entanto, antes de entrar nos detalhes da caracterização do seu uso e composição, que será apresentado no desenvolvimento deste capítulo, parece importante compreender a etimologia que está adjacente à sua designação. Darcy Ribeiro, Antropólogo e político, criou um neologismo para os equipamentos que recebiam o uso de desfiles de escolas de samba. Com isso fez a aglutinação da palavra samba com o termo grego de *Dromo*, que possui o significado de alameda ou corredor. Esta palavra, independente do seu rigor, deixa implícito uma ideia de percurso. Assim, observando a performance das apresentações das escolas de samba nos seus desfiles, num trajeto linear, ao longo de uma pista, surgiu o termo sambódromo.

A partir dessa ideia, observando uma proximidade de programa e uso, os novos equipamentos que tinham como objetivo apresentações culturais, com uma estrutura e dinâmica semelhante, foram incorporando o termo “dromo” a palavra que dava a matriz da apresentação. Assim, no caso do Boi-Bumbá, houve a junção de bumbá com dromo, que resultou na palavra Bumbódromo.

Cabe esclarecer que esta lógica de identificar o uso dos equipamentos associado aos usos culturais que possuem, constituiu-se em uma prática constante verificada em diversos equipamentos implantados nas cidades da Amazônia. Veja-se, a título de exemplo, o caso da cidade de Manacapuru, a 80 km da capital Manaus, que possui o Festival de Ciranda reformado pelo Grêmio Recreativo Flor Matizada, Tradicional e Grupo Recreativo e Folclórico Guerreiros Mura. O equipamento que sedia o evento tem o nome de Cirandódromo.

Na cidade de Barcelos, a 400 km da capital, realiza-se em janeiro o Festival do Peixe Ornamental, sendo composto pelas agremiações Peixe Ornamental e Acará Disco, o equipamento onde acontece o evento recebe o nome de Piábódromo, também em razão da lógica de identificação acima descrita.

Já no estado do Pará, a 30 km de Santarém, onde localiza-se a cidade de Alter-do-Chão, no mês de setembro realiza-se a festa do Çaire, que consiste numa disputa entre a agremiação do boto Tucuxi com o boto Cor de Rosa. O equipamento onde acontece o evento tem o nome de Çairódromo. Ainda no estado do Pará, na cidade de Juruti, localizada a menos de 90 km da cidade de Parintins, realiza-se no mês de julho o Festival de Tribos. Neste evento acontece a disputa cênica entre as agremiações da Tribo Munduruku e Muirapinima. O equipamento utilizado para a realização do evento chama-se Tribódromo.

Em todos estes exemplos acima referenciados, fica clara a associação, para a identificação do espaço que lhe dá sede, entre o tipo de evento ligado à palavra “dromo”. Uma clara derivação da lógica utilizada por Darcy Ribeiro na criação do neologismo de “sambódromo”. No entanto, é possível identificar exceções a esta regra. Veja-se o caso do festival folclórico que é realizado na cidade do Mocambo do Ariri, localizado na área rural do município de Parintins. Nesta cidade, no mês de julho, acontece um evento folclórico constituído por três tipos de conjuntos folclóricos. A saber, bois-bumbás; quadrilhas juninas

e danças de pássaros. Assim, o fato do equipamento receber mais do que um tipo de folclore levou a que recebesse a designação da cidade com o sufixo “drómo”, o que resultou em Mocambódromo.

Observando a morfologia desses equipamentos, concluímos que a sua configuração é semelhante à do teatro de arena pelo fato da forma ser, praticamente, circular; e, assim, sem qualquer semelhança com a linearidade que se encontra no sambódromo. Este, sim, possui as características físicas de acordo com o significado das palavras que o nomeiam. Os demais exemplos aqui apresentados fizeram uma importação do termo de Darcy Ribeiro, mas os espaços que lhe dão sede não estão de acordo com a designação, e, até mesmo, a performance da maioria destes eventos folclóricos não seguem uma dinâmica de desfile em linha reta e ao término, a saída acontece por outro local diverso da entrada.

No caso do Bumbódromo, este edifício foi inaugurado em 1988 e resultou de um contexto em torno de uma visita de Amazonino Mendes, antigo prefeito da cidade de Manaus, que em dado momento visitou o Festival Folclórico de Parintins na condição de candidato a governador do Estado do Amazonas. Ao chegar à cidade, Amazonino Mendes foi recebido por autoridades e pelas pessoas residentes em Parintins à época. Nesse encontro compareceu ao Anfiteatro Messias Augusto onde se realizava o Festival Folclórico. O elemento fantástico e ficcional representado pelas apresentações não passou despercebido a Amazonino Mendes, o qual demonstrou admiração e encantamento pelo espetáculo. Ao regressar à Cidade de Manaus, segundo Tenório (2016), o candidato teria comentado que se fosse eleito governador do estado iria construir um templo que possuísse condições adequadas para as apresentações culturais daquela população. O autor acrescenta ainda que Amazonino teria feito a exclamação de que aquele espetáculo “era lindo demais e o Brasil tem que saber que isto existe aqui”.

Odineia Andrade, historiadora, em entrevista à “Acritica” faz referência ao surgimento da ideia de tal edifício, como tendo sido “fruto de uma conversa entre Gláucio Bentes Gonçalves e Amazonino Mendes, num palco simples, onde estava acontecendo o Festival. Amazonino perguntou ao Gláucio: ‘Vamos fazer um palco para esta festa?’. Ao saber desta conversa, a historiadora comenta que teria sentido uma certa apreensão quanto ao

empreendimento que estava sendo prometido.

Jesus, mais uma promessa, mais um elefante branco'. Coloquei nas mãos de Jesus pois era natural que estávamos precisando de uma obra dessas, de um local onde pudéssemos colocar nosso espetáculo. Quando a obra começou a ser erguida, bonita, que surpreendeu a todos, com a cara de um boi, eu me questionava se daria certo. E deu tão certo que eu hoje digo obrigado Amazonino Mendes. Hoje temos instalado o Liceu Cláudio Santoro onde funcionam várias oficinas. Me sinto feliz pois dentro do boi eu achava que estávamos mutilando alguns pedaços da geografia de Parintins. Fiquei tão feliz que até hoje, quando entro no Bumbódromo, eu respiro fundo e digo que sou uma atriz dentro desse palco. E eu represento muito bem meu papel seja onde me coloquem". (Andrade in entrevista Acritica)

À data da eleição, o então candidato Amazonino Mendes venceu o pleito e consagrou-se governador do Estado do Amazonas. Amazonino Mendes saiu "vitorioso das urnas, mas vencido pelo encanto da poesia na cultura do boi-bumbá, do talento e receptividade do povo de Parintins" (TENÓRIO, 2016, 235).

Em entrevista com o Mestre Jair Mendes, o mesmo demonstrou através do relato que se apresenta, a importância da conclusão desta obra para a cidade de Parintins.

Ficou muito para melhor. Para nós foi uma alegria muito grande. Tanto é que até hoje o Amazonino é querido por causa disso, neh?! Tem agora eleição. Parintins vai eleger, pode até não se eleger, mas que vai votar nele. Olha! Estava devendo para todo o mundo, os dois bois, o Amazonino chegou aqui. . . Olha! dois milhões e quinhentos mil para cada boi, para pagar aos artistas. Pagaram aos artistas. Eu recebi! Nunca aconteceu isso. Eu recebi três parcelas só de uma vez. Pow!! Neh?! Para mim e para os outros também. Aconteceu isso com presidente nenhum, sempre a parcela às vezes a segunda, na terceira fica. (relato de campo)

Cabe ressaltar que o edifício em questão, embora seja conhecido por "Bumbódromo", durante vários anos tinha o nome oficial de Centro Cultural e Esportivo Amazonino Mendes, considerando e homenageando a importância do então governador do estado. No entanto, no ano de 2018 houve, com aprovação por unanimidade da Assembleia Legislativa do Amazonas, a alteração do nome inicial para Raimundo Muniz. Esta alteração é resultado de um Projeto de Lei de autoria de Sabá Reis, apresentado em 2017, no qual, a partir do previsto na Lei nº 6.454/77, que proíbe utilizar nomes de pessoas vivas na identificação de bens públicos, o deputado apresentou a proposta de alteração para Raimundo Muniz. O critério da indicação está relacionada à forte influência que Muniz, em conjunto com Lucinor Barros e Jensen Rodrigues, tiveram na criação do Festival Folclórico de Parintins no ano de 1965.

Apesar dessa alteração de nome, na prática, são raras as vezes que se escuta qualquer tipo de referência ao equipamento fazendo o uso de outro nome além de “Bumbódromo”. A exceção por vezes acontece quando a referência é feita a partir de algum órgão político ou de comunicação social.

Este complexo comporta atividades ao longo do ano, além da atividade que acontece durante o festival. Isto demonstra que este equipamento tem um uso continuado ao longo do ano. Essa condição faz com que se diferencie de muitos equipamentos urbanos no Brasil, onde os usos são somente de suporte para uma atividade. Em geral a atividade principal para o qual foram projetados. São exemplos disso os estádios de futebol que no Brasil foram projetados para uso na copa e que após esse evento, o elevado custo de manutenção e operação, fez com que estes equipamentos deixassem de ser utilizados ou ter o seu uso consideravelmente sujeito a contenção. Em tratando-se dos bumbás Garantido e Caprichoso, as atividades no período do festival concentram-se nas três noites de competição entre eles.

O Bumbódromo foi inaugurado no ano de 1988, e no ano de 2013 recebeu obras de adequação e ampliação com o objetivo de aumentar a capacidade das arquibancadas, reforço de estrutura e construção de um novo prédio. A capacidade da arena é de 23.800 espectadores segundo dados disponibilizados pelo Governo do Estado do Amazonas.

Para registrar esta dinâmica contínua de uso do edifício, no dia 30 de setembro de 2019 visitei o Centro Cultural, Bumbódromo. Este edifício está localizado entre duas avenidas: A Avenida Nações Unidas e a Avenida Paraíba. Esta área assume uma centralidade na cidade, seja pela importância do próprio edifício seja pelas possibilidades de trajetos que passam por este ponto. Nas proximidades está localizada a Praça dos Bois, a Rua Cordovil, vários comércios e restaurantes.

A distância deste edifício até à Praça dos Bois é cerca de 50 metros. Em sentido inverso, também a menos de 50 metros, chega-se ao início da Rua Cordovil. Vários comércios estão nas proximidades, sendo mais comum a oferta de usos relacionados à alimentação. Um espaço comercial assume uma hierarquia, por conta da sua localização na esquina dos edifícios, em frente ao bumbódromo, a Importadora Cantão, de propriedade do Sr.

Cantão, sócio fundador do Boi Caprichoso e um contador de histórias de vida. Além destes usos se realizarem durante o dia, à noite, esta localização, também mantém uma animada movimentação. A proximidade da Praça dos Bois constitui-se como um elemento indutor a esse movimento através da oferta de vários quiosques de alimentação.

A composição dos volumes do edifício, segundo vários trabalhos e registros na internet, é consequência da estilização da cabeça de um boi. Esta é a versão que aparece na maioria dos trabalhos que falam a respeito deste centro. No entanto, no ano de 2012, tive a possibilidade de desenvolver um trabalho relacionado com as obras deste edifício, na qual também participava o autor do projeto deste edifício, o arquiteto Paulo Galvão. Das conversas que mantive acerca da concepção formal do edifício bumbódromo, o autor do projeto não foi enfático no sentido de afirmar que essa cabeça de boi, teria sido o seu partido projetual adotado para a concepção formal daquele edifício. Entende-se, de acordo com o autor, que essa vinculação da “cabeça do boi”, à forma do projeto, aconteceu por terceiros, após a conclusão da obra.

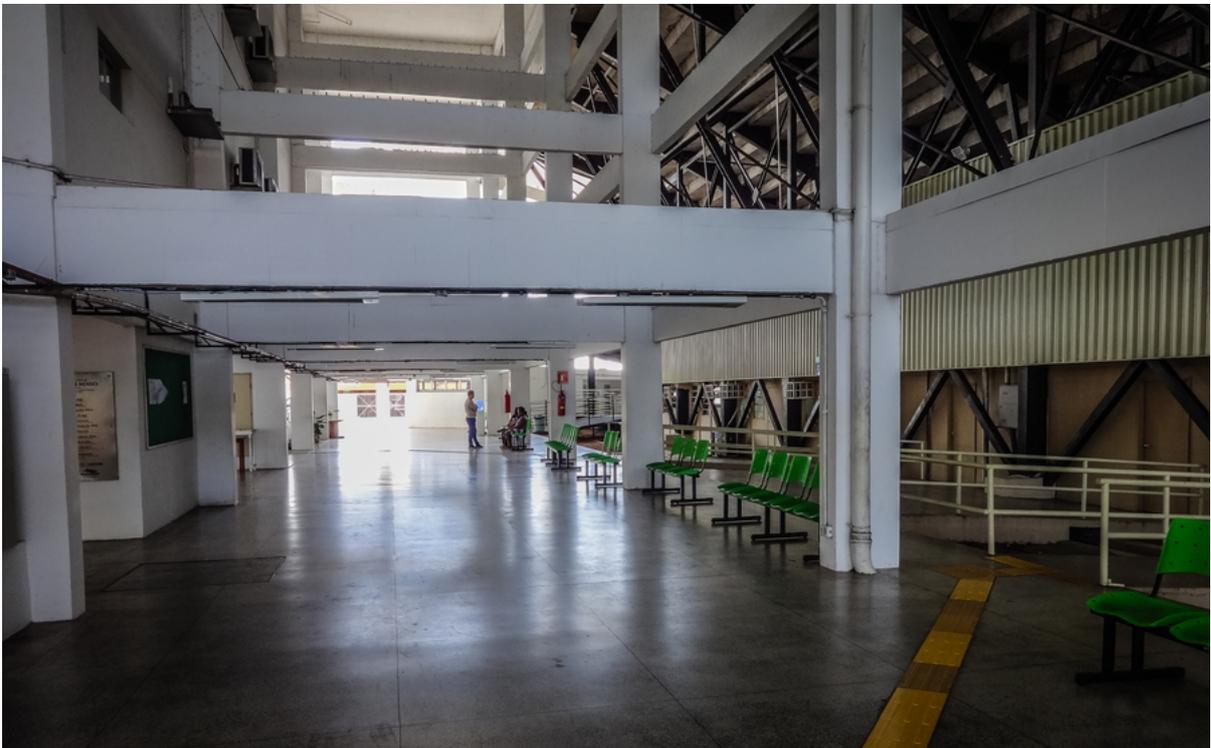
O edifício ocupa um quarteirão num terreno com declive entre a Avenida Nações Unidas e a Avenida Paraíba. A estratégia de implantação do edifício seguiu critérios de acordo com a topografia, o que fez com que ele parecesse ter sido implantado num terreno plano. O desnível foi resolvido com a inclusão de degraus e o pavimento interno confere ao exterior uma aparência plana em toda sua extensão. O conjunto destaca-se pela sua escala monumental que mede, cerca de 28 metros de altura, face aos edifícios do entorno que, considerando que possuem entre um e dois pavimentos, a sua altura andarás até os 8 metros. A estrutura metálica que serve de apoio à iluminação e sonorização, durante o evento do festival, também é um elemento de destaque deste conjunto face ao entorno, uma vez que o sistema estrutural adotado, sustentado por quatro apoios, assume uma forte expressividade em escala e materiais.

O conjunto está organizado na forma de um “octógono” o qual contém uma arena, de aproximadamente 750m<sup>2</sup>, que serve de palco para o desenvolvimento das agremiações, Garantido e Caprichoso ao longo das três noites de apresentação do Festival Folclórico de Parintins. Além disso, estabelece as relações de integração com as arquibancadas e

edifício principal, o qual durante o festival tem a função de camarotes e outros serviços de apoio. O edifício principal é constituído por 8 pavimentos, tendo no seu núcleo central a disposição de diversos usos. Acresce a este elemento dois corpos laterais que têm a função de circulação através de rampas.

Ao chegar ao hall do piso térreo avista-se uma mesa de recepção onde estão sentados dois colaboradores. Dirigi-me até eles, a fim de avaliar as possibilidades de visitar o edifício, os quais prontamente manifestaram a anuência. Um dos colaboradores se mobilizou a acompanhar-me narrando os vários espaços que constituem o edifício.

**Figura 17 – Hall de entrada do edifício - Bumbódromo**



Fonte: do próprio autor, (2018).

De uma primeira conversa, o atendente informou que ali era a sede do Liceu de Artes Cláudio Santoro, na qual são oferecidas cinco possibilidades de estudo nas áreas de artes visuais, audiovisual, dança, teatro e musicalização. Além destas possibilidades, o edifício possui uma biblioteca, um cinema, e alguns espaços que sediam os cursos técnicos do CETAM.

**Figura 18 – Rampas de acesso aos pisos superiores do edifício - Bumbódromo**



Fonte: do próprio autor, (2018).

Saindo do hall principal, onde fica o pavimento térreo, localizam-se as rampas de acesso aos pisos superiores. Nesse percurso, a primeira parada foi para visitar a biblioteca. Este espaço recebe o nome de Fred Góes. As considerações acerca da pessoa que deu o nome ao espaço encontram-se disponíveis na página web da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, conforme abaixo.

Em homenagem ao parintinense Frederico Daniel Paulo Rolim de Góes. Jornalista formado pela faculdade de Comunicação Social da Fundação Casper Líbero de São Paulo, Fred Góes trabalhou em grandes jornais como “O Diário Popular” e “Jornal de Tarde”. Recebeu, juntamente com uma equipe de 35 repórteres, o Prêmio Esso de Jornalismo, pela cobertura do incêndio do Prédio Joelma. Fred também tem participação expressiva na história do Boi-Bumbá Garantido, do qual chegou a ser compositor, presidente e diretor de arte.”

À entrada do espaço, como é possível ver na imagem seguinte, observa-se um primeiro ambiente que responde ao uso de recepção e biblioteca infantil. Num espaço à direita fica um recanto que serve de palco para atividades de educação infantil. No momento em que a visita foi feita, o espaço infantil estava a ser organizado para a atividade do dia das crianças.

**Figura 19 – Espaço infantil e ao fundo biblioteca temática**

Fonte: do próprio autor, (2018).

Além desta atividade comemorativa ao dia das crianças, normalmente, acontecem atividades que abordam temáticas da higiene, um modo divertido das crianças receberem os ensinamentos que lhes são úteis para a sua saúde. Ainda neste primeiro ambiente, destinado ao público infantil, existe um acervo bibliográfico infantil organizado em prateleiras metálicas coloridas. Também possui mesas infantis com o apoio de cadeiras e pufes para que as crianças possam permanecer no espaço e interagirem com os materiais disponibilizados.

Após este primeiro ambiente encontra-se o espaço da biblioteca de adolescentes e adultos. Esta sala é composta por diversas estantes, nas quais, a partir das cores, relaciona-se o acervo segundo os temas. Neste ambiente são disponibilizadas três mesas que possibilitam a consulta das obras e respectivo estudo. Após as estantes e as mesas, este ambiente está equipado com quatro postos de acesso à 'internet' e um posto de escrita em braile.

Assim, pode-se descrever que o espaço da biblioteca se organiza em três ambientes: o espaço infantil, biblioteca temática e o espaço para internet e braile. Cabe fazer uma

referência à iluminação destes espaços; em todos os ambientes se faz uso da iluminação artificial, não havendo qualquer abertura para o exterior do edifício. O período de funcionamento é de segunda a sexta-feira das 8:00h às 12:00h e das 14:00h às 17:00h. Aos sábados existem atividades destinadas às crianças, mas são desenvolvidas no pátio deste equipamento. Outro detalhe importante é que as estantes, as quais contam com cerca de 10 mil obras de referências gerais, são organizadas por cores que representam temáticas específicas, dentre elas destaca-se a Amazônia em função do número elevado de títulos sobre a região.

**Figura 20 – Biblioteca temática**



Fonte: do próprio autor, (2018).

No piso 2 encontra-se a instrumentoteca. Este espaço, logo após a porta, possui uma mesa de recepção com um funcionário, o qual faz a guarda dos materiais e explica aos visitantes a função daquele espaço. Mais especificamente, a instrumentoteca dá apoio e guarda aos equipamentos do curso de fotografia, cinema e música. O curso de música divide-se nas modalidades de violão, teclado e banda musical. Esses cursos geralmente são ofertados gratuitamente para o público e compreendem uma faixa de idade que vai dos cinco anos até à terceira idade.

**Figura 21 – Instrumentoteca**

Fonte: do próprio autor, (2018).

Em outro espaço observa-se a sala de desenho e pintura. Na ocasião, não tive a possibilidade de visitar uma vez que estava sendo usado para uma aula. No entanto, em visita anterior a este edifício, tive a possibilidade de conhecer esse ambiente. Cabe ressaltar o uso múltiplo que este espaço oferece, haja vista que fora do festival ele assume a função de sala de desenho e durante o festival recebe a função de espaço de *Buffet*.

Em outra sala encontra-se a sala multimídia de CD e entretenimento. Tem como função permitir ao usuário o acesso a diversas obras acústicas. O espaço possui uma pessoa que exerce a função de monitor e que faz o controle de um acervo constituído por aproximadamente 300 CD,s.

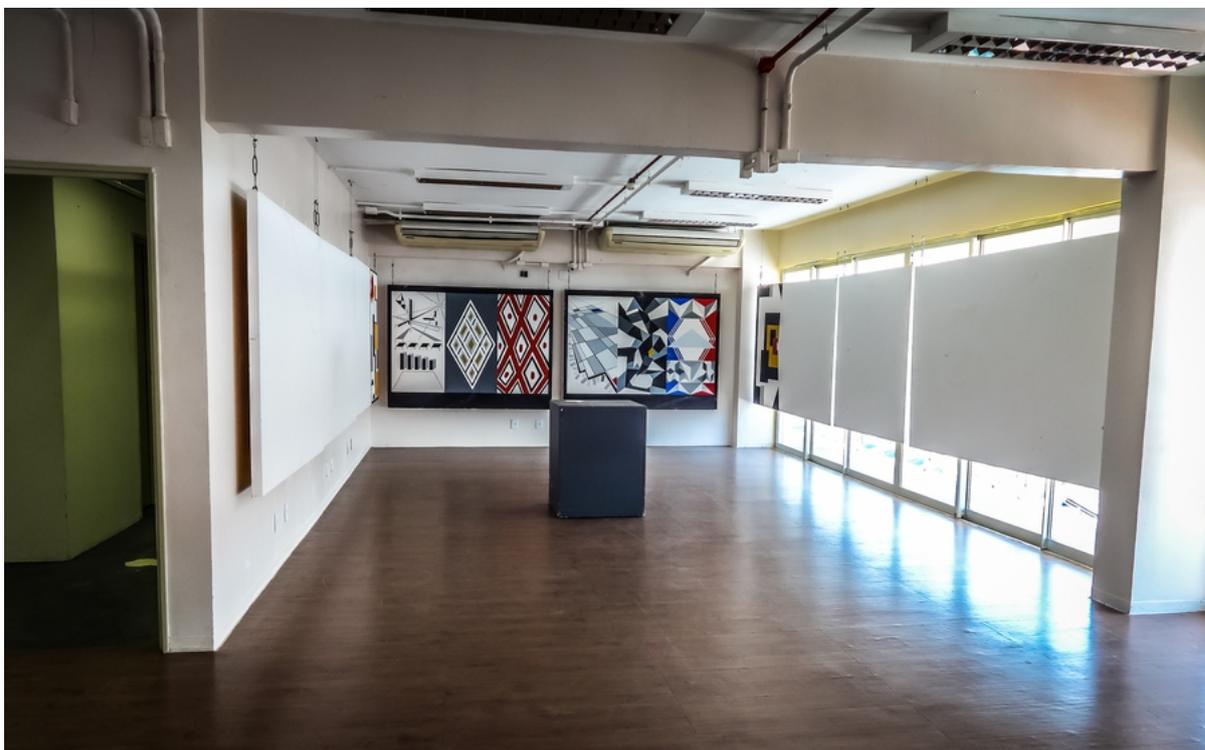
Em outro ambiente encontra-se a sala multimídia DVD, que tem como função permitir ao usuário o acesso a diversas obras fílmicas. O espaço também possui um monitor que faz o controle de um acervo constituído por aproximadamente 700 DVS, sendo essas obras catalogadas pelos próprios alunos do liceu. O procedimento para utilizar o espaço é feito através de uma ficha que é preenchida no piso térreo.

**Figura 22 – Sala de Audio**



Fonte: do próprio autor, (2018).

**Figura 23 – Galeria Jair Mendes**



Fonte: do próprio autor, (2018).

A galeria de maiores dimensões recebe o nome do artista plástico Jair Mendes. Trata-se de um espaço que se destina à exposição de obras artísticas, onde os objetos expostos vão além do que é produzido pelo próprio liceu. Afora esse espaço, outro ambiente com dimensões menores assume a função expositiva, recebendo também o nome de um artista: Galeria Vandir Santos.

Em outro compartimento está localizada a sala de música que contém uma lousa pintada com a escala musical e diversos suportes para colocação das partituras.

**Figura 24 – Sala de música**



Fonte: do próprio autor, (2018).

Em outros ambientes encontra-se os memoriais dos bumbás. A colocação destes espaços segue a organização das arquibancadas em função das cores de cada agremiação folclórica. Assim o bumbá Caprichoso fica com o seu memorial de um lado e o bumbá Garantido do lado oposto. Estes memoriais são constituídos por três salas. A construção da narrativa do memorial é feita numa primeira sala sob a temática da origem, uma segunda sala sob a temática da identidade visual e uma terceira relacionada às lembranças.

Mantendo esta ordem, na sala da 'origem' do bumbá Garantido, em uma das suas paredes, está afixado um painel com o memorial do bumbá. O texto é da Dona Maria

do Carmo Monteverde, filha do criador do bumbá Garantido, Mestre Lindolfo Monteverde.

Veja-se o texto exposto:

Lindolfo Monteverde, parintinense, artista, pescador e juteiro, nasceu em 1902. Filho de Marcelo Rolim e Alexandrina Monteverde, ambos parintinenses. Seu pai era conhecido como “curandeiro”, socorria pessoas com remédios caseiros que fabricava com ervas medicinais, era um prosado; sua mãe, descendente de índio com africano, era parteira e artesã, faleceu aos 110 anos, foi quem passou maior tempo na criação de Lindolfo, tendo esse maior convívio com sua família materna e seus avós Germana Monteverde e Alexandre da Silva. Lindolfo era o segundo de sete filhos, seus irmãos: Raimunda, Maria, Gervásio, Ulisses, “Santa” e Idelfonso.

Na antiga Parintins, a brincadeira de boi já existia nos terreiros e comunidades do entorno da ilha. Dois bois se destacavam: “Boi Campineiro”, do senhor Emídio Carlota da comunidade do aninga, e “Boi Tira Fama”, do senhor Epaminondas que era da região da “Lotéria”, atualmente bairro Paulo Correia.

Lindolfo assistia as brincadeiras de boi de terreiro e, em 1909, aos 7 anos de idade, criou seu primeiro boizinho de “curuatá”. Brincou por 3 anos no quintal de sua casa, depois então sua mãe, junto à família, perceberam que a brincadeira crescia e, em 1912, seus pais fizeram para o menino um boi de pano, o “Boi Garantido”, nome escolhido pelo próprio Lindolfo.

Aos 17 anos Lindolfo adoeceu de malária, e devido a enfermidade, fez a promessa a seu santo de devoção, São João Batista, que se curado, enquanto vivesse, brincaria com seu boi no dia 24 de junho (data dedicada ao Santo). Foi curado e concebeu a graça alcançada a promessa feita.

Desde então ficou conhecido como “O Boi da Promessa”. Lindolfo Monteverde morreu em Parintins no dia 5 de julho de 1979.

Sua história está entrelada as festas religiosas, quando se apresentava depois das ladainhas em homenagem a São João Batista.

Na década de 50 surgem então os primeiros padrinhos do boi e assim o “Boi da Promessa” começa a ter novos parceiros, mantendo suas crenças e tornando-se uma das maiores brincadeiras de boi bumbá do Brasil. (Texto constante no painel da sala Origem, lado Garantido, Bumbódromo)

Na parede deste espaço encontra-se também outro painel que faz menção aos Currais do bumbá Garantido. Conforme descrição abaixo:

O Boi Bumbá Garantido, desde sua fundação, brincou no seu terreiro. Lindolfo Monteverde inicia a trajetória do bumbá aos 7 anos de idade brincando com um boi de “Curuatá”, no quintal de sua casa, local esse transformado no primeiro curral do boi da baixa de São José.

No ano de 1981, Zezinho Faria comprou parte do terreno da família de Lindolfo, e doou para a Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido tornando a primeira sede do bumbá.

Em junho de 1999 na gestão do presidente do boi Raul Góes Filho, foi inaugurada a “Cidade Garantido”, tratava-se de um grande complexo que abriga todos os setores que compõe a grande “Fábrica dos Sonhos” que anualmente executa o projeto de arena. Composta por três complexos responsáveis pela execução dos projetos de arena que compõe o espetáculo do boi: o complexo do galpão dos figurinos, o complexo do galpão de alegorias e o complexo do curral de ensaios Lindolfo Monteverde.

O Curral “Lindolfo Monteverde” é o local da Cidade Garantido onde se concentram todos os eventos realizados pelo boi principalmente os ensaios que acontecem de abril a junho. Originalmente as dependências da Cidade Garantido pertenceram a FABRILJUTA, uma grande fábrica de beneficiamento e tecelagem de juta na década de 60. A falência da fábrica levou os galpões da FABRIL ao abandono total, na segunda metade dos anos 80 foram vendidos para a empresa BRASILJUTA, de Manaus.

Nos anos 90 o Garantido comprou o que restou da FABRIL, a grande área de terra e os galpões abandonados e depredados, transformando o local no que é hoje, a Cidade Garantido. (Informação constante no painel afixado na sala Identidade Social, Boi Garantido. Sem referência ao autor do texto)

Os espaços temáticos do Boi Caprichoso seguem, respectivamente, a mesma ordem de composição dos demais. Sobre origem deste bumbá consta a seguinte informação:

Roque da Silva Cid, nasce em 1880 na cidade de Crato – Ceará, chegou em Parintins nos meados de 1897, faleceu em 1949 aos 69 anos. Em 1913 criou o Boi Caprichoso, seu primeiro curral foi no terreiro de sua casa na Travessa Sá Peixoto.

Roque Cid, o primeiro, um “retirante nordestino, chegou no Amazonas seduzido pela promessa de prosperidade na vida dos seringais, Com a crise da borracha, Roque Cid refaz seus planos e desembarca no porto de Parintins, sendo acolhido por moradores da cidade”.

Diante da sua atual realidade de retirante, Roque promete que se aqui conseguisse melhor condição de vida para sua família viver ele criaria um boi de pano, para brincar nas ruas e terreiros da cidade em homenagem ao Santo de devoção, São João Batista, criando assim o “Boi Caprichoso”.

Roque continua com problemas de finanças, decide então deixar a cidade, o Cel. José Furtado Belém, Superintendente Municipal, vendo o empenho do retirante foi quem impulsionou a idéia tendo como exemplo um boi caprichoso que brincava na “Praça 14”, em Manaus, investiu na brincadeira fazendo com que Roque Cid continuasse com seu “Boi de Pano” brincando pelas ruas e quadras da cidade.

“Começa a história de um folguedo que lembra um pouco o bumba-meu-boi do Maranhão, misturado ao gingado de negros e ao batuque de índios”. O primeiro boi era confeccionado com talas, cipós e tecido preto, sua cabeça era a carcaça de um boi real que era ressecada por dias, depois pintada e acoplada ao corpo.

Segundo Alcinelcio Vieira, padrinho do boi, as primeiras cabeças eram tiradas das raças de boi Nelori e Guzera, doados por Djard Vieira.

O Boi Caprichoso brincou em terreiros, ruas, praças e comunidades rurais, antes da construção do curral “Zeca Xibelão”, atual local de ensaios. (Texto sem autoria identificada, exposto no painel da sala de origem do bumbá Caprichoso, no bumbódromo)

Diante dos dados apresentados na descrição das salas dos memoriais dos bumbás cabe fazer algumas referências. Essas salas são espaços que imagina-se contribuir para a divulgação dos próprios bumbás e receberem as pessoas que visitam a cidade fora do período da realização do Festival Folclórico. Embora a quantidade de objetos que integram o acervo, em cada uma delas, seja reduzido, em consequência das suas dimensões, mesmo assim, é possível formar uma ideia do que representa o festival.

**Figura 25 – Memorial do Boi Garantido**



Fonte: do próprio autor, (2018).

**Figura 26 – Memorial do Boi Caprichoso**



Fonte: do próprio autor, (2018).

Outro espaço que também existe neste complexo é a sala de cinema “Odineia Andrade”. Esta sala oferece para o público em geral e para as escolas, mediante agendamento, atividades de exibição de filmes. Além disso, dispõe de tecnologia para projeção em alta definição 3D. Durante a semana, ela é utilizada pelos alunos dos cursos de audiovisual do liceu. A percepção que se tem ao visitar este espaço é de conforto e acolhimento. Mostra-se oportuno referir que essas sensações podem estar relacionadas às dimensões físicas dessa sala, na medida em que ela é relativamente pequena e possui uma decoração que lhe confere um carácter mais intimista. Sua capacidade inicial foi pensada para comporta 40 pessoas.

**Figura 27 – Interior da sala de cinema - Odineia Andrade**



Fonte: do próprio autor, (2018).

Da observação geral dos espaços, além dos seus usos, conforme descritos, vale destacar que a maioria deles estabelece uma relação visual com a arena do bumbódromo. É nesta arena onde as apresentações dos bumbás, Garantido e Caprichoso, são realizadas durante as três noites do Festival Folclórico. Essa condição atribui a esses espaços uma ambiência sui generis, na medida em que desperta a memória das pessoas, que visitam e frequentam o local, sobre os dias do evento.

### 4.3 A PRAÇA DOS BOIS EM CONTEXTO

**Figura 28 – Imagem aérea da Praça dos Bois e sua contextualização com o Bumbódromo**



Fonte: Junior Preto, (2018). [ver nota na Lista de Figuras]

A estrutura urbanística do local onde está implantada a Praça dos Bois, bairro Palmares, foi resultado de um processo de expansão urbano pelo qual a cidade passou desde os anos 50 até à contemporaneidade. Ao longo desse período o espaço da praça possuiu diversos usos, passando desde a presença de árvores, ocupação com habitação, tornando-se também local da sede do Clube de Campo Associação Atlética Banco do Brasil - AABB. Até aos finais dos anos 70, o local onde está implantado o Bumbódromo, era uma pista de pouso de aviões, sendo que o atual território da praça ainda ficava para além deste limite.

Este equipamento foi projetado sob a designação de “Praça das Águas”, mas a proximidade ao objeto “Bumbódromo” e a influência dos bumbás na construção da imagem urbana de Parintins, fizeram com que a denominação original tivesse sido alterada para Praça dos Bois.

No lugar onde foi construída a praça moravam várias famílias que tiveram que ven-

der suas casas para dar lugar ao novo empreendimento impulsionado e justificado pelo “Grande Espetáculo”. Os impactos atingiram não apenas o econômico, mas também os sentimentos dos moradores e o meio ambiente. A relação que os habitantes dessa área estabeleceram com o lugar, com o morar, foi rompida. As casas foram destruídas, as árvores frutíferas, as plantas ornamentais e medicinais dos quintais foram retiradas para dar lugar ao concreto sem vida. É dessa forma que a pequena Parintins vai se produzindo e reproduzindo por meio de sobreposições de paisagens, que guardam em suas entranhas a impressão digital de todos os que viveram nela e a construíram cotidianamente, dos que continuam vivendo e dos que ainda viverão (SOUZA, 2013, 84).

A Praça dos Bois foi inaugurada em 27 de junho de 2004. Uma estrutura urbana de 54 mil metros quadrados de implantação, constituída por um programa de necessidades que se divide entre lazer e comércio. A parte comercial é composta por lanchonetes e bares, já a parte de lazer é formada por quadras de esportes e o equipamento urbano do Ginásio Elias Simão Assayag. A praça, por conta da sua generosa dimensão, recebe vários eventos ao longo do ano, porém mais intensamente na época do Festival Folclórico de Parintins. Este espaço público está localizado ao lado do bumbódromo, por esse motivo constitui-se num espaço fundamental para a dinâmica do Festival Folclórico de Parintins.

Fora da época do festival, a setorização deste espaço público muda. Observa-se com clareza a existência de uma estrutura viária que permite o acesso a este espaço, sem qualquer restrição, tanto de pessoas quanto de veículos. A Rua Paraíba assume a hierarquia deste sistema por conta da sua maior caixa viária e quantidade de fluxo. A sua localização faz a conexão entre o bumbódromo e a Praça dos Bois. No período fora do festival este elemento urbano cumpre a sua função de circulação viária. No período do festival esta via é interditada e integra-se à Praça dos Bois, assumindo assim funções de apoio ao próprio festival, principalmente, o estacionamento das alegorias das agremiações folclóricas que se apresentam na arena do bumbódromo.

Neste espaço público também está presente a lógica de organização a partir das cores do bumbá Garantido e do bumbá Caprichoso, sendo que a colocação dos módulos alegóricos não se dão num espaço comum, mas separado, respeitando a ordem de situação dos respectivos currais.

Ao passear pela cidade, sem procurar ou programar previamente um percurso, fui seguindo a animação das ruas como elemento determinante. A certo momento um objeto

de escala monumental toma conta do campo visual, ao mesmo tempo que em torno de si congrega bastante movimento de pessoas, motos e bicicletas. Fala-se aqui do bumbódromo. Descendo a Rua da Batucada, rua que fica na lateral direita deste edifício, chega-se a um espaço aberto, público, de grandes dimensões: A Praça dos Bois.

Nesta época do ano, momento preparatório para o Festival Folclórico de Parintins, o movimento de comércio e lazer, que constitui as funções da praça fora do período do festival, se mistura com o estacionamento das alegorias que vão ser utilizadas durante as apresentações das agremiações folclóricas. A Avenida Paraíba, que faz a divisão entre o bumbódromo, normalmente costuma ficar interditada. O seu espaço serve de apoio ao estacionamento dessas estruturas alegóricas. A movimentação de pessoas costuma ser grande, em consequência da curiosidade das pessoas em conhecer esses novos objetos que seriam apresentados na arena. Em simultâneo, os artistas dos bumbás desenvolvem trabalhos de montagem das estruturas. Embora os usos comerciais estejam misturados, o mesmo não acontece com as agremiações folclóricas, na medida em que mantêm a separação do território em função de um eixo estabelecido.

Uma primeira conversa se escuta entre as pessoas, que tem a ver com uma leitura prévia de qual agremiação possuem as alegorias maiores. Além da preferência por um dos bumbás, a apreciação estética dos objetos e a questão de tamanho das estruturas é tema de discussão entre as pessoas, começando aí, também, um assunto que mais tarde servirá de comentário na cidade. “O garantido está com as alegorias maiores”.

Desta primeira observação verificou-se maiores movimentações no lado onde as alegorias do Boi Garantido estavam estacionadas. Entende-se que essa maior movimentação, em torno da montagem e conclusão das estruturas, resulta das condições arquitetônicas do local onde essas mesmas estruturas são construídas.

O local de construção dessas peças do Boi Garantido fica localizado fora do centro da cidade, decorrendo daí a necessidade de um deslocamento de 2 km de distância até à entrada do bumbódromo. Por outro lado, e mais determinante, é que a altura do pé-direito dos galpões, onde são construídos estes objetos, não é suficiente para que as alegorias possam ser montadas por completo no seu interior. Por isso a finalização desse processo

aconteceu na referida Praça dos Bois. Para tal, a distância que é preciso vencer desde esse espaço, na Cidade Garantido, até à entrada do bumbódromo, usa a força humana através dos Kaçaueres que empurram estas estruturas pela avenida, com perícia para desviar de cabos de tensão e habitações.

Com essas condições, num primeiro momento, seria de se pensar como razoável a diminuição dessas estruturas, uma vez que as condições já relatadas não são apropriadas para tal desenvolvimento. No entanto, cabe entender, que a dinâmica do espetáculo e, principalmente, o imaginário das pessoas que assistem, valoriza o bumbá que apresenta maior alegoria.

Para além de todo esse percurso, passando a fronteira da avenida, com a extremidade da praça, e caminhando ao longo deste espaço, observa-se os módulos alegóricos que continuam a se fazer presentes, mas sem uma grande presença de trabalhadores como aquela que se pode notar localizada na avenida e início da praça. Ao percorrer o comércio, de imediato, é possível notar que há uma diferenciação caracterizada por duas tipologias: o comércio permanente, apoiado por pequenos quiosques, na sua maioria, em construção metálica e a venda ambulante que se faz presente de diversos modos. As opções de alimentação nesse trecho são diversificadas e vão desde a oferta de pizzas, sopas de vários tipos, sanduíches, até espetos e bebidas.

As estratégias utilizadas pelos vendedores ambulantes são diversas e por vezes criativas, todas com a finalidade de atrair os clientes. Uma delas chamou a atenção pelo seu tamanho, uma estrutura móvel com rodas de aproximadamente 2 metros por 1. Nessa estrutura são apresentadas várias possibilidades de bebidas que são preparadas naquele momento. Esta estrutura é montada com luzes coloridas que fazem intermitência com o volume da música. Nesse colorido predominam as luzes néon incrementando o espetáculo. A preparação das bebidas é envolta de uma performance na qual se sobressai a habilidade técnica do vendedor.

Além dessa estrutura, integram o contexto a fumaça e o cheiro dos diversos assadores espalhados pelo espaço, tornando-os convidativos a quem vai passando. Entre o movimento, é possível observar mais vendedores ambulantes, cujos produtos comerciali-

zados por eles têm como público alvo as crianças. Este espaço, neste período, conta com brinquedos insufláveis e cama elástica.

As oportunidades de negócio atraem diversos vendedores. Na ocasião da pesquisa, no meio da multidão, se destacava um balão do “Bob Esponja” que fazia parte de um conjunto de balões que um rapaz segurava enquanto percorria os espaços em torno desses brinquedos das crianças. Como estratégia, num primeiro momento percorria os brinquedos com o intuito de ser visto pelas crianças. Além dos balões também passavam o vendedor de algodão-doce. Por conta da temática do momento, o produto era vermelho e azul. Os algodões estavam presos num enorme pau, que, por conta da sua altura, era visto à distância. Com a mesma dinâmica também circulavam os vendedores de banana frita, fazendo uso de uma enorme bacia de alumínio, na qual transportava a banana ensacada.

#### 4.4 BUMBÓDROMO E PRAÇA DOS BOIS: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

Como observado no primeiro capítulo, de ordem mais teórica, as cidades são objeto de admiração pelas múltiplas variedades e dinâmicas que elas oferecem. Para além disso, e também por conta disso, são espaços de uso coletivo e, simultaneamente, de suporte físico onde se realizam diversas ações. O acontecimento urbano em torno dessa coletividade em, muitos casos, ultrapassa os limites da própria condição física da cidade. Por esta razão, e através de uma construção social, esses limites terminam por transformar essa condição física em espaço público onde os usos e contra-usos se realizam.

Além disso, a cidade também impressiona pela sua capacidade de adequação às novas determinantes temporais, bem como pelas possibilidades que ela oferece de se caminhar no tempo e preservar as marcas da memória (COELHO, 2015). Estudar a cidade conduz a uma análise de duas vertentes, como referido e defendido em diversos momentos deste trabalho: estudar a sua forma, que pelas suas características físicas tendem a ser mais resistentes ao tempo, e os seus usuários e práticas dentro deste âmbito físico.

Deste modo, se por um lado as transformações que ocorrem nos objetos físicos da cidade, sejam eles equipamentos ou espaços públicos, numa leitura arquitetônica, são de identificação quase imediata, por outro, a leitura do seu conteúdo, sob o ponto de vista de

fenômeno urbano, se traduz com uma sutileza de entendimento diferenciada da anterior. A esse respeito e a título de exemplo pode-se estabelecer um paralelo com a ideia de Geertz (1986), em *Interpretação das Culturas*, quando o autor, para explicar a *descrição densa* da etnografia, parte da premissa de que as culturas devem ser lidas como texto.

Para explicar esta noção de descrição densa, Geertz faz uma analogia com o ato de piscar o olho. Para o autor, piscar o olho pode ser objeto de diferentes significados, a depender do artesanato interpretativo que se usa para tal tarefa. Pode ser um ato voluntário de um tique nervoso, como pode também significar um deboche, ironia ou outras intencionalidades. Numa comparação com Geertz, as leituras dos espaços públicos, sob o ponto de vista do seu conteúdo, também estão nesta mesma linha sutil de interpretação. Conforme Leite (2002) os espaços públicos ultrapassam os limites da rua, de tal forma que os seus usos estão carregados de questões políticas, econômicas, culturais, dentre outras. A ótica de um jogo de papéis, onde os usuários assumem a condição de protagonistas, dentro desses contextos, pode-se tentar descodificar as suas intenções.

Assim, principalmente para os 'desavisados' de áreas acadêmicas, fora das ciências sociais, pode surgir a indagação. Que tipo de lente interpretativa poderia ser usada para ter acesso a tais sutilezas dos usos e permanências dos espaços públicos? Um dos caminhos que se sugere está assente nos contributos teóricos dos autores Magnani (2008), Simmel (2006) e Sennett (2018). Estes teóricos apresentam possíveis chaves de leitura das possibilidades de construções sociais, a partir do conceito de sociabilidade e de cooperação

Conforme Magnani (2008), um dos primeiros passos a serem seguidos, ao se pretender olhar para as práticas que se realizam em espaços de uso diversificado, consiste em delimitar esses mesmos espaços, ao que ele chama de unidade de observação. Com base em Magnani, o tecido urbano da cidade pode ser observado, para além da sua referência física, na medida em que também é objeto de leitura sob o ponto de vista social. Nessa perspectiva, o tecido social pode ser ainda contínuo, em resultado dos diferentes usos ou apropriações. É a partir dessas práticas que se consegue identificar os seus significados, na medida em que ganham novas funções diferentes para as quais foram projetados. Assim” [. . .] diferentes formas de uso e apropriação do espaço, constituem chaves para a leitura,

entendimento e orientação na cidade [...]” (MAGNANI; TORRES, 2008, 45)

Seguindo as contribuições de Magnani (2008), sobre importância de delimitar os espaços para uma leitura da construção social, neste trabalho, esta delimitação está circunscrita em torno dos dois espaços apresentados anteriormente, o Bumbódromo e da Praça do Bois. Estes objetos caracterizam-se por uma espacialidade que sofre transformações ao longo do ano, na medida em que o evento cria as condições para que os usos e os padrões de comportamentos se modifiquem entre o momento do festival e fora dele.

Fora do festival, a vivência desses espaços segue uma ordem fundada na lógica da vida cotidiana, na qual as hierarquias e os padrões sociais se sobrepõem nessa organização. Já durante o festival, tanto os usos quanto a vivência ganham novas formas de sociabilização. O entusiasmo e a euforia toma conta das pessoas e tece uma trama de troca de informações, tensões e serviços, à semelhança de Bakhtin (1987), quando se remete ao riso medieval inserido nas manifestações cômicas de espaço público. O autor afirma que a “eliminação provisória, ao mesmo tempo ideal e efetiva das relações hierárquicas entre indivíduos, criava na praça pública um tipo particular de comunicação, inconcebível em situações normais” (BAKTIN, 1987, 9). Veja-se que a festa cria as condições para que a comunicação entre indivíduos aconteça de modo franco e com menores restrições, em termos de normas e etiqueta, diferente do que acontece no cotidiano.

Desta relação deriva uma experiência de trocas e, de diversidade que resultam num sentimento de pertença agregando as pessoas num determinado espaço. Desse modo, para festejar, os motivos podem ser diversos entre as pessoas, apesar de elas estarem num espaço comum. Com isso, observa-se o que se designa de sociabilidade. Do mesmo modo, a participação no evento, em alguns casos, também pode ser vista segundo um paradigma de subversão de papéis sociais, onde se percebe uma alteração significativa no deslocamento de comportamentos face ao que ocorreria se a pessoa estivesse fora dele.

Assim, a palavra sociabilidade, utilizada para contextualizar o conjunto de relações que ocorrem nos espaços, se configura como uma ferramenta de leitura dessas apropriações e uso desses mesmos espaços. No entanto, para que a noção de sociabilidade possa ser melhor compreendida importa, também, fazer referência ao conceito de sociação que, pelas

suas diferenças, nos possibilita uma apreensão em profundidade. A ideia de sociação pode se vista em Simmel (2006) em “Questões fundamentais da Sociologia”. Ao interpretar uma sociedade, Simmel estabelece uma diferenciação entre ‘forma’ e ‘conteúdo’. Sobre o conteúdo argumenta o autor:

Defino assim, simultaneamente, como conteúdo e matéria da sociação, tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda a realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos - tudo o que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros (SIMMEL, 2006, 60).

Já sobre a ideia de forma, que para Simmel significa sociação, ressalta:

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados -, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio do qual esses interesses se realizam. Esses interesses [...] formam a base da sociedade humana” (SIMMEL, 2006, 60-61).

Assim, com base nestas definições, as interações dos indivíduos, em busca de concretização dos seus interesses, dá lugar a diversas trocas e, também, ao conflito. A utilização de status individuais, tais como: classe social, riqueza, grau acadêmico e fama são chaves válidas de utilização no processo de interação na perspectiva do conceito de Sociação, a fim de atingir os interesses individuais.

Para um entendimento semelhante ao de Simmel, Sennet (2018) em *Construir e Habitar: Ética para uma cidade aberta*, usa o termo ‘cooperação’. Para explicar como se dão as trocas entre diversos indivíduos, Sennet destaca que a ‘cooperação’ é uma “maneira utilitária de pensar [...] propósitos ou objetivos comuns [...]” (SENNET, 2018, 292), sem precisar, necessariamente, “[...] estar vinculada ao consenso. Existem muitas formas de cooperação em que não há espaço para a partilha” (SENNET, 2018, 292).

Da análise de Sennet (2018), além da conceituação de cooperação o autor desenvolve uma reflexão acerca da comparação entre as categorias ‘comunidade’ e ‘sociedade’. A primeira se refere “aos encontros personalizados frente a frente”. A segunda aos acertos impessoais e instrumentais” (SENNET, 2018, 81). Na ‘vizinhança” ocorrem sentimentos que variam entre “o amistoso ou hostil nas relações cotidianas com pessoas que não fazem

parte da família imediata” (Richard Sennet, 2018, 81). Por essa razão, a sociedade, está relacionada “aos acertos impessoais e instrumentais”, e, por isso, “as pessoas vestem a máscara de Simmel. Mostram-se distantes, blasés. Essa divisão tem forte carga política” (Richard Sennet, 2018, 81).

Segundo uma perspectiva utilitária, pensar as relações tal como elas se estabelecem, para além da necessidade daquilo que a pessoa não pode fazer sozinha, seria uma perda de tempo. Esta concepção de Sennet (2018), constitui-se numa leitura de cooperação entre as pessoas desprovidas do “impulso da sociabilidade”, uma vez que não compreende a possibilidade delas se tornarem íntimas. Considerando a perspectiva da “maneira utilitária de pensar”, o êxito no desenvolvimento de tarefas está relacionado à existência de objetivos comuns, mas não contempla a dimensão de subjetividade associada à cooperação no sentido literal da palavra.

Até aqui foram pontuadas as premissas para o entendimento do conceito de sociação e de cooperação, a partir da relação entre a liberdade de uso de condições individuais, como os elementos influenciadores nos processos de trocas, e no que concerne a satisfação dos objetivos. Por sua vez, o contrário desta definição estabelece as bases para o entendimento do conceito de *sociabilidade*.

Para Simmel (2006) a sociabilidade realiza-se através de um “jogo” entre “iguais”, no qual a definição, o desapego de conteúdos objetivos e a valorização da satisfação do outro são elementos primordiais deste conceito. Assim:

[. . .] não entram o que as personalidades possuem em termos de significações objetivas, significações que têm seu centro fora do círculo de ação, riqueza, posição social, erudição, fama, capacidades excepcionais e méritos individuais não desempenham qualquer papel na Sociabilidade (SIMMEL, 2006, 67).

De um modo geral, todos os estados de espírito ou condições que estejam relacionados a algo “mais pessoal na vida” do indivíduo não fazem parte do conceito de sociabilidade. A prática deste sentimento de fraternidade no “jogo” entre “iguais”, num primeiro momento, considerando que há uma simulação de condições de igualdade e que na maioria das vezes não o há, em condições objetivas, poderá ser visto como uma simulação. Ou seja, uma falsidade entre os “iguais”.

Segundo Simmel, esta simulação, o chamado “faz de conta”, não é sinônimo de mentira e sim de cortesia, desde que não existam intenções objetivas emaranhadas na prática da sociabilidade (Simmel, 2006, 71). Em contraponto à categoria anterior, Sennet (2018) conceitua a sociabilidade como “o sentimento de uma espécie de fraternidade limitada em relação aos outros, com base na partilha de uma tarefa impessoal. Essa fraternidade limitada se manifesta quando se faz alguma coisa juntos, em vez de estar juntos” (SENNET, 2018, pp. 292-293).

Esta abordagem aos autores contribui para que se possa fixar algumas relações com o espaço público de um modo geral. Veja-se que os usos que ocorrem nos espaços públicos constituem-se por um jogo de trocas, mais ou menos com um fim a atingir. Como visto anteriormente, esse fim tanto pode ser diverso como também passar por uma necessidade de realizar uma tarefa comum, sem que se desenvolvam afinidades.

No caso de Parintins, estas camadas temporais são identificáveis tanto no Bumbódromo quanto na Praça dos Bois. Ambos são sinônimos de uma materialidade que foi se construindo por camadas ao longo do tempo. Por exemplo, o bumbódromo, sobre a pista do antigo aeroporto e a Praça dos Bois, que também, foi implantada nas adjacências do aeroporto, passando, posteriormente, por muitos outros usos até chegar ao que é hoje. Esses espaços, ao serem olhados, por conta dessa sobreposição de camadas históricas, levam aos caminhos da memória sobre os usos que os antecederam. No entanto, para além das memórias, são palco de um jogo de ações próprias do uso dos espaços públicos.

O edifício do bumbódromo para uma leitura dos seus usos temporários assume, principalmente, funções relacionadas ao lazer. Dentro destas funções é possível identificar aquelas que ocorrem ao longo de uma lógica do cotidiano. Nesse sentido, seus usuários acessam às diversas possibilidades formativas no campo da leitura, da música, da pintura, da fotografia, dentre outras, conforme apresentado na descrição etnográfica. Contudo, dentro desta classificação, o evento do festival, quebra esta continuidade nas ações do cotidiano.

Estas transformações acontecem por completo a nível dos espaços físicos que precisam ser adequados para os usos necessários ao festival. Porém, as transformações a

nível social são bem maiores, na medida em que a ambiência social se reveste de euforia e êxtase dentro do espírito descrito por Bactin (1987). O edifício, durante o evento, assume o protagonismo no tecido urbano da cidade e o acesso a ele torna-se objeto de cobiça pelas mais variadas pessoas de diferentes níveis sociais. Vale dizer, que, ao invés da ‘festa’ levar a um ‘apagamento’ do status social e conseqüentemente a condições de igualdade, nota-se o contrário, uma vez que essas situações não se verificam na sua totalidade.

Estando à porta do bumbódromo, numa noite de festival, é possível observar pessoas de diferentes perfis e “status social”. Parte do público que vai ao festival, de um modo geral, passa uma ideia de encapsulamento social perante os demais. Ou seja, o seu roteiro contraria os princípios que geralmente caracterizam a noção de festa, a qual é marcada pela imprevisibilidade e pela demora. Diferente do que ocorre com o grande público, esse roteiro se define pelo o ingresso já comprado, pelo transporte fretado que deixa as pessoas na porta do bumbódromo e pelas comidas e bebidas, previamente já informadas, as quais são oferecidas no espaço onde vai assistir ao espetáculo. Essas pessoas, que têm acesso a esse tipo de receptivo, nem sempre se hospedam na cidade, de tal modo que a sua chegada e o seu retorno podem se dar um pouco antes do evento começar e um pouco depois dele terminar. Aqui a sociabilidade, mais propriamente, de certo, parece acontecer dentro do bumbódromo e nos lugares previamente reservados para o público de um status semelhante.

Ainda nesta leitura de acesso ao edifício, outros formatos podem ser observados. Trata-se das pessoas que entram gratuitamente para assistir ao espetáculo. Esta possibilidade obriga, necessariamente que se permaneça numa fila para ter acesso ao Bumbódromo. Isto implica inclusive em pernoitar no local para assegurar a sua vaga. Nesse formato, pode-se imaginar que a longa espera e a aglomeração que ele promove favorece às relações de sociabilidade.

Como descrito no corpo do trabalho, cada um dos bumbás conta com um item designado por ‘Galera’. A composição desse item é aberta ao público que pretenda integrá-lo. Para tal, as pessoas devem trajarem-se com as cores adequadas, definidas por cada bumbá e, já dentro do edifício, acompanhar o espetáculo com movimentos e cânticos. Aqui,

pode-se dizer que a sociabilidade é inevitavelmente uma vez que as relações hierárquicas, caso possam existir se dissolvem por completo. Não há lugares marcados, o sol e a chuva chega a todos de igual modo. O objetivo final é coletivo onde a individualidade se dilui e torna-se o tal jogo entre iguais à maneira do autor Sennett.

Por outro lado, mais precisamente fora do festival, o edifício assume as funções já descritas. Ou seja, entra na cotidianidade onde os usuários procuram aumentar a sua formação nas diferentes áreas que lá de disponibilizam. Com isso as relações se misturam em momentos de sociabilidade e de sociação.

Já no que diz respeito à Praça dos Boi, pode-se dizer que este espaço assume os usos que estão mais relacionados á economia e lazer. Assim é possível identificar, em termos de comércios e serviços, várias hierarquias que se estabelecem dentro desta aproximação. Encontra-se nela os vendedores que têm uma relação com o espaço de modo espontâneo, na medida em que não possuem autorização prévia para desenvolver as suas atividades econômicas de forma mais demarcada nesse local.

Além desses vendedores, também é possível identificar comerciantes que fazem uso desse espaço como uma extensão dos seus estabelecimentos comerciais ou das suas casas. Veja-se, principalmente, o conjunto de diversos comércios que se realizam nos edifícios, do lado oposto ao bumbódromo, os quais estendem suas atividades para a própria praça. Cita-se ainda outra categoria de vendedores que faz uso da praça de modo autorizado pelas devidas entidades municipais. Pelos serviços que oferecem tornam-se elementos de atratividade para aquele local. Sem dúvida que a quantidade de vendedores desse tipo é bastante significativa neste espaço, contribuindo inclusive para a movimentação da sua vida social durante todo o ano.

Além do uso econômico, a praça reúne várias pessoas, para fim de lazer. Percebe-se que são diversas as atividades que ela favorece, tais como andar de bicicleta, correr, caminhar, jogar bola, soltar pipa, dentre outras. Essa possibilidade permite o convívio entre as pessoas, principalmente, entre as camadas mais jovens. A sociabilidade entre os usuários é percebida na medida em que o convívio entre as relações é estimulado. Observa-se que este modo de usar o espaço da Praça do Bois reflete, de algum modo, a

cultura urbana partilhada nos espaços em Parintins, a qual é marcada por uma proximidade entre as pessoas. A título de exemplo, a extensão dos comércios para o espaço da praça, conforme mencionado, encontra relação com as habitações por toda a cidade de Parintins, onde ao final da tarde as pessoas costumam colocar cadeiras na frente das suas casas para conversarem e interagirem entre si e com quem passa na rua.

#### 4.5 TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO URBANO À ESCALA DA CIDADE

Como referenciado na parte histórica desta pesquisa, e de acordo com Cerqua (1980), Parintins foi resultado de uma miscigenação entre portugueses e índios das etnias Aratu, Apocuitara, Godui e Curiatós. Dessa origem, tempos depois, por condições econômicas resultantes dos surtos desenvolvimentistas da época, a cidade começou a receber migrantes oriundos de diversos lugares. Destacam-se os nordestinos, japoneses e judeus. A presença dos japoneses resultou de negociações na data de 1926, por época da vinda do embaixador japonês ao estado do Pará, com o objetivo de tratar das condições de emigração do seu povo e respectivas condições de fixação naquela região.

Nesse mesmo momento, sabendo do ato em questão, o Governador do Amazonas, à época Efigénio Sallles, enviou uma carta convite para que a comitiva presente naquela solenidade fosse até à capital amazonense, a fim de desenvolver tratativas para a fixação de japoneses no Amazonas. Dessas negociações resultou a concessão de um milhão de hectares aos japoneses, onde hoje localiza-se a Vila Amazônia, tendo acontecido a primeira entrada em 1931 (MUTO, 2010).

Com a chegada dos Japoneses, verificou-se um desenvolvimento através da ascensão da cultura do cacau, da juta, pecuária e pesca. Estes períodos não foram duradouros ao ponto de conseguir fixar as populações, na medida em que o cultivo da juta e a sua transformação, que demandavam grande quantidade de mão de obra, foram abruptamente interrompidas.

O motivo desta interrupção aconteceu por conta da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, mais propriamente entre os anos de 1939 e 1945, período em que o Japão colocou-se ao lado dos países do eixo, que por sua vez constituíam à linha contrária àquela em que o Brasil aderira,

os aliados. Este fato resultou na retirada da população Japonesa do território nacional. Considerando a contribuição, por parte dos Japoneses, no processo de transformação e desenvolvimento da cidade, a população de Parintins ergueu um monumento em sua homenagem.

Outro motivo que concorreu para um novo movimento migratório, desta vez para a capital Manaus, vinda das cidades do interior, como foi o caso de Parintins e demais povoados do seu município, foi a criação da Zona Franca de Manaus em 1957, através da Lei n.º 3.173 de 6 de junho, que ocasionou alteração no processo produtivo do Amazonas. Como resultado dessas dinâmicas, nos anos de 1960, a fábrica que fazia o processamento da juta na cidade de Parintins - a Frabiljuta – encerrou as suas atividades. Anos mais tarde, suas instalações viriam a ser sede da agremiação folclórica Boi Bumbá Garantido.

Como se pode verificar, Parintins, desde a sua origem, assumiu um papel diferenciado perante as demais cidades da Amazônia. Nesse contexto, fica claro que pelos elementos históricos referidos ao longo desta pesquisa, a cidade assumiu essa posição de destaque independente dos diferentes ciclos econômicos pelos quais passou e que foram aqui de referência. Além disso, também é comum a cidade assumir um protagonismo pelo fato de sediar o evento do Festival Folclórico de Parintins. Deve-se observar, entretanto, que para além dessas duas condições, a cidade também integra a Rede Urbana no estado. Esta condição da cidade de Parintins à Rede Urbana, permitiu que a cidade se integrasse à região, particularmente, com a cidade de Manaus e Belém (SCHOR; MARINHO, 2013).

Do ponto de vista acadêmico, cabe esclarecer que o conceito de Rede Urbana, tem como objetivo estabelecer uma hierarquia entre os centros urbanos e demarcar as regiões de influência que se relacionam entre si, em específico, nos quesitos de equipamentos urbanos e serviços. A elaboração desta hierarquia de centros urbanos é resultado da pesquisa *Regiões de Influência das Cidades – REGIC*, sintetizada na forma de documento cartográfico produzido pelo IBGE, cuja versão mais atual é de 2018.

Cabe referir, também, que o NEPECAB da UFAM, Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira, ocupa um lugar de destaque neste assunto, seja pela quantidade de produção sobre o tema, seja pelo gabarito dos pesquisadores envolvidos.

Ainda assim, outros núcleos fora do estado do Amazonas merecem referência na temática das Redes Urbanas. A exemplo o NAEA da UFPA, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos.

Pelas razões apresentadas anteriormente, considera-se que o conceito de Rede Urbana se reveste de particular importância para o entendimento das transformações da cidade de Parintins, além das condições históricas e sua relação com o festival. Trata-se de olhar para a cidade, a partir de uma escala regional, buscando compreender as técnicas envolvidas nesse processo como um fator determinante na produção de suas transformações.

Não raro, se observam estudos que objetivam compreender as transformações das cidades, em que derivam de abordagens delimitadas a uma única escala de análise. Entende-se pela natureza interdisciplinar deste trabalho, e pelas discrepâncias que se encontram ao longo das cidades da Amazônia, que uma leitura monoescalar não daria conta de compreender as transformações urbanas da cidade. Por isso, considerou-se importante ler as diferentes práticas e objetos a partir de diferentes escalas, a fim de tentar entender a forma urbana contextualizada com as razões que induziram Parintins a se materializar do modo que se apresenta.

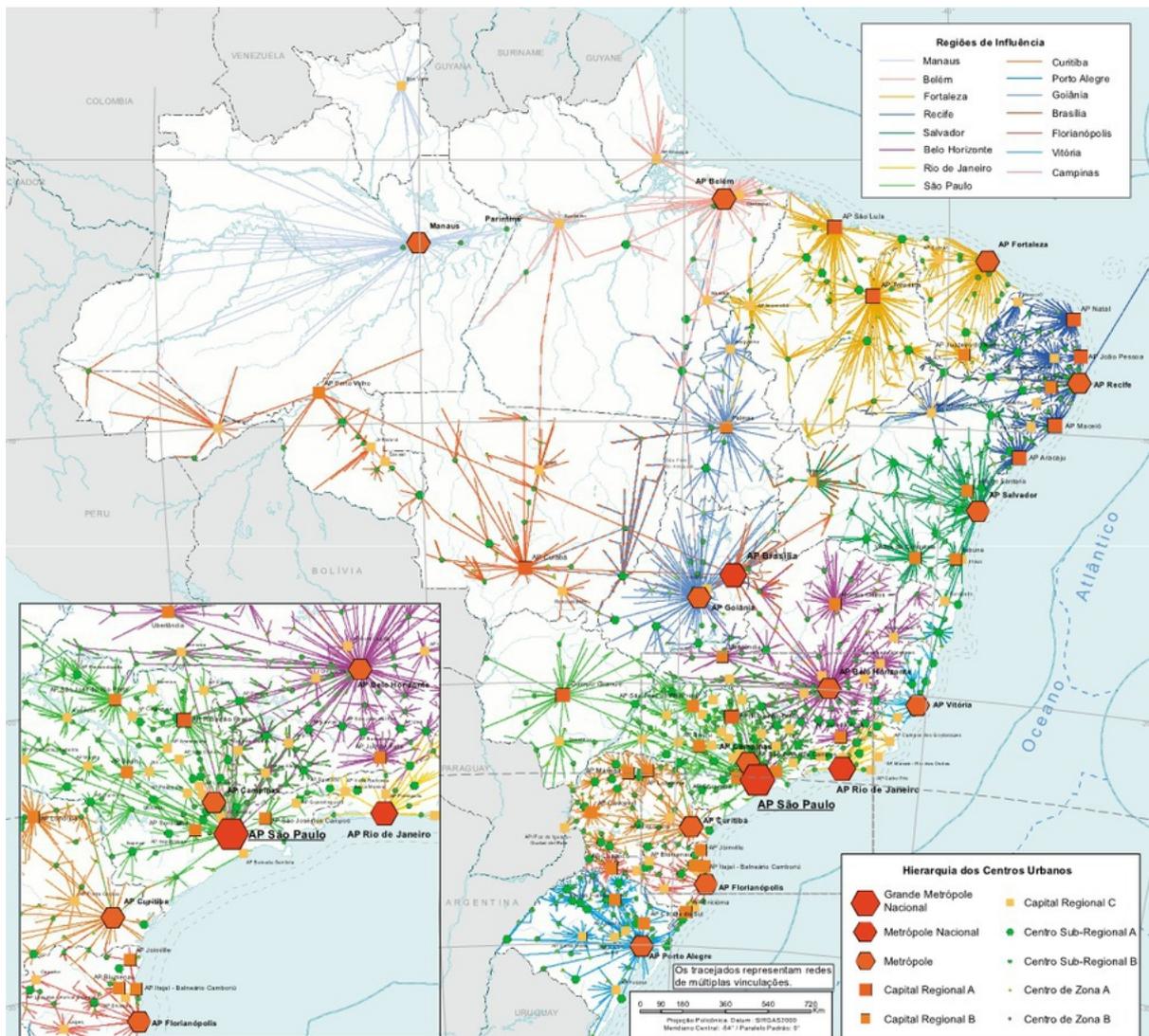
Nesse entendimento, procurou-se seguir um direcionamento que permitisse dialogar com o *Espaço*, e a partir dele entender as transformações urbanas. Assim, importa esclarecer que “a configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem da materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que o anima” (SANTOS, 2006, 38). Assim, para que seja possível explicar as transformações é necessário transitar em diversas escalas, uma vez que “o espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem tivessem uma vida própria, podendo assim explicar-se por si mesmos. Sem dúvida, as formas são importantes” (SANTOS, 2006, 68).

Diante do exposto, feita a justificativa da necessidade de apresentar esse tópico, na discussão do capítulo, abordando o objeto de estudo a várias escalas, retoma-se o conceito de Rede Urbana, através do qual se apresenta alguns mapas de elaboração do IBGE, a fim de se compreender, então, esse posicionamento da cidade de Parintins dentro do sistema. Por sua vez, identificar relações que de algum modo possam ter originado

processos urbanos, e em consequência, influenciado a forma urbana numa perspectiva de construção temporal.

O primeiro mapa trata da Rede Urbana do Brasil, com versão de 2018. Através deste mapa é possível depreender as Hierarquias dos Centros Urbanos, nas quais a cidade de Parintins assume a classificação de Centro-Sub Regional B, sendo possível, ainda, observar as cidades que estabelecem influência sobre si, pelo que se identificou a cidade de Manaus como a principal conexão. Julga-se pertinente esclarecer que hierarquia urbana se define pelo modo como as cidades se organizam dentro uma escala de subordinação. Esta definição possibilita conhecer a importância de uma cidade e o seu nível de influência ou subordinação em relação às demais.

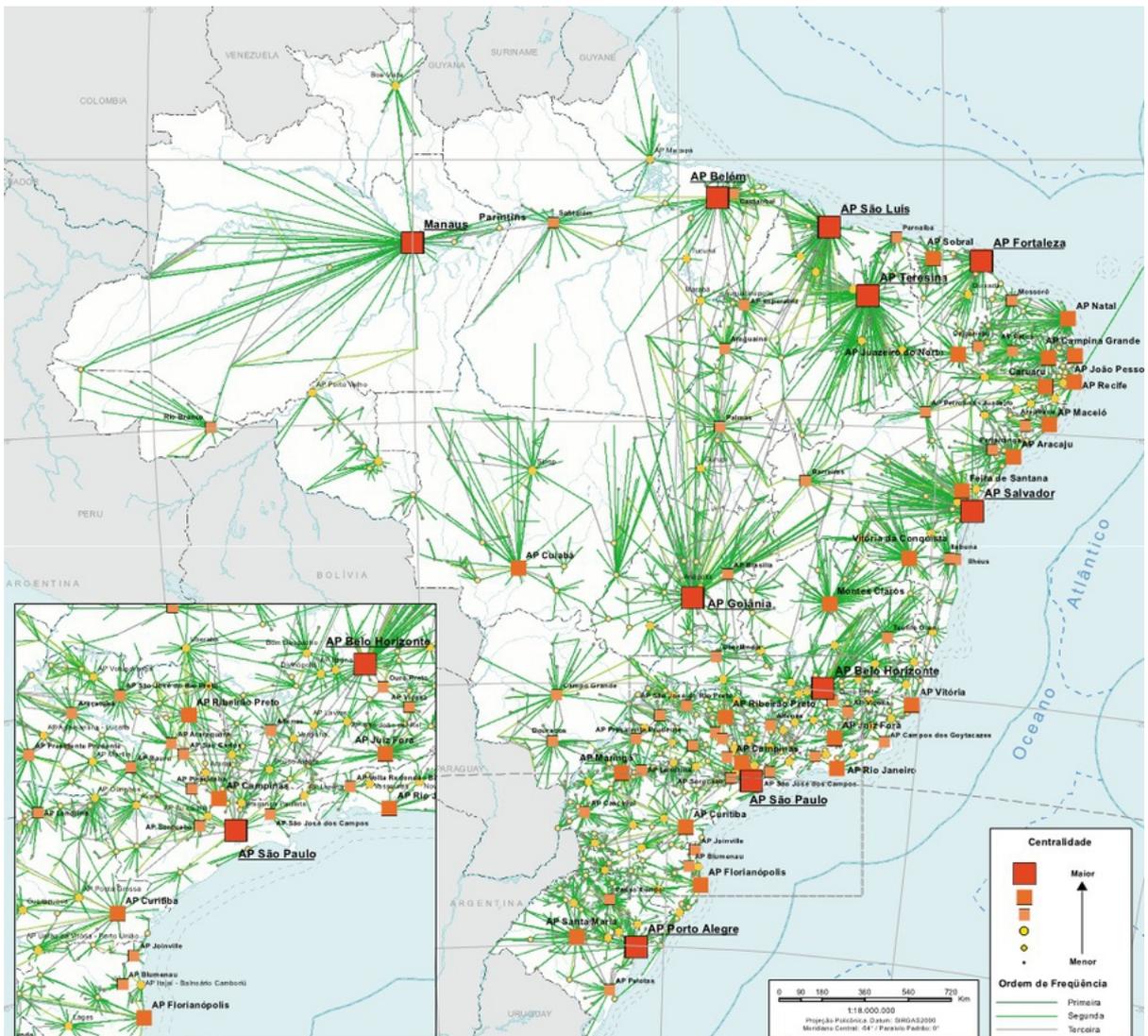
**Figura 29 – Rede urbana - Brasil, 2018**



Fonte: <https://geofpt.ibge.gov.br/>. [ver nota em Lista de Figuras]

O segundo mapa, denominado Deslocamento para Cursos Superiores, igualmente ao primeiro, sua versão é do ano de 2018. Este mapa também contém dados de abrangência nacional, entretanto, para compreender o movimento entre cidades em decorrência dos cursos superiores. Com relação ao posicionamento de Parintins, face à variável que se apresenta, é possível observar que a cidade se insere nesse movimento. Significa dizer que este tipo de serviço, em alguma medida, exerce influências na dinâmica de Parintins. Como referido no corpo desta pesquisa Parintins conta com várias instituições de ensino superior, podendo citar algumas no âmbito público tais como Universidade Federal do Amazonas - UFAM e Universidade Estadual do Amazonas - UEA. Do mesmo modo existem instituições por parte da iniciativa privada.

**Figura 30 – Deslocamento para cursos superiores, Brasil - 2018**



Fonte: <https://geoftp.ibge.gov.br/>. [ver nota em Lista de Figuras]



Assim, para sintetizar e concluir o que se pretende aqui mostrar com a Rede urbana, cabe dizer que muito mais do que um conceito teórico, através desse dado é possível compreender um conjunto de relações que influenciam os processos que ocorrem nas cidades. Como tal, possibilitando uma leitura complexa e determinante para as suas transformações.

Diante das considerações sobre a leitura de Rede urbana, faz-se oportuno, portanto, operar a transposição de escala do conjunto de cidades, para uma escala que se detenha aos limites do perímetro urbano da cidade de Parintins. Na arquitetura, essa denominação ocorre através da expressão à escala da cidade. Pela terminologia da geografia, a mesma escala é identificada como intraurbana. Vale referir, que a definição do conceito sob o ponto de vista da geografia é mais abrangente que a lente da arquitetura, na medida em que está para além de uma delimitação territorial, e por isso, mostra como as partes e as suas relações se organizam no todo.

Nessa linha de raciocínio, independente da natureza disciplinar dos conceitos, a leitura seguinte se conforma na delimitação territorial do perímetro urbano da cidade de Parintins. Para tal, importa olhar em duas direções. A primeira, faz referência ao processo de urbanização, e a segunda em como esse processo se materializou no tecido urbano da cidade, levando em conta o tecido residencial.

Dessa forma, o processo de urbanização da cidade de Parintins seguiu a tendência da maioria das cidades brasileiras. Ou seja, resultou de um adensamento demográfico. Numa breve referência aos dados estatísticos da urbanização dessa cidade, verifica-se que o percentual de urbanização passou de 43% em 1970 para 68% em 2010. Esses dados sugerem que os níveis de urbanização, resultantes dos movimentos migratórios que ocorreram em Parintins, induziu à procura de espaços para se habitar.

Dessa condição derivou o “surgimento de áreas periféricas, oriundas principalmente de ocupações de terras particulares ou à margem de vegetações ciliares, onde a qualidade de vida demonstra índices muito aquém dos preconizados” (BATISTA, 2000, 1). Resultou, ainda, numa “cidade formal oriunda de um processo formal regular de urbanização e a outra ‘informal’, produzida às margens de quaisquer mecanismos legais” (SOUZA, 2013, 1). Este modo de fazer cidade tem consequências na qualidade de vida urbana, principalmente ao

nível do saneamento básico e resíduos sólidos (BATISTA, 2000; SOUZA, 2013; FRANÇA, 2014).

É aceite que as cidades são lugares de oportunidades para as pessoas, nelas a disponibilidade de serviços possibilita encontrar resposta às necessidades da população. No entanto, o modo como se desenvolveu o processo de urbanização no Brasil fez com que, além dos espaços de oportunidades, tenha-se também lugares de concentração de pobreza. Com outras palavras, Santos (1993) em *A Urbanização Brasileira*, reforça esta argumentação ao dizer que “a cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora de pobreza, tanto pelo modelo socioeconómico de que é suporte como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias pessoas ainda mais pobres”. (SANTOS, 1993, 10). Esta condição pode nos conduzir ao que os autores designam por “Rurbanização”, na medida em que o viver, dentro de um território considerado urbano, é muitas vezes mais desprovido de condições do que aquelas que se tinha numa localidade rural de origem.

Na mesma linha argumentativa de olhar o processo de urbanização brasileiro, Maricato (2013), Maricato (2002), Maricato (2000) reforça a argumentação de Batista (2000) ao dizer que a ideia de ampliar os limites físicos da cidade e de dispersar o seu tecido edificado, constitui-se numa prática que requer uma complexidade elevada para ser explicada, isso porque, na maioria das vezes, esse fenômeno é resultado da especulação fundiária. Os locais da cidade que estão servidos de infraestrutura, paga por todo o contribuinte, beneficia os proprietários que têm poder econômico para se fixar em áreas com esse serviço.

Assim, o seu imóvel é valorizado não pelo objeto em si, a terra ou a casa, mas pela existência de um bem público que o serve, a infraestrutura. Por outro lado, o cidadão que não tem possibilidades para comprar ou alugar sua habitação junto de áreas infraestruturadas, é remetido às áreas periféricas. Nessas áreas o preço da terra é mais barato pelo fato de não estar servido por infraestrutura. Para Maricato (2000), o preço da terra deveria ser o mesmo, uma vez que o bem, em si, é igual. Contudo não acontece desse modo, o que faz com que terra se valorize, não pelas suas próprias características, mas através da proximidade a um bem público, a infraestrutura, o qual pela sua natureza deveria beneficiar a todos.

Veja-se que os movimentos de migração na Amazônia, ao tempo do ciclo econômico da borracha, também dinamizaram a urbanização das cidades. Contudo, não ocorreu de modo diferente do exposto pelos autores anteriores. Para Rodrigues (2006), os “[...] migrantes que não conseguiram voltar ou desejaram voltar para casa, foram legados as periferias das cidades, onde dividiam espaço em palhoças de taipa e chão batido de um só cômodo [...]” (RODRIGUES, 2006, 57).

Em conexão com as considerações acima citadas, é momento de direcionar a análise para a materialização deste processo de urbanização face ao tecido urbano de Parintins. Para tal, a partir de diferentes épocas, se apresentam três imagens do tecido urbano da cidade. A primeira, consiste numa imagem, obtida via internet e sem catalogação, representando a área urbana que hoje se denomina por Bairro Centro. A partir dos elementos morfológicos presentes na imagem, presume-se que se trata de uma representação do tecido urbano da década de 1970. Veja-se que o início da construção da Catedral de Parintins data de 1961 e como se pode notar já consta na imagem. Do mesmo modo, chama a atenção a pista do aeroporto nos limites da cidade, tendo sido desativado e parte do seu terreno dado lugar ao espaço onde se encontra o Bumbódromo e a Praça dos Bois.

A segunda imagem ilustra o mesmo tecido urbano apresentado na referência à década de 1970. É possível observar permanências de elementos urbanos, tais como: a Catedral e o traçado urbano primário que, marcadamente, se consolidou, a partir do adensamento do tecido habitacional. Nessa mesma imagem ainda é possível perceber que o tecido se expandiu para além dos limites do Bairro Centro, apresentando novos bairros na sua continuidade. Cabe ressaltar que o traçado viário segue uma malha regular à semelhança do tecido urbano atual, onde é possível verificar o núcleo original do Bairro Centro face à expansão da cidade através do surgimento de novos bairros.

A terceira imagem se refere ao tecido urbano que resulta das novas expansões da cidade. Nota-se que existe um contraste na regularidade da malha urbana face ao exemplo anterior. Este tipo de implantação pode ser, de algum modo, um exemplo que resultou de um processo de urbanização, no qual a população por si só necessitou resolver as condições para moradia.

**Figura 32 – Fotografia de Parintins**



Fonte: <https://www.facebook.com/parintinsdeantigamente>

**Figura 33 – Tecido urbano da área central da cidade**



Fonte: Junior Preto, (2018). [ver nota na Lista de Figuras]

**Figura 34 – Tecido urbano resultante da expansão da cidade**

Fonte: Junior Preto, (2018). [ver nota na Lista de Figuras]

Nos anos 1980, o aumento da população urbana de Parintins foi quase o dobro do quantitativo da população rural. Desta condição derivou a necessidade de implantar novos bairros, que por sua vez tanto aumentou quanto alterou as características do tecido urbano da cidade. Exemplos dessas realizações são: o bairro Dejará Vieira, São Francisco e Santa Rita. Além dessas novas fundações outros bairros foram ampliados, como Santa Clara, Emílio Moreira, Itaguatinga, São Benedito e o bairro Palmares. Em simultâneo surgiram, também, novos conjuntos abitacionais: Macurany e o João Novo.

É comum observar, com base na literatura, referências que estabelecem um nexo causal entre o crescimento da cidade e os interesses políticos de quem dinamizava essas iniciativas. Assim, a implementação destes novos espaços de moradias estaria correlacionada com uma intenção de se obter novos votos nas campanhas eleitorais. No entanto, não foi objetivo desta pesquisa aprofundar esse tema. Retomando a leitura urbana, observa-se que o tecido urbano de 1970, correspondente ao atual Bairro Centro, caracterizava-se por uma configuração compacta e contínua. Na expansão da década de 1980 é possível perceber que a implantação dos novos bairros se deram em continuidade ao núcleo da cidade,

porém não na totalidade dessas intervenções. Assim, dentro desse período, começou-se a observar descontinuidades no traçado.

A tendência que se constata na expansão do tecido urbano, da década de 1970 para 1980, se enquadra numa temática clássica de discussão acerca do crescimento e transformação de cidades. Aqui, trata-se do tema compactação urbana versus dispersão urbana. A primeira condição, embora faça referência a um panorama urbano que configura a maioria das cidades mundiais, tem “características estruturais específicas que lhe garantem uma localidade concreta, europeia, mesmo que não possa ser generalizado nesse espaço” (Boeri, 2014, p.113). Contudo, a tendência das cidades da América do Sul e, em particular, das cidades brasileiras, está distante desse modelo de cidade compacta, apontando para um caminho mais próximo do que seria associado ao conceito de dispersão urbana.

Do diálogo entre os dois conceitos percebe-se, entretanto, uma questão relacionada à dimensão territorial dos aglomerados e o seu modo de organização. A cidade expande as suas fronteiras e a coesão morfológica se dilui no território. Este termo, em outras palavras, é conhecido por cidade dispersa que contrária a ideia do que seria cidade compacta. Rogers e Gumuchdjan (2005), em *Cidades para um pequeno planeta*, formula uma reflexão acerca da urbanização à escala planetária, encontrando uma base teórica para o entendimento da “cidade compacta”. Consequentemente, esta obra, é uma referência teórica sobre o tema, fundada na busca da cidade sustentável, oposta à dispersão e fragmentação das cidades que, tendencialmente, caracteriza a produção da cidade contemporânea. Motivo que explica a crescente segregação social nos aglomerados urbanos de grande escala.

Assim, a ‘cidade compacta’ deveria caracterizar-se como “uma cidade densa e socialmente diversa onde as atividades econômicas e sociais se sobreponham e onde as comunidades sejam concentradas em torno das unidades de vizinhança” (ROGERS; GUMUCHDJIAN, 2005, 33). Em contraponto a um modelo urbano de “desenvolvimento monofuncional e à predominância do automóvel” (ROGERS; GUMUCHDJIAN, 2005, 38). Desta citação do autor é possível estabelecer uma relação de contraponto ao que se vinculava como modelo a ser seguido no desenho das cidades durante o Movimento Moderno, conforme citado no primeiro capítulo deste trabalho. Se as cidades desenvolvidas

sob o modelo Modernista tinham como padrão a funcionalidade e a máquina, por sua vez, a ideia de cidade compacta procura dar resposta a um estímulo da vida em comunidade e à mobilidade, através de uma leitura da cidade segundo quatro condições: a densidade, a multifuncionalidade, a mobilidade e a sustentabilidade (ROGERS; GUMUCHDJIAN, 2005)

Num claro contraste à 'cidade compacta', o conceito de 'cidade dispersa' designa um espaço urbano que, de algum modo, entrou em ruptura com a cidade do passado, isto é, as relações com o centro, cujo alcance inclui questões simbólicas que são desconsideradas, tais como a de identidade. Portanto, ainda que se reconheça a existência de identidade, ela não parece possuir elementos significativos para influenciar a implantação de novos assentamentos urbanos.

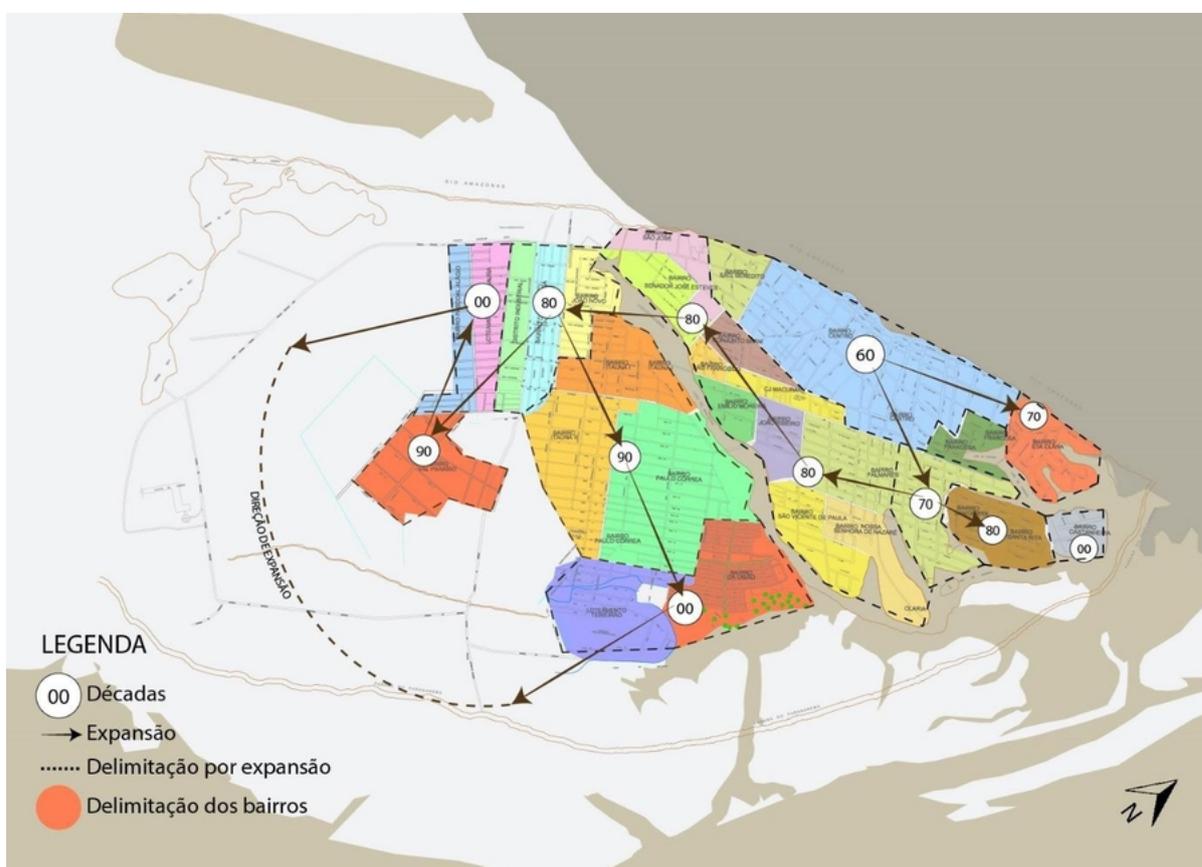
Nesta linha de pensamento, toma-se como referência o manifesto "Generic City", (KOOLHAAS, 1998), que destaca as qualidades da metrópole contemporânea, considerando a cidade herdada como a razão para os atuais problemas urbanos. Desse modo, "a Cidade Genérica é liberada do cativeiro do centro, da camisa-de-força da identidade. A Cidade Genérica quebra com esse ciclo destrutivo de dependência: ela não é nada além de um reflexo da necessidade e capacidade presentes" (KOOLHAAS, 1998, 1249, 1250). [tradução livre].

No caso de Parintins, a partir da década de 1980, a cidade rompe com os princípios de 'cidade compacta' e passou a expandir o seu tecido urbano, sem que necessariamente houvesse uma continuidade. Essa condição traz como consequência uma série de problemas urbanos, principalmente ao nível de infraestrutura.

Nos anos de 1990 mais conjuntos habitacionais foram construídos, a exemplo do Novo Lar, Paraíba e Padre Sílvio Miotto. Nesse período, assistiu-se a um processo de ocupações de terra urbana, o que resultou no atual bairro Itaúna. Como colocado anteriormente, este processo aconteceu desacompanhado de apoio e de ações da prefeitura municipal, no sentido de colocar os serviços básicos de infraestrutura em quantidade e qualidade suficiente para dar resposta à demanda populacional. Sabe-se que uma obra de infraestrutura tem um custo alto. As décadas subsequentes seguiram a mesma dinâmica de implantação, a qual ocorreu para o sentido sul da cidade. À medida que

a cidade vai se expandido alguns bairros que, no início se inseriam numa condição de descontinuidade, começam a ganhar integração ao tecido. No entanto, essa condição de continuidade não significa, necessariamente, infraestruturas adequadas. Assim, através desta dinâmica de expansão se explica o motivo da diminuição dos níveis de infraestrutura quando comparados com os centros das cidades, ao que Parintins segue o mesmo modelo. O mapa seguinte apresenta em síntese o processo de crescimento de Parintins, onde se mostra os movimentos de expansão urbana que aconteceram a partir da década de 1960, com origem no Bairro Centro, até o ano 2000 com suas linhas de expansão.

**Figura 35 – Expansão do tecido urbano de Parintins, representado por décadas**



Fonte: Ferreira (2017). [ver nota na Lista de Figuras]

Alguns autores apontam que a noção de infraestrutura anda correlacionada a índices de desenvolvimento. Logo, quanto maior for esse índice num determinado lugar, melhores serão as condições infraestruturais do seu espaço urbano. Note-se, no caso desse estudo, que a cidade de Parintins iniciou um ciclo de prosperidade, por volta dos anos 1980, em função do Festival Folclórico de Parintins. Embora o festival tenha iniciado nos finais da

década de 1960, somente com a entrada de patrocinadores de renome internacional, a exemplo da Coca-Cola, é que a cidade começou a ter retorno em função desse novo ciclo e, conseqüentemente, a observar o movimento de expansão urbana. Mas, quando se fala de infraestrutura quais são os elementos urbanos que estão sendo colocados de fato?

A infraestrutura apresenta uma grande importância na estruturação urbana e na qualidade espacial das cidades. Como infraestrutura deve-se entender as estruturas urbanas físicas duradouras, construídas pelo poder público ou por concessionárias (BRAGA, 2006, 5). No entanto, as infraestruturas por si só não completam a qualidade de vida urbana, além delas é necessário o desenvolvimento de ações de projeto urbano a fim de criar um ordenamento físico-espacial da cidade.

São diversas as possibilidades de se organizar metodologicamente o tipo de análise de infraestrutura urbana existente numa cidade. Braga (2006) caracteriza três possibilidades para a decomposição da infraestrutura urbana, a fim de permitir o seu estudo. A primeira se refere à Infraestrutura e Escala Urbana, a qual trabalha as infraestruturas de menor porte, tais como: avenidas de pequena importância viária, ruas e praças, com forte interação com o espaço público e atividades habituais na cidade, conferindo-lhe assim características de espaço simbólico da escala local.

A segunda, denominada de Infraestrutura e a Escala Metropolitana, está ligada a infraestruturas de maior porte, que por sua vez relacionam-se com a rede dos principais fluxos metropolitanos na qual se estabelece uma articulação funcional de grande distância. De um modo geral, esta tipologia é conflitante com o espaço urbano local, pelo fato das suas dinâmicas serem contrastantes.

Já a terceira possibilidade, segundo esta tipificação do autor, consiste na Infraestrutura e Projeto Urbano. Esta tipificação sintetiza a primeira e a segunda possibilidade acima citadas, uma vez que desenvolve o partido urbano que uma infraestrutura poderá conferir em termos estéticos e espaciais ao espaço urbano da cidade (BRAGA, 2006, 12). Olhando a cidade de Parintins, sob esta lente técnica de observação, pode-se desenvolver algumas classificações e caracterizações quanto às suas estruturas físicas de caráter duradouro.

Segundo as tipificações apresentadas anteriormente, em seu primeiro aspecto, Infra-

estrutura e Escala Urbana, a cidade caracteriza-se por uma malha viária onde predominam ruas com pavimentação de concreto à base de brita de tijolos e asfalto. Apresenta-se como principal via simbólica a Avenida Amazonas, a qual marca uma linearidade na zona central da cidade passando por um elemento significativo do espaço urbano que é a Catedral de Parintins. Este elemento urbano assume particular importância durante o festival folclórico e no desenvolvimento das festas de rua dos bumbás, a exemplo da chegada da Alvorada do Boi Garantido à Catedral. A imagem seguinte mostra a referida contextualização.

**Figura 36 – Contexto urbano entre a Catedral de Parintins e a Avenida Amazonas**

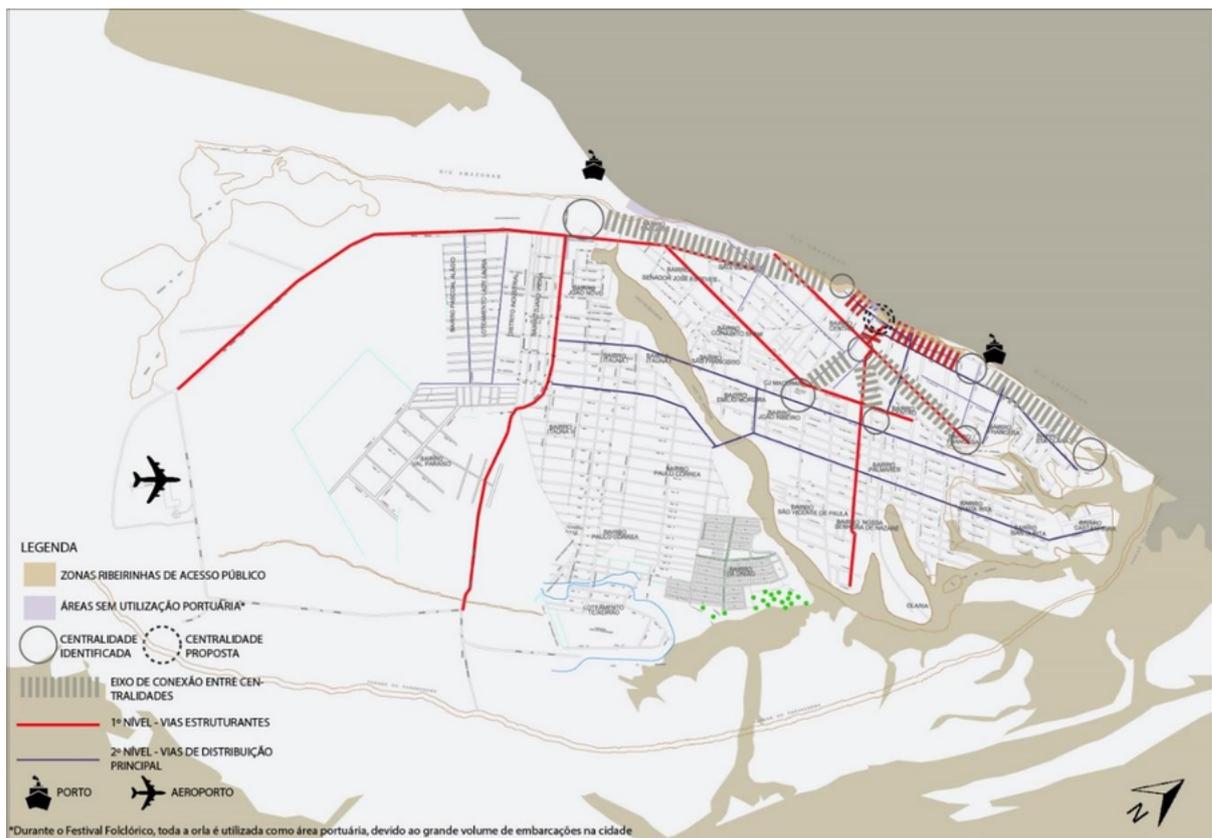


Fonte: Junior Preto, (2018). [ver nota na Lista de Figuras]

Do mesmo modo observa-se a Avenida Lindolfo Monteverde, com função de conexão entre o término da Avenida Amazonas até as áreas de menor densidade populacional e mais afastadas do centro da cidade. Essa via, à semelhança da Avenida Amazonas, também se caracteriza pela presença de espaços com significado no Festival Folclórico de Parintins, e nesse caso, cita-se o “Curralzinho da Baixa”, lugar de origem do bumbá Garantido. Importa referir ainda a Rua da Cordovil pela sua vinculação à origem do bumbá Caprichoso e sua função de conexão desde a orla da cidade até o bumbódromo, atravessando a Av. Amazonas.

Para além da questão simbólica anteriormente referida, cabe dizer que o tecido viário de Parintins é marcado por três classificações de vias: as estruturantes, as de distribuição principal e as de distribuição secundária. Além da referência à estrutura viária importa ainda citar à orla da cidade, na medida em que se constitui num local integrado à malha e, ao mesmo tempo, simbólico para a população, marcando assim a frente da cidade para o Rio Amazonas. Do mesmo modo, caracteriza-se como um elemento significativo para quem chega de barco a Parintins. Trata-se, portanto, de um espaço de grande apropriação durante a época do festival. No entanto, parte de seu tecido residencial está abandonado, resultando no esvaziamento de residentes da área central próxima ao rio. A imagem sintetiza os elementos.

**Figura 37 – Planta Síntese das vias estruturantes, secundária e área de orla**



Fonte: Ferreira (2017). [ver nota na Lista de Figuras]

Em termos de Infraestrutura e Escala Metropolitana nota-se dois pontos: o atual Aeroporto Regional Júlio Belém, já objeto de referência nesta pesquisa quando se expôs os motivos da interdição temporária e, também, o Porto de Parintins. O primeiro fica na parte

oeste da cidade acerca de 6 km do centro. O segundo está localizado na área central da cidade. Em termos de movimentação, enquanto o aeroporto tem uma regularidade baixa de pessoas e mercadorias, o movimento do porto exerce maior impacto a nível urbano, pela a quantidade de cargas e passageiros.

Em Parintins, a infraestrutura e os equipamentos da cidade se mostram insuficientes para a demanda do dia a dia dos residentes, situação que parece se agravar no período do festival. As condições são precárias principalmente em questões de saneamento e qualidade da água para abastecimento. A orla da cidade, durante o Festival Folclórico, fica repleta de embarcações que servem de transporte para “os brincantes” chegarem até Parintins. Apesar das transformações e sobrecarga que os visitantes trazem à infraestrutura da cidade, a fala do Mestre Jair Mendes, em entrevista a Biriba (2012), afirma:

Parintins sem o Boi hoje não seria nada, seria uma cidadezinha como qualquer outra que temos por aqui, pior ainda, aqui é uma ilha isolada, só chega de barco ou de avião, não temos rodovia. Às vezes falam que o festival vai sair daqui de Parintins porque a cidade não comporta. . . Eu tenho medo que saia daqui, que levem para Manaus, aqui não há uma estrutura adequada para hospedagem do visitante. Entretanto, a cidade sofre por alguns motivos, quer vê uma coisa, nove meses depois do Festival a maternidade não comporta tanta menina nova grávida e criança sem pai. Drogas, aids, Parintins, uma cidade razoavelmente pequena, contém o maior número de aidéticos proporcional na sua população, a sorte é que não tem estrada pra chegar aqui, senão seria muito pior. . . , roubo de moto, só nessa época, fora do festival, aqui não tem nem ladrão” (BIRIBA, 2012, 70).

Este relato é pertinente para compreender a complexidade que envolve pensar e planejar a cidade. No caso específico de Parintins acresce um elemento modificador que é a presença do Festival Folclórico e todas as suas consequências, tanto positivas quanto negativas. A influência do festival parece ser de tal modo forte que o entrevistado faz também a afirmação de que “Parintins depende por completo” do festival. Observou-se que existe uma correlação direta entre a cidade e o evento, no sentido de que uma parte significativa da economia local, assim como a sua identidade, encontram-se vinculada ao festival. Apesar de parecer que a cidade de Parintins está em total dependência econômica do festival folclórico, importa lembrar, como apresentado na parte inicial deste capítulo, que a sua integração na rede urbana lhe confere, para além do festival, trocas de comércio e serviços com outras cidades.

As transformações no Espaço Público é algo habitual de se perceber, entretanto esse movimento faz com que um grande número de referências individuais se percam. Por vezes se constrói, mentalmente, um cenário comparativo das diferenças de um determinado espaço urbano, na contemporaneidade, e como ele era constituído no passado. Em Parintins esse lembrar e remeter situações do cotidiano, no sentido de como elas eram anteriormente parece ser uma prática comum. Prática essa que se entende subjetivamente na fala das pessoas como uma lembrança saudosa, uma confirmação do quão aquele momento, apesar de outras dificuldades, era tão prazeroso para essas pessoas.

É evidente uma relação entre a transformação da sociedade e a transformação do espaço público urbano. Cabe ressaltar que o Festival Folclórico de Parintins é um elemento de identidade da cidade, talvez não seja da totalidade da população, uma vez que as pessoas mais idosas não se identificam tanto com o bumbá contemporâneo e sim com a versão mais antiga, do tempo dos seus fundadores. No entanto, é incontestável que se caracteriza num evento com força suficiente para desenvolver mudanças no espaço público urbano da cidade de Parintins, configurando-se assim num aspecto para se compreender como essas mudanças têm ocorrido ao longo do tempo.

É a partir das mudanças urbanas, costumes, hábitos e estilos de vida que os espaços públicos urbanos ganham ou perdem importância, ou seja, transformam-se. Neste sentido, sendo o Festival Folclórico de Parintins um elemento marcado pelos costumes de Parintins, é importante compreender como se estabelece esta relação entre festa e espaço público na cidade.

Neste sentido, rompidos estes ciclos econômicos, o legado de infraestrutura deixado na cidade até a década de 1960 foi reduzido, assim como as possibilidades econômicas para as pessoas que lá ficaram. O evento que viria trazer modificações ao panorama da cidade foi o surgimento de Festival Folclórico de Parintins, o qual teve o seu início no ano de 1966. Num primeiro momento, as transformações urbanas que este evento refletiu na cidade foram tímidas. Contudo, à medida que se acentuou a competitividade entre os bumbás e o festival foi adotando diretrizes de desenvolvimento voltadas para o mercado, assistiu-se a diversas transformações na cidade, assunto que encerra o objetivo deste trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi examinar as transformações urbanas em Parintins, a partir do Festival Folclórico, levando em conta o recorte temporal de 1988 a 2018, a partir da relação teórica e operativa entre cidade e evento. O contato com a cidade de Parintins deu-se por motivos do evento do festival. No entanto, ao ponderar as possibilidades do desenvolvimento de uma pesquisa, sobre a dinâmica da cidade em função do festival, tendo em vista a minha formação acadêmica como arquiteto, procurei o objeto de estudo que tivesse relação com as problemáticas urbanas. Nesse sentido, relacionar cidade e vento responderia a essa intenção.

Ao tentar me aproximar do campo, a partir de uma perspectiva interpretativa, baseada em Geertz (1989), e ainda aprendendo as habilidades de ver, ouvir e escrever, aos moldes de Oliveira (2000), busquei estabelecer um “encontro etnográfico” com os sujeitos que poderiam se tornar os interlocutores dessa pesquisa. Porém, nas costuras desse encontro, fui seduzido pela mágica do próprio festival, tendo em vista a grandiosidade que o constitui e a dinâmica que ele induz na cidade conforme foi apresentado neste trabalho. Isso resultou no desenvolvimento do campo, numa perspectiva demasiadamente voltada para o festival e demais eventos que envolvem os bumbás. Por outro lado, neste caso concreto, essa sedução também me permitiu manter uma motivação para conduzir a pesquisa até ao final.

Assim, num primeiro momento, me detive na obtenção dos dados, escrita e análise dentro da temática da qual fui seduzido. Num segundo, pós-qualificação, precisei redirecionar o olhar de modo a dar ênfase às questões da cidade propriamente dita, seguindo as orientações da banca, uma vez que o objeto de estudo abarcava essas duas dimensões. Isto me fez perceber, na conclusão quanto ao campo, que para uma melhor compreensão do objeto é importante abordá-lo não somente a partir de um recorte de indivíduos diretamente envolvidos com o que se pretende estudar, mas abarcar aqueles que não tem relação direta. Dessa diversidade de olhares surgiram novas formulações ao tema, as quais podem passar despercebidas aos próprios sujeitos da pesquisa e com isso enriquecer os dados.

A primeira parte desse trabalho apresenta as categorias de cidade e evento numa perspectiva de objeto teórico. Entenda-se para tal, na sua construção, um direcionamento

do olhar para ambos os conceitos a partir sua universalização, mas sem chamar o objeto prático. Ou seja, a especificidade da cidade de Parintins e, por consequência, o Festival Folclórico de Parintins. Nessa perspectiva, procurou-se entender o conceito de cidade recorrendo a autores de diferentes épocas e filiações disciplinares, pelo que o caráter interdisciplinar deste trabalho justifica tal seleção.

Para tal, partiu-se de uma primeira ideia de que a cidade constitui-se comum entre as pessoas e que se modifica à medida que vai sendo estudada e explicada pelos diferentes campos do saber. Portanto, levando-se em consideração a complexidade de relações que a compõem e a torna um lugar de vivências, de trocas e de poder. No desenvolvimento da revisão do conceito, a partir de autores como Lencioni, (2008), Vasconcelos (2017), Marx e Engels (1846), Weber (1921), Palacios (2016), Park (1967), Wirth (1967), Harvey (2014), Manna (2008), Lefebvre (1991), Fernandes (2004), Mumford (2004), foi possível entender a cidade de modo mais amplo, no sentido de algo que é construído coletivamente. Consequentemente, para ser estudada necessita de um olhar sobre as abordagens desses teóricos tendo em vista a conciliação das suas contribuições.

Assim, a abordagem do conceito de cidade segue uma linha explicativa, na qual a cidade é vista como produto social importante para que exista uma relação entre o homem e o meio (LENCIONI, 2008). Além disso, é necessário que ocorra uma aglomeração ou concentração de população a par de instrumentos de capital e de fruições, como se pôde perceber em Marx e Engels (1846). Para Weber (1921), além do elemento econômico, a cidade concentra ainda como aspecto fundante o elemento político. A ideia de que a cidade, para ser compreendida, precisa ser vista para além dos elementos econômicos é colocada por Palacios (2016) e reforçada por Park (1967). Para Park a cidade está associada a um estado de espírito, visto que sua formação está para além de elementos físicos e artificiais.

Nesta linha de discussão sobre a cidade, onde se apresenta uma relação entre materialidade física e materialidade social, citou-se dois autores arquitetos que também desenvolveram, através de projetos utópicos, contribuições ao que pode ser a cidade como conceito. A exemplo de Le Corbusier e Frank Lloyd Wright. Pensar o conceito de cidade, a partir desses dois profissionais, não pode ser deslocado do contexto que se vivia à época,

a modernidade, uma vez que esse espírito do tempo em muito influenciou o pensamento de ambos, e conseqüentemente, o modo como a arquitetura olhou para este conceito.

Ao que se pôde observar, o arquiteto Le Corbusier faz uma leitura de cidade centrada na separação de funções e dentro delas os objetos necessários, a darem suporte à vida humana, deveriam ser tratados a partir da ideia de máquina. Por sua vez, contrariando a ideia do autor anterior, Frank Lloyd Wright defende um conceito de cidade onde a relação entre o indivíduo, a terra e o edifício são fundamentais. As premissas conceituais defendidas por Le Corbusier encontram aceitação, uma vez que a época da modernidade era o ambiente perfeito para tal. Assim, estes conceitos passaram do plano teórico ao plano prático, pelo que ainda é possível observar diversas cidades projetadas sob estes moldes.

Se a modernidade teve uma influência significativa no que seria o conceito de cidade da época, conseqüentemente, a pós-modernidade trouxe novos olhares ao modo de pensar o conceito de cidade, onde para além da demolição de obras emblemáticas, construídas sob o espírito da modernidade, induziu um modo de pensar cidade a partir do fragmento, da pluralidade e da organicidade.

Já o conceito de evento, a partir de uma percepção imediata, aparece correlacionado a algo que se caracteriza como periódico, efêmero e único. Desta premissa, quando se fala de um festival, uma feira, uma exposição, entre outros, segundo o autor Getz (1991), constitui-se num elemento de atratividade capaz de oportunizar diversos tipos de lazer para as pessoas. Esta característica do evento quando se correlaciona à cidade, faz com que autores como Popescu e Corbos (2012) veja nele uma capacidade de atração de turismo, interpretando-o como a venda de uma determinada cidade enquanto produto.

Importa referir que tanto no conceito de cidade quanto no de evento, os adventos da modernidade e da pós-modernidade exerceram ações determinantes para o aparecimento de novos contextos explicativos de cada um deles. As razões relacionadas à cidade apresenta-se tal qual explanadas acima. Quanto às razões explicativas do evento, como se pôde notar, estas partem da ideia de que o evento reúne pessoas em torno de um objetivo comum. Estes objetivos, conforme mostra a história, não é algo inédito. Identifica-se desde a Antiguidade, que os eventos, por assim dizer, tinham um caráter de reunião e até de

pacificação. Na atualidade, os eventos assumem outra conotação, possuindo um sentido mais voltado para o lazer. Assim, pode-se dizer que num primeiro momento os eventos tinham uma característica de homogeneidade até à modernidade. Com a pós-modernidade, Maffesoli em entrevista a Vilaça (2013), coloca que os eventos perderam essa característica inicial e, em vez disso, se transformaram em heterogêneos tornando-se objeto de consumo para aqueles que tem à sua disposição um conjunto de opções prontas a dar resposta ao seu desejo. Veja-se então a necessidade, por parte dos eventos, em acompanhar o seu consumidor. Se assim não for, o evento corre o risco de cair no esquecimento.

Com as modificações do modo de vida pós-moderno, passou-se a entender que a fluidez dos interesses culturais, o acesso a diferentes meios de informação, comunicação, a divulgação e os eventos foram incorporados na indústria do entretenimento. Por sua vez, repercutiu em questões econômicas, principalmente no campo do turismo cultural (HOBBSAWM, 2013, 63). Nesse sentido, como sinaliza Hobsbawm (2013), embora esses eventos ainda possam manter relações com o passado, o que mais se destaca é o que está por vir e a sua reinvenção no sentido de dar resposta à sua capacidade de comunicação artística e experiência estética.

No segundo capítulo o trabalho voltou-se para a etnografia, mais propriamente a cidade de Parintins e o festival folclórico. Se destaca a chamada de falas de diferentes sujeitos a partir de diversos contextos. Num primeiro momento, foi feita a descrição da partida de Manaus até à cidade de Parintins. Em seguida deu-se ênfase as memórias e relatos orais feitos por pessoas de Parintins acerca da própria cidade, dos bois e do festival folclórico. Nesta parte do capítulo chama a atenção ainda as diferentes perspectivas que tratam da história de Parintins, a partir de livros e de letras de toadas.

O tópico seguinte apresentou os relatos orais de duas pessoas de referência na tradição dos bumbás em Parintins, mais precisamente, Dona Maria do Carmo Monteverde e Mestre Jair Mendes. A fala de ambos, a partir das entrevistas realizadas, possibilitou mais uma parte etnográfica. Nessas entrevistas Dona Maria do Carmo descreveu com detalhe a Baixa do São José, à época de seu pai, e outros lugares e tradições relacionadas à festa dos bumbás. Por sua vez, na entrevista com o Mestre Jair Mendes obteve-se

informações relativas à expansão da cidade de Parintins, às dinâmicas do festival e seus desdobramentos no cotidiano dos artistas ligados à produção do festival e a sua relação no processo monetário da cidade. A aproximação com esses sujeitos resultou na convicção de que as ações de observação e respectivas entrevistas permitiram registrar descrições que se mostraram relevantes para o entendimento da cidade e da sua relação com o evento. Fechou-se o capítulo com referência ao Festival Folclórico de Parintins onde se fez uma breve contextualização ao evento.

No terceiro capítulo fez-se referência aos lugares dos bumbás e seus espaços de memória. Aqui se objetivou tratar da tradição dos bumbás no período que antecedeu a realização do Festival Folclórico de Parintins no edifício bumbódromo. Para tal, foi feita uma apresentação dos criadores dos bumbás e identificado o auto do boi como fundamento desta tradição. Com essa base observou-se que a brincadeira passou por lugares distintos que podem ser apresentados por boi de terreiro, o boi de rua e boi de arena.

Essa terminologia, caso necessário, permite estabelecer uma classificação dos espaços por onde a tradição do boi bumbá foi se apresentando ao longo dos anos. Em seguida apresentou-se as diferentes versões que dão conta das origens e dos criadores desses bumbás. Como dito, a criação o bumbá Garantido é consensual na figura de Lindolfo Monteverde, enquanto que ao bumbá Caprichoso é atribuída diferentes narrativas sobre o seu criador. Entretanto, não há um consenso quanto às versões oficiais para cada um dos bumbás. A partir do contato com essas pessoas e do aprofundamento do campo foi possível compreender que essas discussões sobre o seu surgimento dos bois e seus criadores estão presentes no cotidiano da cidade.

Relacionado ao tema que se trata neste capítulo e que envolve personagens e lugares tradicionais na cidade de Parintins, considerou-se importante fazer uma breve referência ao conceito de lugar a partir do autor Augé (2006). O diálogo com esse autor permitiu-nos respaldo teórico para afirmar a essência desses lugares, no sentido de enaltecer as suas características como espaços de congregação, onde se preservam os entrelaçamentos de vivências, experiências e memórias. A partir dessa narrativa de lugar, surge então a apresentação do histórico dos currais de ambos os bumbás, na qual tentou-se desenvolver

uma cronologia de onde os bois foram se apresentando desde a sua origem até aos currais da contemporaneidade. Aqui se identifica a necessidade de desenvolver, numa etapa futura, uma cartografia que retrate com exatidão a localização desses espaços para uma melhor compreensão da trajetória dos bois pela cidade. Importa ainda que esse registro seja acompanhado de uma etnografia desenvolvida ao longo dos diversos currais incluindo pessoas que tenham memórias sobre esses lugares. Esse é um dos tópicos que a pesquisa apontou como uma nova imersão no campo.

No quarto capítulo foi apresentado um percurso por possíveis chaves de leitura à cidade onde, de modo breve, acionou-se os conceitos de espaço, espaço público, espaço urbano e sociabilidade. Esta breve referência, de ordem conceitual, agregou um aporte teórico no sentido de auxiliar a compreensão do tema, de acordo com cada uma das escalas que se considerou necessário abordar para responder às perguntas de partida desta pesquisa. Ou seja, para entender as transformações, a partir de uma leitura de espaço, na perspectiva de um mundo em movimento, onde a mídia desempenha um papel importante. Cabendo ainda olhar para essas transformações, a partir da sua convergência na morfologia, enquanto elemento explicativo da forma e para sociabilidade como uma característica de uso dos espaços.

Pensar as transformações urbanas de Parintins, a partir de uma análise multiescalar, fez com que num primeiro momento se desenvolvesse as intervenções ao nível do objeto arquitetônico e ao nível do objeto urbano. Ou seja, considerando como primeiro objeto o edifício bumbódromo e o segundo a Praça do Bois. Ambos se caracterizam como referências estruturantes da cidade e resultantes da influência do Festival Folclórico de Parintins, conferindo um potencial de valorização aos terrenos adjacentes.

Ao desenvolver o estudo do primeiro objeto foi feita uma explicação da etimologia que levou à palavra bumbódromo. A partir dessa explicação foram estabelecidas comparações com outros objetos de uso semelhante, localizados em outras cidades e que fazem uso de semelhante terminologia adequada à temática do evento que representam. Em seguida, apresentou-se uma etnografia pelo interior do edifício bumbódromo com o objetivo de levantar a sua composição de espaço arquitetônico. As imagens fotográficas que ilustram

as descrições mostram o uso que é feito desse espaço.

Na continuidade, foi apresentada a Praça dos Bois, tendo sido ainda mencionado os diferentes usos que antecederam o seu lugar de implantação. Nesses diferentes usos, ao longo do tempo, cita-se um aeroporto e um conjunto habitacional, este último demolido para dar lugar a esta praça. Alguns autores, conforme referido no texto, apresentam versões quanto ao peso do lugar, enquanto lugar de residência.

Para esses autores, sendo um lugar de moradia, este deveria ter sido valorizado em detrimento do espetáculo. No entanto, sob uma perspectiva de espaço público, a execução da praça pode ser vista com um resgate de um espaço para a cidade. Para compreender os sentidos e significados desta praça, foi feita uma etnografia sobre os seus usos, os quais sob a égide de Certeau (2014) permitiram identificar diversas lógicas de como os sujeitos se apropriam, vivenciam e modificam aquele lugar, transformando-o naquilo que se pode chamar de lugar praticado.

A fechar este capítulo, tratou-se das transformações urbanas à escala da cidade. Aqui, sob uma dimensão escalar mais abrangente do que a escala do objeto arquitetônico, foi feita uma breve referência da cidade de Parintins face a sua posição dentro da Rede Urbana no estado. Num primeiro momento pode parecer um tópico deslocado, no entanto, é importante entender que as transformações urbanas e consequente processo de urbanização resultam de diversos fatores. Isto auxilia na compreensão das transformações enquanto processo e enquanto objeto. Nesse sentido, também de modo breve, foi apresentado alguns índices relacionados à urbanização da cidade.

Depois de reunidas estas premissas, para auxiliarem no processo de entendimento das transformações à escala da cidade, apresentou-se um conjunto de mapas onde se consegue inferir essas variações no processo de urbanização da cidade, e consequentemente, fundantes para as transformações que se pretende identificar. Dentro desta lógica partiu-se para a identificação dos elementos que se consideram estruturantes, sob o ponto de vista da infraestrutura urbana e equipamento urbanos.

Cabe ressaltar que outros dados necessitariam de uma análise mais adensada. No entanto a dificuldade de acessar as fontes impossibilitou esse aprofundamento. Exemplo

disso são os projetos de arquitetura e urbanismo relacionados à cidade de Parintins, em particular, da Praça dos Bois, Embora se julgue que a partir do trabalho, aqui realizado, tenha sido respondido ao objetivo desta pesquisa, considera-se que o campo ainda mantém questões em aberto o que sinaliza para novas incursões, a exemplo de uma cartografia do currais e sua descrição na fala de pessoas da cidade que tenham presenciado as suas dinâmicas. Assim, será um modo de preservar a memória desses lugares e compreender o seu grau de influência na transformação da cidade.

Com base no aporte teórico e nos dados de campo, é momento de responder à pergunta feita no início deste trabalho, a qual faz referência ao interesse de estudo. Assim: em que medida se pode observar transformações urbanas na cidade de Parintins decorrentes do Festival Folclórico?

Com esse desdobramento ficou entendido como resposta que ao se tratar das categorias cidade e evento, a partir da literatura, observou-se que os megaeventos apresentam diferentes tipologias e, em função delas a sua capacidade de impacto no espaço e na cidade. Assim, fazendo referência ao objeto prático desse estudo, a cidade de Parintins e o Festival Folclórico de Parintins, importa referir que o evento festival estaria enquadrado num evento denominado Hallmark, caracterizando-se dessa forma por se direcionar a um mercado predominantemente regional e local, sem prejuízo de atingir o nacional. Vale ressaltar que as classificações apresentam algumas diferenças em função dos autores estudados. Da efetivação do evento resulta, principalmente, a atratividade turística derivada do alcance do evento através da mídia, que por sua vez impacta nos seus custos e nas transformações sociais e formais que se verificam na cidade.

Assim, tentar compreender as implicações do evento nas transformações da cidade, não pode deixar de se levar em conta as relações acima descritas, desse modo, o evento vive e trabalha a sua continuidade a partir da sua capacidade de divulgação, diferente da festa. Além disso, o evento, no seu processo de realização, precisa acompanhar as transformações e a fluidez marcadas pela pós-modernidade no gosto de seus consumidores.

Quando se olha para o evento relacionado à cidade, a característica da atratividade turística se sobressai, na medida em que são “ferramentas adequadas de marketing territo-

rial. Nesse sentido, [...] a cultura passa a ser motor da economia [...] (RODRIGUES\_F, 2016, 259), e vender a cidade como um produto (POPESCU; CORBOS, 2012).

Este conjunto de elementos que dialoga entre cidade e evento, quando se trata de pensar a cidade de Parintins não se apresenta de forma diferente, tendo em vista suas implicações do ponto de vista urbano, as quais resultam como principais equipamentos estruturantes da cidade. Como exemplo cita-se o bumbódromo de Parintins, onde se destaca o uso continuado deste equipamento por parte da população da cidade ao longo do ano. Esta característica marca a diferença entre o bumbódromo e muitos outros equipamentos que foram construídos no mundo para receber eventos de curta duração, que após a sua realização ficam sem cumprir qualquer tipo de função.

Outro exemplo a ser referenciado é a Praça do Bois, uma praça pública, localizada nas imediações do bumbódromo de Parintins que se destaca também pela multiplicidade de usos que oferece à população, tanto no período do festival quanto fora dele. Além disso, este espaço que passou por diversos usos, inclusive privados, é sinônimo de um espaço reconquistado pela cidade e ressignificado pelos bumbás e pelo festival. Do mesmo modo, do ponto de vista urbano, importa referir ainda os corredores viários que foram criados e se tornaram estruturantes na malha da cidade, conforme se identificou na figura 37.

Assim, o evento foi a maneira de trazer, para a cidade de Parintins, o acesso à renda e algumas infraestruturas. No entanto, ainda que essas contribuições sejam notadas, não se observa uma transformação estrutural significativa, ao nível da cidade. Essas carências são notórias na questão de saneamento básico, calçadas, qualidade das vias, agravando-se a situação à medida que nos afastamentos do centro para a periferia da cidade.

Portanto, a cidade é preparada essencialmente para o evento a partir de intervenções que muitas das vezes não têm durabilidade. Exemplo disso são as pinturas das calçadas, onde após pouco tempo da intervenção já apresentam um aspecto deteriorado. Esse tipo de manutenção deveria ser substituída por materiais duradouros, não necessariamente tintas, mas por exemplo, materiais de pedra ou cimentícios preparados para uso de espaço público.

Do mesmo modo, quando se olha para o corpo teórico que aborda os eventos

percebe-se que os autores ressaltam os impactos negativos que eles produzem. Para alguns autores, citados neste trabalho, o benefício líquido de um evento, para certa cidade, muitas vezes é menor do que o seu custo líquido.

Por sua vez, a afirmativa de relacionar a responsabilidade desses problemas ao evento, se faz necessário antes discutir a quem cabe a responsabilidade de corrigir essas externalidades ou impactos. Para tal, precisa-se fazer um desdobramento. Dessa relação que se estabelece entre cidade e evento, onde resultam benefícios e impactos, diferentes agentes constituem esse processo. Nesse sentido, identificou-se três esferas diretamente relacionadas à questão: O poder público, o evento enquanto categoria, e as agremiações folclóricas. Com relação ao evento já foi possível compreender quais são as suas características e funções na relação com a cidade. Relembre-se a capacidade de atrair turismo e por esse motivo, através da cultura, dinamizar a economia. O mesmo pode ser dito acerca dos seus impactos. Uma segunda esfera que precisa ser pensada, em termos de funções e responsabilidade, se relaciona com as agremiações folclóricas diretamente ligadas ao Festival Folclórico de Parintins.

Nessa perspectiva, a responsabilidade dessas agremiações está diretamente relacionada ao cumprimento de ações que estejam vinculadas ao evento e com a festa. Vale ressaltar, aqui, que a diferenciação entre o evento e festa não é um jogo de palavras para dar ênfase neste texto, mas um alerta de que a questão precisa ser pensada em todas as dimensões que a compõem. Como descrito no trabalho, o evento Festival Folclórico de Parintins espetaculariza, em arena, uma tradição que teve a sua antecedência nos terreiros e nas ruas. Porém, apesar do evento se realizar no bumbódromo não significa que as festas que subsidiam a tradição dos bumbás tenha deixado de existir.

Em breves palavras, o que se pretende dizer é que as agremiações folclóricas precisam direcionar as suas ações tanto para o evento festival, quanto para as festas que não integram diretamente o referido evento, mas que suportam a história e a tradição dos seus fundamentos. Esta nota não acontece de modo desavisado, mas pelos dados que foram obtidos em campo, dos quais percebeu-se que essas festas não são tão lembradas ou apoiadas por parte das agremiações. Importa referir que o descurar cuidados na realização

destas festas também produz impactos na cidade, na medida em que a pouca divulgação e a pouca preparação faz com que o potencial turista deixe de visitar a cidade além do período do festival. Assim, parece-nos que o papel das agremiações, dentro dessa relação evento festa, se define em dar resposta a essas duas vertentes e a todo um conjunto de obrigações que delas derivam.

Por fim, não nos parece pertinente fazer o desenvolvimento das funções inerentes ao poder público na medida em que, pela sua própria natureza, já devem ser conhecidas. No entanto, cabe ressaltar que a cidade se beneficia de toda uma lógica produtiva que tem impacto na economia local, e que, indiretamente, alguma parte também retorna ao poder público através dos impostos recolhidos dessas ações, Conforme apontado pela literatura, a força desse tipo de evento é de tal forma impactante nos processos de produção das cidades, a ponto de se tornarem objetos de desejo por parte de determinados governos e corporações. Esta argumentação nos leva a questionar se quem tem o controle do evento não teria, também, o controle da cidade onde o evento se realiza. Como conclusão, e pelos argumentos apresentados e sustentados, partiu-se do pressuposto que os impactos sobre a infraestrutura urbana, que derivam de ações legais, é da responsabilidade do poder público.

Diante do exposto valida-se a hipótese apresentada na introdução deste trabalho, na qual o evento Festival Folclórico de Parintins, durante o período de 1988 a 2018, produziu marcas arquitetônicas na cidade de Parintins que podem ter influenciado a sua estruturação urbana e a sua dinâmica. Por sua vez, em alguns casos, essas transformações sugerem contradições entre os impactos esperados e os impactos efetivos produzidos a partir da relação cidade e evento.

## Referências

- AGIER, M. **Antropologia da Cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2015. 216 p.
- ANDRADE, M. de. **O turista aprendiz**. edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por telê ancona; tatiana longo figueiredo; leandro raniero fernandes, colaborador. Brasília: Iphan, 2015. 464 p.
- ANDRADE, R. F. **Preparativos para a Copa do Mundo de 2014 na Cidade de Manaus/AM**: uma abordagem antropológica. 2014. 126 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) — Universidade Federal do Amazonas. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2873>. Acesso em: 03 de janeiro de 2021.
- ARANTES, A. **Paisagens paulistanas**: transformação do espaço público. Campinas: Unicamp, 2000.
- ARENDT, H. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- AUGÉ, M. Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: MORAES, D. de (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- AZEVEDO FILHO, J. D. M. de. **A produção e a percepção do turismo em Parintins, Amazonas**. 2013. Tese (Geografia Humana) — Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-22102013-124506/pt-br.php>. Acesso em: 14 abr. de 2020.
- BATISTA, I. H. **Urbanização e Ambiente**: análise de indicadores da qualidade de vida na cidade de Parintins. 2000. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. ISBN 85-7110-598-7.
- BIRIBA, R. B. PARINTINS: O local e o global. **Repertório**, UFBA, Salvador, p. 67 – 2, fev. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12235/1/CCCCCCCCC.pdf>.
- BITTENCOURT, A. **Memória do Município de Parintins**: Estudos históricos sobre a sua origem e desenvolvimento moral e material. Parintins: Estado do Amazonas, 1924. 113 p.
- BRAGA, M. L. de A. **Infra-estrutura e Projeto Urbano**. 2006. 202 p. Tese (Curso de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-19112010-102333/pt-br.php>. Acesso em: 13 ago. 2018.
- BRAGA, S. I. G. **Os Bois-Bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: Funarte/Editora Universidade do Amazonas, 2002.
- CAVALCANTI, M. L. V. de C. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, UFRJ, Rio de Janeiro, v. 6, p. 1019 – 1046, set 2000. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702000000500012](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000500012). Acesso em: 20 Set. 2019.

CERQUA, D. A. **Clarões de fé no médio Amazonas**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980.

CERTEAU, M. de. **A invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CORDEIRO, M. A. de S. **A canoa da cura ninguém nunca rema só**: o se ingerir e os processos de adoecer e curar em Parintins (AM). 2017. 282 p. Tese (Antropologia Social) — Universidade Federal do Amazonas. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5759>. Acesso em: 3 de maio de 2019.

COSTA JUNIOR, W. R. **Cidade, cultura e rede urbana**: a influência do trabalho criativo dos artistas-artesãos de Parintins-AM na configuração multiescalar da rede urbana brasileira. 2011. 232 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia) — Universidade Federal do Amazonas. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4000>. Acesso em: 20 Set. 2019.

DAMATTA, R. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Rocco, 1985.

DAMATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DURKHEIM, E. **Les formes élémentaires de la vie religieuse**. Puf. Paris: [s.n.], 1968.

FERNANDES, N. da N. A cidade, a festa e a cultura popular. **GEOgraphia**, PPGG-UFF, Niteroi, n. 11, p. 55 – 61, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13468>. Acesso em: 21 de set. 2020.

FORTUNA, C. Espaços públicos urbanos e zonas de intermediação cultural. In: SILVA regina Helena Alves da; ZIVIANI, P. (org.). **Cidade e Cultura**: Rebatimento no espaço público. [S.l.]: Autêntica, 2016.

FORTUNA, C.; FERREIRA, C.; ABREU, P. Espaço público urbano e cultura em Portugal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 52/53, p. 85 – 117, 11 1999.

FRANÇA, P. R. R. de. **Festival Folclórico de Parintins**: impactos socioambientais na percepção dos atores locais. 2014. 168 p. Dissertação (Centro de Desenvolvimento Sustentável) — Universidade de Brasília. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16181/1/2014\\_PauloRenanRodriguesFranca.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16181/1/2014_PauloRenanRodriguesFranca.pdf). Acesso em: 20 Set. 2019.

FREYRE, G. **Sobrados e Mocambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. [S.l.]: Record, 1936.

FRIAS, D. C. S. de. **Uma viagem ao Amazonas**. [S.l.]: Typ. de Mattos e Cardoso, 1883. 282 p.

GEERTZ, C. Estar lá, escrever aqui. **Diálogo**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 58 – 63, 1989. Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio\\_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/Estar%20l%E1,%20escrever%20aqui.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/Estar%20l%E1,%20escrever%20aqui.pdf). Acesso em: 20 Set. 2020.

- GETZ, D. **Festivals, Special Events and Tourism**. [S.l.]: Van Nostrand Reinhold, 1991. 374 p.
- GETZ, D. **Event Studies: Theory, Research and Policy for Planned Events**. [S.l.]: Routledge, 2007. 442 p.
- GONDIM, N. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- HABERMAS, J. **L'esp ace public: arch eologie de la publicit e comme dimension constitutive de la societ e bourgeoise**. Paris: Payot, 1978.
- HALL, C. M. The Definition and Analysis of Hallmark Tourist Eents. **GeoJournal**, Springer, v. 19, n. 3, p. 263 – 268, Out 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41144924?seq=1>. Acesso em: 20 Set. 2019.
- HAN, B. **Sociedade do cansaço**. 2<sup>a</sup> ampliada. ed. [S.l.: s.n.], 2017. ISBN 978-85-326-4996-9. Acesso em: 20 de mar de 2021.
- HARVEY, D. **Condi o Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. 25. ed. São Paulo: Loyola, 2014. ISBN 978-85-15-00679-3.
- HE, B. *et al.* Examining the Impacts of Mega-Events on Urban Development Using Coupling Analsis: A Case Study of the Boao Forum for Asia. **Sustainability**, MDPI, v. 12, n. 730, jan 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/12/2/730>. Acesso em: 10 de março de 2021.
- HERTZBERGER, H. **Lessons for Students in Architecture**. Rotterdam: 010 Publishers, 2009.
- HOBSBAWM, E. **Tempos Fraturados: cultura e sociedade no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 358 p. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/232158/HOBSBAWM,%20E.%20Tempos%20Fraturados.pdf>. Acesso em: 18 de set de 2019.
- HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26<sup>o</sup>. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1969.
- IANNI, O. Lendas do Novo Mundo. In: LOUREIRO, J. de J. P. (ed.). **Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário**. 5. ed. Manaus: Valer, 2015.
- IPHAN. **Instru o Técnica e Elabora o do Dossiê para Registro do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins**. 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_do\\_Complexo\\_do\\_Boi\\_Bumba\\_do\\_Medio\\_Amazonas\\_e\\_Parintins.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_do_Complexo_do_Boi_Bumba_do_Medio_Amazonas_e_Parintins.pdf). Acesso em: 2 de abril de 2019.
- KOOLHAAS, R. Generic City. In: SIGLER, J. (Ed.). **S, M, L, XL**. Rotterdam: The Monacelli Press, 1998.
- LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Funda o Calouste Gulbenkian, 2011.
- LEFEBVRE, H. **La production de l'esp ce**. [1974]. Paris: Anthropos, 1986.
- LEFEBVRE, H. **O Direito   Cidade**. 1. ed. São Paulo: Moraes, 1991.

LEITE, R. P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 114 – 172, fevereiro 2002.

LEMOS, V. C. da S. **O Festival Folclórico de Parintins**. 2005. Monografia (Bacharelado em Turismo) — Centro Universitário de Brasília UNICEUB.

LENCIONI, S. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, USP, São Paulo, p. 109 – 123, 2008.

LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário**. 5. ed. Manaus: Valer, 2015. 456 p.

MAGNANI, J. G. C. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo Social**, USP, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 81 – 95, Apr 2003. ISSN 1809-4554. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v15n1/v15n1a05.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

MAGNANI, J. G. C. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe: Revista no núcleo de antropologia urbana da USP**, São Paulo, v. 15, n. Conf, p. Conf – Conf, Conf 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/2041>. Acesso em: 20 Set. 2019.

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. de L. Quando o campo é a cidade. In: EDUSP (org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. cap. Quando o campo é a cidade, p. 15 – 53.

MANNA, E. D. **Broadacre City: meio ambiente, desenvolvimento sustentável e ecologia social**. 2008. Página Web. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.095/148>. Acesso em: 20 Set. 2019.

MARCUSE, H. Repressive Tolerance. In: WOLFF, R. P. (Ed.). **A Critique of Pure Tolerance**. Toronto: Bacon Press, 1965. cap. Repressive Tolerance, p. 81 – 117.

MARICATO, E. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. In: ARANTES, C. V. O. (Ed.). **A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 121 – 192.

MARICATO, E. **Dimensões da tragédia urbana**. 2002. Online. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cidades/cid18.htm>. Acesso em: 03.12.2020.

MARICATO, E. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. 7. ed. Petropolis: Vozes, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/12/A-Ideologia-Alem%C3%A3.pdf>.

MERLIN, F.; CHOAY, P. et. **Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement**. Paris: Presses universitaires de France, 1988.

MOLINA, F. S. **Mega-eventos e produção do espaço urbano no Rio de Janeiro: da “Paris dos Trópicos” à “Cidade Maravilhosa”**. 2013. 229 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) — Universidade de São Paulo. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-10042013-105124/pt-br.php>. Acesso em: 11 abr. 2020.

MONTEIRO, M. Y. **Boi-Bumbá**: História, Análise Fundamental e Juízo Crítico. Manaus: Edição do autor, 2004. 350 p.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 350 p. ISBN 85-286-0579-5.

MULLER, M. What makes an event a mega-event? Definitions and sizes. **Leisure Studies, University of Zurich**, University of Zurich, Zurich, v. 34, n. 6, p. 627 – 642, 2015. Acesso em: 14 abr. de 2020.

MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 741 p.

MUTO, R. **O Japão na amazônia**: Condicionantes para a fixação e mobilidade dos imigrantes japoneses (1929-2009). 2010. 345 p. Dissertação (Curso de Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo dos Altos Estudos Amazônicos) — Universidade Federal do Pará. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/2039>. Acesso em: 11 ago. 2018.

NOGUEIRA, W. **Boi-bumbá**: Imaginário e espetáculo na Amazônia. Manaus: Valer, 2014. 288 p.

OLIVEIRA, R. C. de. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. São Paulo: Paralelo 15, São Paulo Editor UNESP, 2000. 220 p. ISBN 858631515X.

PACHECO, A. S. Cosmologias Afroindígenas na Amazônia Marajoara. **PROJETO HISTÓRIA. REVISTA DO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS DE HISTÓRIA**, São Paulo, p. 197 – 226, jun 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10219>. Acesso em: 7 Mai. 2019.

PALACIOS, M. Weber e a cidade. **Revista de Teoria da História**, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 133 – 153, dez 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/44814>. Acesso em: 14 abr. de 2020.

PARK, R. E. A CIDADE: SUGESTÕES PARA A INVESTIGAÇÃO DO COMPORTAMENTO HUMANO NO MEIO URBANO. In: VELHO, O. G. (Ed.). **O FENÔMENO URBANO**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1967. p. 25 – 67.

POPESCU, R. I.; CORBOS, R. A. The Role of Festivals and Cultural Events in the Strategic Development of Cities. Recommendations for Urban Areas in Romania. **Informatica Economica**, v. 1, n. 16, p. 19 – 28, abr 2012. ISSN 1453-1305. Disponível em: <http://www.revistaie.ase.ro/content/64/02%20-%20popescu,%20corbos.pdf>. Acesso em: 18 de set de 2020.

PORRO, A. **O Povo das Águas**: Ensaios de etno-história amazônica. Manaus: EDUA, 2017. 196 p.

RODRIGUES, A. **Boi-Bumbá**: Evolução - Livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins. Manaus: Valer, 2006. 242 p.

RODRIGUES, A. **Revista Garantido 2018**. 2018. Página Web. Disponível em: <https://garantido.com.br/?q=2-conteudo-87416-revista-garantido-2018>. Acesso em: 12 jan. 2020.

RODRIGUES\_F. **Rock in Rio: comunicação e consumo no contexto de um grande evento made in Brazil**. 2016. 292 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Dottorato di ricerca in Modelli per l'Economia e la Finanza da Università degli Studi di Roma "La Sapienza". Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/7024>. Acesso em: 3 de maio de 2019.

ROGERS, R.; GUMUCHDJIAN, P. **Cidades para um pequeno planeta**. 1ª, 2ª impressão. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

SALLES, V. **A Música e o Tempo no Grão-Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1990.

SANTOS, E. da C. **Educação Ambiental e Festas Populares: Um estudo de caso na Amazônia utilizando o Festival Folclórico de Parintins**. Manaus: EDUA, 2012. 428 p.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Nobel, 1982.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993. ISBN 85.271.0230-7.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Tempo e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006. ISBN 8531407133.

SAUNIER, T. **Parintins: Memória dos acontecimentos históricos**. Manaus: Valer, 2003. 245 p.

SCHOR, T.; MARINHO, T. P. Ciclos econômicos e periodização da rede urbana no Amazonas-Brasil: as cidades Parintins e Itacoatiara de 1655 a 2010. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, USP, São Paulo, n. 56, p. 229 – 258, jun 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i56p229-258>. Acesso em: 7 Mai. 2019.

SENNETT, R. **O declínio do homem público: As tiranias da intimidades**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SENNETT, R. **Construir e Habitar: Ética para uma cidade aberta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018. ISSN 978-85-01-08392.

SENNETT, R. **The Public Realm**. 2019. Página Web. Disponível em: <https://www.richardsennett.com/site/senn/templates/general2.aspx?pageid=16&cc=gb>. Acesso em: 18 de set de 2019.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SILVA, M. B. da. A espetacularização da Festa do Boi-Bumbá de Parintins: novos modos de produção artística. **Cultura Visual**, EDUFBA, Salvador, n. 14, p. 23 – 32, dezembro 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/aires/Downloads/5121-14613-1-PB.pdf>. Acesso em: 03 de agosto de 2020.

SILVESTRE, G. The Social Impacts of Mega-Events: Towards a Framework. **Esporte e Sociedade - Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade**, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, n. 10, nov 2008. ISSN 1809-1296. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48287>. Acesso em: 15 de fev 2021.

SOTUYO, R. C.; MAGER, G. B. As grandes marcas na pequena Parintins: Um estudo sobre a adaptação do discurso da marca global ao regional como estratégia de comunicação. **DAPesquisa**, CEART, Santa Catarina, v. 6, n. 8, p. 596 – 607, 2011. ISSN 1808-3129. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/14037>. Acesso em: 20 Set. 2019.

SOUZA, N. D. de. **O Processo de Urbanização da Cidade de Parintins (AM)**: Evolução e Transformação. 2013. 155 p. Tese (Geografia Humana) — Universidade de São Paulo.

TENÓRIO, B. **A cultura do boi-bumbá em Parintins**. Parintins: Gráfica e Editora João XXIII, 2016. 304 p.

TOCANTINS, L. **O rio comanda a vida**. Manaus: Valer/Edições Governo do Estado, 2000.

VASCONCELOS, P. de A. As Metamorfoses do Conceito de Cidade. **Mercator**, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 14, n. 4, p. 17 – 23, dez 2017. ISSN 1984-2201. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1780>. Acesso em: 3 de maio de 2019.

VELHO, G. (org.). **Antropologia Urbana**: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VIEIRA FILHO, R. D. A festa de boi-bumbá em Parintins: tradição e identidade cultural. **Somanlu**, UFAM, Manaus, v. 2, n. especial, p. 27 – 33, 2002. ISSN 2316-4123. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/somanlu/article/view/258>. Acesso em: 20 Set. 2019.

VILLAÇA, N. Michel Maffesoli. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, São Paulo, v. 6, n. 14, p. 148 – 151, jan 2013. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/43>. Acesso em: 20 Set. 2019.

WIRTH, L. O Urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. G. (Ed.). **O FENÔMENO URBANO**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1967. p. 89 – 112.

## **Anexos**



### Relato de Cristobal de Acuña

Todo este rio está povoado de ilhas, algumas grandes, outras pequenas, e por serem tão numerosas não podem contar, pois se encontram a cada passo. As mais comuns têm quatro ou cinco léguas, as outras, dez ou vinte, e aquela onde vivem os Índios Tupinambás tem mais de cem de circunferência (. . .) A vinte e oito léguas da boca deste rio, seguindo-se sempre pela mesma banda sul, há uma formosa ilha que tem sessenta léguas de comprimento e, conseqüentemente, mais de cem de circunferência, toda povoada pelos valentes Tupinambás, gentio que após a conquista do Brasil, em terras de Pernambuco, há muitos anos, saiu derrotado, fugindo do rigor com que os portugueses o sujeitavam. Saíram em tão grande número, que, despovoando ao mesmo tempo oitenta e quatro aldeias onde viviam, não restou um sequer que não trouxesse consigo. Sempre pelo lado esquerdo, atingiram as faldas da cordilheira que, desde o estreito de Magalhães, circunda toda a América; e, desbravando os rios que dali descem rumo ao oceano, alguns chegaram a encontrar-se com os espanhóis do Peru que habitavam as cabeceiras do rio Madeira. Com estes permaneceram algum tempo, mas quando um espanhol açoitou um deles, por ter-lhe matado uma vaca, fugiram e, aproveitando-se da facilidade do rio, lançaram-se todos às suas correntezas, vindo parar na ilha onde atualmente vivem. Tais indígenas falam a língua geral do Brasil, a mesma de quase todos os demais nativos das conquistas do Maranhão e Pará. Diz-se também que, como saíram tantos, não podendo sustentar-se todos juntos naqueles ermos, foram-se espalhando por tão longo caminho, que deve ter no mínimo mais de novecentas léguas, e uns ficaram vivendo em algumas terras e outros em outras, pelo que, sem dúvida, toda aquela cordilheira estará cheia deles. São gente de grande bravura na guerra, o que ficou comprovado pelos que chegaram a estas paragens onde atualmente vivem, pois mesmo sendo eles, sem comparação, menos numerosos do que os nativos deste rio, de tal sorte os assolaram e dominaram todos aqueles aos quais fizeram guerra, que aniquilaram nações estranhas. Tais índios usam arco e flecha, que com destreza atiram. Têm coração nobre e afidalgado, e embora quase todos os que atualmente vivem neste rio sejam filhos e netos dos primeiros povoadores, vão-se acostumando às baixezas e manhas da terra, a cujo o sangue se mesclaram. Todos mostraram grande hospitalidade, manifestando a disposição de que em breve iriam viver entre os índios amigos do Pará, o que sem dúvida será muito útil à conquista de todas as demais nações deste rio se tivermos que povoá-lo, pois só em ouvir a simples menção do nome Tupinambás não haverá dentre elas uma sequer que não se renda” (ACUÑA, 1994, pp. 74-148 apud BRAGA, 2002, pp. 270- 271)

## Relato de Spix e Martius

Aqueles primeiros habitantes tanto se cruzaram com os restantes índios, ou com a população meio européia, que somente lhes ficou como lembrete da antiga origem, maior facilidade no manejo da língua geral tupi. Ademais, foram ainda aldeadas aqui, durante os quatro últimos decênios, além daqueles índios ladinos, nativos ou quenicarus, umas famílias das tribos dos paravelhanos, mundurucus e maués. Florescia o lugar, quando era empório dos viajantes vindos do Amazonas, e que seguiam pelo Rio Madeira para o Mato Grosso, ou de lá regressavam; contudo, também agora pouco perdeu em riqueza e população, pois o comércio é por ela ativamente explorado com os índios do Rio Maués e da vizinhança do Madeira, tão rico de produtos. Desses maués, tanto os brasileiros quanto os índios civilizados da mesma nação, vão adquirir cravo-do-maranhão, salsaparrilha, cacau e particularmente guaraná, droga cujo o preparo está muito espalhado entre maués. (. . .) A nossa estada em Vila Nova da Rainha foi-nos em todos os sentidos agradável, sobretudo devido ao amável acolhimento que nos dispensou o comandante, Sr, Elias de Seixas, a quem havíamos sido recomendados pelo irmão, o Vigário-Geral do Pará. Tem a vila, como mais oriental povoação da província do Rio Negro, uma guarnição de uns 20 e tantos soldados, encarregados de conter os índios em respeito, e fiscalizar as canoas de comércio, em trâmite por ali, cujo carregamento têm de registrar. À frente do Quartel, avistamos assestados dois canhões, que são utilizados para dar salvas nos dias de festa da igreja. Pequenos destacamentos de soldados acompanham, por vezes, os viajantes do Rio Madeira, ou aos dois grandes povoados de índios, Canumã e Maués, cujos habitantes, mundurucus e maués, são dirigidos por dois missionários, e, na verdade, demonstram pacíficas disposições para com os comerciantes que os procuram; entretanto, por motivo do seu grande número, exigem certa cautela. A situação da vila é extremamente agradável. Da alta margem, avista-se uma grande parte do Amazonas, que, até à primeira ilha, tem uma légua de largura, e daí se estende, em diversos canais, até à vila de Faro, cuja distância se calcula em sete léguas. O ar é puro; o horizonte, relativamente vasto para estas regiões, é claro e sereno; o calor é quase diariamente atenuado por fresca viração, que sopra rio acima, e a praga de mosquitos não flagela demais. Os arredores mais próximos são cobertos de matas aqui e acolá arejados por derribadas e roças, que passam para arbustos cerrados ou capinzais, onde pasta algum gado. Mais para dentro, dizem que se estendem vastas campinas sobretudo em torno das lagoas piscosas, muito procuradas pela gente do lugar nos meses secos. A leste da vila existe uma grande plantação do governo, com casa e moradia à disposição do atual comandante (. . .) A estada em Tupinambaranas proporcionou-nos muitos aspectos da vida dos índios, que encontramos ali, sob a direção de benévolo comandante, mais confiantes e pacíficos que em qualquer outro lugar. A proximidade das grandes nações dos mundurucus e maués dá vida e atividade industriosa à vila, e empresta aos índios, domiciliados ali, ainda um pouco da espontaneidade da sua condição primitiva, que, na maioria das aldeias mais antigas, é suplantada pela indolência, melancolia e maior imoralidade. Aqui, todavia, também devíamos observar pesarosos o principal vício do índio, a bebedice, pela qual o mais belo germe da civilização é destruído, e talvez fomentando o despovoamento (SPIX & MARTIUS, 1981, pp.114-117 apud (BRAGA, 2002, 283).



## Fundamentação de Allan Rodrigues

Resistir culturalmente significa afirmar identidades, lutar por uma sociedade diversa e construir uma nova consciência capaz de transformar o mundo. A resistência cultural foi e continua sendo uma aliada poderosa de diversos povos num enfrentamento de escala universal onde a arte, a criatividade e a paixão são as principais armas na conquista de corações e mentes para a causa de uma sociedade aberta às diferenças e onde a liberdade e a vida sejam os bens mais valiosos. Encenaremos um auto de resistência cultural colorido e emocionante, onde por meio da música, da dança, das artes plásticas e visuais celebraremos a resistência de caboclos, índios, negros e outros grupos socialmente marginalizados à perda dos seus modos de ser, de viver, de crer e de fazer.

Resistência e identidade são homônimas desde o nascimento da humanidade. A Amazônia surge do entrelaçamento do invasor europeu com índios e negros africanos. Somos fruto de uma cultura mestiça, um povo oriundo de matrizes étnicas milenares e diferentes, que tiveram trajetórias igualmente diversas na formação do país. Ao nativo e às pessoas escravizadas na África e trazidas ao Brasil, a única opção foi resistir contra o etnocídio, a invisibilidade social, a perda das tradições e afirmar suas identidades.

A luta pelos direitos de ser e de viver, inspirou ideais como os de Zumbi dos Palmares, do Cacique Ajuricaba, dos irmãos Villas Bôas e dos povos do Xingu.

A diversidade é um dos principais mecanismos que permitem a proliferação e a manutenção da vida, seja na Amazônia ou em qualquer outro lugar do planeta. A normalidade reside em ser diferente, na diversificação reside a força motriz que impulsiona a humanidade e dinamiza a cultura. A diversidade e a resistência oriunda da trajetória das várias etnias presentes na formação social e cultural da região, trouxeram novas cores para se juntar ao verde da hileia amazônica.

É preciso resistir para que a intolerância não divida e empobreça culturalmente o mundo ao silenciar o rufar dos tambores tribais, o batuque das religiões de origem africana, o canto dos curandeiros sacaca e as ladainhas que mantêm viva a promessa de Mestre Lindolfo Monteverde à São João Batista ao criar o Boi Garantido em 1913. O Garantido fará apresentações que buscam contribuir com o despertar de uma consciência capaz de transformar o presente e projetar um futuro de liberdade, justiça e solidariedade. Ao dar formas e movimentos ao universo mítico dos índios e tocar os corações mais sensíveis com as representações singelas do nosso folclore, os artistas da Baixa do São José realizam um auto que dá vez e voz aos povos da floresta nos permitindo refletir sobre a aldeia global a partir da Amazônia. Habita em nossos artesãos de sonhos o sentimento do nosso fundador de resistir culturalmente.

Defenderemos este princípio na arena a cada passo de dança dos nossos brincantes, a cada acorde musical das toadas, a cada cena e cenário e cantaremos que um outro mundo é possível. (RODRIGUES, 2018, 6)

### Tabela de Procedência - Cidade

**Tabela 1 – Pesquisa Socioeconômica no Festival Folclórico de Parintins 2010-2018)**

Cidades	2018 (%)	2017 (%)	2016 (%)	2015 (%)	2014 (%)	2013 (%)	2012 (%)	2011 (%)	2010 (%)	Média (%)
Manaus	49,20	47,31	41,67	44,27	45,62	48,39	47,81	52,17	58,24	48,30
Santarém	5,59	7,19	10,10	3,65	5,53	8,32	7,02	3,96	4,12	6,16
Oriximiná	3,72	5,39	3,28	3,13	1,31	1,13	0,33	1,10	1,51	2,32
Itacoatiara	3,72	3,59	9,60	4,17	7,37	2,53	2,19	2,77	5,29	4,58
Juruti	2,93	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,33
São Paulo	2,66	2,99	2,53	2,60	2,38	3,18	4,39	3,95	2,35	3,00
Rio de Janeiro	1,86	1,20	2,78	5,73	2,57	1,35	1,10	2,65	0,41	2,18
Belém	1,60	2,99	4,55	3,65	4,38	4,77	5,70	3,95	4,12	3,97
Maués	1,33	1,80	3,79	2,57	3,28	1,03	1,65	2,00	1,73	2,13
Outros	27,39	27,54	21,70	30,23	27,56	29,30	29,81	27,45	22,23	27,02